

Georgia Clark

Três garotas normais.  
Uma oportunidade tentadora.

# Garotas normais

"*Garotas normais* é um dos  
livros mais originais que li  
em anos. Você vai devorá-lo!"

Sara Shepard, autora *best-seller*  
da série *Pretty Little Liars*



Georgia Clark

# GAROTAS NORMAIS

*Tradução:*

Carolina Caires Coelho



Harper  
Collins

Rio de Janeiro, 2016



Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela HarperCollins Brasil, um selo da Casa dos Livros Editora LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235  
Rio de Janeiro – RJ – Brasil  
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212/831

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

C544g

Clark, Georgia

Garotas normais / Georgia Clark ; tradução Carolina Caires Coelho. – 1. ed. – Rio de Janeiro : HarperCollins, 2016.  
368 p. ; 23 cm.

Tradução de: The regulars  
ISBN 978.85.95080.04-1

1. Ficção australiana. I. Coelho, Carolina Caires. II. Título.

16-34841

CDD: 828.99343  
CDU: 821.111(94)-3

A LINDSAY,  
MEU TUDO

PARTE UM

Base

# 1

Apesar de sua mãe sempre discordar, Evie Selby nunca havia se considerado bela. Em certos momentos, sentia-se bonitinha: em algumas selfies tiradas do alto, à meia-luz, que faziam seus cabelos pretos tingidos e o rosto decidido parecerem delicados, até meigos. Em outros momentos, sentia-se *cool*: quando começou a usar os óculos de aros escuros mais grossos que encontrou, na noite em que o trecho de uma poesia foi tatuado em seu braço pálido. Mas bela? Não. Esse era o domínio de mulheres de traços harmoniosos e marcantes, com cabelos semelhantes a crinas de cavalo e corpos como carros esportivos importados: angulares, chamativos, silenciosamente fortes. Mulheres como a modelo, com sua segurança e meio sorriso irônico, que estampava as páginas da revista brilhosa que ela levava embaixo do braço. Se ao menos tivesse um quarto, um quinto, um décimo da sensualidade daquela mulher, talvez se sentisse mais segura com relação ao encontro daquela noite.

*Pare*, disse a si mesma. Empurrou os óculos nariz acima e respirou o ar pesado do verão da cidade. *Você é uma deusa. Você é demais. Você é, tipo, o resultado de todos os livros de autoajuda que já foram escritos. E*, ela notou ao verificar a hora, *está atrasada*. Deveria ter chegado na Wythe Gallery três minutos e meio atrás.

Ao contrário do que as pessoas que têm relacionamentos sérios e felizes pensam, 99% dos encontros marcados pela internet não eram excitantes a ponto de serem divertidos nem causavam nervosismo suficiente para se transformarem em uma aventura. Eles eram só... esquisitos. Chatos. Uma hora de amenidades com alguém que você pensaria duas vezes antes de salvar de um prédio em chamas. Encontros marcados pela internet eram uma roleta-russa. A maior parte não dava em nada. Mas, às vezes, as *pessoas que Evie conhecia* encontravam aquela pérola muito rara: um nova-iorquino inteligente e esteticamente agradável que ainda estivesse solteiro ou solteira. *Talvez hoje seja a noite em que eu encontre uma pérola também*, pensou Evie.

A galeria não estava cheia. Apesar de ser segunda-feira, ela esperava mais gente, ainda que só pelo sobrenome famoso de Willow. Meia dúzia de moradores do Brooklyn vestindo saias transparentes e gravatas-borboleta vintage conversava diante das minúsculas fotografias experimentais da amiga, e todo mundo parecia estar acompanhado. Todo mundo, menos uma garota do outro lado do salão. Mais ou menos da altura de Evie, porém mais magra, menor. Cabelos escuros descendo até os ombros. Estava vestida de modo simples, com uma camiseta e jeans skinny. Quando ela se virou para olhar uma fotografia, o queixo de Evie caiu.

Totalmente linda.

Totalmente tipo a Ellen Page.

Parecia impossível, mas Quinn era ainda mais linda ao vivo.

O pânico dominou Evie. *Eu deveria ter escolhido aquele vestido incrível.*

Ela precisava beber. O bar oferecia vinho e cerveja. O namorado de Willow, Mark, estava trabalhando como bartender.

— Oi. — Ela largou as provas na mesa dobrável. — Posso deixar isto aqui? Minha maquiagem está boa? Qual vinho branco você tem?

Ela lançou outro olhar para Quinn. Ainda não estava preparada para fazer contato visual.

— Evie, oi — respondeu depressa o rapaz alto e de óculos. — Sim, sim, e *sauvignon blanc*. Dia difícil no escritório?

Evie balançou a cabeça.

— Encontro... — Ela virou a cabeça na direção de Quinn.

— Ah... — Mark entregou-lhe um copo. — Divertido.

— Tô nervosa.

— Não precisa.

— Até parece.

— Tô falando sério!

Evie abriu um sorriso.

Mark sorriu também.

— Você consegue.

Evie pegou outro copo para Quinn e começou a caminhar até ela, tentando acalmar os nervos.

— Quinn?

Ao ouvir seu nome, a garota virou-se, revelando um rosto redondo e olhos grandes. Pele macia. Sorriso meigo.

— Evie?

— A própria — disse Evie, tentando não pensar em sua pele nada macia, em seu sorriso nada meigo. — Oi.

— Oi.

— Oi — repetiu Evie, com raiva de si mesma por parecer um robô. Ela ofereceu o copo a Quinn. — Está com sede?

— Na verdade, eu não bebo. Não preciso me drogar para curtir a vida.

Evie piscou, confusa. *Merda de sites de relacionamento...*

— Estou brincando. — Quinn sorriu e pegou o vinho da mão dela. — Obrigada.

— Ah...

Evie riu. Na internet, Quinn era sarcástica e elusiva, qualidades que Evie considerava tão atraentes quanto a pessoa mais calorosa e menos habilmente construída que estava em sua frente.

Quinn olhou ao redor.

— A exposição é da sua amiga?

— É. Willow Hendriksen. — Só naquele momento ela viu Willow em um canto, encurralada por alguns tipos muito artísticos. Seu vestido solto de seda verde e os cabelos loiros com um toque de rosa pastel davam à garota de 22 anos uma aparência moderna e liberal. Havia algo claramente etéreo em Willow Hendriksen, como se ela pudesse se transformar em uma revoada de pássaros com um estalar de dedos. — É ela.

Quinn olhou para Willow como se estivesse com receio de ser flagrada.



— Ela é filha de Matteo Hendriksen, certo? O cineasta?

Evie assentiu.

— Aham.

— Uau. Legal. Você o conhece?

— Conheço. — Evie assentiu de novo, percebendo que Quinn parecia impressionada. — Claro. Ele não vem muito aos Estados Unidos ultimamente, mas Willow ainda mora na casa dos pais, então, quando ele está por aqui, a gente se encontra. É divertido. A gente é divertido.

Evie fez uma careta. *É sério que eu acabei de dizer que a gente é divertido?*

— Deus, nem consigo imaginar — disse Quinn. — Criar expressões artísticas tão incríveis que as pessoas adoram e respeitam tanto...

O que Evie não entendia era como podia ser alvo do interesse de Quinn.

— Então, você é musicista?

Quinn deu de ombros.

— Estou tentando ser.

— Sua voz é ótima. Parece boa para cantar. E você tem um look incrível.

Quinn sorriu, alegre e surpresa.

— Obrigada.

Ela passou para a foto seguinte. Evie a acompanhou.

— Acabaram de me dizer que aquilo você passa a maior parte do tempo fazendo é o que você faz de verdade. Por exemplo, se você diz ser ator, mas só faz um teste por semana e passa a maior parte do tempo trabalhando como garçom, você é um garçom. Fiz as contas e acabei concluindo que sou mesmo musicista. — Quinn sorriu para Evie, quase com timidez. — No seu perfil, você diz que é escritora. Você escreve sobre o quê?

Evie não se via como escritora da mesma maneira que Quinn se via como musicista. Tinha um blog chamado *Coisa Chata*, mas era anônimo, e não era o que ela passava a *maior* parte do tempo fazendo. Na verdade era uma mera revisora de uma revista feminina chamada *Salty*, corrigindo erros de digitação em matérias tipo “Como enlouquecer seu homem com o que você tem na geladeira”. Isso não impressionaria alguém como Quinn.

— Escrevo para o *New York Times*.

As palavras saíram de sua boca sem serem planejadas, como um espirro.

— Uau! — Quinn deu uma risadinha. — Nossa! Que incrível!

— Acho que eles estão tentando contratar mais mulheres, sabe? — improvisou Evie, lembrando que o *Times* tinha a maior discrepância de gênero na redação de toda a imprensa. — Tem seus altos e baixos. Como tudo.

— Você é redatora contratada? — Quinn arregalou os olhos.

— Aham — disse Evie. — Fiz estágio lá durante a faculdade e comecei como redatora há alguns meses.

— Uau. Sei que já disse isso, mas é impressionante.

O olhar de Quinn ficou em Evie um pouco mais do que deveria e, então, desviou. Um desejo intenso e cálido espalhou-se lentamente dentro de Evie, como um gato se espreguiçando depois de um longo cochilo.

— Você já comeu? — perguntou Quinn.

Evie fez que não com a cabeça.

— Ah, que bom. Estou morrendo de fome. Tem um restaurante marroquino ali na esquina. Interessa?

— Claro. — Sem dúvida. Trezentos por cento.

— Ótimo. Só vou ao banheiro antes.

Evie pegou a bolsa e foi esperar na entrada da galeria. Bebericou o vinho, tentando controlar a empolgação inspirada pela sugestão de Quinn — mais especificamente, pelo interesse de Quinn. Fazia seis meses que Evie não transava. O mais perto que chegou disso durante todo o verão foi um preventivo. E, embora (quando benfeito) o sexo fosse uma bagunça suada e divertida, ela sentia falta mesmo era de ser beijada. Daquele primeiro beijo nervoso, entusiasmado, quase sempre ruim, memorável em sua imperfeição, intensamente deselegante. A narrativa daquela noite estava levando a um beijo. O jantar, o drinque depois, a caminhada até o metrô, o beijo.

Claro, a mentira que ela contara era idiota, mas dava para consertar depois. Ou sei lá, talvez ela ainda conseguisse publicar alguma coisa no *Times*. Claro, ela só tinha 23 anos, mas o modo como Quinn olhou para ela a fez sentir como se pudesse subir o monte Kilimanjaro sem nem suar.

— Evie...

O murmúrio lento e quase musical só podia ser da dona da festa.

— Willow, oi! — Evie lhe deu um abraço de lado, segurando o ombro magro da amiga com a mão livre.

— Parabéns.

Willow deu um sorriso melancólico e deixou o olhar vagar pela sala meio vazia.

— Nunca quis ser famosa por causa do meu nome, mas isso é meio deprê.

— Não é, não! Está tudo incrível.

— E é por isso que você vai embora depois de... cinco minutos?

— Não estou indo embora! Estou só... indo para um lugar diferente...

Willow dispensou a desculpa com um abanar das mãos e abriu um sorriso cúmplice para Evie.

— O que estou vendo aqui se trata de um caso raro de Evie paquerando?

— Corretíssima. — Evie não conteve o sorriso. — Vamos comer alguma coisa.

— Ótimo. Você está bem bonita.

— Ah, por favor. — Evie passou a mão pelas olheiras que tinha certeza de que os óculos acentuavam. —

Parece que alguém acabou de me dar um soco.

— Pare com isso. — Willow puxou uma mecha dos cabelos escuros de Evie com carinho.

A voz de Quinn surgiu atrás delas:

— Seu amigo do bar me entregou isto. Disse que era melhor você não esquecer.

Evie virou-se.

Quinn estava segurando as provas da *Salty*. A matéria de capa era sobre *vajazzling*, decoração da vagina.

— “Dê uma enfeitada na sua danada.” — Quinn leu o subtítulo em voz alta e olhou para Evie com uma careta. — Eita.

— Meu Deus, você ainda está levando trabalho para casa, Evie? Pensei que tivesse dito que não faria mais isso. — Willow sorriu para Quinn. — Oi, sou a Willow.

— Quinn — respondeu ela, mas estava olhando para Evie. — Trabalho?

— Estou tentando convencê-la a pedir demissão há um ano — disse Willow. — Talvez você consiga me ajudar com uma intervenção.

O olhar de Evie foi de Willow para Quinn, e para as páginas. Sentiu a garganta seca.

— Na verdade, não são minhas.

— Mas seu nome está aí.

Quinn apontou a etiqueta grampeada na primeira página, na qual se lia “Revisora: Evie Selby”.

— Certo. — As bochechas de Evie começaram a esquentar. Sua respiração estava acelerando. — Certo.

— Me liga depois. — Willow se afastou rapidamente.

— Então, você também é revisora, além de jornalista — disse Quinn, como se não acreditasse em si mesma.

Merda. *Merda*.

— Não. — A voz de Evie saiu como um murmúrio. — Quer dizer, sou só a primeira parte.

A boca de Quinn estava aberta, em uma expressão confusa.

— Então você mentiu na cara dura quando disse que escreve para o *Times*.

— Na verdade, era uma visualização otimista do meu futuro perfeito. — Evie mordeu os lábios. — É uma técnica muito poderosa.

— Mentira?

— Visualização.

Quinn pareceu incrédula. Todo o clima, todo o interesse tinham acabado.

— Por favor, não vá embora — disse Evie. — Você é... Porra... Você é tão bonita e legal, e eu sou também. Legal, quero dizer... O “bonita” é discutível. — Ela começou a falar sem parar. — Estraguei tudo. Foi mal.

Quinn deu um passo para trás, lentamente, como quem não quer assustar um cão raivoso.

— Foi mal, Evie, mas isso não está certo.

Ela saiu da galeria, deixando Evie com um copo plástico de vinho e um guia de como enfeitar uma vagina.

## 2

Já passava das dez quando Evie terminou de revisar as provas. A luz de Krista estava acesa; dava para ver por debaixo da porta. Evie bateu de leve.

— Cara, não precisa bater.

— Essa é a sua política — disse Evie. — Não a minha.

Krista Kumar, com quem Evie dividia o apartamento, estava enrolada em uma confusão de cobertores e travesseiros, assistindo a algo barulhento no laptop. Equilibrados precariamente em uma almofada na frente dela, estavam os restos de um bolo com cobertura cor-de-rosa. Evie franziu a testa ao olhar para eles.

— O que é isso?

Krista bateu na tecla de espaço.

— A padaria da rua de baixo estava vendendo com desconto. Acho que a caixa estava amassada.

— Você está comendo bolo-lixo.

— Estou comendo bolo-bolo. E está muito bom. Quer um pouco?

— Não. — Evie se sentou na outra ponta da cama. — Quero...

Krista entregou o garfo a ela.

— Isso foi seu jantar? — perguntou Evie.

Krista balançou a cabeça em negativa, indicando, com o queixo, a caixa pela metade de comida chinesa do Sing-Sing Palace, o restaurante asiático que havia do outro lado da rua. Mais de uma vez, Krista tinha descrito a si mesma como mais deliciosa do que o almoço especial de sete dólares deles, já que sua mãe era meio malaia, meio indiana e seu pai era cingalês.

— Como foi o encontro?

— Fui pega mentindo na cara dura e aí ela foi embora.

— Você mentiu para ela? Por quê?

Evie resmungou algo com a boca cheia de cobertura, que foi obrigada a admitir que estava muito boa.

— Porque sou doida.

— Você não é doida. É incrível. Coma mais um pouco do bolo-lixo.

Evie beliscou a coxa da amiga e Krista ganiu feito um filhotinho de cachorro. Ela era mesmo como um filhotinho. Tinha déficit de atenção, adorava cafunés e chorava quando ficava sozinha em casa. Isso provavelmente fazia Evie ser mais parecida com um gato: temperamental e esnobe.

— Evie?

— Quê?

— O que você acha que a Amy Poehler está fazendo neste momento?

Evie sorriu, aconchegando-se nos cobertores.

— Neste momento, a Amy Poehler está bebendo um White Russian que ela mesma fez e dando uma palestra motivacional maravilhosa. Em uma banheira de hidromassagem. No Japão.

Krista suspirou, feliz e invejosa.

— A Amy é tão legal...

— Também acho — concordou Evie. — Ela tem a melhor vida do mundo. Você está com a minha blusa azul?

— Acho que está... ali.

Krista indicou com um gesto vago uma das várias pilhas de roupas no chão.

— Kris! — Evie suspirou, encontrando a blusa amassada. — Poxa!

— Desculpa. Eu ia lavar. Vou lavar. Deixa a blusa aqui...

— Não tem problema — murmurou Evie. — Está animada com o retorno amanhã?

— Muito. — Krista voltou a olhar para o computador. — Mal consigo conter a animação.

Evie olhou para Krista com cautela. Fazia sete meses desde que sua colega de quarto da faculdade havia largado o curso de direito em Boston e pegado um ônibus com destino a Nova York para tentar “ser atriz e tal”. Evie ainda estava tentando entender se tinha sido para irritar o pai rígido e controlador, porque queria mesmo ser atriz, ou se Krista só gostava de dormir até tarde.

— Ligou o despertador?

— É só de tarde.

— Tem dinheiro para as compras que fizemos no Trader Joe?

— Quanto foi? — perguntou Krista.

— Trinta e cinco para cada.

— Não.

— Você não tem 35 dólares?

— Não aqui — disse Krista.

— E na conta?

— Evie... — resmungou Krista. — Estou vendo um filme...

— Beleza.

Krista revirou os olhos.

— Eu sei, Evie. Sei que o aluguel vai vencer.

Evie amassou a blusa azul, dizendo a si mesma que a irritação que sentia provavelmente se devia à exaustão. Levantou-se da cama de Krista.

— Eu não falei nada.

— Nem precisa — disse Krista. — Está na sua cara.

— Não estou com cara nenhuma — retrucou Evie ao sair. — Sou uma daquelas pessoas do *De olhos bem fechados*. Sem cara!

Ao fechar a porta do quarto, ela ouviu Krista rindo. A discussão sobre o aluguel seria esquecida em menos de um minuto. De modo consciente ou não, Krista não guardava ressentimento. E não julgava ninguém. Não via o trabalho das pessoas como um microcosmo significativo de toda a sua existência.

Mas Evie, sim. Largou-se na cama, sentindo-se desmoronar. Havia momentos em que se entregar às

sensações familiares da depressão era um ato indulgente, até estranhamente prazeroso. No momento, parecia só solitário. E triste.

Se ao menos ela pudesse refazer o encontro... Poderia ter contado a Quinn sobre seu blog, ou simplesmente ter falado a verdade sobre a *Salty*, para ver no que dava. Era provável que desse na mesma. Se nem ela respeitava seu trabalho, como esperar que outra pessoa respeitasse?

Despiu-se, apagou a luz e puxou os cobertores por cima da cabeça.

Quinn tinha razão. Você é o que passa a maior parte do tempo fazendo. Portanto, ela era revisora, a parte mais baixa da hierarquia do mercado editorial.

Naquele espaço profundo e escuro de si mesma que ela considerava sua Caverna da Vergonha, sabia que isso significava que ela era medíocre.

Um fracasso.

### 3

Krista Indrani Kumar nunca havia se aprontado depressa na vida.

Quanto menos tempo tinha, mais demorava. Ela havia perdido, realmente *perdido*, o velório do tio-avô tentando achar o traje preto “certo”. Mas não podia, em hipótese alguma, perder o compromisso daquele dia. Era o dia em que Krista Kumar tinha conseguido um teste para um comercial que acabaria com uma dívida que a assombrava como um fantasma aduaneiro. Um espaço em rede nacional ficaria no ar por vinte e um meses, rendendo a ela cerca de trinta mil dólares. Além disso, era para o Bongo, o refrigerante bilionário do qual todo mundo no planeta tinha ouvido falar, o que só podia significar mais testes, mais trabalho. Mas, de algum modo, apesar de ter acordado relativamente cedo (nove e meia), ela estava atrasada para o teste à uma da tarde.

Tudo começou com uma corrida. Uma corrida longa e saudável logo cedo parecia uma atitude tão adulta que era simplesmente necessária. Ela havia desviado com alegria de hipsters e passeadores de cães, além de hipsters passeadores de cães, e parou em um dos melhores cafés no caminho de volta para casa para comprar um *soy latte* duplo com os últimos cinco dólares que tinha. Sua felicidade só desapareceu quando ela percebeu que tinha esquecido a chave. Interfonou para Ben, o vizinho do andar de baixo: sem resposta. Evie já estava trabalhando no centro da cidade. Então, lembrou-se da saída de incêndio. A janela da cozinha sempre ficava destrancada.

Ela teve que arrastar a lata de lixo de plástico para baixo da escada e subir no lixo para alcançar. Foi incrivelmente nojento. A escada estava enferrujada e emperrada, mas, depois de algumas tentativas, ela conseguiu puxá-la. Subir pela saída de incêndio foi uma baita conquista, que merecia uma dancinha da vitória.

A janela da cozinha estava trancada. Krista sacudiu a tranca sem sucesso, e o leve pânico se transformou em um pânico absurdamente real. Ela precisava entrar. A única coisa que havia na saída de incêndio era uma planta morta.

Em um vaso pesado de cerâmica.

Sua primeira tentativa rachou o vidro. A segunda foi capaz de quebrá-lo. Krista sentiu o coração acelerar ao ver a pequena e familiar cozinha, como se ela tivesse passado anos afastada, não minutos. A terceira, a quarta e a quinta tentativas conseguiram tirar todo o vidro.

Ela saiu do chuveiro ao meio-dia, mas escolher a roupa era outra história. Tudo estava manchado,

amassado, era feio ou sensual de mais ou de menos. Então, vinha a maquiagem, que era como cocaína: era sempre preciso um pouco mais. Mas de algum modo, milagre dos milagres, ela finalmente terminou: 12h40. De metrô até o centro ela levaria meia hora, talvez um pouco mais. Ela se atrasaria apenas alguns minutos. Pegou a bolsa, bateu a porta e desceu os degraus de dois em dois, dando um encontrão em dois policiais no fim da escada. Eles tinham recebido uma chamada de um vizinho avisando que alguém havia invadido a casa.

Krista demorou *quarenta minutos* para convencer os policiais de que era o próprio apartamento que ela havia invadido. Quarenta minutos de falatório nervoso e comprovantes de endereço e três formas de identificação e, no fim, súplicas, claras e simples.

Quando chegou ao metrô, eram 13h20. Deveria estar lá vinte minutos antes. Ideia: pegaria um Uber. Quatro minutos interminavelmente longos se passaram até o carro preto aparecer. Dentro dele, ela ligou para Dale, seu agente. Ele atendeu ao segundo toque.

— Cacete, onde você...

— Estou no carro. — Ela acendeu um cigarro. — Cinco minutos.

— Você deveria estar aqui agora!

— Sem fumar! — gritou o motorista.

Krista soltou um palavrão e jogou o cigarro pela janela.

— Pode me colocar no fim da lista? Diga a eles que acabei de passar por uma cirurgia. Alguma coisa estética.

— Não. — Ela quase o viu revirando os olhos. — É melhor chegar logo.

Dale desligou. O carro entrou na ponte Williamsburg. E parou. À frente deles, um mar de carros. Todos parados.

— Não!

Krista bateu na janela.

— Sem bater! — gritou o motorista.

Demorou *muito* para atravessar a ponte. Ela viu, na tela do telefone, duas ligações do pai e, nas duas vezes, sofreu de ansiedade: ela pagaria por aquilo, e caro. Dizer que os pais estavam desapontados com sua decisão de largar a faculdade de direito era como dizer que o Incrível Hulk era nervosinho. Dale enviou três mensagens de texto. Ela só conseguiu se forçar a responder à última: **tô indo! não deixa eles irem embora**



O escritório de Dale ficava na Forty-Fourth Street, mas quando eles perderam um sinal verde na rua Thirty-Fifth, ela não se aguentou mais. Saiu do carro e subiu a Seventh Avenue correndo, como uma heroína de filme de ação indo desarmar uma bomba.

*Tudo bem*, disse a si mesma. *Estou só uma hora atrasada. Eles têm muitas pessoas para ver. Dale vai resolver isso. Essas coisas sempre atrasam...*

Krista entrou com tudo na recepção do prédio de Dale e apertou mil vezes o botão do elevador. A Clever Casting ficava no vigésimo quinto andar. Ela estava quase lá. Tinha conseguido.

Algumas meninas muito animadas e de salto alto entraram no elevador com ela e apertaram o botão para o vigésimo andar.

— Não acredito que você conseguiu um convite para isso — comentou uma das garotas.

— Né? — retrucou a outra. — Muito VIP!

Krista instintivamente começou a prestar atenção. Do que elas estavam falando?

As portas do elevador se abriram no vigésimo andar. Era um andar tipo loft, como a Clever Casting, mas não era um escritório. O lugar todo estava tomado por diferentes araras de roupas e sapatos e montes de



bolsas e cintos. Colado nas portas de vidro que levavam para o interior, havia um cartaz com as palavras Promoção VIP da Gilt City.

Krista sentiu a boca seca. Jesus cristinho. Aquilo não estava acontecendo.

As garotas gritaram, saindo em massa do elevador. Uma mulher com uma prancheta estava verificando as identidades e perguntou:

— Vocês estão todas juntas?

As moças responderam em uníssono:

— Estamos.

Krista estava atrás delas. Minha nossa, ela nem sequer se lembrava de tê-las seguido para fora do elevador.

A mulher com a prancheta se afastou. As moças começaram a analisar as roupas, suspirando, encantadas.

Não. O que ela estava fazendo ali? Precisava ir para o teste. Não importava que a Gilt City oferecesse peças de marca a preços baixos e que uma promoção deixaria tudo ainda mais barato. Isso não era importante no momento. Krista se virou, determinada a sair. E foi quando viu: um vestido vermelho de seda com a saia bonita e esvoaçante que batia acima dos joelhos e uma gola redonda que ela já sabia que revelaria seu decote na medida exata. Um Zac Posen. O preço original na etiqueta era U\$2.590. Estava riscado. O vestido custava quarenta dólares. *Quarenta dólares, porra!*

A conta do cartão de crédito surgiu na sua mente: um número colossal, que não parava de aumentar em uma velocidade assustadora. Desejo, arrependimento e uma necessidade incontável se misturavam em seu peito. Ela não tinha dinheiro nenhum, então é claro que não podia comprar o vestido, e já estava bem atrasada.

Pois é. Já estava atrasada. E não havia diferença entre estar uma hora e uma hora e dez minutos atrasada; nenhuma. E aquela era uma oportunidade única na vida. De 2.590 dólares para quarenta, a economia seria de — Krista rapidamente fez as contas de cabeça — 98%. Ela estava quase ganhando dinheiro fazendo aquela compra. E, mais importante de tudo, seria perfeito para o teste. Absolutamente *perfeito*.

Foda-se. Levaria cinco minutos, no máximo. Krista pegou o vestido na arara, olhou ao redor à procura de um provador e... Ah! Sapatos!

Quarenta e cinco minutos depois, entrou na Clever Casting, em êxtase pelas compras, aterrorizada por encarar Dale e nervosa com o teste em si. Sem respirar, ela falou com a recepcionista:

— Oi, estou aqui para...

— Krista Kumar.

Dale caminhou na direção dela com a testa franzida. Seus cabelos, normalmente na altura dos ombros, estavam presos em um rabo de cavalo e ele trazia um animal preso a uma coleira. Um bicho peludo, nervoso e nojento.

— Mas o que é isso? — Krista deu um passo para trás.

— É o Willis. — Dale pegou a coisa peluda no colo. Seu corpo era comprido e flexível demais. — É um furão.

— Por que você tem um furão?

— Meu psicólogo disse que eu deveria comprar um cachorro, mas eu me identifiquei muito com o furão. Não é, Willis? — Dale começou a falar em tatibitate. — Eu me identifiquei com você, não foi?

Krista controlou a onda de náusea.

— Cadê o pessoal da Bongo?

Dale fez um bico para o furão, como se fosse beijá-lo, e o animal se contorceu sem parar, balançando as patinhas peludas.

— O pessoal da Bongo foi embora, Krista. O pessoal da Bongo foi embora.

— O quê?

— Você está duas horas atrasada. Eles chamaram outra pessoa.

— Mas... Mas... Eu fiquei trancada do lado de fora do apartamento. E o carro ficou preso no trânsito. E...

— Acho que essa agência não é para você, Krista.

— O quê? Como assim?

— Veja o Willis, por exemplo. Quando quer alguma coisa, ele vai atrás. É concentrado. Determinado. —

Ele lançou a ela um olhar de reprovação. — Tudo o que você não é. Não volte a entrar em contato.

Dale e o furão se afastaram, e ela ficou sozinha.

Sozinha.

Sem dinheiro.

E... demitida.

Um telefone tocou, a recepcionista atendeu, e alguém passou por ela com uma pilha de DVDs.

Krista deixou a bolsa no chão e começou a chorar.

Apesar de ser uma linda tarde de fim de verão, o interior do McHale's Ales estava tão escuro e barulhento que seria compreensível se alguém pensasse estar no auge do inverno. Krista se arrastou até um banquinho, desanimada, e pediu um uísque.

Sua cabeça latejava. O nariz estava entupido por ter chorado. Ela havia estragado o comercial. Como explicaria isso a Evie? Evie. Ela escondeu o rosto com as mãos e resmungou ao se lembrar de ter quebrado a janela da cozinha. Ai, Deus, ela havia pegado um Uber para atravessar a ponte. Não tinha dinheiro nem para comprar papel higiênico. E, depois, as compras... E a demissão... O peso de sua estupidez a fez baixar o rosto no balcão. O vestido vermelho que estava usando de repente pareceu uma enorme bandeira vermelha. Ela era uma idiota. Não havia dúvidas. Uma completa e idiota...

— Krista?

Pronto. Nunca ninguém encontra um conhecido em Manhattan, só quando está chorando. Krista, desconfiada, semicerrou os olhos na direção da voz. Uma loira elegante com um macacão preto de seda e decote nas costas estava sentada na outra ponta do balcão. Os lábios volumosos e rosados estavam abertos em um sorriso de familiaridade.

Krista nunca tinha conhecido ninguém que tivesse um macacão preto de seda com decote, muito menos alguém que parecesse uma *supermodelo* usando aquilo.

— Oi?

— Krista! — A mulher sorriu para ela. — Você não se lembra de mim. — Ela desceu do banquinho, pegando uma bolsa de viagem de couro que parecia tão cara quanto o macacão. Seu sorriso era generoso e compreensivo. — Penelope. Fizemos uma aula de improvisação juntas no começo do ano. Ah, você era tão engraçada!

— Obrigada?

Krista levou aos lábios o uísque que havia aparecido à sua frente.

Penelope postou-se ao lado dela.

— Você ainda faz?

— O quê?

— Improvisação. Ai, você era demais!

— Às vezes. — Krista esfregou os olhos. — Não posso pagar o curso no momento.

Penelope inclinou a cabeça.

— O que houve?

— Eu... Ai, sei lá, estou tendo um dia péssimo. Se existe um Deus, ele está tirando um baita sarro da minha cara.

— Quer conversar? Sou uma boa ouvinte. — A voz de Penelope era rouca e sensual.

Sem planejar, Krista se soltou. Começou a contar sobre o atraso para o comercial, mas, em pouco tempo, já estava falando sobre tudo: a falta de testes, os péssimos empregos temporários, o lenga-lenga da vida amorosa, a dívida enorme sobre a qual nem mesmo sua melhor amiga sabia... Tudo. Era bom poder falar. Penelope foi ouvindo, transparecendo uma empatia bem reconfortante.

— Eu poderia ter ganhado uma grana hoje — resmungou Krista. — Mas estraguei tudo. Estraguei tudo, como sempre faço. Sou uma baita idiota...

— Você não é idiota. — Penelope apertou o ombro de Krista. — Não é. É muito legal. Você me ajudou muito naquela aula, fez com que eu me sentisse mais confiante no palco. — E então, quase como se tivesse pensado melhor, acrescentou: — Nem todo mundo era muito legal comigo naquela época.

— Em qual aula? — Krista olhou para a mulher, meio bêbada por causa do uísque, mas bem certa ao dizer: — Nunca fiz aula nenhuma com você. Eu me lembraria.

Penelope passou a língua pelo lábio superior. Estava pensando, mas foi um gesto sensual. Provavelmente seria sensual até lavando banheiro.

— Mudei muito desde então — contou ela, por fim. — Vou comprar mais uma bebida para você.

Krista se ergueu, com a certeza absoluta de que nunca tinha visto aquela mulher linda e gentil na vida.

— Quem é você, pô?

Penelope se inclinou na direção de Krista, com olhos bem abertos e simpáticos. Ela cheirava a rosas e champanhe.

— Alguém que está fazendo um favor a você.

coisachata.net: Sua dose semanal de chatice

Olá, chatinhos!

Um esclarecimento, por favor: por que passar um fim de semana comendo salgadinho e se masturbando de vez em quando enquanto vê um episódio de *Orange is the new black* atrás do outro é considerado “deprimente” quando estamos solteiros e “romântico” quando estamos com alguém? E por que não consigo encontrar alguém para fazer isso comigo?

Não que eu não tenha procurado. Como metade da população norte-americana, a Madame Chata está contribuindo com a indústria trilhadora dos sites de relacionamento. Mas, para ser sincera, não sei como me sinto em relação a isso. Claro, o namoro on-line tem aumentado nossas chances e nossa disponibilidade, mas escolha e disponibilidade não são pontos centrais do capitalismo, o grito de guerra dos idiotas ricos e brancos que estão acabando com nosso planeta? E, se há tantas pessoas por aí que podem me escolher, *por que não estou sendo escolhida?*

Quando se tem vinte e poucos anos, o paradoxo central dos sites de relacionamento é a necessidade de se vender enquanto você tenta entender exatamente quem é. Ninguém faz ideia de quem seja, o que resulta em perfis que são uma mistura confusa de projeções, truques e mentiras descaradas. Mas é claro que isso não é necessário se você for uma loirona peituda e com lábios parecidos com um pirulito de morango. Você poderia dizer que seu destino favorito de férias é Alcatraz e ainda assim conseguiria encher sua... cof, cof... caixa de mensagens. O “eu” que passamos tanto tempo cultivando se reduz a uma simples foto de perfil. É a meritocracia imaginada pela Disney. Acha que estou exagerando? Em um estudo recente, 49% dos usuários de sites de relacionamento disseram que as características físicas eram o fator mais importante no que dizia respeito a um possível parceiro. O que quer dizer que minha falta de correspondentes está diretamente ligada ao meu visual.

Mas minha pança mole e meus óculos fundo de garrafa não definem quem eu sou.

Evie analisou as palavras na tela. Concentrada, encostou a ponta da língua no lábio superior. Então acrescentou: *Ou definem?*

Ao redor dela, os escritórios sem divisórias da *Salty* eram tomados pelos sons da atividade vespertina.

Telefones tocavam. Conversas baixas eram entremeadas por alguns gritinhos. O novo álbum da Rihanna tocava ao fundo no aparelho de som, sexy e ameaçador.

As colegas de trabalho de Evie eram m testemunho vivo do poder das chapinhas e da arte de usar acessórios. Evie não sabia por que as funcionárias de uma revista precisavam ser tão lindas quanto as modelos photoshopadas das páginas da revista. De qualquer modo, naquele dia seria a reunião mensal de pauta, por isso, ela se esforçara. Estava usando uma blusa preta vintage e a saia-lápis mais bonita que tinha. E, claro, os três quilos de maquiagem obrigatórios. Quando começou a trabalhar ali, Evie raramente usava maquiagem. Na terceira semana, a editora de beleza, Bethany, deu a ela um potinho de corretivo e um batom cor-de-rosa.

— São para algum ensaio? — perguntou Evie, na época, por trás dos óculos de aros grossos.

— Não — respondeu Bethany, sorrindo. — Para você. Presente meu.

— Ah, obrigada. Mas...

— Mas o quê?

— Não uso muita maquiagem.

Isso foi dito no tom de voz de alguém que confessava um pequeno crime doméstico. Como se dissesse “fui eu quem tomou seu sorvete”.

— Eu sei. — Bethany pegou o corretivo e falou, sem papas na língua. — Isto é para esconder suas olheiras e tirar a vermelhidão do seu queixo. É incrível, é bem caro. E isto... — ela deu um tapinha no batom — ... vai lhe dar uma corzinha. Sabe como é... Alegria um pouco o seu rosto.

Evie pegou os produtos, tentando afastar a humilhação que sentia. Tinha um rosto sem alegria. Morto.

— Pode pegar o que quiser do armário vermelho de beleza — disse Bethany, apontando. — É onde coloco as coisas depois de usar. Sério... — acrescentou. — Qualquer coisa. Rímel, blush, sombra... — Ela observou o rosto de Evie com a atenção de um cirurgião plástico. — Lápis de boca. Com certeza: lápis de boca.

— Está bem — respondeu Evie. — Acho que vou dar uma olhada.

— Pode ficar à vontade. — Bethany apertou o braço de Evie. — Nós, meninas, precisamos cuidar umas das outras, certo?

— Certo — repetiu Evie, sem saber se aquilo tinha realmente acabado de acontecer.

Agora, Evie estava sentada em frente ao computador com sua máscara semiprofissionalmente aplicada de base, corretivo, blush, sombra, rímel e brilho labial, seguindo a linha de feminilidade profissional da *Salty*. Ela ouviu o tac-tac de saltos atrás de si. Mudou a tela, fechando seu blog, e abriu o arquivo do InDesign segundos antes de a editora-assistente, Ella-Mae Morris, aparecer diante da mesa.

— Oi, Evie.

— Oi, Ella-Mae.

Evie sorriu, meio inquieta. Havia algo esquisito em relação a Ella-Mae que Evie acreditava ser um perfeccionismo expresso na forma de um leve transtorno alimentar. Acima do monitor, a moça de 28 anos grudara um cartãozinho impresso no qual se lia “Eu posso, se quiser, mas será que quero mesmo?”, o que significava que tudo que ela queria eram cenouras baby.

— Você terminou aquelas provas da editoria de beleza? — A voz de Ella-Mae era aguda, estranhamente infantil.

— Sim, terminei ontem. — Evie entregou a ela as provas revisadas. — E, para o título do guia do sexo por Skype, pensei em “Moças na tela: luzes, câmera e ação na cama” e “Pronta para um close?”.

— Hummm... — Ella-Mae pegou os papéis delicadamente. — Não consigo me lembrar — continuou ela. — Quem ia transcrever a história da coluna Mulher de Verdade a respeito da moça que fez plástico para se parecer com a Blue Ivy?

— Você pediu para mim — respondeu Evie. — Mas teoricamente não é meu trabalho transcrever coisas... Então...

— Ah, que ótimo — disse Ella-Mae, entregando a Evie um gravador prateado. — Estou ficando doida.

— Talvez você devesse comer mais — murmurou Evie.

— Ahn?

— Nada. — Evie abriu um sorriso. — Ei, você sabia que “ahn” é uma das poucas palavras que significam a mesma coisa em qualquer idioma?

— Ahn?

— Pois é. Basicamente, o sentido e a pronúncia são os mesmos em mandarim, em dialetos australianos aborígenes e em um monte de outros. Isso prova que o idioma é uma interação social, diferente de qualquer coisa que seja biologicamente inerente.

Ella-Mae olhou para Evie com curiosidade, como se sua subordinada fosse uma cenoura baby que ela não tinha certeza se queria ou não.

— Que interessante — comentou, de um jeito que parecia querer dizer “você é muito esquisita”.

— Vou enviar, por e-mail, a transcrição de Blue Ivy — declarou Evie.

— Obrigada — disse Ella-Mae. — Vou me aprontar para a reunião de pauta.

— A gente se vê lá.

Evie abriu um sorriso forçado, que se desfez assim que a editora-chefe deu as costas. Ela não queria não gostar de Ella-Mae, que não era uma má pessoa. É que Evie simplesmente não tinha nada em comum com a chefe, e tudo o que ela dizia e fazia era irritante. Apesar de haver centenas de quilômetros entre sua escola suburbana horrorosa e seu local de trabalho atual, de algum modo, no escritório da *Salty*. Evie se via de volta ao recreio: invisível e irrelevante.

Evie apertou o espaço entre as sobrancelhas. Não conseguia esquecer o encontro da noite anterior. As palavras de Quinn giravam em sua mente sem parar, obsessivamente, repetidas, em *looping*. “O que você passa fazendo a maior parte do tempo é, na verdade, o que você faz.” Se aquilo era verdade — e Evie tinha bastante certeza de que era —, ela não passava de uma subalterna explorada que criava trocadilhos com conotação sexual de quinta categoria.

Talvez estivesse na hora de melhorar.

A reunião mensal de pauta para o que seria a edição de novembro aconteceu em uma sala de reuniões com paredes de vidro. Os editores das diversas seções da *Salty*, a equipe de design e os outros revisores estavam sentados em volta de uma grande mesa oval. Evie se aproximou das editoras de moda, Gemma e Rose, frágeis bonequinhas de porcelana que viviam à base de cigarro e chá-verde.

— Posso me apertar aqui do lado de vocês? Preciso ficar perto da porta no caso de uma emergência alimentícia.

As duas deram um sorrisinho para Evie e, sem uma palavra, empurraram as cadeiras para o lado a fim de abrir espaço. A forte sensação de ser a estranha no ninho — a última a ser escolhida para a equipe de queimada, a primeira a se oferecer como motorista da rodada para ser chamada para sair — reapareceu. Evie sentou-se, lembrando a si mesma que tinha que parar de fazer piadas com as colegas de trabalho.

A cadeira vazia à cabeceira da mesa era reservada a Jan Stilton, a editora-chefe. As pessoas ficaram tensas

quando ela entrou na sala. Era uma mulher de quarenta e poucos anos, magra e decidida, usando uma blusa fina de cashmere cáqui e um batom escuro, de tom frio. No editorial da revista, a personalidade de Jan parecia tão animada e cintilante quanto champanhe. Na realidade, ela era de uma frieza majestosa e em geral aterrorizante, como um cutelo afiado e chique. Também era extremamente britânica.

— Minha linda. — Jan indicou Bethany. — Vamos começar com você.

Bethany bateu as unhas cor de tangerina na mesa, animada.

— “Lei da selva: a sobrevivência do mais fabuloso. Como fazer um delineado gatinho perfeito. Como fazer seu cabelo ficar com o volume da juba de um leão.”

Ella-Mae pensou em voz alta.

— Alguma coisa sobre as máscaras de argila da Amazônia?

— Tem um nova linha de tintas de cabelo de henna inspirada naquela tribo perdida que foi descoberta outro dia — disse Bethany. — Aquela que não tinha nem idioma. Pensei que isso pudesse dar certo.

— Fale com a Carmen, do Marketing — disse Jan. — Podemos ganhar descontos com a campanha de inverno da Revlon.

Um a um, os editores da revista deram suas ideias a Jan, que em resposta assentia, na maior parte do tempo, devolvendo sugestões e, às vezes, franzindo o rosto em uma expressão de *sem chance*. (Jan travava uma batalha constante contra as rugas, então essa expressão era bem rara.)

De todas as editoras, Evie achava que a de Entretenimento era quem se dava melhor. O nome da revista abria as portas de todos os eventos da cidade. Na semana seguinte aconteceria o lançamento de *Dentes de leite*, o quinto romance de Velma Wolff, a escritora preferida de Evie. Ela não ficou muito surpresa quando Jan aprovou a publicação de algumas fotos do evento. Não porque os livros de Velma recebessem prêmios, mas porque a autora namorava modelos da Victoria’s Secret. Toda lésbica minimamente famosa da Costa Leste estaria lá. Isso se encaixava na ideia de diversidade da *Salty*. Mulheres lésbicas, famosas, lindas sobre as quais as heterossexuais postariam dizendo que, por elas, virariam lésbicas.

A única editora que não tinha nenhuma de suas ideias rejeitadas era a editora da coluna de sexo e relacionamentos, Crystal. Ela trabalhava na revista havia dez anos e lia suas anotações com um ar levemente entediado, como alguém que falava sobre uma lista de compras semanais.

— “O segredinho sexual que nem sua melhor amiga admite que usa”, isto é, fazer sexo anal com os olhos vedados. — Jan assentiu. — “Repensando o sexo oral”, com o subtítulo “Dica: você está fazendo tudo errado”, e será algo sobre sucção. — Jan concordou de novo. — E “O que ele nunca vai admitir que quer que você faça”. É usar referências do desenho preferido da infância dele na cama, para que ele possa te foder vestida de Wilma, dos *Flintstones*, ou April, das *Tartarugas Ninja*.

— Que bacana — disse Jan, e todo mundo assentiu, aprovando e pensando.

Depois de repassar as matérias feitas pelos freelancers que tinham entrado para preencher os dez destaques da revista, Jan anunciou que ainda precisavam de mais uma matéria.

— Ideias, pessoal?

Foi o sinal para abrir a discussão. Qualquer pessoa à mesa poderia fazer uma sugestão. Evie nunca teve a coragem de falar. Pigarreou.

— Hum, tenho algumas ideias.

Uma mesa cheia de curiosos. Em um só movimento, todos olharam para ela.

— Evie. — Jan parecia tão surpresa quanto todo mundo. — Sim?

Evie mostrou uma folha impressa colorida. Todos soltaram um *eeeeeca* coletivo, perversamente curiosos. Era a foto mais recente da ex-estrela mirim Lucy De La Mar, cuja obsessão por cirurgias plásticas havia

resultado em uma cara de Frankenstein. A foto que Evie estava segurando tinha corrido pela imprensa recentemente, e todos os críticos disseram que ela havia levado longe demais sua ideia de “remodelagem”.

— Qual é o gancho? — perguntou Ella-Mae. — Cirurgias de nariz que deram errado?

— Nós podemos defender a Lucy — respondeu Evie. — A imprensa ganhou o dia com isso. Mas o que interessa é esse “dois pesos, duas medidas”. Nós, mulheres, ouvimos que ser bonita é algo que define o nosso valor, mas se a busca por essa beleza obrigatória dá errado, como inevitavelmente dá porque é um ideal impossível, a imprensa cai em cima.

— Mas ela é tão fútil. Veja quantas plásticas ela fez — retrucou Rose, resmungando.

— Mas você não acha que se trata de pressão social? É injusto. É como quando as suas raízes crescem demais e todo mundo começa a tirar sarro.

— Quem tira sarro de mim? — Rose pareceu chocada.

— Ninguém — disse Ella-Mae, arregalando os olhos para Evie.

— Próximo. — A voz de Jan estava muito fria.

Evie hesitou.

— Tenho mais uma. É uma matéria sobre como as mulheres usam as redes sociais em movimentos de protesto.

Jan levantou uma das sobrancelhas.

— Certo — disse ela, com cuidado.

Evie se animou com o incentivo sutil.

— Começamos com as ativistas sauditas que postaram no YouTube vídeos de si mesmas dirigindo. Talvez “A motorista saudita” ou “Ao volante”. Então, passamos para a Primavera Árabe...

— Ah! — Bethany se animou. — Uma matéria sobre a linha de primavera-verão? Tipo uma lista das maiores tendências?

— Não — replicou Evie. — A Primavera Árabe. Os protestos no Oriente Médio que começaram em 2010. A mesa foi tomada por testas franzidas, rostos em dúvida.

— As mulheres enfrentaram muito preconceito, até mesmo de seus companheiros de luta — explicou Evie. — Mas elas foram participantes essenciais, principalmente on-line. Há ótimas blogueiras com quem podemos entrar em contato.

Gemma piscou, confusa, e sussurrou:

— Isso parece... meio deprimente.

— É importante — ressaltou Evie. — É algo que importa para as mulheres.

— Sei — desconversou Bethany. — Mas os *day spas* também importam.

— É, acho que todos gostamos da ideia do *day spa* — concordou Ella-Mae, rabiscando uma anotação.

— Essa não foi uma das minhas ideias! — Evie se exaltou, mas depois tentou restabelecer a calma. — Pessoal, a revista desse mês está ótima, e eu mal posso esperar para dizer a um cara que ele pode me comer enquanto eu estiver vestida de Smurfette, mas talvez a gente possa fazer um mix de ideias.

— Um mix de ideias? — perguntou Jan.

— É! — exclamou Evie. — Talvez possamos dar uma opinião a respeito dos acontecimentos atuais e de toda a merda sexista que está acontecendo no mundo. Talvez esteja na hora de elevarmos o nível.

Grilos.

Grilos putos da vida.

Ella-Mae se recostou na cadeira enquanto Gemma e Rose trocavam olhares incrédulos.

— Elevar o nível... — começou a repetir Bethany, irritada, até Jan interrompê-la.



— Evie, vamos fazer uma página com os melhores *day spas* dos Estados Unidos — disse ela. — Só metrópoles. Ótimo trabalho hoje, pessoal.

Jan ficou de pé, pegou o celular e o caderno. Evie ficou sentada sem se mover. Com os dedos nervosos, mexeu na gola da blusa.

— E, Evie... — Jan voltou-se para ela, da porta, com uma expressão impossível de compreender. — Dê um pulo no meu escritório antes de ir embora hoje.

Aquilo tinha sido um erro.

Um baita erro.

## 5

A vista do escritório de Jan mostrava uma Nova York pitoresca e inofensiva, a cidade que queriam que fosse, e não a cidade que realmente era. Enquanto Jan terminava uma ligação, Evie perguntou a si mesma se aquela era a última vez que ela veria Manhattan daquele ângulo. Krista não tinha emprego; era praticamente alérgica a trabalho. E Willow nunca tinha trabalhado um dia na vida, além dos bicos como garçõete para tentar provar que conseguia se virar sozinha. Evie não podia perder aquele emprego. Era um emprego de adulta, com benefícios de adulta e perspectivas de adulta. Por ter sido criada por uma mãe solteira, ela sabia como cada turno de trabalho era importante para conseguir pagar as contas. Passara quatro estressantes meses sem emprego em Nova York antes de receber o convite da entrevista para o cargo de revisora e percebeu que o estágio feito no verão anterior tinha valido a pena, felizmente. O anonimato de ser só mais uma graduada no curso de arte em uma cidade cheia deles não tinha sido só deprimente, mas também assustador.

A *Salty* tinha sido uma boia salva-vidas. E, sim, a revista era em grande parte tola e, sim, era trabalho de revisão, não de criação. Porém, era para uma revista da qual até seu avô já tinha ouvido falar, propriedade de um dos maiores grupos de mídia do mundo. E agora era capaz de ela acabar sendo demitida.

Evie ficou tensa, lutando contra o pânico crescente. Até que ponto a pessoa precisava ficar desesperada para pensar em vender o corpo? Evie havia tentado trabalhar fazendo sexo por telefone no inverno anterior, em um dos empregos temporários de Krista. Quando o cara do outro lado da linha perguntou do que ela gostava, Evie respondeu “Star Wars!” e desligou.

Jan finalizou a ligação.

— Desculpe...

— Estou despedida? — Evie só faltou gritar. — Porque, olha, isso não seria justo. — Sua memória vagou, tentando unir as reclamações de Krista quando o assunto era “acabaram de me demitir”. — Não acho que meu comportamento tenha sido inadequado”, e se der uma olhada nos termos do meu contrato...

— Não vou demitir você, Evie. — Jan uniu as pontas dos dedos, esboçando um sorriso. — Só quero conversar. Você está feliz aqui?

— Estou — respondeu Evie. — Claro.

— Não estou perguntando se está feliz por receber um salário — disse Jan. — Quero saber se você está feliz aqui, se gosta daqui. Gosta da revista?

Evie estava esperando que Jan agisse de modo assustador, como sempre. Ela se remexeu.

— Posso ser sincera?

Jan fez um gesto, como se quisesse dizer “fique à vontade”.

— Quantos leitores a *Salty* tem? Três milhões?

— Três milhões e meio.

— É uma plataforma incrível. São tantas pessoas! Eu só acho que podemos fazer a diferença para as meninas. Mulheres. Mulheres-meninas. Se fosse um pouco mais...

— Um pouco mais o quê?

Evie se contorceu. Seu rosto estava quente.

— Bem, feminista, acho.

— Você não acha que a *Salty* é feminista?

— Não — admitiu Evie. — Nem um pouco. A *Salty* só fala de sexo e compras.

Jan olhou para ela com atenção.

— O que o feminismo significa para você? O que ele faz pelas garotas? Pelas mulheres?

Evie respondeu com a facilidade de alguém que já tinha ido a cerca de seis milhões de reuniões da Ação Coletiva das Mulheres durante os quatro anos que passou na Sarah Lawrence.

— Ele empodera as mulheres.

— Faz com que elas se sintam bem consigo mesmas — complementou Jan. — Livres. Independentes.

— Claro.

Jan pegou uma cópia da edição mais recente da revista. Da capa brilhosa, Lauren Conrad sorria para as duas com uma unha cor de cereja puxando a gola da camiseta com um decote em V surpreendentemente profundo (Photoshop). Para uma revista que costumava evitar o lesbianismo, as fotos de capa eram sempre estranhamente eróticas. As leitoras deveriam copiar Lauren, nunca — apesar de seu biquinho sedutor, dos lábios entreabertos — sentir nada além de afeto de amiga ou inveja.

Esquisito.

Jan disse:

— Diga o que você está vendo aqui.

Frases na capa gritavam em laranja fosforescente: insanidades fashion, um tesão histérico. Evie as leu em voz alta com o entusiasmo exagerado de um apresentador do Shoptime:

— “Oito botas para o outono que você TEM QUE TER!”, “Como fazer seu amor IMPLORAR POR SEXO”.

Jan apontou para uma das maiores:

— “Boas vibrações: como comprar seu PRIMEIRO VIBRADOR!”

Ela ergueu a sobrancelha muito bem feita para Evie.

A garota precisou se controlar para não revirar os olhos.

— Não acho que comprar um pinto de borracha vá começar uma revolução.

— Não acredito que a maioria das mulheres queira uma revolução — disse Jan, parecendo se divertir. — Acho que elas querem uma publicação que celebre um apetite sexual saudável. Acho que elas querem uma revista que ensine a dar e receber prazer, que ensine que o sexo deve ser divertido. Emocionante. Sem críticas. Onde mais temos esse tipo de coisa? A internet é um show de perversão. Ninguém fala com a mãe sobre essas coisas. E suas amigas provavelmente sabem tanto quanto você, afinal o histórico sexual de todas conta com aqueles rapazes que mal tentaram masturbá-las em festas da faculdade. — Isso quase parecia uma boa lembrança.

“Eu acho que elas querem uma revista que comemore o fato de as mulheres adorarem fazer compras. Que se foda o que os caras pensam. Que se foda o que os pais delas pensam. Nossa revista diz que você pode gastar o dinheiro que ganhou do jeito que bem entender e que temos algumas opções que consideramos incríveis. Porque foi isso que o feminismo fez pelas mulheres. Ele nos tornou sexualmente livres e financeiramente independentes. Eu acho que sexo e compras empoderaram nossas leitoras”, concluiu Jan.

Evie estava sem fala. Instintivamente, ela não concordava com Jan, mas não sabia por quê. De certo modo, o que a editora estava dizendo fazia sentido.

Jan continuou:

— Se você quer trabalhar para o *Jezebel*, pode ir. Mas, se quiser ficar aqui, preciso de você do meu lado. — Jan se inclinou por cima da mesa. Sua voz era suave e controlada. — Nossa marca é sexo e compras. Se quiser trabalhar na *Salty*, precisa aceitar. Consegue fazer isso, Evie?

Evie queria dizer não. *Não*. Se Jan não estava interessada em ampliar a conversa, em escrever sobre coisas importantes — em, sim, elevar o nível —, ela iria cair fora. Porque chega um momento na vida de toda garota — de toda *mulher* — no qual ela precisa defender aquilo em que acredita. Em que ela prioriza a moral, e não o dinheiro, em que bate o pé e diz: “Porra, não vou mais aceitar isso.”

Aquele, infelizmente, não foi um desses momentos.

— Sim — disse Evie. — Claro.

— Ótimo. Olhe, você é uma ótima revisora e quero que fique feliz. Sei que o especial sobre spas não era exatamente o que você pretendia fazer, mas pode ser que apareça alguma coisa com a qual você possa contribuir. Já ouviu falar da *Extra Salt*?

Evie já tinha ouvido falar, vagamente. Era algo que a equipe digital estava fazendo: episódios curtos para a internet, duas vezes por semana.

— Talvez a gente precise de ajuda para pesquisar as matérias — disse Jan. — Dependendo de quem será a apresentadora. Algumas das meninas têm experiência em jornalismo. E algumas são apenas... — Ela mexeu a mão depressa.

— Rostinhos bonitos — completou Evie.

— Menos experientes.

— Então, se você contratar um rostinho bonito sem experiência, pode ser que sobre um emprego para mim.

— Exatamente — disse Jan. — Só no curto prazo... não feche outras portas por enquanto.

Evie sorriu sem jeito e olhou para baixo.

— Estamos fazendo os testes amanhã e quinta, até nove e meia — continuou Jan. — Passe lá quando chegar.

Evie tentou muito se sentir animada. Uma nova oportunidade, um novo desafio. Mas por algum motivo, não ficou feliz. Como aquilo poderia ser algo diferente, algo que não fosse mais do mesmo?

— Tudo bem. Pode deixar.

Jan voltou os olhos para a tela do computador.

— Obrigada. — A palavra indicava a liberação de Evie. — E, Evie?

Ela parou na porta.

— Sim?

Por um segundo, a editora pareceu apenas uma mulher frágil com uma incrível estrutura óssea. Nada ameaçadora.

— Estamos fazendo um bom trabalho aqui. Sabe disso, não é?

## 6

— Vire o rosto um pouco em direção à luz.

Mark obedeceu e mexeu a cabeça um centímetro para o lado.

— Hum. Isso. Ótimo.

O obturador da câmera de Willow clicou, o som lânguido da longa exposição.

— Você está capturando a beleza do meu nariz de judeu? — perguntou Mark, tentando não mexer os lábios.

— Seria difícil evitar — murmurou Willow.

Mark sorriu e esticou o pé na direção dela, dando um jeito de prendê-la, puxando-a entre suas pernas. Ele estava sentado em um banco na frente de um lençol que Willow tinha pendurado, criando um estúdio improvisado. Uma camada de fumaça de incenso se mantinha rente ao teto, visível à luz da tarde. Apesar de o quarto de Willow ter vista para o Central Park, ela havia coberto todas as janelas com papel pardo.

As fotos não estavam boas. Por que não? Willow tentou controlar sua mente, forçá-la a encontrar aquilo que havia orientado sua mão quando ela decorou o espaço. A cama coberta por veludo, os grandes abajures antigos e uma coleção de borboletas emolduradas faziam o lugar parecer menos um quarto de menina e mais o estúdio de um poeta dos anos 1920. Sua criação não tinha sido pensada: simplesmente aconteceu. Mas a aura etérea do quarto estava fugindo dela, recusando-se a apresentar sua essência nas expressões de Mark. Talvez fosse o fato de ele estar ali. Observando-a.

A palpável sensação de fracasso fechou sua garganta. Ela engoliu em seco para afastá-la. Pensar em Mark tentando incentivá-la naquele momento pioraria tudo. Sua nova série não estava ali. Por que a inspiração não parava de fugir dela? Por que não conseguia ver uma maneira de seguir em frente?

Mark enterrou o rosto entre os seios pequenos de Willow, com os óculos apertando suas bochechas. Inspirou profundamente e soltou o ar com um gemido abafado. Ela percebeu que o namorado estava ficando excitado. Mark disse, ainda afundado em seu peito:

— Conte alguma coisa que eu não saiba sobre você.

O telefone de Willow tocou. Ela se afastou de Mark para pegá-lo. Uma mensagem de texto, de Evie. **Acabei de sair do metrô perto daí. Krista não conseguiu o comercial e tá esquisita. Só o vinho pode nos salvar!** Willow olhou para Mark. O olhar dele era intenso demais para ela se entregar como sabia que ele queria. Então, Willow deixou o olhar vagar para as sobancelhas grossas do rapaz, para seu maxilar e para a marquinha de

catapora em formato de estrela na têmpora.

— Fiquei menstruada hoje.

— Não ligo. — A resposta de Mark foi imediata. — De verdade.

Willow trocou a câmera pesada de mão, sem jeito.

— Eu ligo.

Mark baixou as mãos.

— Tudo bem. Posso ficar de pé por um segundo?

Willow assentiu.

— Vou importar estas fotos.

Mark foi até a cama e se deitou de costas.

— Prunik nos convidou para jantar na próxima quinta. Ele e a esposa querem muito conhecer você.

Prunik era o sócio de Mark. Willow olhou por cima do ombro para ele, esboçando um sorriso.

— Por quê?

— Para provar que você existe. Acho que as palavras que ele usou no e-mail foram: “Você e sua namorada imaginária estão convidados para um banquete indiano.”

Willow parou. Pronto. Namorada. E, apesar de o tom de Mark ter sido casual, brincalhão, ao dizer aquilo, Willow ainda assim sentiu um soco no estômago.

Mark se sentou.

— Não quero pressionar você nem nada. Mas... faz oito meses.

— Sete e meio — corrigiu ela.

Ele sorriu.

— Está contando? Pensei que achasse isso uma besteira.

Ela corou e baixou a cabeça.

— E é.

Mark se levantou e atravessou o quarto para se abaixar ao lado dela.

— Tudo bem se você não estiver pronta. Tudo bem mesmo. Mas...

— Mas o quê?

— Não quero recorrer a nenhum clichê, mas... acho que quero saber se nossa relação vai dar em alguma coisa. Porque, se você nunca quiser ser minha namorada, acho que talvez...

— Talvez o quê? Você termine comigo?

— Sim. Não. Não sei. — Ele se levantou, repentinamente frustrado. — Faz sete meses e meio. Eu passo metade da semana aqui, você passa metade da semana na minha casa, e todo mundo no trabalho já está perguntando sobre você, sobre como minha namorada está, e eu sinto que estou mentindo quando não os corrijo, sabe. E eu meio que me sinto um idiota.

Willow ficou de pé e segurou as mãos dele.

Mark. O firme, confiável e fiel Mark. O garoto que não mentia para a receita federal, muito menos para a namorada — pelo menos, até onde ela sabia. Se havia alguém em quem pudesse confiar, era Mark. Mas, ainda assim, algo sussurrava em seu ouvido e dizia que confiar em Mark — confiar em qualquer homem — era burrice.

— Então, pode pedir.

Com um brilho de compreensão nos olhos, Mark abriu um grande sorriso. Então, ele tossiu e pigarreou, fazendo voz falsamente séria.

— Willow Alice Hendriksen.

— Sim?

— Quer namorar comigo?

O medo tomou seu corpo, e ela o ignorou.

— Quero.

Mark a beijou com delicadeza. Willow levou as mãos à cabeça dele para acariciar os cabelos, e em pouco tempo os dois estavam se beijando loucamente, como faziam quando começaram a sair. O rapaz escorregou as mãos até a bunda dela, que era reta, quase como a de um menino. Seus lábios desceram para beijar o pescoço dela. Willow sentiu a ereção dele dentro da calça. Mark começou a levá-los em direção à cama. Ela resistiu.

— Minha menstruação...

Mark segurou o rosto dela.

— E daí?

Willow engoliu em seco.

— As meninas já vão chegar...

Mas foi um protesto nada convincente. De repente, Mark passou um dos braços pelas costas dela, um por trás das pernas, e a pegou no colo. O movimento repentino a fez gritar, um barulho raro, e os dois caíram na cama. Os lábios de Mark pareciam ter vida própria. Uma criatura insaciável.

— Espere. — Willow saiu debaixo dele, passando por roupas e discos até chegar ao abajur mais próximo.

— Deixe acesa — pediu Mark, desabotoando a calça.

Ela não respondeu, apagou a luz e deixou o quarto no escuro do início da noite.

— Quero ver você — reclamou ele, impaciente de tesão.

Ele tentou tirar a roupa de Willow, que resistiu. Ele a beijou, enfiando a língua em sua boca como se quisesse engoli-la inteira.

Willow fechou os olhos, começando a dar vazão à pornografia mental já tão batida que ela ao mesmo tempo odiava e não conseguia ficar sem. Em sua mente, seus seios eram enormes, gigantescos, como melancias enormes presas ao peito...

— Amor...

À frente dela, o rosto de Mark estava sério.

— Onde você está? — perguntou ele.

— Aqui. — Ela o beijou, ele a beijou. — Estou aqui.

— Vamos até o espelho.

— O quê? Não.

Quando ela se deu conta, ele a estava levando até o espelho. Willow ficou tão surpresa que não conseguiu protestar quando ele tirou seu vestido, os dedos desajeitados de excitação. Ele beijou o pescoço dela, passou a cabeça de seu pau no clitóris, mas ela não sentiu. Tudo o que via era seu corpo, exposto como uma das borboletas presas na parede.

Mark penetrou-a lentamente.

— Olhe para você — gemeu ele. — Você é gostosa para cacete.

Willow permaneceu inerte, horrorizada. Seios inexistentes que nem enchiam a mão, que mais pareciam os de um homem do que os de uma mulher. Coxas desproporcionalmente grandes, que balançavam como gelatina a cada movimento. Uma testa gigante, do tamanho de uma travessa. Por que ela havia parado de usar franja?

Mark gemeu de novo, aumentando o ritmo.

— Você é gostosa pra cacete!

Era isso? Era isso o que ele considerava sensual — aquela mistura nada especial de membros e carne?

Não era possível. Era *grotesco*.

— Não... — Ela tentou se afastar.

— Ai, amor... — continuou Mark. — Amor, ai, porra, vou gozar...

— Não!

Em pânico, ela deu um passo trôpego para a frente e derrubou o espelho.

Mark revirou os olhos, mas logo voltou a si e tentou alcançar Willow; sua ereção estava enorme e ele, ofegante.

— O que foi? O que aconteceu?

Willow atravessou o quarto correndo em direção à cômoda.

— Willow? — Ele estava atrás dela, mas não a tocava. — O que houve?

— Não gostei. — Ela encontrou uma calça de moletom e a vestiu.

— Do quê?

Ela se virou para olhá-lo. Todas as emoções tinham se transformado em ira.

— Não gostei!

— Merda, foi mal. — Mark passou a mão pelos cabelos, assustado. — Linda, me desculpa.

O interfone tocou na saleta.

— Evie e Krista chegaram.

Willow passou a mão no rosto, assustada. Não queria que Mark a visse daquele jeito, tão abalada, tão frágil.

— É melhor você ir embora.

— Podemos falar sobre isso?

— Agora não.

O interfone tocou de novo, de modo longo e insistente. Era Krista, com certeza.

— É melhor você ir.

— Posso tomar um banho?

— Claro. Vou abrir a porta para as meninas.

Willow parou na frente da porta do quarto. Por um momento, achou que olharia para ele, que veria o olhar que ela sabia que a observava.

Mas não fez isso.



## 7

Elas tinham se conhecido em Nova York, no verão de 2014. A filha de vinte anos de Matteo Hendriksen ganharia uma nota na seção It Girl da *Salty* e estava no escritório para ser fotografada. Evie estava fazendo estágio ali havia poucas semanas quando recebeu a tarefa de ajudar a garota a escolher uma roupa. Ainda se lembrava da cara de Willow quando ela bateu à porta da Sala de Moda, assustando-a. Havia um par de saltos vermelhos em suas mãos.

— Desculpe... Não quis assustá-la. Eu sou a Evie. — Evie virou a cabeça em direção aos sapatos. — Encontrou algo de que gostou?

— Ah, não. Não. Só queria olhar mais de perto. Eles são muito... chamativos.

— Meu deus. — Evie pegou um dos sapatos da mão de Willow. — Isso é capaz de arrancar o olho de alguém. Imagine a morte causada por um *stiletto*.

Evie fez um gesto como se estivesse apunhalando alguém com o salto.

Willow riu.

— Pois é! Eu acho que saltos são coisas meio masoquistas.

— Com certeza. Shhh! — disse Evie, levando um dedo à frente dos lábios. — Você pode levar um tiro por dizer algo assim por aqui. Traição da pior espécie.

Willow riu de novo. Quando ela ria, seu rosto todo se iluminava.

Enquanto Willow experimentava roupas, Evie encontrou seu site e ficou surpresa ao descobrir que a loira bonita e tímida era, na verdade, uma boa fotógrafa. Seu trabalho era desvalorizado e difícil, com toques de humor macabro. Evie gostou da série em uma loja antiga de animais empalhados com placas como “Sessenta por cento de desconto em todos os roedores e empalhados!”, e o empalhador se parecia com os animais duros e empalhados. Era algo muito bizarro. Algumas revistas — muito mais interessantes do que a *Salty* — já tinham mostrado Willow e publicado algumas de suas fotos. Evie compreendeu que a decisão de transformá-la em uma It Girl era resultado dessa aprovação, do pai famoso dela e de sua beleza fora do comum. Quando Evie conseguiu convencer o pessoal da Redação a mudar o perfil de Willow de “Boho Babe” para “Artista Aspirante”, Willow sugeriu que elas se encontrassem para beber alguma coisa. Sem pensar, Willow pediu um Johnnie Walker Black. Evie, incomodada por uma garota meio famosa estar à sua frente, pediu a mesma coisa. Durante a noite, elas pediram mais duas rodadas. Quando a conta chegou, Evie ficou horrorizada ao ver que o valor era de 108 dólares. Porém, Willow nem sequer conferiu o total quando entregou um cartão de

crédito dourado. *Isso é ter dinheiro*, pensou Evie.

Elas passaram o verão trocando o sol pelos bares escuros e por conversas importantes a respeito de livros e de arte. Willow fazia Evie se sentir inteligente e esperta. Suspeitava que era assim que fazia Willow se sentir também. Ela havia pesquisado o nome de Willow no Google, em segredo, analisando fotos dela e de seu pai em estreias de filmes. Era uma adolescente desajeitada usando vestidos que provavelmente custavam mais do que o guarda-roupa inteiro de Evie, fazendo caretas para a câmera. Parecia muito incongruente com a garota tímida e sua cortina de cabelos loiros claros que estava à sua frente no bar, perguntando se ela tinha lido *O conto da Aia*.

Depois de Evie voltar para a Universidade Sarah Lawrence, para seu último ano na faculdade, elas perderam contato. Evie achou que nunca mais veria Willow. O único contato que tiveram naquele meio-tempo foi uma mensagem de voz tarde da noite. A voz de Willow estava rouca em seu breve “só queria dizer oi”. Mas a parte mais curiosa era o som ao fundo. Evie poderia ter jurado que era um hospital.

Quando se mudou para o Brooklyn depois de se formar, em 2015, Evie achou que a amiga não responderia a seu e-mail. Respondeu. Quando elas se encontraram para beber, foi como se o tempo não tivesse passado. E, naturalmente, Evie não tocou no assunto da mensagem de voz. De algum modo, isso só aumentava o charme de Willow.

Krista entrou com tudo pela porta de Evie no fim daquele ano, trocando o Direito pelo mundo artístico e Boston por Nova York. Willow convidou as duas para o Upper East Side. Era uma terra desconhecida. Evie tinha a sensação de ter passado através do espelho de Alice e entrado em uma reprise de *Gossip Girl*. Enquanto Evie ficava encostada em um sofá de couro cor de creme do tamanho de um barco a vela, Krista saltava de quarto em quarto como uma criança no Natal.

— Pô, essa vista é tudo de bom! Olha o tamanho dessa televisão! *Caraca*, você tem uma piscina aqui dentro? Meu Deus, mas que *porra* é essa?

Depois de uma estranheza inicial, Willow fez as três se embebedarem com três garrafas de Möet, o que resultou em uma bagunça de fim de noite na tal piscina. Foi assim que ela conheceu Matteo Hendriksen. O diretor holandês/norte-americano intimidador havia feito o influente filme sobre guerra, épico, *Sem tempo para o amanhã*, com Clint Eastwood e Burt Reynolds, que ganhou o Oscar de melhor diretor em 1978, e dirigiu Barbara Streisand e Robert Redford na história de amor preferida de sua mãe, *Apenas o pardal sabe*. Matteo foi amplamente aceito como uma lenda do cinema. Evie o conheceu enquanto, embriagada, tentava realizar uma coreografia de nado sincronizado, mas ele não pareceu se importar. Mais tarde, ela achou que ele parecia feliz por Willow ter amigos.

Agora, a novidade das conquistas de Willow já tinha passado, e Evie mal olhou para o Warhol na saleta. Era simplesmente o local onde Willow morava com o pai e a namorada surpreendentemente bacana dele, Claire. Evie sorriu para Willow e foi direta ao perguntar:

— Mark está aqui?

A *vibe* de quem havia acabado de transar de Willow era evidente: seus cabelos estavam bagunçados e ela parecia meio perdida. Evie olhou para Krista, esperando que ela provocasse Willow também, mas a amiga já estava indo para a sala de estar. Que estranho...

— Meu dia foi muito esquisito. — Evie seguiu Krista, tirando os sapatos para se esticar no sofá. — Tive um momento *de obstinação* na reunião de pauta hoje cedo, o que pode ou não ter levado a um novo emprego.

— Sério? — Willow se enrolou na outra ponta do sofá, puxando uma almofada à sua frente.

Evie começou a resumir seu encontro com Jan, parando só quando Mark, de cabelos molhados, apareceu vindo do quarto de Willow, com a bolsa carteiro no ombro.

— Oi, Markie — cantarolou Evie.

— Oi, pessoal. — Ele deu um beijo na testa de Willow e murmurou algo em seu ouvido, e a moça assentiu.

*Willow tem muita sorte por estar namorando um cara como Mark*, pensou Evie, distraída, enfiando a mão em uma tigela de castanhas que estava na mesa de centro. Alguém interessante e esperto, um cara legal em um mar de mediocridade. Além disso, ele tinha uma coisa toda de nerd sexy. Ela faria qualquer coisa para que o sexo vespertino fosse parte corriqueira de sua vida.

— Divirtam-se! — Mark acenou ao caminhar em direção ao elevador.

— Tchau, Mark. — Evie foi a única a retribuir o gesto.

O apartamento parecia estranhamente silencioso. Willow estava olhando para o nada e Krista, que normalmente já teria ligado a TV, estava grudada ao telefone, concentrada.

— O que está fazendo? — perguntou Evie.

Krista respondeu sem olhar para a frente.

— Procurando uma pessoa.

Evie jogou uma noz-pecã nela.

— Quem?

— Uma pessoa com quem fiz aula de improvisação... Ah, veja. — Krista olhou para a frente. — Alguém adicionou uma foto nossa daquela festa em Bushwick.

— Não me lembro de ter posado para uma foto. — Evie virou-se na direção da amiga. Aquela tinha sido noite em que todas beberam um pouco de tequila demais, antes de Krista beijar aquele cara de *sombrero*. — Mas também não lembro como cheguei em casa.

— Não estamos posando — respondeu Krista. E mostrou a tela.

Na foto, Krista e Willow estavam rindo de alguma coisa que Evie havia acabado de dizer, e isso estava claro. Evie sorria de modo malicioso, e Willow e Krista estavam com a boca aberta e os olhos semicerrados.

Willow fez uma careta e olhou para o outro lado, murmurando algo a respeito de precisar cortar os cabelos.

— Nunca mais vou usar esse vestido — disse Evie, olhando para a foto. — Fica muito justo na barriga. Fiquei parecendo o ET.

— Pelo menos, você não tem braços de homem. — Krista tocou a tela.

— Se você tem braços de homem, eu tenho braços de gorila! — exclamou Evie. — Duas cortinas de carne que saem dos ombros. E detesto meu sorriso. Eu e meus dentes.

Krista e Willow riram, mas Evie sentiu uma pontada de culpa. Elas não deveriam estar fazendo isso, menosprezando a si mesmas, mas a foto era extraordinariamente feia. Então, quando Krista anunciou que se desmarcaria da foto, Evie se pegou, com Willow, dizendo que também faria a mesma coisa.

— Vocês estão com fome? — Evie olhou ao redor à procura do controle remoto. — Querem esperar pelo chinês bom que demora um século para entregar ou querem o chinês ruim e suspeito que chega aqui super-rápido?

— Caramba! — sussurrou Krista, olhando para o telefone. — É ela.

— Ela quem? — perguntou Willow.

— Penny — respondeu Krista, com a voz estranhamente suave. — Eu a conhecia como Penny. Penny Baker.

— Oi?

Evie se abaixou para olhar a tela do celular. Havia uma foto de cerca de vinte pessoas, todas elas jovens e

sorridentes, ao que parecia. O cabelo de Krista estava comprido; a foto deveria ser do começo do ano. Uma vaga lembrança de uma aula de improvisação que a amiga havia feito reapareceu.

Krista apontou a menina pálida e levemente gorducha que parecia mais envergonhada do que feliz por estar saindo na foto.

— Isso quer dizer... — Krista balançou a cabeça, confusa. — Que ela estava falando a verdade!

— Que verdade? Kris, do que você está falando?

Krista olhou para as duas meninas, com os olhos arregalados de maneira engraçada. Ficou de pé e parou na frente delas.

— Uma coisa aconteceu comigo hoje. Foi esquisito.

— Ai, merda... — Evie ficou parada. — Você está bem?

— Sim, sim, nada desse tipo. Conheci uma pessoa. Penelope... Penny... A menina da foto. Ela me deu algo. Algo... grande.

— Grande? — repetiu Evie. — Tipo... dinheiro?

— Talvez. — Krista mordeu o lábio. — Certo, vou dizer. Ela me deu isto. — Krista pegou uma garrafa pequena do bolso. Era um pouco comprida e nela havia um líquido roxo. — Isso se chama Bonita. Deixa a pessoa... bonita.

Krista parecia focada e séria. Depois de olhar depressa para Willow como se falasse “que porra é essa?”, Evie perguntou:

— É tipo... uma coisa com ervas?

Krista balançou a cabeça, negando.

— Não, tipo de verdade. Essa garota, Penny, era... Bem, vocês viram a foto. E eu a encontrei hoje de novo. E, cara, ela é *bonita* pra caralho. E tudo por causa disto. — Krista ergueu o pequeno frasco de novo. — Uma gota dura uma semana. Ela muda as pessoas.

— Ouvi falar disso — comentou Evie. — É placenta de um animal. Da Ásia. Totalmente ilegal.

— *Não!* — Krista bateu o pé. — Não é placenta de um animal. Ela muda as pessoas, as transforma em outras pessoas. Pessoas totalmente diferentes. Foi o que aconteceu com Penny!

— Você viu isso acontecer? — disse Willow. — Você viu essa mulher se transformar em outra pessoa?

— Não, ela só me contou.

— Ela só contou? — A careta de Evie se transformou em um sorriso. Ela adorava Krista, de verdade. Mas, cara, às vezes, a garota era *idiota* de matar. — Querida, acho que alguém fez uma piada com você. — E perguntou: — Você não deu dinheiro a ela, não, certo?

— Não! Foi um presente. Porque eu fui muito bacana com ela. E... — Krista acrescentou: — Quero experimentar.

— Não seja idiota! Deve ser veneno — disse Evie. — Podemos pedir comida? Estou morrendo de fome.

— Evie, você não entendeu! Isso deixa a pessoa bonita. Gostosa de verdade.

— Você está querendo que eu acredite em magia? — O tom de voz de Evie era de desafio. Willow se levantou para pegar o frasco das mãos de Krista, com curiosidade.

— Não sabemos como funcionam todas as coisas do universo! — exclamou Krista. — E os fantasmas? Ou gêmeos que têm esclerose sistêmica progressiva? E as Luzes de Phoenix, Evie, e as Luzes de Phoenix?

— Deus do céu! Como você é idiota! — Evie riu, sem achar graça.

— Ei! — Willow desviou o olhar do frasco e olhou para Evie para repreendê-la.

— Ah, mas ela é, sim. — Evie sentiu o rosto começar a esquentar. — Magia é para crianças. Além disso, você já é linda. Não daria certo, de qualquer modo.

— Ah, por favor, poupe-me desse papo. — Krista revirou os olhos. — Braços de homem, lembra? Se isso der certo...

— O quê? — Evie a desafiou. — Você seria feliz? Transaria? Você já anda fazendo mais sexo do que nós duas juntas e está namorando um cara.

— Evie... — O tom de aviso de Willow foi delicado, mas seu tom irritou Evie ainda mais.

Krista olhou para Evie.

— Por que está ficando tão brava?

— Não estou ficando brava!

— Se for verdade... — continuou Krista.

— Não pode ser — replicou Evie.

— Poderíamos nos transformar em supermodelos! — exclamou Krista. — Como as mulheres das revistas.

— As mulheres das revistas são retocadas no Photoshop — retrucou Evie.

— A Penny, não — disse Krista. — A diferença entre ela e *ela* seria como retocar Seth Rogen no Photoshop e transformá-lo no James Franco — continuou, mostrando a foto no telefone.

— Meu deus, Krista! — Evie reagiu na hora. — Não acredito que você realmente está acreditando que isso é sério! Qual é o seu problema?

— Evie! — Krista bateu no sofá. — Você não está entendendo. Isso poderia mudar tudo para mim!

— Ah, a poção mágica faz você chegar aos testes na hora?

— Não, ela me ajudaria a *passar* nos testes. — Surpresa, Evie percebeu que Krista estava segurando o choro. — Estou muito cansada de ser desconhecida, porra. De fazer testes com um milhão de garotas muito mais gostosas do que eu.

— Vou experimentar — falou Willow.

— E, se eu conseguir alguma coisa, quero me livrar do sotaque indiano, da dança meio *bollywoodiana*. Sou sempre asiática demais ou de menos, e, quando explico que não falo nenhum dialeto, pedem para que eu “invente”. Você percebe o quanto isso me ofende? Como se eu fosse uma atração à parte...

— Meninas. — Willow levantou a voz. — Quero experimentar.

Silêncio. Evie olhou para Willow, aterrorizada.

— Está de brincadeira?

— Não.

— Mas você é... — Evie engoliu as palavras, mas tinha certeza de que as duas sabiam que ela ia dizer: *Mas você é a mais bonita de todas nós*.

Willow deu de ombros.

— Quero experimentar.

Evie olhou para Willow e para Krista e, depois, de novo para Willow. Ela não podia dizer à amiga o que fazer da mesma maneira como dizia a Krista, e Willow sabia.

— Mas por quê?

Willow deu de ombros, um gesto propositalmente petulante.

— Uma gota?

— Sim, tem um conta-gotas — respondeu Krista, antes de ser calada por um olhar intenso de Evie.

— O quê? Aqui, agora? — perguntou Evie.

A voz de Willow estava calma.

— De acordo com o que você disse, não vai funcionar mesmo.

— Vai, sim. — Krista se sentou ao lado de Willow, esquecendo-se do choro, com o rosto repentinamente iluminado.

Willow desrosqueou a tampa, depois a levou ao nariz e fungou.

— Não tem cheiro — disse a Evie, antes de entregar o conta-gotas a Krista. Seus olhos estavam fixos em Evie. — Uma gota? — repetiu em tom delicado a Krista, que assentiu com a animação normalmente causada por festas com bebida liberada ou lanche grátis.

Elas observaram em silêncio quando Willow enfiou o conta-gotas no frasco com cuidado, puxando o líquido roxo para o tubinho de vidro transparente. Colocou a língua para fora e posicionou o conta-gotas acima dela. Não parou de olhar para Evie, como se desafiasse a amiga a impedi-la.

*Se a Willow acha que deveria ser mais bonita, então, porra, o que ela acha de mim?*, pensou Evie.

E perguntou:

— O que está esperando?

Willow apertou o conta-gotas. Como se tudo estivesse em câmera lenta, as garotas observaram uma única gota roxa e brilhante do líquido cair na direção da língua estendida. Caiu sem emitir som, desaparecendo no mesmo instante.

A garota fez uma careta e engoliu.

— Amargo.

Então passou o frasco de volta a Krista, que obedientemente fechou a tampa, olhando para Willow com expectativa.

Um minuto se passou.

E mais um.

Evie percebeu que, por mais ridículo que fosse, esperava que algo acontecesse. Quase começou a perguntar se aquilo tinha de funcionar na hora ou não, mas se controlou: se fizesse isso, indicaria que ela acreditava em Krista. O único barulho veio do vizinho, o distante ruído de um lava-louça. Evie sentiu os ombros relaxados. Soltou o ar.

— Viu? Não funcionou.

Krista ficou desanimada. Parecia prestes a chorar.

— É... — murmurou. — Aquela mulher deve ter mentido. Vamos pedir comida...

Willow soltou um arrote alto, forte. As meninas olharam para ela, que cobriu a boca com a mão.

— Cara! — disse Krista, rindo.

E aconteceu de novo. O arrote de um homem; longo e profundo.

Evie se aproximou dela.

— Você está bem?

Willow levou as mãos à barriga. Fechou os olhos com força.

— Não estou me sentindo bem.

— Ah, merda... — disse Evie. — Krista, que porra foi essa?

— Está escrito “Bonita”, e só.

Krista levantou o frasco. Nele, havia um adesivo branco com letras pretas manchadas, escritas à mão.

— Evie, acho que vou vomitar — resmungou Willow.

— Vamos levá-la ao banheiro. — Evie segurou o braço de Willow. Estava suado. — Merda! Será que é melhor chamar um médico?

— Não! Não. — Willow se levantou sem firmeza. — Vou ficar bem... — Ouviu-se o som de algo se rasgando. Os olhos de Willow se arregalaram. O cheiro de fezes tomou a sala. Sua voz saiu fraca. — Ai,

minha nossa!

Krista ficou boquiaberta.

— Você cagou na calça?

Só foi preciso um segundo para confirmar que sim. Fezes escorriam atrás dos tornozelos para o carpete branco. Willow resmungou, parecendo estar sentindo mais dor do que vergonha.

— Banheiro! — anunciou Evie.

As duas começaram a meio carregar e meio arrastar a amiga em direção a um pequeno banheiro. Assim que entraram, Willow começou a se contorcer com a ânsia de vômito. Abaixou-se na direção do vaso, mas não conseguiu conter uma onda colorida de vômito que chegou cedo demais. O líquido se espalhou pelo vaso, na parede atrás, enchendo um cesto branco cheio de rolos de papel higiênico.

— Sujou minhas mãos! Que merda! A Willow sujou minhas mãos! — Krista esticou as mãos à frente do corpo, assustada.

— Porra, chama a ambulância! — exclamou Evie. Estava em pânico.

*Assassinato!* O cérebro de Evie berrava: *assassinato!*

Willow vomitou de novo, despejando no vaso, antes branco, uma gosma que encheria um balde inteiro. O cheiro era insuportável; o odor pungente de fezes misturado ao cheiro adocicado de vômito.

— Onde está seu telefone? — gritou Evie para Krista.

— Não sei, não sei. Ai, meu Deus, Willow, o que está acontecendo? Desculpa...

— Encontre o telefone! Chame a ambulância!

Krista partiu em direção à pia, abriu as duas torneiras e enfiou as mãos embaixo do jato de água.

— Deixe isso! — berrou Evie, histérica. — Chame a ambulância!

— Não grita comigo! — gritou Krista.

— Desculpe! — disse, Evie ainda gritando. — Estou desesperada!

Willow se agachou, ofegante. Gemeu; um suspiro esquisito e estridente. Evie e Krista viraram a cabeça na direção dela... e pararam.

Tudo parou. Evie não notava mais o cheiro, o mal-estar, o pânico.

Não era Willow à frente do vaso sanitário.

Era outra pessoa.

A moça à frente do vaso secou a boca com as costas da mão e gemeu, virando-se para olhar Evie com desalento.

Evie olhou e viu uma desconhecida.

Seu cérebro buscou sentido, ordem, mas não encontrou nada. Estranhamente, Evie se lembrou da última primavera, quando um rapaz com quem ela não tinha afinidade a levou a um show incrível de magia no East Village. Um cara de bigode fino e suspensórios vermelhos transformou um cigarro em uma caneta, bem na frente dela. Ela sabia, logicamente, que tinha sido um truque. Aquele momento parecia a mesma coisa, só que um milhão de vezes mais forte. *Estou enlouquecendo*, pensou Evie, desanimada. *Estou com um tumor cerebral e estou enlouquecendo*.

As duas torneiras ainda estavam abertas, fazendo barulho. Evie as fechou. O banheiro ficou em silêncio.

Confusa, a moça olhou para Evie, para Krista e de novo para Evie. O movimento foi suficiente para fazer Krista se esconder atrás de Evie, que deu um passo para trás, com as mãos estendidas, protegendo-se por instinto.

— Ai, meu Deus! — disse Krista, olhando por trás do ombro de Evie. — Deu certo.

A garota perguntou:

— O quê?

Os *olhos* dela. Evie não parava de olhar nos olhos da moça. Tão enormes a ponto de quase parecerem artificiais. E aquela *cor*. Um verde-água brilhante e inebriante, ainda mais chocante devido aos cílios densos e escuros.

— Willow? — gritou Evie.

A moça olhou para o vaso sanitário.

— Maria vai me matar. Minha nossa, estou morrendo de vergonha!

— Willow? — Evie repetiu.

A garota olhou para Evie, e foi aquele segundo movimento de cabeça, revelando um rosto lindo, um pescoço bem comprido, que fez uma nova onda de adrenalina tomar conta de seu corpo. Sem pensar, Evie lançou-se para ela, segurando-a pelos ombros e puxando-a para que se levantasse.

— Ei! — protestou a moça, sem forças. Evie a colocou diante do espelho do banheiro, ofegante.

A moça viu seu reflexo. Visivelmente, o medo tomou conta e ela deu alguns passos para trás. Krista ficou de lado, e só então Evie viu que a moça era pelo menos cinco centímetros mais alta do que Willow. Era esguia e graciosa, como uma bailarina ou um rastro de fumaça.

Krista estava sorrindo, confusa e vitoriosa.

— Cara, deu certo! Deu certo, porra! Deu. Certo. Porra!

A moça — e Evie percebeu que teria de parar de pensar nela dessa forma, porque *inacreditavelmente* a garota era Willow — estava de pé, encantada com seu reflexo. Evie também não conseguia parar de olhar, percebendo seus cabelos loiro-escuros, mais escuros e densos do que as madeixas finas e claras de Willow. Havia o bronzeado uniforme da pele, a pontinha arredondada do nariz delicado e lindo. Os lábios carnudos e desenhados que se entreabriam devagar, surpresos. Ela levou as mãos ao rosto e começou a pressionar as bochechas, a testa, puxando os cabelos sujos de vômito. Abriu e fechou a boca algumas vezes antes de se virar para Evie com os olhos arregalados, as pupilas dilatadas.

— Evie? Isso está acontecendo mesmo?

Evie olhou para a nova criatura, nascida de sua amiga, cheia de merda e fluidos nojentos, mantendo-se de pé com as pernas meio trêmulas.

— Você está bem? Como está se sentindo? Devo chamar alguém?

Era como fazer perguntas em um sonho: não fazia sentido, era tolice.

— Oi? — A voz de uma mulher foi ouvida. — Ai, meu Deus...

Willow olhou para Krista e para Evie.

— É a Claire.

Antes que Evie formulasse algo parecido com um plano, Claire Horowitz, a namorada de 39 anos de Matteo, apareceu na porta do banheiro. Estava usando uma camiseta cinza e jeans folgados. Os cabelos escuros estavam presos em um rabo de cavalo úmido e ela trazia uma bolsa de academia no ombro. Sua expressão dividia-se entre preocupação, confusão e nojo. Tapou o nariz com a mão, fazendo, no mesmo instante, todas se lembrarem do cheiro horrível.

— Evie... — disse Claire, reconhecendo-a. — Krista... O que está acontecendo?

Evie olhou para Claire sem esboçar reação. Seu cérebro, que costumava ser confiável e muito eficaz, havia parado, quebrado, estava temporariamente fora do ar. Ainda havia a possibilidade de nada daquilo ser de verdade — quem sabe um tumor cerebral —, mas, de alguma forma, ela sabia que era. Os olhos de Claire se movimentaram para olhar o vômito, as manchas de fezes e a desconhecida em sua casa.

— Evie? — A voz de Claire ficou mais estridente. — Vocês... tomaram alguma coisa?



— Não! — exclamou Evie, alto demais, em pânico. — Não. — Ela se forçou a começar a falar. — Está é minha... prima.

— Ah! — Claire olhou para Willow, surpresa.

— Ela... está... passando mal — continuou Evie, esforçando-se para dizer cada palavra.

— Intoxicação alimentar — contou Krista, olhando para Evie em busca de apoio.

— Isso. É! — exclamou Evie. — Intoxicação alimentar. Ela acabou de chegar de... Idaho. Comida de avião. Comida de avião estragada.

— American Airlines — acrescentou Krista, assentindo e, depois, negando com a cabeça.

A expressão de Claire se suavizou.

— Ah, coitadinha — disse a Willow, que ainda não estava se mexendo. — Isso é o pior. Você acha que está bem para tomar um banho?

Willow olhou para Evie antes de olhar para Claire, confusa, e responder:

— Estou?

— Olha, por que não fazem assim: podem pegar roupas da Willow. — Então, olhando para trás, Claire acrescentou: — Ela está aqui?

As moças se entreolharam, assustadas.

— Hum... — começou Evie, mas felizmente Claire já estava pegando o telefone.

— Vou ligar para a governanta, para ver se ela pode nos ajudar a limpar tudo.

— Desculpa — disse Willow, baixinho, mas Claire balançou a mão, dispensando o pedido.

— Não se preocupe — falou Claire. — É sério. Eu tive intoxicação alimentar na Tailândia. Pior noite da minha vida. Parecia que todos os orifícios do meu corpo tinham se transformado em uma torneira. — Em seguida, disse ao telefone: — *Hola, María? Es Claire. Perdón por llamarte en tu día libre...*

Evie correu para fechar a porta do banheiro. As três começaram a cochichar ao mesmo tempo.

— Cara, eu disse que daria certo. Eu disse!

— Como está se sentindo? Ainda posso chamar a ambulância.

— Com um pouco de náusea, mas acho que estou bem.

— Isso é legal demais! Não acredito que deu certo!

— Como isso pode estar acontecendo? Não é meu rosto.

— Não sei... Um tipo de... Não sei, Will.

— Quem liga para isso? — Krista apoiou as mãos nos ombros de Krista para que ela se olhasse no espelho. — Você está a cara de uma top model.

Evie observou Will assimilar seu rosto de boneca, com a expressão tomada pela surpresa, familiar e ao mesmo tempo desconhecida. Nada ali era reconfortante, mas Evie não conseguia desviar o olhar.

Krista tinha razão.

O Bonita tinha funcionado.

Dez minutos depois, Willow estava tomando banho no quarto enquanto Evie enfiava as roupas dela em uma sacola.

— Para que isso? — Krista estava na ponta da cama desarrumada de Willow, segurando o frasco de Bonita que ela havia encontrado embaixo da mesa de centro, com o conteúdo ainda intacto.

— Ela vai ter que ficar conosco.

— O quê? Por quê?

— Ela não é mais Willow Hendriksen, certo?

Ouviu-se uma batida à porta.

Evie se endireitou, empurrando os óculos nariz acima, com nervosismo.

— Pois não?

Claire enfiou a cabeça dentro do quarto.

— Ela está bem?

— Tomando banho. — Evie fez um meneio de cabeça em direção à porta do banheiro. — Assim que terminar, ela vai sair daqui.

Claire assentiu, como se dissesse *não tenham pressa*.

— Onde está a Willow?

Porra! Evie pretendia pensar em uma explicação inteligente, mas, de novo, seu cérebro estava falhando. Ela olhou para Krista, que a observava com os olhos arregalados. Não adiantou.

— Ela não está aqui — começou Evie. — Ela... vai ficar com Mark por uma semana.

— Excelente — sussurrou Krista, e Evie ignorou.

Claire parecia não querer sair da porta.

— Por uma semana? Por quê?

— Por quê? Por quê? — repetiu Evie. — Boa pergunta. A verdade é que... a verdade verdadeira é que...

— Ela está chateada com você — disse Krista.

— O quê? — perguntaram Claire e Evie em uníssono.

— Ela está chateada por você ter se mudado para cá — respondeu Krista.

— Mas eu me mudei há um ano. — Claire levou a mão ao pescoço. — Já conversamos sobre isso. Ela disse que estava tudo bem.

— Cara... — falou Krista. — Não quero ofender, mas você é, tipo, mais de vinte anos mais jovem que o pai dela? Isso é muito zoadado.

— Krista... — sussurrou Evie, mas Claire não estava ouvindo.

— Eu sabia — disse Claire, baixinho. — Eu sabia que era demais.

A porta do banheiro se abriu.

Willow usava um vestido amarelo-claro, com um decote profundo o bastante a ponto de revelar seios fartos que mal cabiam na roupa. Os cabelos estavam penteados e úmidos, cobrindo os ombros. Ela sorria. O efeito foi momentaneamente de tirar o fôlego, como ver um arco-íris ou um cavalo selvagem. As três mulheres olharam para ela, cada uma sentindo uma mistura de coisas diferentes: animação, insegurança e encantamento.

Willow começou a rir como maluca, o que fez Evie voltar a agir.

— Certo, vamos. Desculpe de novo pela sujeira. E tenho certeza de que Willow ficará bem. Ela só precisa de tempo.

— Quê? — perguntou Willow, mas Evie já estava levando a preciosa garota em direção à porta, com a bolsa de roupas no ombro.

— Espero que sim. — Claire deu um passo para abrir espaço. — Espero que você fique melhor. E, desculpe, mas não perguntei seu nome. Meu nome é Claire.

Willow parou de repente.

— O meu é... Caroline.

— Caroline? — repetiu Krista, mas Claire estava apertando a mão de Willow e não se deu conta.

Evie foi na frente até o elevador, tentando ignorar o cheiro pungente de vômito que tomava conta do apartamento. Ali dentro, Willow se virou para se olhar no espelho, para se admirar e sussurrar:

— Meus peitos. Meu deus! Olhem para os meus peitos!

As portas grossas e prateadas escorregaram e se fecharam, cortando a visão da saleta.

Krista olhou para Evie com ansiedade.

— O que faremos agora?

Evie pegou a bolsa de roupas com seriedade e disse:

— Não faço a menor ideia.

O céu escuro convidava a luz fraca do amanhecer quando Evie, enfim, adormeceu. Seu cérebro, que antes não funcionava, estava funcionando sem parar na tentativa de responder à pergunta que não parava de girar em sua mente: *Como, como, como?* Quando a exaustão finalmente venceu, a resposta estava entre a nanotecnologia militar e os feijões mágicos. Ao que parecia, não havia se passado tempo algum quando ela foi tirada de seu sono. Primeiro pensamento: *muita luz; tarde*. Segundo pensamento: *alguém do meu lado*. Ela se virou com um grito e as mãos estendidas. Uma garota riu, preguiçosa.

— Bom dia.

Evie procurou os óculos. A garota que costumava ser Willow foi focalizada. Linda e loira, como o clichê. Krista se recostou no batente da porta, comendo punhados de cereal, de pijama e sorrindo. Evie resmungou:

— Que horas são?

— Mais de dez.

— Como é? — Evie afastou as cobertas. — Estou atrasada!

Não havia tempo para tomar banho. Evie vestiu algumas roupas enquanto tentava escovar os cabelos, dando ordens.

— Leve-a a um médico hoje. Até onde sabemos, o corpo dela por dentro está virando gosma radioativa. Mas não vá ao médico de sempre.

Willow bocejou. De certo modo, até mesmo bocejando ela ficava linda.

— Não tenho um médico de sempre.

— Ótimo. Faça um *check-up*. Além disso, conserte a janela da cozinha; é um milagre ninguém ter tentado entrar aqui. Desodorante? Onde está meu desodorante? E você vai ter de pensar em algo para dizer a Mark.

— Tipo o quê?

— Sei lá... Você vai ver sua mãe. Sapatos, sapatos, sapatos...

— Ai, por que eu faria isso?

— Sei lá! Seu padraсто quebrou a perna e ela precisa de ajuda em casa.

— Como ele quebrou a perna? — Krista parecia confusa.

— Gente! — Evie ergueu as mãos. — Tome umas decisões sozinha, está bem? Preciso ir trabalhar. — Evie pegou a bolsa. — Não conte a ninguém o que aconteceu. Não faça nada idiota. Entendeu?

— Beleza — disse Krista, fazendo reverência.

Willow riu.

Evie estreitou os olhos.

— Não, tá? É nosso novo lema de família. Repete pra mim!

— Não! — disseram as duas.

Elas riam sem parar.

Já passava das onze quando Evie chegou ao prédio Heimert Schwartz. Ela escorregou pelo chão de mármore falso polido, enfiando o braço entre portas que já se fechavam, ao estilo *O Exterminador do Futuro*.

— Desculpa — disse ela, quando as portas voltaram a se abrir. — Estou atrasada.

— Não tem problema — respondeu uma mulher.

Evie olhou nos olhos de Velma Wolff.

Por um segundo, Evie ficou ali, parada, sem nada fazer. Velma estava no canto esquerdo, mexendo no telefone. Com uma calça preta e camisa de seda branca, ela parecia muito tranquila e estilosa, sem fazer esforço, em contraste com a manhã grudenta de Nova York. Os cabelos loiros caíam por cima de um dos ombros em uma trança meio frouxa. O cheiro de lavanda permeava o ar.

Evie entrou no elevador. Por que justamente naquele dia? Ela fez uma relação de vários problemas: o cabelo feio, a saia amassada, nada de maquiagem. Tinha quase certeza de que havia se esquecido de passar desodorante.

Só quando as portas do elevador se fecharam, Evie se lembrou de apertar o botão. Elas começaram a subir. Evie olhou para Velma de soslaio. Havia um traço forte em sua beleza nada convencional. O sorriso com diastema e o nariz romano quase poderiam ser considerados feios, mas, de certa forma, davam a Velma uma aparência icônica. Parecia ser o tipo de mulher que sabia escolher um vinho, que nunca vestia nada manchado, que estava sempre lendo algo melhor e mais interessante do que você.

*Diga alguma coisa.* Evie disse a si mesma. *Ela é sua autora preferida. Isso não vai acontecer de novo. Você vai se arrepender se não disser nada.* Sua mente procurou entre possíveis trocadilhos ou conversas engraçadas, buscando um modo de fazer contato.

— Só queria dizer que sou uma grande fã sua — disse Evie.

Velma se assustou com a voz.

Evie sorriu de um modo que torcia para não ser assustador, mas sabia que provavelmente era.

— Li todos os seus livros — continuou.

A voz de Velma estava tranquila.

— Muito obrigada. — Ela voltou a olhar para o telefone.

— Também estou no mercado editorial — disse Evie. — Então, sabe, eu entendo. Eu *entendo*. Sério... Eu... entendo.

— Você é escritora?

A pergunta foi tão inesperada que Evie quase gritou para responder.

— Sou! Tenho um blog. Na verdade, trabalho para a *Salty*. Sou... revisora.

Ela observou o pouco interesse de Velma desaparecer, o ar escapando do menor balão do mundo. Dizer a verdade a Velma Wolff acabou sendo tão bem-sucedido quanto mentir a Quinn. Pela primeira vez na vida, Evie torceu para que o elevador quebrasse catastroficamente.

As portas se abriram no 28º andar. Era o andar da revista mensal de arte *Sheaf*, o tipo de publicação com matérias de dez páginas que começavam com: “A sensação geral da observação da obra de Damien Hirst é germânica, satânica, o oposto à sensação causada pelo *Titanic*.”

Velma olhou para Evie como se dissesse: *Bem, esquisitona, nosso tempo acabou. Ainda bem.*

Evie assentiu uma vez, duas, várias.

— Na verdade, não vou à *Salty* hoje, porque, bem... — Velma saiu do elevador, deixando as palavras de Evie se dissiparem pateticamente. — Hoje... tudo está diferente.

Evie saiu no 39º andar, onde havia uma placa escrita à mão na qual se lia “Equipe da *Extra Salt*”. Ótima primeira impressão, ela se repreendeu. *Estou super a fim de trabalhar no programa, Jan, desde que não interrompa minhas várias horas de sono. E, se eu conseguir acordar antes de meio-dia, gosto de passar vergonha na frente dos meus ídolos da literatura.*

Ela entrou em um corredor. Trinta garotas aproximadamente da sua idade estavam em uma sala maior. Todas olharam para a frente. Depois, logo desviaram o olhar, ignorando umas às outras de propósito.

Evie se sentiu intimidada no mesmo instante. Em seguida, ficou irritada consigo mesma por se sentir intimidada. *Você não está aqui para fazer teste. Está aqui para ajudá-las a ficarem bonitas.*

Ela passou pelo mar de rostos magros. Seria efeito do *bronzer*? Ou seria... mágica? Será que todas as top models usavam o Bonita? Será que as top models existiam de verdade? E...

— Oi. — Um rapaz com óculos sem aro apareceu ao lado dela.

— Oi. — Evie se assustou, e voltou a se concentrar. — Eu sou...

Ele entregou alguns formulários a ela.

— Preencha estes e me devolva...

— Não estou aqui para fazer teste. — Evie devolveu os formulários. — Jan Stilton me disse para vir. Meu nome é Evie. Trabalho para a *Salty*. Vim para talvez ajudar com o programa.

— Ah... Ela deve precisar de você na sala. Eu sou o Lukas — disse ele. — Venha comigo.

Lukas parou na frente de uma porta fechada, prestou atenção e depois a abriu. Cerca de seis pessoas estavam sentadas a uma mesa comprida e branca. Jan olhou nos olhos de Evie e fez um sinal para que ela entrasse.

— Pessoal, esta é Evie Selby, revisora da *Salty* — disse Jan. Pode ser que ela trabalhe conosco como pesquisadora. Evie, estes são nosso diretor, Rich, e nosso produtor, Kelly.

Rich, também de vinte e poucos anos, estava sentado e concentrado em seu telefone. Bem branco, sem músculos aparentes, usando óculos de aros pretos e uma camiseta na qual se lia “Hello, Newman”, com uma imagem de Paul Newman. Para Evie, ele se parecia com os nerds das comédias com quem Krista costumava estudar improvisação: conseguia imitar Louis C. K., mas não conversar com mulheres. E Kelly deveria ser o cara que aparentava ter trinta e todos ou quarenta e poucos, sentado com as pernas abertas, irradiando uma *vibe* caubói do asfalto. Os cabelos loiros se mantinham afastados do rosto bronzeado. Olhos azuis como o céu. O tipo de cara que se embriagaria em um aeroporto e daria em cima da comissária de bordo.

— Bom dia — disse ele a Evie, mostrando que era australiano, pelo sotaque.

A mulher elegante de quarenta e poucos ou todos anos, com pinta de “sou importante” era Laurel Flynn, a agente de *casting*. Ao lado, estava uma latina bem-vestida, com muita maquiagem, e Evie percebeu que era

quem “lidava com as pessoas”. Carmen Lopez, do Marketing. Carmen foi a única pessoa da mesa a sorrir para Evie, revelando dentes branquinhos. Evie tentou retribuir sem mostrar os dentes, que ela considerava bem amarelados.

— Oi. — Evie acenou sem jeito a todos com as duas mãos, como um caranguejo. Sentou-se em uma cadeira vazia atrás deles.

— Vamos chamar a próxima garota. — Laurel assentiu para Lukas.

Uma morena de cabelos brilhosos foi guiada até uma cadeira diante deles. Tudo nela tinha sido retocado para que ficasse simétrico. Uma beldade de saltos. Lukas entregou a foto de rosto da moça a Kelly.

Laurel fez uma breve apresentação e conferiu se a moça tinha o roteiro certo, que Evie notou que ela chamava de “a parte dela”.

Kelly pressionou um botão vermelho na lateral da câmera.

— Diga seu nome e a agência — ordenou Laurel.

A garota abriu um sorriso para as lentes.

— Brittany Bilsen, agência Tony Yuro. — Sua voz tinha um sotaque do sul.

— Ótimo — disse Rich, cuja voz era meio anasalada. — Pode repetir, mas tentando dizer o final de um jeito um pouco mais sensual?

Brittany repetiu, mas dessa vez deu um sorrisinho para a câmera no fim, acrescentando um leve movimento dos ombros.

Os braços e as pernas de Jan estavam cruzados. Evie percebeu que a editora estava desanimada.

— Você teve ideias para as histórias que apresentaria?

— Claro que sim. — Brittany cruzou as pernas de novo. — Sites de relacionamento.

Jan pareceu não se impressionar.

— O que têm os sites de relacionamento?

— Ah, sabe como é... — Brittany deu de ombros. — O fato de não serem mais só para fracassados. Minha melhor amiga está nesses sites e é uma boneca.

Evie se perguntou se Brittany estava falando ao pé da letra ou se a boneca andava recebendo mensagens melhores do que as que ela recebia.

— Certo — disse Jan. — Mas qual é o seu ponto de vista?

Evie sabia por que Jan parecia estar desafiando a moça. Assim como “Trinta coisas para se fazer antes dos trinta” e o termo *netiqueta*, os sites de relacionamento estavam desgastados, batidos. Os editores sabiam que não deveriam interferir, a menos que tivessem algo novo a dizer — algo sobre um aplicativo mais recente ou uma boa história de terror sobre a Mulher de Verdade.

Brittany pareceu surpresa.

— Bem... Talvez eu pudesse conhecer alguém num site. Eu tenho namorado — acrescentou depressa. — Mas se eu entrar em um talvez algo aconteça.

— Tipo o quê? — perguntou Rich.

— Não sei. Algo engraçado?

— Tipo o quê? — repetiu Rich, olhando para o celular.

Brittany inclinou a cabeça, pensando. E teve uma ideia.

— Por exemplo, ele pode aparecer para o encontro e ser cadeirante! E eu posso pensar: “Hum, não, de jeito nenhum!”

Ela fez uma careta horrorizada. Evie teve de olhar para baixo para esconder a cara de incredulidade.

Kelly deu uma piscadinha para ela.

— Obrigada por ter vindo, Brittany.

A modelo agradeceu a todos e saiu. As pessoas à mesa trocaram sorrisos cansados.

— Ela é linda — disse Carmen. — Sei que os patrocinadores a adorariam.

— Foi o mesmo problema com a última garota. — Jan suspirou. — Não entendo por que é tão difícil encontrar alguém que tenha beleza e personalidade forte.

— Encontraremos — disse Laurel.

— E nos clubes de *stand up*? — Jan olhou para Kelly. — Será que podemos mandar alguns agentes a esses clubes?

Kelly balançou a cabeça.

— Não temos tempo. Precisamos encontrar alguém hoje, amanhã, no máximo. Começamos a filmar na segunda-feira.

— E precisamos estar on-line até a próxima quarta — declarou Carmen a todos. — Os contratos estão prontos.

— Precisamos de alguém que se destaque. — As sobancelhas de Jan indicavam que ela talvez estivesse franzindo a testa. — Alguém com sotaque. Ou uma lésbica gostosa...

— Bissexual gostosa — corrigiu-a Carmen. — Perderíamos muitos patrocinadores com uma lésbica.

— Evie. — Jan virou-se para olhar Evie de frente. — Sabe de alguém que possamos chamar?

Sim.

Ela mesma.

Era bissexual. Talvez não uma bissexual gostosa, mas com certeza já tinha enfiado a língua na boca de outras garotas. Conhecia a marca e estava acostumada a pensar em pontos interessantes para as matérias, como no *Coisa Chata*. Ela nunca tinha sido filmada, mas não precisava apenas de boa desenvoltura e confiança?

Mas estava sentada ali. E ninguém na sala havia sugerido que fosse ela. Poderia imaginar o que aconteceria se ela própria fizesse a sugestão. A pausa desconfortável, o farfalhar de papéis, a falta de coragem coletiva para dizer: “Desculpa, Evie. Você não tem o *visu* da *Extra Salt*... Não é bonita o bastante”.

— Minha amiga que mora comigo, Krista — respondeu Evie. — Vocês podem fazer um teste com ela.

As pessoas se animaram. Evie sentiu um frio na barriga.

Se altruísmo era bom, por que ela se sentia tão mal?



Depois de três outros testes desanimadores, Evie disse a Jan que precisava voltar ao escritório. A editora confirmou que ainda estava de pé a possibilidade de “continuar a conversa” sobre trabalhar no primeiro episódio da *Extra Salt*. Evie disse “ótimo”, mas não estava animada. Willow e Krista não estavam respondendo às suas mensagens, e ela estava preocupada.

O trabalho da tarde era escrever. Ela não parava de pesquisar *neurociência, regeneração celular e experimentos militares sobre beleza* no Google. Decidiu terminar suas páginas após confirmar se Willow ainda estava viva. Exatamente às seis da tarde, correu para o elevador. Dois metrô e uma corrida em disparada por Williamsburg depois, ela estava ofegando quando chegou em casa. Só quando abriu a porta da frente, percebeu o som.

Beyoncé.

Dois corpos pequenos e magros serpenteavam no meio da sala de estar. Serpentes sensuais; serpentes no recesso de primavera. A mesa de canto estava coberta por garrafas de vinho. No ar, havia o cheiro de algo parecido com alvejante.

Ela reconheceu a primeira serpente: a linda Willow — Caroline — usando o guardanapo que Krista chamara de vestido no último Réveillon. Ela não reconheceu a segunda, uma morena que correu para abaixar o volume. Estava usando a calça de estampa de leopardo preferida de Krista.

— Evie! Não fique brava, mas... eu tomei!

Evie fechou os olhos. Talvez, quando os abrisse, o tumor cerebral a levasse ao Havaí, para o espaço ou para uma cama em um hospital silencioso com lençóis bem presos embaixo do colchão. Quando ela os abriu, Krista — porque claro, *claro*, a segunda garota era Krista pós-Bonita — ainda estava na frente dela, se remexendo sem parar.

— Sou Bonita! — gritava a moça. — Olha para mim! Olha minha bunda! — Ela se virou para chacoalhar o traseiro redondo como uma bola.

Evie deu um passo para trás.

— Você levou a Willow ao médico?

A moça resmungou.

— Pare de ser tão chata, *mamãe*! Não sabe se divertir pelo menos uma vez na vida?

Evie abriu a boca, mas não soube o que dizer. Ela sabia se divertir. Ela se divertia o tempo todo.

Ou não?

— Evie, nós fomos. — Willow se deitou no sofá. Pegou o vinho e tomou um gole. — Estou bem. — Deu um sorriso meigo. — Perfeitamente saudável.

— Sério, cara. Essa coisa é o que há.

A moça — Krista — se apresentou com orgulho para que Evie a analisasse.

— Dá uma olhada.

Assim como Willow, Krista estava mais alta, mas não poucos centímetros; quase trinta. O cabelo curto tinha sido trocado por madeixas escuras e sedosas que desciam até as costas. Os traços estavam mais pronunciados. O nariz de Krista — que ela detestava, descrevendo-o como grande demais e chato demais — estava reto. Os olhos ovalados eram de cor verde-esmeralda, brilhantes, sensuais como os de Willow. Mas a maior diferença era a pele. A pele verdadeira de Krista tinha cor de chocolate. A pele da moça mais parecia café com leite. Evie sentiu o estômago revirar, tão nervosa estava.

— Sua pele... — disse Evie.

— Não é? — Krista olhou para o espelho acima do sofá. — Totalmente euro-asiática. — E fez uma pose.

— O Bonita embranqueceu você — disse Evie, baixinho.

— Pois é... — Krista riu. — Incrível, não?

— Não — respondeu Evie. — Não é incrível. É um ideal ocidental idiota.

— O quê? — perguntou Willow.

— A ideia de que a pele branca é bonita — explicou Evie.

Krista não desviou os olhos do espelho, mas Evie notou que a raiva passava por eles.

— Você não entendeu, cara. — Ela se virou, o tom de voz dividido entre a brincadeira e a defesa. — Sou um clichê étnico delicioso. Posso fazer qualquer comercial que quiser.

Evie deu um passo para trás.

— Isso é errado pra caramba.

Krista bufou depressa, com força.

— Nem vem com essa de falar comigo sobre a questão racial. Você é branca. Nunca vai entender.

Evie olhou para as duas mulheres que a observavam — imagens grandes e nada familiares de suas duas melhores amigas. A ansiedade bateu no peito.

— Isso está ficando muito esquisito. Deveríamos chamar alguém. *Contar a* alguém...

— Não, não, não — adiantaram-se as meninas.

— Estamos bem — disse Willow.

— Muito bem — concordou Krista, puxando Evie em direção ao sofá.

— E limpamos tudo...

— Tão nojento... Minha nossa... Mas o banheiro nunca esteve tão limpo...

As garotas fizeram Evie se sentar no sofá.

— E temos uma coisa para você. — Willow arregalou os olhos para Krista, que foi à cozinha.

Evie tirou os sapatos.

— Não sei o que isso tudo significa.

— Talvez não signifique nada — disse Krista da cozinha. — Talvez seja só diversão.

— Diversão é um assunto feminista — retrucou Evie. — Não, assunto feminista é a gordura. Isso, sim.

— Sur-pre-sa! — Krista apareceu na porta da cozinha. Estava segurando uma garrafa de Dom Pérignon, duas taças que não combinavam uma com a outra e uma caneca de café com a frase I ♥ NY. — Só temos duas taças — disse. — Mas ainda assim, *surpresa, porra!*

Evie se sentou.

— Como comprou isso?

Krista virou a cabeça na direção de Willow, que abriu um sorriso malicioso e deu de ombros. Krista colocou as taças na mesa e entregou a garrafa a Evie.

— É seu preferido, não é?

Elas eram dois cachorrinhos querendo que Evie as soltasse da coleira para causarem o caos da maneira mais adorável. E, apesar de estar preocupada, Evie se ressentia de ser a chata. O mínimo que poderia fazer era fingir que estava se divertindo. Além disso, se havia um momento para se embriagar com champanhe caro, muito caro, era aquele, com certeza.

— Claro. — Evie aceitou a garrafa, e as duas moças gritaram.

— Eu sabia! — Krista sorriu, muito orgulhosa de si.

Evie tirou a rolha e as duas festejaram. Encheu sua caneca e tomou um gole. Delícia. Krista voltou a colocar Beyoncé no som, e de repente a festa recomeçou. Evie se sentou no sofá, bebendo sem parar, observando as mulheres que suas melhores amigas tinham se tornado dançarem como se todo mundo estivesse olhando.

Era fácil entender os motivos de Krista. Nada a deixava mais feliz do que um par novo de sapatos. Então, naturalmente, um par novo de pernas a deixaria no céu. Evie sabia que ela estava sofrendo pressão para conseguir um trabalho de atriz de verdade, e Krista enfrentava os desafios com a mentalidade do “custe o que custar”.

Mas... e Willow? Por que havia tomado o Bonita? Não se considerava atraente? Willow, que raramente comprava roupas novas ou se maquiava. Willow, que preferia as câmeras a coquetéis, que desejava ser uma artista melhor, que já tinha o namorado perfeito. De certo modo, Evie a via como a mais vulnerável das três — e o pequeno número de pessoas na abertura da exposição na segunda deveria ter doído mais do que ela admitia. Porém, não era insegura com relação à aparência. Ou era?

A coisa toda estava se transformando em um filme de Sofia Coppola: bonita de se ver, mas o que significava? Tudo? Ou nada?

As meninas fizeram bico, posando para uma foto que não existia. Krista escorregou em direção a Evie, parou na frente dela com o dedo nos lábios abertos, a outra mão parada na cintura. Olhou uma vez, duas vezes ao redor. Então, se virou sem firmeza e voltou até Willow, tirando os pés do chão de modo exagerado e engraçado. Quando chegou perto da amiga, deu um tapa na mão dela. Evie pensou que Willow daria risada e se encolheria mas, para sua surpresa, ela se levantou e relaxou o rosto. Cada passo era dado com facilidade, e ela mantinha o rosto inexpressivo e lindo como o de uma escultura grega. Depois, parou na frente de Evie e fez duas poses, mexendo um pouco o corpo para encontrar novos ângulos pelos quais mostrar suas proporções perfeitas.

*Parecia de verdade*, pensou Evie. E então, embriagada, pensou: *é real*.

— Evie! — gritaram as duas. — Sua vez!

— Não! — Evie balançou a cabeça, mas as meninas avançaram.

— Você tem que desfilas! — O rosto de Willow estava corado, os olhos brilhavam como estrelas.

— Vamos — insistiu Krista, puxando-a para que se levantasse. — Desfile!

— Está bem, está bem.

Evie ajustou os ombros e começou a desfilas em direção ao sofá vazio. Fez pose de modelo, mãos no quadril, com um bico. O espelho acima do sofá refletiu Willow e Krista sorrindo atrás dela: uma deusa loira brilhando e uma morena sorrindo de modo afetado. Em comparação, Evie parecia quase doente. Sem graça.

E sua pose de modelo não era engraçada, como a de Krista. Nem elegante, como a de Willow.

Era trágica.

Embaraçosa.

Alguém bateu na porta da frente. As garotas deram um salto. Era Ben, pensou Evie, correndo para desligar a música que certamente havia irritado o vizinho do andar de baixo. Ela correu até a porta, pronta para se desculpar, torcendo para não parecer bêbada demais. Mas não era Ben. Era um homem. Quarenta e todos, com cara de bravo, usando um colete laranja no qual estava escrito o nome da companhia elétrica. Ele mal olhou para Evie e foi logo perguntando:

— Krista Kumar?

Evie ajustou os óculos no nariz.

— Ela mora aqui.

O homem entregou um papel, olhando para o apartamento.

— Estou aqui para desligar a energia.

— O quê?

Evie olhou para o papel que segurava. As palavras “conta não paga” e “justiça de Nova York” se remexeram diante de seus olhos. Assim com a quantia de 612 dólares e 34 centavos em negrito, vermelho, sublinhado.

— Sua conta não é paga há sete meses — disse o homem, entrando. Seu discurso parecia ensaiado. — Foram várias tentativas de contato por telefone e correio, mas ninguém nos atendeu.

— Várias tentativas? — repetiu Evie. — Não, está havendo um engano. — A Krista tem pago a conta de luz. — Evie estava dando dinheiro à amiga todos os meses.

— Você é Krista? — perguntou o homem.

— Hum... — Krista não parava de olhar para Evie e para o funcionário da Con Ed.

— Você é Krista Kumar? — repetiu ele.

— S-sim.

Ele deu a ela o mesmo papel que havia entregado a Evie.

— Onde fica o quadro de energia?

Krista olhou para o papel em sua mão, com os olhos arregalados.

— Porra, porra, porra!

— Krista... — Evie deu um passo em direção aos dois. — Diga a ele que está errado.

— Não tem nada de errado. — Os olhos verdes e brilhantes de Krista começaram a se encher de lágrimas. — Desculpa. É que eu... No começo, foi só uma conta. Precisava pagar o aluguel. E depois mais uma, e acho que mais uma, e eu perdi a noção de quanto tempo fiquei sem pagar.

— Sete meses — disse o homem. — Onde fica o quadro de energia?

Evie olhou para Krista, boquiaberta. Ela não tinha economias; sobrevivia de salário a salário. Não poderia pagar a conta de luz nem se quisesse. E ela certamente não queria.

— Estou tentando resolver! — disse Krista, olhando para o funcionário. — Foi por isso que eu peguei... aquela coisa para conseguir uma grana...

— Meu deus, Krista! — explodiu Evie. — Basicamente, você tem me roubado.

— Desculpa...

— E as outras contas?

— Quê? — Krista mordeu os lábios, em pânico.

— As outras contas. Aquelas no seu nome. Eu cuido do aluguel. Você cuida das contas. Lembra?

Assim que disse aquelas palavras, Evie percebeu a decisão idiota que tinha tomado.

— Hum... Eu precisava de dinheiro para a minha parte do aluguel!

— Ai, meu Deus!

Quanto tempo demoraria até ficarem sem água? Sem gás? Sem internet? Ai, Deus, sem internet, não.

Incrédula, Evie olhou para Krista. Como era possível que aquela mulher, a líder do grupo de debate, aquela que calculava a gorjeta de cabeça, podia ser tão irresponsável?

— Quanto você está devendo?

— Incluindo a faculdade? — replicou Krista.

A voz de Evie gelou.

— Incluindo tudo...

— Cento e trinta mil. — Krista secou uma lágrima. — Acredite se puder.

— Cento e trinta mil? — Evie se assustou. — Cento e trinta mil? Meu Deus do céu, Krista!

— Eu pedi desculpa.

— Moças. — O funcionário levantou as mãos. — Olha, adoro um reality show, mas vocês podem me mostrar o quadro de energia? Senão, vou ter de chamar a polícia.

— Senhor? — Willow olhou para o funcionário, com os olhos intensos, os lábios entreabertos. Evie quase via faíscas pequenas saindo da pele dela.

Quando o funcionário respondeu, sua voz estava um pouco mais alta do que o normal.

— Pois não?

— Sei que só está fazendo seu trabalho, mas talvez possa ajudar minhas amigas. — Willow se aproximou dele. Por instinto, Evie deu um passo para trás, longe da estranha e sedutora Willow.

— Não — disse ele. — Isso não é possível.

— Ah, claro que é. — Ela tocou o braço do homem. Parecia uma borboleta pousando em um tronco de árvore. — E se não tivesse ninguém em casa? Talvez o senhor tenha que voltar semana que vem para desligar a energia.

— E talvez, até lá, a conta esteja paga. — Krista segurou o outro braço dele, com uma expressão pidona.

O homem olhou para as duas moças que o cercavam. Pigarreou sem jeito.

— Talvez...

— Obrigada. — Krista ficou aliviada. — Cara, de verdade, muito obrigada.

Evie olhou para Willow. De onde aquilo havia saído? Não ficaria mais surpresa se a amiga tivesse afirmado ser uma deusa egípcia. Mas Willow não estava olhando para Evie. Estava concentrada, seus olhos verdes brilhando de triunfo. Seus traços tinham ganhado um toque nada familiar: estranhamente determinados. Quase sérios.

Krista estava logo atrás de Evie quando ela fechou a porta.

— Evie, desculpa, mas eu juro por Deus que vou dar um jeito.

— Você não acredita em Deus. — Evie se sentou no sofá e pegou a caneca de champanhe.

Krista se sentou ao lado dela, olhando fixamente nos olhos da melhor amiga. Então, eu juro pela Amy, pela Jennifer Lawrence e pela Michelle Obama que amanhã logo cedo vou entrar na Profissionais Criativos Unidos, encontrar um agente supergostoso, marcar um comercial e pronto. Vou usar isto... — ela fez um gesto para o rosto e para o corpo — ... para pagar o que devo. Cada centavo. Juro. Juro por tudo o que vale nesse mundo. Incluindo você. Principalmente você.

— Claro. — Evie bebeu o resto do champanhe.

A raiva e a decepção — por causa de si mesma, por Krista, pela *Salty*, por tudo — a desanimavam,

fazendo-a se sentir desvalorizada. Ela só queria dormir e nunca mais acordar.

— Não, é sério, Evie. Olha, ouve o que eu estou dizendo. — Krista tirou a caneca das mãos da amiga, forçando-a a olhar para ela. — Preciso que você acredite em mim. Preciso que acredite.

— Por quê?

— Porque só você acredita.

Evie olhou para a moça que era Krista, surpresa. Krista se virou para ela, os olhos fixos, sérios e esperançosos, de dar dó. Ela queria acreditar na amiga, e percebeu isso. E o mais surpreendente é que acreditava. Não sabia se era por causa da bebida, por causa do rosto perfeito da moça ou por causa da amizade de cinco anos, mas acreditava.

— Claro que acredito em você, sua idiota. Você é minha melhor amiga.

# 10

— Tem certeza de que não vem? — Krista era persistente como uma criança pequena querendo colo. — É minha primeira noite como Bonita. Temos que comemorar!

Evie negou, balançando a cabeça.

— Preciso trabalhar.

Apesar de ter levado os textos do dia para casa, não era totalmente verdade o que estava dizendo. Na verdade, sentia vergonha de admitir o que estava pensando: como seria andar com elas.

Duas Bonitas e uma Normal.

Evie Shelby: a amiga feia.

*Não existe o “feio”*, repreendeu a si mesma. Estava irritada por estar irritada. Aquilo era confuso, deixava seus pensamentos completamente bagunçados.

— É como dirigir um Lamborghini. — Krista apertou os seios. — Você precisa me ver sem roupa, cara. Até eu fico excitada. Mal posso esperar para fazer sexo usando esta coisa.

— Esta *coisa* é seu corpo, e... — começou Evie, mas não conseguiu terminar, porque se lembrou do comentário de Krista de que ela estava parecendo uma mãe. Sentiu uma onda de arrependimento, ou talvez só de tristeza, e teve que desviar o olhar para suas páginas. — Divirta-se.

Só quando as duas meninas saíram batendo os saltos e deixando para trás o cheiro de perfume adocicado foi que Evie se lembrou do teste da *Extra Salt* que havia arranjado para Krista. Deixou os polegares em suspenso sobre o teclado do telefone, prestes a lhe enviar uma mensagem de texto com os detalhes, mas largou o celular. A ideia de recompensar Krista depois de descobrir que ela vinha mentindo nos últimos sete meses a fez se sentir uma idiota. *Preciso começar a procurar o número um*, pensou Evie.

A primeira matéria da pilha de trabalho era: “Cinco amigos que você precisa abandonar já!”. A matéria começava assim: *Número um: a amiga entediante. Ainda que sua amiga chata sempre ajude a limpar a sujeira depois da festa, sejamos sinceros: você não queria convidá-la, para começo de conversa...*

Evie deixou as folhas de lado e caiu na cama, soltando um grunhido de insatisfação. Sempre trabalhando muito. Sempre confiável. Então, era a chata? Não se lembrava da última vez em que Willow e Krista tinham saído sem ela. Talvez fosse perigoso deixar que elas percebessem que podiam se divertir sem ela por perto...

Não. Ela afastou o pensamento negativo antes que este se acomodasse.

Entrou na sala de estar, encontrou meia garrafa de vinho branco quente e encheu a caneca de modo

desafiador. Abriu a porta do congelador para pegar umas pedras de gelo. A forma estava vazia. Nunca, em todo o tempo que elas viviam ali, Krista havia repostado o gelo. Era muito irritante. Demais. Certa vez, Evie chegou a flagrá-la colocando uma forma vazia no congelador.

— Ah... — disse ela, olhando para a forma como se tivesse acabado de aparecer em sua mão. — Não percebi.

Rangendo os dentes, Evie encheu a forma, bateu a porta do congelador e levou o vinho quente de volta para o quarto. Procurando distração, abriu o Twitter. Alguns de seus amigos de Twitter estavam retuitando uma frase do livro novo de Velma Wolff, *Dentes de leite*.

“Se quiser ser o rei da floresta, use a pele de um leão.”

Seu cérebro repassou o encontro assustador com a escritora naquela manhã.

— Eu entendo, de verdade... Eu entendo.

O modo com que Velma havia, de modo casual, até educado, ignorado sua existência. Ela estremeceu e tomou mais um gole de vinho. Então, pesquisou “Velma Wolff namorada” no Google e clicou em Imagens.

As primeiras três ocorrências foram “Velma Wolff e Emiko Aki”, “Velma Wolff e Drew Barrymore” e “Velma Wolff Nova Namorada”.

Emiko Aki, a modelo-e-atriz nipo-americana, tinha sido namorada de Velma durante quase quatro anos. A relação havia terminado seis meses antes, marcada por declarações amigáveis das duas assessorias, afirmando que uma ainda tinha um grande carinho pela outra e blá-blá-blá. Formavam um casal curioso; Velma com cabelos loiros, Emiko com cabelos pretos lustrosos. As imagens eram combinações de fotos feitas por paparazzi em eventos de gala e captavam momentos curiosos: as duas descendo a rua, almoçando, conversando, apenas. Algumas imagens borradas de Emiko gritando, o rosto vermelho, as mãos em movimento.

Velma era, ao que parecia, galanteadora, mas Evie acreditava que isso poderia ser, facilmente, o sonho de uma imprensa hiperativa e histérica. Mas na maior parte do tempo eram fotos de celebridades em eventos. Evie gostava mais dessas. Emiko sorria como um felino selvagem, com uma das mãos no braço de Velma, de um jeito possessivo. Velma parecia tímida e entediada. Normalmente, vestia terninhos Dior, sua marca registrada, parecendo Marlene Dietrich, às vezes, arrogante a ponto de ficar com um cigarro fino na boca.

Com os olhos de pálpebras grandes, o sorriso com diastema e os cabelos despenteados, Velma era linda, não tinha como negar: autêntica. Não havia fotos dela com Drew Barrymore. A relação entre elas não foi confirmada. A única evidência digital era uma capa que elas fizeram para a revista *Out*, uma série com as duas assistindo a um concerto de Sleater-Kinney e fotos de eventos feministas de caridade. Havia até algumas delas se beijando, com selinhos, claramente provocantes. Por mais que Evie quisesse acreditar que elas tivessem tido um caso, provavelmente eram só amigas.

As fotos “Velma Wolff Nova Namorada” eram as mais recentes e mais diversas. Chess Hudson, a tatuada com jeito de bruxa que havia recebido o prêmio Kaikou F. Lozzi um ano antes de Velma com seu segundo romance, *fghwncbuwo*. Jemima Westley, a modelo da Victoria’s Secret com o rosto parecido ao de um gato e o corpo de uma *pin-up* dos anos 1950, além de uma série de jovens atrizes, filhas de famosos e celebridades que eram bissexuais, lésbicas ou simpaticas, ou sedentas por fama. Apesar de Velma ter sido fotografada (e espalhada pelo Google) nos últimos dez anos, sua expressão continuava a mesma. Havia algo de inalcançável nela. Uma distância. Velma não parecia se importar com o que as pessoas pensavam dela. Era quase como se o mundo inteiro estivesse esperando seu sinal. Ela agia como se fosse grande coisa e isso não era arrogância, pelo menos não para Evie, porque, bem... Ela era grande coisa, sim. Velma só estava sendo sincera.



Evie tomou um gole de vinho e traçou o contorno do rosto de Velma com a ponta do dedo. Velma ganhava a simpatia de esnobes do mundo literário rebelando-se contra as tendências do mercado. Durante anos, seu alvo preferido foram os romances com vampiros. E então escreveu um. *Dentes de leite* era sobre sugadores de sangue, súcubos e imortais. Parecia que Velma gostava de ser adorada por ter um ponto de vista e depois mudar de opinião. *Dentes de leite* era o livro escrito por Wolff preferido de Evie até aquele momento.

A pressão do desejo foi sentida entre suas pernas.

Evie abriu sua conta no site de relacionamento. Três novas mensagens. Todas de rapazes. Nada de Quinn. Decepcionante. A primeira, de curry\_heaven: **VC é linda. Vamos nos ver? Haha.** A segunda, de WineNot: **Se eu dissesse que seu corpo é bonito, você ficaria brava comigo? E se eu dissesse que vim ver sua bunda nessa calça jeans?** E terceira, de DiversãoGarantida: **Você está parecendo um homem nessa foto.**

Evie apagou as três, tentando não ceder à decepção que ameaçava engoli-la.

Ela não queria estar com alguém que fosse lindo. Sempre dizia que a aparência não importava, mas no fundo sabia que pensava isso porque o visual não podia ser importante, pois ela não era bonita.

Um dos medos dentro dela era este: que sua aparência a prendesse e a impedisse de ser poderosa; de ser alguém a quem as pessoas davam ouvido, alguém a quem as pessoas reagiam de maneira automática. De encontrar alguém espetacular e incrível, em vez de fazer sexo com dezenas. De avançar na carreira. Porque, claro, tinha personalidade para fazer o teste para o *Extra Salt*. E, apesar de ter afastado a ideia de sua mente, doía Jan nem pensar na possibilidade, nem mesmo por um segundo.

Mas Evie detestava esses pensamentos.

Ela saiu da cama, dizendo a si mesma que ia fazer um lanche. Quase conseguia se enganar para pensar que pegar o Bonita na mesa da sala de estar não tinha sido premeditado. O líquido cor de lavanda estava na palma de sua mão: um dilema shakespeariano em um frasco.

Conscientemente, ela sabia que uma sociedade que transformava a beleza em poder para as mulheres era muito errada.

Mas será que o Bonita poderia deixar sua vida melhor?

Willow estava esperando que Krista a levasse a algum lugar barulhento e cheio de luzes, o tipo de lugar onde houvesse uma pista de dança e coquetéis de vinte dólares. Ela estava enganada. Fotos em preto e branco autografadas de velhos que Willow não conhecia enchiam as paredes manchadas de fumaça do bar. Caras de calça jeans seguravam copos de cerveja. O cheiro ali era de suor e batatas fritas. Krista disse que era um local onde comediantes se encontravam e que ela costumava ir ali depois das aulas de improvisação. A proporção de homens para mulheres era de cinco para um, e as moças usavam só camiseta e calça jeans. Willow ficou incomodada, sentia-se meio deslocada com o vestido curto de Krista. Pediu duas taças de vinho branco e um cheeseburger, bem malpassado, com uma porção de batatas fritas. Quando o vinho chegou, Krista tomou um gole, observou o lugar e começou a mexer nos cabelos. *Ela está sempre em movimento*, pensou Willow. *Como uma criança ou alguém com pressa*. Mas, então, Krista parou.

— Caramba, olha ali.

Três caras tinham acabado de entrar no bar. O do meio era levemente familiar, com um rosto gentil e pele escura. Willow achava que ele era ator. Eles sempre usavam relógios e sapatos mais bacanas do que todas as outras pessoas. O tal cara tinha um Rolex e sapatos de couro requintados despontando por baixo da barra da calça jeans.

— Aquele é Ravi Harlow, porra! — disse Krista.

— Quem?

— Ele é um comediante superfamoso. É um dos chefs naquele programa da Comedy Central, *Too Many Chefs*. Participou do programa do Fallon semana passada. É hilário! Eu adoro esse cara — comentou Krista, observando os três homens pegarem uma mesa.

Um deles olhou para as meninas e cutucou Ravi.

Krista perguntou:

— Ai, merda! Ele me viu?

— Hum, sim... — Willow sorriu. — Você estava encarando o sujeito.

— É que ele é famoso, porra, tipo, famoso de verdade... — sussurrou Krista. — Ele tem um milhão de seguidores no Instagram. Eu sigo o Ravi e, semana passada, ele postou uma foto dele com Bill Murray, que, por acaso, está muito velho, mas acho que ainda me sinto atraída por ele...

— Oi — disse um homem.

Ravi estava atrás delas.

— Oi — respondeu Willow.

Krista não disse nada. A amiga cutucou-a com o pé.

— Ei! — disse ela, olhando para ele com nervosismo.

Ravi fez um gesto para a mesa.

— Gostariam de sentar com a gente?

Krista quase o jogou para o lado.

— Claro! — Ela afastou a cadeira bem depressa.

Momentos depois, Krista e Willow estavam sentadas com Ravi, Colin (de óculos) e Dan (alto), a quem

Ravi apresentou como amigos de Los Angeles.

Willow tocou a haste de sua taça e disse que se chamava Caroline. Os caras sorriram para ela de modo animado e, depois, olharam para Krista.

— E qual é seu nome? — perguntou Colin.

— O quê? — Ela estava tomada de animação. Os olhos estavam grudados em Ravi. — Desculpa, mas sou uma grande fã sua. Você é muito engraçado.

— Obrigado.

— Aquele episódio do *Too Many Chefs*, no qual o cliente devolveu a comida e você acabou fazendo com que ele cozinhasse para você... — Krista balançou a cabeça, rindo. — Hilário.

— É, foi divertido — concordou Ravi. — O Dan foi coautor daquele episódio.

— Incrível! — elogiou Krista. Ela não parava de olhar para Ravi. — Incrível! Isso é muito legal — continuou, para a mesa toda. — Isso é ótimo.

Apesar de Krista estar se comportando de um modo que Willow considerava maluco, os caras pareciam animados, até mesmo convencidos, como se a famosa fosse ela, agraciando-os com sua presença.

— Você é atriz? — indagou Ravi.

— Eu? Mais ou menos. Ou melhor, acho que sim.

— É como me sinto. — Ravi passou a falar mais baixo. — Não conte a ninguém, mas estou fingindo aqui. Quando comecei, meu “agente” era eu mesmo fazendo outra voz.

Dan e Colin riram de um jeito que fez Willow acreditar que fosse verdade. Krista olhou para ela e fez uma careta. Willow sorriu, sentindo-se confusa.

Ravi falou com Krista.

— Então, qual será seu próximo trabalho?

— Como assim?

— O que está fazendo no momento?

O sorriso de Krista pareceu incerto.

— Estou tentando conseguir um agente.

Ravi inclinou a cabeça.

— Um agente?

— Mudar de agente. Meu último não estava conseguindo trabalho para mim. — Krista tomou um gole de vinho, nervosa.

— Com quem você estava? — Ravi pareceu interessado.

Ela olhou para Willow, em pânico. Willow ficou olhando para ela. Krista poderia dizer qualquer coisa: CAA, William Morris. Os caras não teriam como saber. Ou teriam? Quem eram os agentes deles? As duas deveriam ter pesquisado mais sobre a história deles.

— Cheeseburger? — Uma garçonete de rosto redondo colocou um prato de comida na frente de Krista. O hambúrguer era do tamanho da cabeça dela. O cheiro de carne recém-frita fez Willow salivar no mesmo instante.

— Ótimo, estou morrendo de fome. — Krista pegou o hambúrguer e deu uma mordida bem grande. Ela revirou os olhos. — Hum, que delícia.

Só depois de ter comido metade do sanduíche, percebeu que a mesa toda estava em silêncio e a observava.

— Quer um pouco? — perguntou a Ravi.

— Não, obrigado. — Ele a olhava como se ela fosse um animal exótico que havia entrado na sala. — É que nunca vi ninguém comer desse jeito.

Krista enfiou um punhado de batatas na boca.

— Que jeito?

Willow pediu licença e saiu à procura do banheiro. Era pequeno e meio sujo. Ela cobriu o vaso sanitário com um forro de papel, usando a caixa toda. Depois sentou-se depressa e pegou o celular. Duas ligações perdidas. Uma de seu pai e uma de Mark. Ele também havia enviado uma mensagem de texto. **Você está em casa? Queria falar com você.** Ela respondeu: **Não posso... Estou com o gato da Krista... Só depois.** Na mesma hora, ele respondeu: **Eu queria ver você. Estou no Lenny's, se você estiver a fim de vir.**

Willow desligou o telefone. O Lenny's era o bar preferido de Mark no bairro, uma quadra depois de seu apartamento no East Village.

Ela o imaginou comendo amendoim e assistindo a um jogo de beisebol. Sentiu o estômago revirar.

Os pontos de conflito entre eles normalmente eram resolvidos com os galanteios de Mark, já que sua atenção era algo muito reconfortante e consistente. Ela gostava dessa parte dos conflitos, apesar de não revelar: passava um ou dois dias incomunicável. Depois, abria a porta para ele, com cuidado e timidez. Porém, naquele momento ela queria vê-lo e evitá-lo com a mesma intensidade. E, provavelmente, não era assim que deveria se sentir com relação a um namorado. Não que Willow tivesse um grande senso de compromisso. Nenhuma das — como dizer? “Situações”? Nenhuma das situações do passado tinha sido oficial. Porque, quando algo não era oficial, não era possível que o outro se magoasse oficialmente. Nem magoar alguém oficialmente.

Ela enrolou um pouco de papel higiênico no dedo mínimo, demorando para voltar para perto de Krista, que certamente estava envolvida em uma turbulenta sessão de paquera.

O lance do sexo na frente do espelho persistia em sua mente como um adolescente chato: insistia em chamar atenção, apesar de estar sendo ignorado. Willow certamente não sabia instigar quando o assunto era sexo. Às vezes, até ficava aliviada quando eles tinham feito sexo na noite anterior. Aquela situação maluca não tinha acontecido antes. Mas talvez tivesse sido inevitável. Talvez fizesse parte do motivo pelo qual o compromisso fosse algo tão ruim para ela: a intimidade inevitável, a exposição humilhante de cicatrizes. Ou seria só porque Willow sabia o que muitos outros tentavam negar — que todo mundo perde sua graça, seu brilho especial, depois de certo tempo...

A porta do banheiro se abriu. Duas garotas entraram. Willow começou a ouvir, mas logo parou quando elas falaram de um teste que tinham feito, e se deveriam beber mais ou não. Só voltou a prestar atenção quando uma delas disse:

— Você viu a rapidez com que aquela garota foi para a mesa dele?

— Pois é, nojenta! — disse a outra. — Essas marias-comediante acabam com nossa reputação.

Aquelas garotas estavam falando sobre ela e sobre Krista?

— E aquela loira? Eu fico puta ao ver que os caras gostam dessas coisas. Ela parecia ter a personalidade

de um lápis.

— Pois é! Mas, pelo menos, o lápis serve para escrever.

A porta de uma cabine se abriu, e Willow se assustou. O celular escorregou de seu colo, caindo no chão.

— Foi o meu? — Os tênis da garota do outro cubículo se mexeram.

Willow levantou os saltos do chão, com o coração aos pulos. Sussurros, baixos demais para serem ouvidos.

Uma delas murmurou:

— Ai, merda...

Por um momento terrível, ela pensou que as garotas tentariam se desculpar. Mas, em vez disso, abriram a porta do banheiro e saíram.

Willow sabia que não podia levar os comentários delas para o lado pessoal — aquilo não era sua essência, era uma máscara. Uma fantasia. O corpo de uma desconhecida que ela estava ocupando, pegando emprestado... Por quê? Em algum ponto de sua mente, ela tinha certeza de que havia um desejo, um motivo escondido, mas não conseguiu entender. Isso não parava de escorrer pelos dedos, escorregando pelas frestas do que era conhecido.

Esperou por alguns minutos longos e silenciosos antes de abrir a porta da cabine. Estranhamente, ela quase sentia medo de olhar para a moça do espelho. Algo obscuro tomava suas entranhas, subia pela garganta. Ela se olhou no espelho.

Havia alguém atrás dela.

Ela se virou, assustada demais para gritar.

Mas não havia ninguém ali. O que ela pensou ser um rosto era um pôster, um anúncio de um espetáculo de stand-up. Ela estava sozinha no banheiro.

Abriu a torneira e se inclinou para molhar o rosto. *Estou bêbada*, pensou. *Estou vendo coisas que não existem*.

Ouviu Krista antes de vê-la. A amiga estava se portando como uma rainha. Os caras estavam todos em cima dela. Willow imaginou rédeas invisíveis nos dedos de Krista. Havia uma nova rodada de bebidas na mesa — eles tinham decidido beber o que parecia ser uísque.

Willow se sentou em um banco vazio. Não quis se aproximar mais do bar para não ver as duas garotas do banheiro. Pediu vinho branco e pensou no que fazer. Ir para casa, provavelmente. Evie ficaria preocupada.

— Posso pagar uma bebida para você?

Dan, o cara alto, escritor, estava ao lado dela, sorrindo de modo amigável.

— Acabei de pedir uma.

— Posso me sentar com você? — Willow deu de ombros, e Dan fez um sinal ao bartender.

— Quero o que ela for tomar. — Ele se sentou ao lado dela. — Caroline, certo?

Ela assentiu.

— Dan — disse ele, tocando o próprio peito.

A moça assentiu de novo.

— Eu me lembro.

Ele pareceu feliz.

— Então, posso fazer a pior pergunta do mundo?

— Qual é?

— O que você faz?

Willow riu baixinho.

— É *mesmo* a pior pergunta do mundo.

O bartender colocou duas taças de vinho amarelo-claro na frente deles. Dan pegou a carteira e tirou uma nota de vinte dólares.

— Por favor — disse ele.

Ela sentiu que ele estava muito interessado e se virou para olhá-lo.

— Sou modelo. É o que faço.

Ele sorriu como um garoto.

— Imaginei.

— Por quê?

Ele deu de ombros, o sorriso mais malicioso.

— Porque você é linda.

Willow repassou as palavras em sua mente de novo. *Porque você é linda.*

Mark dizia coisas assim para ela, mas os dois namoravam. Nenhum homem dizia algo assim, não de um jeito que parecesse verdadeiro, como se fosse uma observação, e não uma cantada. Um interesse em algo, não em Mark, mas algo a respeito da situação, despertou dentro dela.

— Você me acha linda?

— Ah, qual é! — disse ele, rindo baixinho. — Você sabe que é.

Ela o observou. O rapaz estava ficando vermelho.

— Você quer fazer sexo comigo?

Mark piscou uma, duas vezes.

— Como é? — perguntou. — Devo estar tendo alucinações, porque pareceu que você disse...

Willow se aproximou dele.

— Quer ir para algum lugar para tirarmos nossas roupas e tocarmos o corpo um do outro com a boca até gozar? — Por dentro, ela sentia um calor, algo perigoso. — Quer fazer sexo comigo?

Ele olhou para as mãos, segurando a taça de vinho, depois para ela. Sua voz estava calma.

— Claro que quero fazer sexo com você, Caroline.

Willow não pretendia dormir com aquele jovem escritor assustado. Ela nunca faria isso com Mark. Mas a brincadeira era divertida. Estava interpretando um personagem, alguém distante, alguém inevitável e cheio de desejo. De certo modo, era alguém que ela não conseguia definir, mas não perderia aquela oportunidade. Por mais perigosa e emocionante que a situação toda fosse, também havia algo estranhamente reconfortante nela, algo conhecido. Algo familiar.

— Onde?

— Eu, ah... — Ele engoliu em seco. Como se fosse a revelação mais importante da história do mundo, ele disse: — Estou em um quarto de hotel.

A pulsação dela estava acelerada.

— Você não tem namorada? — indagou, de modo brincalhão.

Ele olhou para ela fixamente. Uma camada de suor cobria sua testa.

— Porra...

Foi a vez de ela piscar sem entender. Ela estava brincando.

— Você... tem namorada?

Ele suspirou, parecendo em apuros.

— Tenho uma noiva.

A raiva tomou conta de Willow, quente e inesperada. Sua voz estava cortante.

— Poxa, que merda!

— O quê?

— Seu imbecil. Você quer me ferrar? Trairia sua futura esposa? — Ela sentiu vontade de jogar o vinho na cara dele. Com taça e tudo. — Vá se foder.

— Caroline, espere.

Ela pegou a bolsa.

— Ah, vá se foder!

Do lado de fora, a cidade se desenrolava. Willow trombou em um grupo de bêbados. Eles riram e seguraram os braços dela, com bafo de cachorro-quente e cerveja. Um dos rapazes com uma cara pálida disse:

— Ei, gostosa! Quer brincar?

Willow deu uma cotovelada na barriga dele. Ele a xingou de vagabunda.

Os amigos dele riram. A rua estava cheia de carros espalhados pelo concreto da cidade; tudo se espalhava, tudo era abjeto. Ela fez sinal para um táxi. Quando o motorista perguntou para onde iriam, ela respondeu:

— East Village.

## 12

— Claro que deveriam fazer um filme sobre eles! — Krista bateu a mão na mesa, sem perceber. — Ben e Jerry são heróis americanos.

— Uma *fotobio*. — Ravi soluçou. — Biofoto. Biografia com fotografias.

Krista levou uma taça aos lábios e ficou surpresa ao ver que estava vazia.

— Quem deveria participar? Sou muito bom nisso: Ben... Stiller, claro.

— Claro — concordou Ravi.

— Sim, ele é um bom nome, ele costuma ser... Ben Stiller e... ai, qual é o nome do pai dele, ele é tão engraçado...

Naquele momento, Krista e Ravi arregalaram os olhos. Bateram as mãos na mesa animadas, chacoalhando os copos.

— Jerry!

— Ben e Jerry!

— Uau! — Krista não soube lidar com aquilo. — Uau!

— Ele deu esse nome ao filho de propósito?

— Uau! Ben e Jerry, Ben e Jerry, como a marca de sorvete!

Eles se entreolharam, boquiabertos e surpresos.

Um segundo depois, Krista se lançou na direção de Ravi Harlow.

O depósito estava úmido e tinha cheiro de ketchup, mas Krista não notou porque estava com a língua na boca de Ravi.

— Jesus! — A voz dele estava abafada. — Você é... excitável.

— Aham. — Krista passou uma das pernas por trás da coxa dele, impulsionando-se para cima.

Ele titubeou, quase perdeu o equilíbrio.

— Oops... — Krista parou no meio do movimento e secou a boca. — Não estou acostumada a ser tão grande.



— O quê?

Ela o empurrou, sorrindo.

— Deixa pra lá.

Com línguas, braços e pernas enroscados, o casal passou por caixas de guardanapos e engradados de cerveja. Ao abrir os olhos, Krista viu um movimento. Havia outro casal ali. E o sujeito era a cara do...

— Porra! É um espelho. — Nele, o cabelo dela estava solto, as pernas eram compridas, o traseiro, perfeito... — Sou gostosa pra caralho! — Ela gemeu, virando-se um pouco para se admirar.

Ravi beijou seu pescoço.

— E tem um ego enorme, também.

Krista não deu atenção. Sua mente estava longe. A pele coçava. O sexo precisava acontecer. Naquele instante.

Ela arrastou Ravi em direção a um freezer pequeno no canto. Subindo nele, ainda se via no espelho rachado. Perfeito. Ela puxou Ravi para beijá-lo. Ele tinha cheiro de uísque. — Quer chupar minha boceta?

— Isso não é uma... não é uma pergunta, ou é? — Os olhos dele estavam um pouco vidrados. — Mais parece... uma ordem.

Ela passou a língua pela orelha dele. No espelho, um comercial da Axe começou.

— Você quer?

Ele assentiu.

— Quero. — Pressionou os dedos entre as pernas dela, fazendo-a sentir uma onda de arrepio. Ela gemeu e, então, riu.

— Porra! — Aquilo seria memorável.

A calcinha foi retirada, já úmida. Dedos tocaram a parte de dentro das coxas dela. Cada terminação nervosa causava reações fortes; ela estava cheia de desejo, tomada pela adrenalina. E então... o êxtase. Quente, forte, intenso. O prazer partiu do clitóris e subiu pela espinha. Ela puxou o ar e gemeu alto. Aquilo era loucura. Entre o cara no meio das pernas dela e a gostosa no espelho, era quase como se estivesse rolando sexo a três. Ou como se ela estivesse assistindo a um filme pornô. Ou participando de um pornô bom, do tipo que você pagaria para ver.

— Isso, lindo — gemeu ela, meio resmungando. — Isso mesmo. Coma minha boceta... — As palavras eram sussurros. — Sua putinha, isso! — Normalmente, Krista também não era de falar. Mas acabou que a mulher no espelho era... falante. — Seu cachorro! Seu cachorro, chupa minha boceta, minha bocetinha molhada...

Ravi parou. Krista olhou para baixo e viu as sobrancelhas dele franzidas.

— Cara, eu não mandei parar...

Ravi retomou o ritmo, e ela respondeu esfregando-se mais nos lábios dele.

— Assim... Isso... É, você está com vontade. Não chupa ninguém há dias, seu safado.

Aquele corpo, aquele homem, era melhor do que a fantasia.

A boca entre suas coxas começou a sugar, e uma onda estava vindo, um tsunami, ela estava sentindo.

— Chupa! Chupa! Vou gozar duas vezes. Vou gozar três vezes! Isso! Isso!

Usar o Bonita foi a melhor decisão que ela tinha tomado.

— Porra! Porra, vou gozar...

Então... a queda livre. O momento em que o orgasmo é inevitável, o momento em que você navega, escorrega, desce a montanha, para o abismo, a abertura, indo além.

— Não para, não para, não para...

Com os olhos fechados e as pernas esticadas. Bingo! No alvo. Na mosca. O orgasmo tomou seu corpo com a sutileza de um esquadrão. Ravi, ainda a todo vapor, diminuiu a pressão, mas manteve a língua em movimento. Ondas de calor ricocheteavam pelo corpo de Krista, fazendo seus músculos tremerem como uma marionete sendo controlada por fios de barbante.

— Ah, isso, porra!

Por fim, a sensação começou a diminuir. Ravi ficou de pé, meio trêmulo, os cabelos despenteados.

— Caramba, mulher... Que boca você tem!

Krista jogou a cabeça para trás e riu. Tudo estava bem no mundo. Estava tudo certo. Tudo daria perfeitamente certo.

Observar Mark parecia ilegal. Tudo na situação era contraproducente. Errado, como um condenado fora da prisão.

Mas ela não conseguia se mexer, e fazia vinte minutos que não se mexia.

Então, Willow se sentou do outro lado do bar, longe do namorado, observando-o assistir ao Red Sox.

Observando-o bebericar uma cerveja preta.

Observando-o pegar amendoins de uma tigela de madeira.

Observando-o olhar o telefone.

Só observando.

Ele parecia à vontade sentado sozinho. Não parecia prestar atenção a nada, como se quisesse que as pessoas pensassem que ele estava à espera de alguém. Aquele era um Mark novo: o Mark que ele era quando ela não estava por perto.

Na verdade, ela o tinha visto assim antes, na noite em que se conheceram. Era a festa de Natal da amiga do Clube do Livro de Evie, em Park Slope. Quando Willow e Evie chegaram, já estava meio cheio: pessoas gritando, suadas, com pratos de queijo que pareciam ter sido atacados por lobos. Willow e Evie tinham começado a sair juntas com frequência, mas festas em casas sem leões-de-chácara, cheias de pessoas falando sobre doutorado em vez de balada ainda eram uma novidade. Willow acabou em um canto da cozinha, bebericando prosecco e ouvindo o monólogo de Evie a respeito do privilégio dos brancos a um garoto asiático que só concordava assentindo com a cabeça e olhando furtivamente para os seios dela. Ela começou a pensar em um novo projeto de fotografia que tivesse algo a ver com os anéis de Saturno e o Inferno de Dante, e em gatinhos recém-nascidos com olhos ainda fechados, quando notou a presença de Mark.

Ele estava na frente de uma estante enorme na sala de estar, conversando com uma garota baixa usando óculos de sol de gatinho. Havia algo nele que era instantaneamente... encantador. Seu olhar era firme, mas não invasivo. O rapaz sorria quando falava, ria quando parecia que ela havia feito uma piada. Willow, que na época estava saindo com um estudante de cinema da NYU que era mais apaixonado pela cocaína do que por ela, se pegou olhando para ele com tristeza, pensando que aquele era o tipo de cara com quem ela deveria estar. Naquele exato momento, sem qualquer motivo, ele olhou para a frente, para ela. Quando sorriu, foi como se a abraçasse.

Agora, ela estava olhando para ele, mas ele não retribuía o olhar.

— Querida?

Willow levantou a cabeça com culpa. O bartender — um cara mais velho, que ela não reconheceu — a observava de um jeito esquisito.

— Desculpe. O que foi?

— Quer mais vinho?

— Hum, não, obrigada...

O bartender lançou um olhar atento para Mark.

— Às vezes, você precisa dar o primeiro passo.

— O quê?

Mas ele já tinha se virado de costas para começar a guardar copos limpos de cerveja.

— Às vezes, você precisa dar o primeiro passo.

Para quantas moças o bartender dizia aquilo? Quantas moças tinham dado em cima de Mark quando ela não estava ali? Quantas ele tinha deixado? Quantas...

Mark se virou. Ela ficou tensa. Os olhos dele observaram os outros clientes e pararam nela. Uma onda de energia percorreu seu corpo. Depois, o olhar dele seguiu adiante, até o bartender. Ele fez sinal pedindo outra cerveja e voltou a assistir ao jogo.

O coração de Willow estava acelerado. Ela se sentia aliviada, claro, por Mark não ter tentado trocar olhares com ela. Porém, ao mesmo tempo... decepcionada.

Ela desceu do banco. Quando estava a poucos metros dali, Mark notou sua presença e olhou para a frente. Willow estava analisando o olhar dele, antecipando uma sensação de expectativa satisfeita, mas nada aconteceu. Só curiosidade educada, transformando-se depressa em confusão, enquanto ela permanecia ali, sem jeito.

— Posso... pegar seu telefone emprestado?

— Ah, claro.

Mark escorregou o iPhone pelo balcão em direção a ela e sorriu. Um sorriso solícito, simpático, com limites solícitos e simpáticos.

Ela pegou o telefone depressa, sem saber o que fazer. Seus dedos digitaram o código automaticamente: 9891. O ano em que ele havia nascido, de trás para a frente.

Mark olhou para a frente.

— Como você sabia meu código?

— Esse... também é seu código?

— Oi?

— Eu... — Ela deu uma risada com nervosismo. — Ah, que esquisito... Acabei de inserir meu código, por costume...

— É o mesmo que o meu?

— Acho que sim.

Eles se entreolharam. Mark abriu um sorriso.

— Que maluquice! A possibilidade de isso acontecer é... Que coisa maluca.

Willow olhou para a tela. E agora? Para quem ela poderia telefonar?

— Estou trancada fora do meu apartamento.

— Que droga!

Ela devolveu o celular.

— Não sei o número da amiga que mora comigo.

Ele olhou para ela. *Então, por que pediu meu telefone?*

— Desculpa. — Ela deu de ombros, rindo de si mesma. — Estou meio maluca.

— Por que não envia um e-mail para ela? — sugeriu Mark. — Ou por que não manda um *tweet*? Ela usa o Twitter?

A cara do Mark. Ele resolvia até problemas que não existiam.

— Não, tudo bem. Deixei um recado. Acho que ela chega em breve.

— Tudo bem.

Os dois se entreolharam. *É isso*, pensou Willow. É o teste. Ele se ofereceria para pagar uma bebida à bela loira de lábios cor-de-rosa perfeitos? Estaria imaginando um beijo entre eles? Uma transa?

— Boa sorte — disse ele. — Espero que você não passe muito tempo esperando.

Ele voltou a olhar para o jogo.

— Posso me sentar com você? — Willow aproveitou a oportunidade, antes que ela passasse. — Enquanto espero?

Algo passou pelo rosto de Mark. Fez-se uma pausa, mas antes que a situação se tornasse desconfortável, ele disse:

— Claro.

Willow se sentou, com cuidado e triunfante. Era uma vampira que tinha sido convidada para entrar. Uma assassina que tomaria um chá. Era a bolsa cor-de-rosa de Krista que ela colocou no balcão, porém era pouco provável que Mark a reconhecesse.

— Você mora aqui perto? — perguntou ele. Simpático. Solícito.

— Hum, sim. Na rua Eighth.

— Moro na Tenth, entre a A e a B.

Willow assentiu. *Eu sei*.

— Boa região.

Ele inclinou a cabeça, pensando no que ela disse.

— É legal. Minha namorada e eu vamos nos mudar para o Brooklyn ainda este ano.

Aquilo a tomou de surpresa. A palavra *namorada* foi de propósito, ela percebeu no mesmo instante. Ótimo, o Mark fiel estava dizendo que tinha uma namorada à loira em apuros que estava trancada fora de casa. Porém, eles não tinham conversado sobre morar juntos. Tinham dito em tom de brincadeira: “Quando formos morar juntos, vamos ter isso e aquilo”. Será que ele só estava situando a loira? Ou seria o plano de Mark, algo que ela — sua namorada de verdade — não sabia?

— Nunca morei com ninguém — contou Willow, com sinceridade.

Nem Mark. Morar juntos seria uma novidade para os dois.

Mark abriu uma casca de amendoim.

— Eu já.

Willow escondeu a surpresa com uma expressão controlada.

— É mesmo?

— Um ano depois da faculdade.

Um ano depois da faculdade, Mark estava namorando... Michelle? Marissa? Alguém cujo nome começava com *M*. Willow buscou detalhes na lembrança. O relacionamento tinha sido uma merda; ela bebia muito gim barato que a deixava bastante alterada. Por isso, ele deixou de se envolver completamente nos namoros. Eles discutiam muito. Moraram juntos? Willow tentou se lembrar se já tinha perguntado a Mark se ele já tinha morado com alguém ou se o assunto nunca tinha surgido, e Willow havia presumido que ele

nunca tinha feito isso. Não se lembrava.

— Com quantas pessoas divide o apartamento? — perguntou Mark.

— O quê? Ah, com uma. — Willow procurou palavras. — Só uma.

— Bacana. — Mark tomou um gole grande de cerveja. — Eu moro sozinho.

O silêncio se fez. Mark bebeu mais cerveja. Ele desviou o olhar de Willow para o jogo e seu telefone. Estava nervoso? Ou só entediado? Ela se lembrou de novo da festa de Natal em Park Slope. Quando ele a encontrou por acaso, esbarrando as mãos que enfiavam chips de tortilhas em um porte com molho de feijão, já passava da meia-noite. Nenhum dos dois se lembrava do que tinha sido dito naquele primeiro momento constrangedor, mas Willow se lembrava de se preocupar com a possibilidade de ele estar entediado. Ela perguntou: “O que foi?”, porque queria saber se o rosto estava sujo de molho. Mark disse:

— Você me lembra alguém.

Semanas depois, em um momento de intimidade e bebedeira, confessou que ela o lembrava de sua futura namorada.

— Você está ansioso para morar com sua namorada? — A pergunta tirou a atenção de Mark do jogo. — É um passo importante — acrescentou. — Morar juntos.

Mark assentiu lentamente. Seu rosto parecia confuso.

— Sim, estou. Sei lá. É o próximo passo, não é?

Willow deu de ombros.

— Não sei. É?

Ele riu baixo.

— Sim. Namorar, morar juntos, casar, ter filhos. Todas essas coisas boas.

— Você quer se casar com ela? Com sua namorada?

E, apesar de Willow ter tentado perguntar com delicadeza, até de modo brincalhão, Mark olhou para ela com surpresa e respondeu:

— Não sei se... se é algo...

— Ah, desculpa. Só estou puxando papo. — Willow tamborilou as mãos no balcão. — É que... você é muito jovem. — Ela se inclinou na direção dele, arqueando uma das sobrancelhas, em uma expressão meio lasciva. — Não quer *passar o rodo* antes de se comprometer?

Mark levou a taça aos lábios.

— Não sabia que as pessoas falavam assim.

— Falar o quê?

Ele engoliu a bebida antes de responder.

— *Passar o rodo*.

— Acho que eu falo assim. — Ela fez uma careta para si mesma... *Idiota! Você não consegue paquerar nem mesmo seu próprio namorado!*

Mark riu e, quando ela olhou para a frente, ele a estava analisando.

— O que foi? — perguntou ela, um tanto surpresa.

Mark balançou a cabeça e bebeu a cerveja. Ele colocou o copo no balcão e se inclinou para a frente. Seus olhos eram castanhos, bem fortes.

— Você me lembra alguém.

Willow sentiu o coração acelerar. O som caiu em um vácuo.

*Você me lembra alguém.*

Um telefone começou a tocar. Cerca de cinco segundos se passaram até ela perceber que era o dela, na

bolsa de Krista. Insistente. Incriminador.

Ela o pegou, mas era tarde demais. Os olhos de Mark se arregalaram em surpresa.

— Desculpa — disse ela. E se levantou. — Eu não deveria ter vindo.

— Espere um pouco...

— Não, sério. — Ela se afastou dele e de sua mão estendida. — Eu não deveria ter vindo.

— Espere...

— Não, sério. — A vergonha ficou evidente em seus olhos. — Eu não mereço você.

A ressaca de Krista era algo terrível, sem fim: enormes aves de rapina bicando uma carcaça apodrecida em algum deserto distante. O rímel a tinha transformado em um zumbi sexy. Ela bateu com vontade à porta do banheiro. A porta se abriu. Havia uma desconhecida ali.

Krista gritou.

A desconhecida gritou.

Willow se levantou do sofá.

— Kris, sou eu. É a... — A desconhecida hesitou. — ... Evie.

A moça estava usando o roupão de banho de Evie, e sua expressão era de susto e culpa. Por baixo da franja castanha e úmida, apareciam olhos redondos como planetas e tão azuis que quase chegavam a ser roxos.

Krista se sobressaltou, e a ressaca foi esquecida por um momento.

— Cara. — Ela passou a mão nos olhos para analisar a pele de porcelana da garota, os lábios vermelhos como cerejas e os centímetros a mais de altura. — Você está parecendo a Zooey Deschanel, porra. Como estão seus seios? — Ela puxou o roupão de Evie para ver.

— Kris! — Evie deu um tapa na mão de Krista. — Regras da cadeia: não pode tocar.

Willow se aproximou, sonolenta, espreguiçando os braços como se fossem galhos de uma árvore.

— Mas você disse que não ia tomar.

— É só por uma semana — insistiu Evie, fechando o roupão. — E tenho um plano. — Ela se levantou, corajosa. — Vou me tornar a nova apresentadora do *Extra Salt*.

— Incrível... — Krista sorriu e assentiu. — Beleza. — Depois, fez uma careta. — Espera aí, o que é isso?

Evie acendeu o fogo para a chaleira e abriu uma lata de café, explicando que aquele era o último dia dos testes para a série on-line. Ela já tinha enviado um e-mail a Ella-Mae, afirmando que sua avó havia falecido e que ela precisava ir para a Flórida para o velório. Assim, ganharia uma semana.

— Legal. — Krista bocejou. A última vez que havia acordado antes das oito da manhã tinha sido... nunca. Ela se sentou de qualquer modo em uma das três cadeiras de madeira que não combinavam entre si, que



tinham sido encontradas na rua, ao redor de uma mesa de cozinha pequena. Willow estava tomando uma ducha no banheiro, que tinha passado por uma faxina completa pela segunda vez nas últimas vinte e quatro horas. — E... depois?

— Depois, eu ataco, tipo um cavalo de Troia. A apresentadora pode escrever as histórias. — Evie colocou três colheres de café na cafeteira francesa, observou a aparência de Krista e acrescentou: — Estou usando a beleza para subverter o sistema. Tipo o livro *Glamorama*. Só que sem o terrorismo.

Evie olhou para seu reflexo na porta do micro-ondas. O contorno do rosto de uma estranha foi o que viu. O mundo se virou e estremeceu, como em um sonho e bem irreal. Mas, enquanto observava seu reflexo, ele voltou a se firmar. Mesmo com os cabelos úmidos, mesmo estando levemente nauseada, a garota do micro-ondas era muito... bonita. Mais do que bonita. Linda. Assustada, ela desviou o olhar, corando de embaraço. Tinha um plano. Subverteria o sistema. E, para isso, não poderia ficar observando seu reflexo em um forno.

— Ótimo. — Krista esfregou o rosto. — Então, é algo aberto para qualquer um?

Evie se ocupou de despejar água fervente sobre o pó.

— Hum?

— Aberto para qualquer um. Você disse que é uma série on-line? — O sentido escondido ali estava claro.

*Posso me candidatar?*

Evie passou a falar com calma e sensatez.

— Não, só com convite. Eles me pediram para cuidar da lista. Alguém ligou para dizer que estava doente. Por isso, vou tomar o lugar dela.

— Espertinha. Você não é disso.

— Não? — perguntou Evie, mas sabia que Krista tinha razão.

Ela não costumava ser tão incisiva, mas também não costumava roubar a vaga de teste de sua amiga, o lugar que a própria Evie havia conseguido para ela. O Bonita afetava o comportamento, além da aparência? Ou eram apenas os efeitos de ser linda: uma sensação de direito ou capacidade de ser o mais forte e sobreviver?

— Não, não é. — Krista inclinou a cabeça para Evie, analisando seu novo rosto.

Krista era boa em detectar as mentiras de Evie — uma habilidade que a tornava uma boa futura advogada —, mas naquele momento ela parecia incerta, e não suspeita.

Evie baixou os olhos, fingindo se ocupar com a cafeteira francesa.

— Você acordou cedo. Não me diga que é o começo de uma Krista totalmente nova.

Krista assentiu de modo enfático, colocando-se de pé.

— Hoje é o primeiro dia da minha verdadeira... — Ela fez uma careta e se inclinou para a frente. — Eu me sinto péssima.

— Cuidado, hein? Talvez o efeito passe mais depressa se ingerir álcool.

Krista balançou a cabeça.

— Penny disse que duraria uma semana. Além disso, ela estava em um bar quando eu a vi. Estava bebendo. Podemos confiar nela.

— Nenhuma de nós a conhece de verdade — disse Evie. — Tampouco sabemos o que é isso. Nem quais são os efeitos em curto prazo. Nem em longo.

Krista abriu a boca, imediatamente na defensiva. Mas, então, parou. Não havia como negar o que Evie tinha dito. A amiga lhe entregou uma xícara de café. Talvez aquilo tivesse sido um erro, mas era tarde demais para se arrepender.

Krista resmungou e esfregou os olhos.

Evie olhou para ela, desconfiada.

— Ainda pretende encontrar seu agente superchique?

— Sim — respondeu Krista. — *Sim*.

— Certo. Não fique na defensiva.

— Não estou na defensiva. — Krista fez um bico. — É que eu poderia contar com seu apoio hoje. Pode vir comigo?

— Desculpe, querida. Tenho um teste para fazer. — Evie parou na porta. — Hum...

— O que foi?

Evie bebericou o café, tentando transformar a inquietação em animação.

— É a sua cara dizer isso.

— É... — disse Krista. Ela olhou para Evie por tempo suficiente para fazê-la se sentir culpada. —

Acredito que você esteja fazendo o meu papel hoje.

Evie quase engasgou.

Entrar no prédio Heimert Schwartz foi um exercício de ser fazer de desentendida. *Não posso usar meu código de segurança. Não posso cumprimentar ninguém. Não me lembro do nome de Lukas*. Depois de se registrar como convidada, Evie se olhou no espelho do elevador. Demorou bastante para perceber o rosto bonito e tímido que olhava para ela. Podia jurar que os outros dois caras do elevador a observavam. Era uma sensação tão desconhecida que ela não sabia como reagir. Essa nova garota gostava desse tipo de coisa? Ou era algo dispensável, familiar demais para ser até mesmo excitante ou irritante?

Pelo menos, ela sabia o que esperar das pessoas. Uma saleta cheia de garotas, todas demonstrando indiferença bem treinada. Ela precisou de um banho e quatro trocas de roupa para se igualar a elas. Escolheu um vestido florido, vintage, com uma gola Peter Pan que nunca a havia favorecido — uma de suas roupas do tipo “quando eu tiver uma virose muito grave e perder oito quilos” — e um par de sapatos vermelhos peep-toe de Krista. As mudanças mais incomuns eram duas subtrações: primeiro, ela não precisava mais usar óculos. Evie usava óculos desde o ensino médio. Havia leveza em seu rosto; uma forte ausência com a qual ela ainda estava se acostumando. E, segundo, sua tatuagem havia sumido. Era esquisito; ela gostava da tatuagem, mas a tinta tinha se espalhado com o passar dos anos e o sol a havia desbotado. Por outro lado, o espaço onde o desenho ficava no braço parecia mármore entalhado.

Como no dia anterior, as atrizes que esperavam olharam para a frente todas juntas quando ela apareceu. Mas, ao contrário do que aconteceu no dia anterior, elas não desviaram o olhar automaticamente. Demoraram-se um segundo, analisando a garota de cabelos pretos com rosto em forma de coração: os ombros de bailarina e os olhos de *anime*.

E, quando a garota mais perto dela olhou para baixo, Evie poderia ter jurado que ela havia encolhido um pouco os ombros.

No dia anterior, tinha sido rejeitada. Agora, era concorrência.

— Oi. — Lukas apareceu atrás dela, ao estilo *Feitiço do Tempo*. — Preencham isto, por favor. Serão chamadas por ordem de chegada.

Evie pegou os formulários, nervosa demais para dizer qualquer coisa, com medo de ser descoberta: *Obrigada, sou Evie Selby. E hoje cedo tomei uma poção mágica e estou diferente!*

Ela se sentou. A garota ao lado, uma loira bronzeada e muito platinada que cheirava a bala de menta, aproximou-se sem emitir som. O tempo passou. A cada poucos minutos, ela reafirmava que ainda era uma outra pessoa, fingindo conferir a maquiagem; uma gangorra de ansiedade, alívio, ansiedade, alívio.

Por fim, ouviu seu nome. Seu nome novo.

— Chloe Fontaine?

Evie vinha se preparando psicologicamente para aquele momento desde quando a gotinha roxa pingou em sua língua e soltou seu intestino de um jeito impressionante. O momento em que o chefe, um agente de elenco, e o resto da equipe sorririam para alguém que se escondia atrás de uma máscara impossível. Era uma mudança de realidade, e ela segurava as rédeas. Seu coração parecia um beija-flor no peito. Quando Lukas a chamou para entrar na sala, ela estava tão desorientada que começou a caminhar em direção à cadeira ocupada no dia anterior.

— Não. — Lukas a impediu. — Aqui. — Ele a guiou na direção da cadeira vazia na frente da câmera. — A menos que queira julgar a si mesma — acrescentou ele, simpático.

— Seria ótimo. — Evie se sentou. — Assim, eu conseguiria o trabalho.

Rich, Kelly, Laurel e Carmen riram. Até mesmo Jan esboçou um sorriso. Evie riu junto, pensando: *Meu Deus. Nem teve graça*. Seus colegas de trabalho nunca riam de suas piadas.

Laurel se apresentou, depois apresentou os outros: o jovem Rich, Kelly de botas com detalhes de aço e cabelos loiros lambidos, e Carmen, que estava vestida com um blazer que certamente era da Zara. Além de, claro, Jan, usando uma blusa de lã fina e com uma expressão de curiosidade.

Evie sorriu para cada um deles. Seus lábios se estenderam sobre os dentes, parecendo mais carnudos do que o normal. Chloe Fontaine tinha um sorriso de matar, sem sombra de dúvida.

Lukas olhou para o corpo de Evie.

— E esta é Chloe.

— Com C — disse Evie.

— Isso é importante, não? — O tom de Kelly estava entre brincalhão e crítico.

— Acredito que você não seja Kelly com I — respondeu ela.

Ela estava esperando um riso entredentes. A reação coletiva estava mais próxima de uma gargalhada. Kelly deu de ombros, sorrindo como se dissesse: *Eu pedi essa resposta*.

— Tem uma foto de rosto, Chloe-com-C?

Evie balançou a cabeça. Seus cabelos pareciam compridos e pesados contra seu rosto.

— Acabei de mudar o corte e não consegui tirar fotos novas ainda.

— Ah, tudo bem. — Kelly pressionou *gravar* na câmera.

— Vá em frente e diga seu nome e sua agência — disse Laurel.

Evie olhou para a enorme lente da câmera. Parecia que a sugava.

— Chloe Fontaine. Não tenho representante.

Kelly pressionou *pause*, franzindo a testa.

— Como descobriu este teste?

Evie abordou Jan, rezando para que isso fosse uma boa atitude.

— Divido apartamento com Evie Selby.

— Ah... — A surpresa tomou o rosto de Jan. — É, ela falou sobre você. Pensei que seu nome fosse Chrissie...

— Krista — disse Laurel.

— Ela não deve ter falado direito — disse Evie. — Só estamos morando juntas há algumas semanas. Eu

me mudei para cá no mês passado. — A garota tinha total noção de que todos prestavam atenção nela. Até mesmo o celular de Rich estava na frente dele, intocado. Evie conseguia senti-los pensando nela.

— Bem-vinda a Nova York. — Carmen sorriu, com os dentes brancos e o batom brilhoso. — Está gostando?

— Estou. — Evie se obrigou a sorrir. — Só não estou gostando dos ratos gigantes. Juro que o que vi hoje cedo era do tamanho de uma bola de futebol. Fiquei com medo de que me atacasse.

Todos à mesa começaram a rir. E, apesar de parecerem mais aliviados do que realmente achando tudo engraçado, a sensação de aceitação tomou o corpo de Evie. Tinham gostado dela. E isso era bom.

— Ah, você tem covinhas lindas... — O rosto de Carmen se iluminou de surpresa. Os patrocinadores adoram covinhas.

— Vamos começar — disse Kelly. — Você tem o roteiro?

Evie assentiu. Kelly pressionou *gravar* de novo, e Evie começou.

— Lábios bonitos são desejáveis o ano todo, mas qual batom oferece a cobertura mais duradoura? Testamos suas marcas preferidas para descobrir. — Ela falou um pouco mais baixo, tentando ser sedutora. — Cuidado, nós beijamos e depois contamos a todo mundo! — E, apesar de parecer meio tolo, ela acrescentou uma piscadinha no fim.

Rich assentiu, parecendo satisfeito.

— Pode repetir, mas tentando dar mais entonação de pergunta no começo?

Krista tinha dito que seus diretores sempre pediam uma nova gravação, para verem se a pessoa sabia ser dirigida. Evie repetiu o roteiro de modo obediente, enfatizando a palavra *qual* e tentando parecer mais em dúvida no começo.

— Muito bom — disse Laurel, quando ela terminou. A agente de elenco parecia especialmente educada naquele dia, com uma blusa preta lisa e um colar de pérolas que Evie acreditava ser de verdade.

— Tem ideias para matérias? — Jan parecia muito esperançosa, como Evie nunca tinha visto.

— Tenho. — Evie tirou uma pasta da bolsa e entregou uma impressão a cada membro. — Relacionei dez ideias, incluindo gancho, sugestões de gráficos e de pessoas que podemos entrevistar. Além disso, uma leitura adicional que posso incluir na matéria.

Kelly leu em voz alta.

— “Ascensão da Protagonista Feminista.”

Evie assentiu com animação.

— Pensei que poderíamos começar com protagonistas da literatura para jovens adultos, que é um espaço muito interessante para heroínas criadas para mulheres. Mas vamos um pouco mais fundo para saber quantas heroínas de ação têm espaço e quantas são, sabe como é, simplesmente coadjuvantes submissas e sensuais.

Todos assentiram, parecendo meio surpresos e confusos.

— Agora entendi por que você foi morar com Evie — disse Jan, passando os olhos depressa pelo papel. — Vocês devem ter muito assunto.

Evie assentiu, sorrindo com os lábios contraídos.

— Isto parece bacana: “Quem é melhor em um encontro?” — Rich olhou para ela. — Podemos ver um pouco dessa?

Evie se reposicionou, canalizando sua Krista interna: alegre, vibrante, sensual. Não era difícil. Ela sentia a energia das pessoas se expandindo e se solidificando, enchendo-a de ânimo. Elas estavam prontas para vê-la arrebentar.

— Semana passada, tive dois encontros. Uma das pessoas me levou para jantar e me deu flores e, com a

outra, acabei inventando um problema de família para ir embora. Até aqui, normal. Mas, no meu caso, uma das pessoas era uma mulher e a outra era um homem. Depois de passar cinco anos namorando pessoas de ambos os gêneros, fiquei pensando: quem é melhor em um encontro, homens ou mulheres? — Evie fez uma pausa e olhou para as pessoas. — Então, tenho cinco categorias: confiança, bons modos, sexo, entusiasmo e comportamento pós-encontro. Poderíamos fazer uma contagem e uns gráficos bacanas. E poderíamos entrevistar pessoas na rua para saber quais foram seus piores e seus melhores encontros, ou quem elas acham que são melhores no namoro.

Todos pareciam congelados e faziam caretas esquisitas. Em seguida, todos suspiraram juntos, rindo com o que parecia uma combinação de choque e alívio.

— Uau! — exclamou Carmen. — Foi incrível. Eu acho que ela é fantástica.

Kelly se recostou na cadeira e cumprimentou Rich.

— Minha nossa.

Evie se sentia como se tivesse havido uma explosão dentro dela. Seu coração batia com força, depressa. A aceitação. O entusiasmo. Ela praticamente conseguia sentir o gosto.

Laurel olhou para Jan e assentiu com confiança. Jan não desviou os olhos dos de Evie. Também assentiu.

— Que bom que Evie... sugeriu você.

A animação de Evie acabou ali. Por que a pausa antes de *sugeriu*? Jan parecia em dúvida? Não, Evie concluiu. Ela provavelmente acreditava que Evie orientara Chloe, dizendo exatamente o que estavam procurando, e não havia nada de errado nisso.

Ninguém suspeitou de nada.

— Oi? Claire? — A voz de Willow era cuidadosa e atenta. — María?

Nada. E era o que ela esperava. Claire estava ministrando um curso de verão na Universidade Columbia, seu pai ficaria na Europa até a semana seguinte e María não ia às quintas. Willow estava na saleta, atenta. Era estranho estar ali de novo. Parecia que ela estava invadindo.

Nada estava muito diferente, exceto um novo arranjo de flores na mesa ao lado de onde o elevador se abriu. Lírios amarelos. Willow tinha uma vaga lembrança de que os lírios amarelos representavam falsidade. Mentiras.

Ela atravessou os cômodos vazios como um fantasma. A cozinha parecia desconhecida: grande demais e excessivamente limpa, silenciosa, exceto pelo murmurar do filtro de água. Como sempre, o congelador estava cheio, muito bem-organizado com a couve de Claire, as cerejas e o leite de amêndoas: ela era irritantemente saudável. Willow pegou uma garrafa de vinho branco pela metade.

O armário do banheiro de Claire era igualmente organizado e igualmente saudável. Vitamina D, Tiger Balm, protetor solar orgânico. O armário do pai era melhor. Klonopin, Ambien e, sim, Valium. Willow havia tomado uma dose baixa de Paxil alguns anos antes, mas o efeito a deixava desanimada mais do que ela parecia, acabando com sua criatividade e também com a sua ansiedade. Mas, ultimamente, um Valium de vez em quando não fazia mal. Ela gostava da sensação que o comprimido causava, como se ela estivesse dentro de um vidro, observando o mundo como se fosse um show em um palco. Colocou um punhado deles no bolso.

Willow estava esperando que seu quarto estivesse limpo, apesar de María receber ordens claras para não tocar em nada. Ela imaginou Claire, em uma atitude passivo-agressiva, decidindo lavar as xícaras sujas de café, organizar os livros espalhados e recolher as flores secas amassadas no carpete.

Porém, uma leve e familiar bagunça a recebeu. Uma onda de desânimo. Ela quase queria uma desculpa para ter um treco.

Roupas íntimas, blusas, sandálias. Máscara para dormir, carregador de telefone, vaporizador. Ainda era estranho ver aqueles dedos novos, mais finos e mais compridos do que seus dedos de verdade, pegar as coisas que ela queria. O mais estranho era a rapidez com que se acostumava com eles.

Tomou um gole de vinho e depois mais um.

Ligou o Mac e abriu o Photoshop. As últimas imagens que havia importado apareceram. Mark. Os

retratos que ela havia tirado, a noite em que havia ficado Bonita. Ele, boquiaberto, querendo entender. Uma expressão bobalhona, para fazê-la rir. A expressão séria que ela vinha querendo. Em sua mente, essas imagens tinham sido obscuras; existia algo a respeito da tristeza inerente à masculinidade, mas não havia nada naquelas fotos. Nada triste, nem secreto, nem novo. E certamente nada que valesse a pena mostrar.

Um poço de tristeza, de fracasso inevitável, surgiu dentro dela como uma névoa fina.

Ela não era só uma artista ruim.

Não era nem uma artista.

Arrastou os arquivos para a lixeira.

Seu telefone tocou, e ela se sobressaltou. Mark. Sentiu o estômago revirar.

— Alô?

— Willow? — Mark parecia chocado.

— É.

— Oi!

Ela bebeu mais vinho.

— Oi.

— Espere um pouco. Vou...

Ela ouviu um barulho abafado, impossível de definir e, depois, passos. Conversa e música eram ouvidas ao fundo. Presumiu que ele estivesse trabalhando. E, então, a conversa parou. A voz de Mark reapareceu, mais clara.

— Não achei que você fosse atender.

— Desculpe. — Willow se sentou no banco em que fez Mark se sentar, com as costas curvadas. — Andei doente.

— É... Sua voz está esquisita. Olha, quero muito conversar sobre o que aconteceu aquela noite.

Willow parou quando percebeu que ele estava falando sobre o chilique na frente do espelho. Aquilo tudo parecia ter acontecido com uma garota diferente, sobre a qual ela tinha ouvido falar, mas que não conheceu.

— Não se preocupe. Eu estava... Não se preocupe.

— Eu me preocupo — disse Mark. — Eu... — E por um segundo, ela teve medo de que o namorado dissesse “Amo você”, mas ele parou e só disse: — Claro que me preocupo. Você não tem retornado minhas ligações.

— Eu sei. Desculpe... — Willow passou a mão no rosto, com os cabelos caindo ao redor dele. — Deveria ter ido encontrar você no Lenny’s.

Uma pausa, e depois:

— Eu não fui.

Willow se assustou, como um animal percebendo a presença de um caçador.

— O quê?

Mark bufou.

— Acabei trabalhando até tarde. Está uma loucura aqui agora.

Willow tentou manter a voz calma.

— Não foi ao Lenny’s? Deve ter ficado irritado por ter perdido o jogo.

— É, olha, por que não saímos para jantar? Naquele restaurante japonês que você gosta, Noshi Sushi Sumi, sei lá. Hoje? Posso sair daqui às sete.

— Preciso ir. — Willow encerrou a ligação e jogou o telefone no carpete. A sala girou, como uma montanha-russa.

Mark mentiu para ela.

Ela não acreditava. Mark, que nunca deixava menos de vinte por cento de gorjeta e que telefonava para a mãe todo domingo. Por que faria isso? Por causa de Caroline. Porque queria continuar encontrando a bela e linda Caroline sozinho. O que ele via nela? Quem era aquela garota?

A câmera de Willow ainda estava ligada, virada para o banco. Ela a colocou no automático e se sentou, segurando o controle sem fio como se fosse uma granada. Só conseguia imaginar Mark, sorrindo com nervosismo, sentado ao lado dela no Lenny's.

Apenas uma lágrima quente desceu pelo rosto.

O flash disparou, cegando-a por um momento.



Krista não foi à PCU porque tinha o endereço no telefone, mas então o telefone ficou sem bateria, e ela achava que era na Fifth com a Twentieth (não era) ou talvez a Sixth com a Twentieth (também não era). Por isso, perguntou a um monte de pessoas e uma delas sabia.

Profissionais Criativos Unidos, Fifth com a Thirtieth.

A saleta era muito mais bonita do que o Clever Casting. Só os sofás já eram bem mais bacanas do que qualquer outra coisa de seu apartamento: vermelhos e firmes, sem braços e sem almofadas. A única arte na parede era um quadro de um homem de terno com uma maçã verde na frente do rosto.

Claro que isso era para ser uma metáfora, mas Krista tinha bebido demais para saber do quê. Também havia bebido café demais. Em uma tentativa de acabar com a ressaca, ela havia bebido o bule inteiro de café que Evie deixara. Havia muitos anos não ingeria tanta cafeína. Seu coração batia assustadoramente depressa. Nas axilas, sentia o suor se acumulando.

— Posso ajudar? — Uma garota de cabelos escuros muito bem penteados sorriu para Krista de trás da mesa imponente da recepção.

— Espero que sim. Ou melhor, sim, claro. Vim à procura de Cameron Mitchell.

Ela havia pesquisado sobre o jovem agente dos astros antes de sair.

— Seu nome?

— Lenka.

— Sobrenome?

O que havia decidido? Ela havia reduzido centenas de nomes esquisitos para algo bacana e artístico como Lenka. Mishra, Prajapati, Dwivedi... A lista surgiu à sua frente, recusando-se a tornar um nome sólido e crível.

— Seu sobrenome?

Krista olhou para a recepcionista. Na frente dela, havia uma pilha de Post-its e uma caneta de ponta de feltro.

— Pen... ka.

— Lenka Penka.

— Sim.

Ela não acreditou na besteira que falou. Aquele era o nome mais idiota do mundo inteiro.

A recepcionista observou Krista da cabeça aos pés, quase discretamente. Então, pegou o telefone e digitou um ramal.

— Lenka Penka está aqui para falar com Cameron. — Prestou atenção por um segundo e, depois, desligou. — Cameron está fora do escritório, mas, se você puder esperar, ele volta em cerca de dez minutos.

— Ótimo, cara. — disse Krista. — Demais!

Krista caminhou até um dos sofás. A saia que estava usando era tão curta que ela não poderia cruzar as pernas sem oferecer ao cara à frente uma vista completa de sua *florzinha*. Procurou um chiclete na bolsa, desejando que seu celular não estivesse sem bateria, mas também contente porque, assim, podia parar de conferir a tela e ver que havia mensagens de voz seu pai. Ela não conseguia se convencer a ouvi-las: longos discursos sobre por que ela precisava voltar para a faculdade de Direito, sem dúvida. Retraindo-se, Krista percebeu que nem sequer poderia usar as conquistas dos cursos de atuação como argumento: seu pai não reconheceria a própria filha no momento. Era melhor que ele não aparecesse no apartamento sem ser convidado...

— Belas botas.

O cara do outro lado estava sorrindo para ela. Cabelos ondulados e macios, rosto tranquilo.

Jeans desbotado, camisa de flanela. O tipo de cara que choraria assistindo a um filme da Disney e escutaria música folk. Primeiro pensamento: *Não estou interessada*. Segundo pensamento: *Seria capaz de matar esse cara para fumar um cigarro*.

— Ah, obrigada. — Krista olhou para eles. — Acho que hoje estou na *vibe* “mais é... mais”.

Sempre que ela se movia, fazia barulho.

— Estou vendo. — O cara sorriu de novo, apontando com a cabeça o colete peludinho de Krista, gola de penas e sete milhões de anéis.

— Sim, mas, para ser sincera, estou me sentindo menos “it girl” e mais “brechó”.

O cara riu.

— Você está ótima. Eu certamente compraria algo nesse brechó.

De alguma maneira, ele não pareceu escroto ao dizer isso. Krista encontrou o chiclete e o enfiou na boca, aliviada por ter algo a fazer.

— Meu nome é Greg.

— Kris... Lenka. Sou Lenka.

— Seus pais eram hippies ou estrangeiros?

— Hum... Que tal os dois?

Ele riu de novo. Uma risada agradável, convidativa.

— E o que a traz a esses corredores vazios, Lenka?

— Sou atriz. Eu atuo.

Greg inclinou a cabeça para ela.

— Você fez *True Blood* há alguns anos?

— Não. Fiz mais trabalhos independentes. E teatro. Muito teatro.

— Tipo o quê?

A única peça em que Krista atuara até então tinha sido um espetáculo de um ato no New York Fringe Festival, a respeito de uma família que se transformava em plantas. Ela havia interpretado uma samambaia. Lembrou-se do ensino médio, de bebedeiras e de *pegação*.

— Hum, *Hamlet*.

— Fantástico.

— *Nossa cidade*, do Thornton Wilder.

— Uau.

— Estou fazendo algo com o Wooster Group — contou ela, lembrando-se de uma matéria recente do *The New Yorker*.

Greg assentiu, olhos atentos e surpresos.

— Você faz parte da companhia atual?

Krista assentiu como se o menor movimento fosse diminuir sua duplicidade.

— No que vocês estão trabalhando?

Ele olhou para o quadro na parede.

— “Maçã... Rosto... Homem”. O que você faz?

— Dirijo filmes — anunciou ele, com certo orgulho, como se isso ainda fosse algo novo.

O fato de Greg ser diretor era bacana, mas Krista teve a impressão de que aspirantes bonitas e bacanas como Lenka Penka encontravam diretores de filme todos os dias. Ela assentiu, tranquila.

— Bacana.

Greg estalou os dedos.

— É daí que reconheço você. — Ele pegou o telefone. — Ravi Harlow!

Krista parou de respirar.

— O quê?

Greg procurou em seu telefone.

— Que mundo pequeno! — Ele levantou a tela. — É você, certo?

Era o Instagram de Ravi. E, sim, era ela na foto. Ravi estava de quatro e ela montava nele como se ele fosse um cavalo, andando pelo bar aonde ela fora com Willow na noite anterior. Totalmente vestida, mas também totalmente embriagada.

— Ai, meu Deus... — sussurrou ela, e controlou uma risadinha. A imagem era hilária.

— Você deveria estar bem louca para deixar que ele a convencesse disso — disse Greg.

— Cara... Isso foi cem por cento minha ideia.

— É mesmo? — Greg parecia impressionado. — Lenka, quem você veio ver?

— Cameron Mitchell.

— Cameron é seu agente? — Greg levantou as mãos, como se quisesse dizer “Que coincidência!”. — Fantástico! — Ele olhou por cima do ombro de Krista. — Ah, por falar no diabo...

Um homem de rosto quadrado em um terno azul-marinho, camisa cor-de-rosa com um bolso quadrado e estampado estava passando pelas portas de vidro. Cameron Mitchell. Ele estava ao telefone, mas quando viu Greg, estendeu os braços.

— Cara!

Os dois se abraçaram, dando tapinhas nas costas um do outro.

— Não se preocupe — começou Cameron. — Já tenho cinco garotas perfeitas para o trabalho. Você vai me idolatrar quando eu mostrar quem são. Sério: vai me amar...

Mas Greg estava balançando as mãos dizendo:

— Não se preocupe. Está tudo certo. — Ele fez um gesto para Krista. — Eu a encontrei. Lenka.

Cameron analisou Krista com atenção.

— Lenka?

Krista sabia que aquilo era demais para ela, mas ninguém estava a tratando dessa forma. Ela era um deles. Dava para sentir. Então, foi em frente.

— Ei! — Ela deu um passo à frente para apertar a mão de Cameron. — O que está rolando?

— Lenka. — Cameron assentiu, aprovando. — Onde andou se escondendo, senhorita? Se disser que foi na Agência de Artistas, mato você. — Ele riu. Tinha próteses de porcelana.

— Espere — disse Greg. — Vocês não se conhecem? — Balançou a cabeça. — Não importa.

Cameron analisou o corpo de Krista de cima a baixo. Começou a assentir, com interesse.

— Um pouco exótico, um pouco diferente. Foda-se a brancura azeda. Isso! Eu topo!

Greg sorriu para Krista com carinho.

— Lenka, gostaria de oferecer a você um papel em meu próximo filme.

— O quê? — Krista ficou boquiaberta. — Está falando sério?

Greg assentiu.

— Estou.

— Vamos lá. — Cameron começou a mexer o quadril na direção de Krista.

— Vamos colocar você em um filme, porra!

Krista abriu um sorriso. Havia conseguido. Havia conseguido um papel, em um filme, na maldita saleta.

Finalmente, alguém havia desatado o cordão de veludo e a conduzia para dentro.

Em direção a Hollywood.

Em direção à porra do estrelato.

Ela notou que ele a observava.

Em meio à energia da hora do rush no Soho, sentiu que ele a reconhecia: Caroline, a loira alta e de cabelos esvoaçantes que afirmara estar trancada fora do apartamento. Olhou nos olhos dele. Mark começou. Ele estava deixando seus olhos se demorarem. Não era só um olhar.

Por um momento, nenhum deles disse nada: dois jogadores sem saber como começar. E, então, Mark pigarreou:

— Você encontrou seu telefone. — Ele olhou para o aparelho na mão dela.

Ela corou e baixou a cabeça.

— Me desculpe... — disse ela, em tom delicado.

Uma onda de pessoas começou a andar entre eles, fazendo com que Mark se aproximasse.

— Você estava trancada do lado de fora mesmo?

Willow balançou a cabeça.

— Eu... sou tímida. — Ela deu de ombros, sem saber como agir, e riu. — Bem ridículo, não?

Ele sorriu para ela.

— Pontos pela invenção. E pela coragem. Na próxima vez, deixe seu telefone no silencioso.

Willow fez uma careta e prendeu uma mecha de cabelos atrás da orelha.

— Olha, desculpe se eu...

— Não precisa se desculpar. De verdade.

— Certo. — Mais uma vez, ela sentiu o olhar dele começar a se prolongar, a se tornar delicado, e ele se conteve.

— Boa noite. — Mark acenou com a cabeça depressa para ela e virou-se.

— Meu nome é Caroline — disse ela. — A propósito...

Ele se virou de novo. Com o rosto contorcido por um momento, como se tivesse esquecido o próprio nome. Ou como se estivesse pensando em contar uma mentira.

— Mark.

— Mark combina com você.

O vento de um táxi que passava levantou o vestido e os cabelos dela. Era um vento quente e intenso. Ela sentiu os efeitos de seus olhos nele, aqueles olhos intensos da cor do Mediterrâneo. Hipnotizadores. Como uma

droga.

— Tchau.

Ele recomeçou a caminhar. Para o lado errado. Sua estação de metrô ficava na outra direção.

Willow observou o namorado unir-se ao mar de trabalhadores, consumidores e turistas que tomavam as ruas de paralelepípedos do Soho. Ela observou até ele ser engolido pela cidade.

Ela sabia.

Sabia como era o começo da traição. Uma mistura estranha de doce e azedo. De sucesso e fracasso.

Assim, começou a caminhar na outra direção, desejando perder-se na multidão.

Quando chegou em casa, Evie estava tomada por uma animação muito grande. Apesar dos esforços que fazia para manter suas emoções contidas dentro da pele lisa de Chloe, elas estavam transbordando, enchendo a sala de estar como um aquário de peixes. Ela deu um gritinho. Riu alto.

*Consegui!*

*Enganei Krista.*

*... Consegui!*

Ela pegou o Bonita na mesa de canto, com a cabeça rodando, tentando entender por que Penny o dera a Krista, onde elas deveriam deixá-lo e o que exatamente havia naquele frasquinho, aquele frasquinho que já tinha mudado tanta coisa...

A porta da frente se abriu com tudo. Krista entrou voando.

— Cara, você nunca vai adivinhar o que aconteceu comigo hoje! Vou participar de um filme!

— O quê? Que incrível! — disse Evie. — Também tenho novidades...

Krista começou a simular uma corrida sem sair do lugar, mexendo as mãos à frente do corpo.

— Você nunca vai imaginar com quem. Tristan McKell!

Evie se surpreendeu.

— Tristan McKell?

— Tristan McKell! Tristan McKell! Tristan McKell!

— Entendi. — Evie passou os dedos pelos cabelos compridos de Chloe, tentando respirar direito. — Tenho um plano. Vamos para a cobertura...

— Incrível.

— Vamos ver o pôr do sol...

— Adoro.

—... E vamos.. ficar... muito loucas!

Krista gritou e ergueu a mão fechada.

Não era frequente as meninas usarem a cobertura do prédio. Apesar de ter vista para South Williamsburg e até uma vista parcial do rio East, era suja, malcuidada e acessível apenas por uma escada de ferro de dois metros, à qual Evie se referia como “a armadilha da morte”. Mas, naquele momento, as vitórias do dia deram a elas a coragem de subir. As duas deixaram um recado para Willow no qual estava escrito COBERTURA.

Em pouco tempo, elas estavam reclinadas em cadeiras de plástico com biquínis desbotados e óculos de sol vagabundos. O Brooklyn ronronava baixo, brilhando à luz alaranjada do fim da tarde. O ar estava quente e tinha um cheiro leve de alcatrão e protetor solar; o sopro do verão na cidade. O corpo de Chloe era comprido e esguio, como uma espada. Antigamente, Evie achava difícil escolher a roupa de banho. Tinha a tarefa de tentar se sentir tão confiante quanto fingia estar — igualmente desconfortável em um biquíni (gordura abdominal demais) ou em um maiô (excesso de conformismo com as expectativas da sociedade).

Mas Chloe fez desse dilema algo sem importância.

Evie não precisou fingir estar animada com a notícia de que Krista havia conseguido um papel em um filme. Isso tornou irrelevante a troca que fez no teste da *Extra Salt*. Não havia como a amiga descobrir que Evie tinha tomado seu lugar. E, mesmo se alguém lhe contasse, o que era pouco provável, Evie simplesmente negaria. As pessoas acreditavam em qualquer coisa que Chloe Fontaine dissesse.

Krista explicou que o filme se chamava *Funderland*. Era sobre dois melhores amigos que descobrem que o dono do Funderland, seu parque de diversão preferido da infância, morreu e lhes deixou a propriedade de herança. Por isso, eles saem de Nova York e voltam para a cidade natal a fim de administrá-lo. Seria filmado em um parque de diversão em Connecticut, começando na segunda.

— Eles enviarão um carro para me buscar. Um carro! Acha que vai ser uma limusine?

Evie molhou o papel do cigarro com a língua.

— Qual personagem você vai interpretar?

— Olha só: Garota dos Sonhos.

— Garota dos Sonhos? Como assim?

— Não sei ao certo. Meio que apaguei depois que eles me disseram quanto eu receberia. — Ela fitou Evie de canto de olho.

— Quanto você...

— Cinquenta mil dólares!

— Não acredito!

— Pois é! Conseguimos o estúdio por trinta e cinco mil. E eu negocieei e pude ficar com o guarda-roupa. — Krista sorriu de modo orgulhoso. — Foi bem divertido cuidar do contrato. Cameron disse que nasci para a coisa.

— Nasceu mesmo — disse Evie.

Evie não jogava mais *Banco Imobiliário* com Krista por causa da negociação incessante e por baixo dos panos que sempre a levava à falência.

— Dei a eles meu número do seguro social. Você acha que vai dar certo? Tipo... para receber?

Evie deu de ombros, torcendo a ponta do baseado.

— Acho que sim. Sei lá... Você pode dizer que o nome que deu é o artístico. Qual é?

— Não ria... Lenka.

Evie ergueu o baseado.

— Bonito.

— Penka. — Krista fez uma careta. — Lenka Penka.

— Lenka Penka? — Evie riu e tossiu. — Parece nome de atriz de filme pornô russo.

— Cala a boca! — Krista puxou o baseado dos dedos de Evie. — Vamos voltar a Tristan McKell.

— Ah, ex-crianças Disney. Vocês são a raça mais interessante de todas.

A imagem mental que Evie teve era antiga, ela sabia. Cabelos ondulados e perfeitos, lábio inferior carnudo e olhos sempre desolados que deixavam as meninas malucas: Tristan McKell. No ápice do *Boyz Unbridled*,



integrava a maior *boy band* de todas; atualmente, era relegado a se apresentar às três da manhã, em qualquer boate, em qualquer lugar. Ele tinha quantos anos na época? Quinze? Dezesseis?

Evie acreditava que ele deveria ser pelo menos dez anos mais velho do que isso. Quando a Boyz Unbridled se debandou (que uso útil do verbo), ele supostamente teve um momento espiritual; depois, de modo bizarro, apareceu em um filme de PT Anderson alguns anos antes. Ele interpretou um segurança lento em um shopping, um papel coadjuvante entre um grande elenco, algo pelo qual ele recebeu alguns prêmios. Talvez tivesse feito outro filme depois daquele, Evie não se lembrava. E Krista faria um filme com ele. Krista. Aquela que dividia o apartamento com ela. Com Tristan. O ex-astro pop.

— Você não está a fim dele, está? — perguntou Evie. — Ele não é bonito demais para você?

— Ele foi minha primeira paixão — respondeu Krista. — Da vida. Ele despertou minha libido. Preciso transar com ele. — Suspirou. — É só carma.

— Você conhece os boatos sobre ele, certo? — Evie sorriu para Krista. — Parece... que ele é o rei do sexo oral.

Krista socou o braço de Evie.

— Não!

— Ai! E sim.

— Como você sabe?

Evie deu de ombros.

— É o tipo de informação útil que conseguimos quando trabalhamos para uma revista.

— Ai, meu Deus! — Krista remexeu as pernas. — Agora, eu *preciso* transar. Ele é o número um da minha lista. Ravi Harlow me chupou ontem à noite.

— O cara do *Too Many Chefs*?

— É. — Krista baixou os óculos de sol. — Não há muitos chefs que me chupem.

Evie tragou o baseado de novo.

— Como é que você nunca sofre por esses caras?

— Sofro! Você se lembra de Edward Cullen?

— Lembro, mas ele é fictício. — Evie soltou o ar.

— E você? — Krista abriu um saco de salgadinhos de queijo temperados. — Você disse que tinha novidades.

Evie fechou os olhos, começando a se sentir leve e tonta, como se fosse manteiga derretida.

— Consegui. Consegui o papel de apresentadora.

— Cara, que incrível! Parabéns! Você vai arrebentar. Eu sei que vai. Quando será o primeiro episódio online?

— Na próxima quarta-feira.

— Legal. Mas e o segundo?

Os músculos de Evie relaxaram na cadeira de plástico.

— Só preciso de um.

Ela ia escrever histórias. Histórias inteligentes, histórias boas. Como uma jornalista de verdade. As pessoas a ouviriam. O plano do Cavalo de Troia tinha funcionado, conforme planejado. A imagem da garrafinha roxa surgiu em sua mente, tentadora e misteriosa.

— Por que você acha que Penny deu o frasco a você?

Krista suspirou, olhando para o sol.

— Porque fui legal com ela.

— Mas você não acha estranho? Que ela tenha dado de graça?

— Talvez ela tenha mais do que precisa. Talvez, não sei, estivesse sendo generosa.

— É que... é tão esquisito. Não sei... de nada.

Mas, quando Evie disse as palavras, estas flutuaram para longe, como fumaça que se dissipa.

Krista mastigou os salgadinhos, feliz e chapada.

— Evie?

— O que é?

— O que você acha que Amy Poehler está fazendo agora?

Evie sorriu de modo sonhador.

— Alguma coisa incrível. Alguma coisa corajosa. Alguma coisa bacana.

Ela inclinou a cabeça para olhar para Krista. Sua melhor amiga lambeu os farelos dos dedos, graciosamente. Elas tinham conseguido. Tinham segurado as rédeas do Bonita. Estavam no comando.

— Como nós.

PARTE DOIS

Sombra

O Bonita era uma poção que abria portas.

Literal e metaforicamente.

Entre as aberturas metafóricas, estavam o biscoito gratuito que o barista cheio de espinha dera a Evie com o café, o entusiasmo que um desconhecido demonstrou quando se ofereceu para chamar um táxi para ela. O modo como seu locatário, o superdesconfiado e mal-humorado sr. Gorbul, não se incomodou nem um pouco por ter flagrado a “irmã” de Evie usando a chave, apesar de isso ser estritamente proibido.

“Fique o tempo que quiser!”, insistira ele, com a mão úmida no ombro dela e o hálito azedo. “De verdade. O tempo que quiser.”

Ela disse que passaria apenas uma semana.

*Uma gota. Uma semana.*

No fim de semana, as meninas decidiram que o Bonita seria mantido no armário do banheiro e que elas não contariam a ninguém sobre ele, sem exceções. Krista prometeu que tentaria encontrar Penny Baker para conseguir mais respostas a respeito do que era e como ela o havia arranjado.

Elas colaram um calendário no espelho do banheiro. Evie marcou que havia tomado o Bonita na quinta-feira de manhã, um dia depois de Krista, dois dias depois de Willow. Ela só teria tempo suficiente de filmar um episódio do *Extra Salt*. Claro, se pudesse ser Chloe Fontaine por um ou dois meses... Não. Ela interrompeu o pensamento. Seria perigoso demais: física e emocionalmente. E se alguém descobrisse? E se ela começasse a perder todos os cabelos ou se aparecessem membros a mais? Certamente, o Bonita era algum veneno, já que o momento da transformação tinha sido horrível.

Uma semana era uma aventura. Qualquer coisa a mais seria perigoso. Qualquer coisa além poderia prejudicá-la psicologicamente.

Afinal, não tinha como Evie Selby não perceber que as pessoas tratavam Chloe Fontaine muito melhor. E isso era bem esquisito. Quase parecia que ela era um animal selvagem lindo e levemente vulnerável... Uma gazela, talvez, perto de quem as pessoas adoravam ficar. Analisavam seu rosto, e, quando ela flagrava as pessoas admirando, algumas desviavam o olhar, sem querer assustá-la, para que não fugisse.

Claro, algumas pessoas — homens — queriam atirar na gazela. Os pedreiros em uma construção na frente do prédio da Heimert Schwartz gritavam enquanto ela esperava para atravessar a rua.

— Ei! Ei, gostosa! — dizia um.

— Linda, linda! — berrava o outro, demonstrando as faculdades mentais de uma criança de dois anos.

Evie estreitou os olhos, retraindo-se. Que reação eles esperavam ali, exatamente? *Ah, oi! Sim, estou interessada em você. Por que não me leva para sair? Assim, posso falar sobre o pós-modernismo e você pode me explicar como se prepara a argamassa...*

E o Bonita abria portas de verdade também. Portas de estúdios, com letreiros de “No ar” vermelhos e brancos.

Na segunda-feira pela manhã, Evie pegou o elevador até o décimo segundo andar, uma parte ainda não vista do enorme complexo Heimert Schwartz. As portas do elevador se abriram para um corredor amplo, com tetos altos, duas vezes mais alto do que o do escritório da *Salty*, e com concreto cinza no chão em vez do piso de madeira polido. Kelly estava esperando de braços cruzados. Usava uma calça jeans e um cinto com uma fivela prateada enorme com uma serpente sibilando.

— Olá, Chloe-com-C — disse ele. — Obrigado por chegar no horário.

Eles passaram por duas portas de vidro e deram a volta, entrando em um espaço quadrado e amplo. Ali, as pessoas com rolos coloridos de fita adesiva presos à calça empurravam câmeras e luzes.

— Os estúdios ficam todos aqui. — Kelly apontou quatro portas separadas, cada uma com um letreiro de “No ar”. — Sempre ficaremos no estúdio B. — Kelly olhou no relógio. — Eles chegam em um minuto.

Evie espiou pela fresta no vidro o estúdio B. Um monte de luzes e câmeras indicavam três homens sentados a uma mesa muito iluminada na frente de uma parede verde — um *chroma key*, pensou ela. Os homens estavam usando ternos e os pescoços deles pareciam troncos de árvore.

— De onde eles são? — perguntou Evie.

Kelly espiou.

— *Sports Weekly*, acho.

Evie observou a discussão silenciosa dos homens. Em breve, seria ela na frente da parede verde. Naquele dia, estavam filmando todas as introduções e externas das reportagens de outros profissionais, além das chamadas dos patrocinadores. Kelly havia enviado o roteiro ao novo (e falso) e-mail dela no fim de semana: páginas de “Precisa de mais brilho e glamour? Assine a *Extra Salt!*” e “Do delineador ao demaquilante. Para os antenados, mostramos os segredos das estrelas”. Evie revirou tanto os olhos que eles quase rolaram para fora da cabeça.

A porta do estúdio se abriu.

— Certo, pessoal! — reverberou uma voz. — Vamos lá.

Evie saiu do caminho quando a equipe começou a sair.

— Vamos entrar com nossas coisas assim que eles saírem — disse Kelly. — Por enquanto, vamos levar você para fazer cabelo e maquiagem.

Kelly acenou para alguém atrás de Evie. Um negro muito bonito caminhava em direção a elas, puxando uma pequena mala de rodinhas. Usava um chapéu Fedora branco inclinado. A camisa preta, com botões vermelhos, estava com as mangas arregaçadas, revelando braços tonificados. Quando ele se aproximou, Evie viu que seu lábio inferior e as unhas dos dois dedos mínimos também eram pintados de vermelho.

— Marcello! — cumprimentou-o Kelly.

— Austrália. — Marcello cheirou o cabelo dele. — Hum, que *cheiroso*! O que é? Colônia de nicotina?

Kelly ergueu um ombro.

— Porra, você sabe que parei. Parei mesmo!

— Aham... — Marcello lançou a ele um olhar desconfiado. — E eu sou a rainha da Inglaterra.

— Você é a rainha de alguma coisa.

Marcello arqueou a sobancelha bem-feita.

— Não sei de nada.

Kelly riu.

— Amigo, esta é Chloe Fontaine, nossa apresentadora.

— Barra jornalista — acrescentou Evie.

— Certo. — Kelly assentiu, sem titubear. — Apresentadora barra jornalista.

Marcello olhou para ela com educação. Seus cílios estavam cobertos por uma camada fina de rímel.

— Oi, Chloe.

Pela primeira vez desde sua chegada, Evie teve uma assustadora sensação de intimidação. Não só devido ao estilo de Marcello, mas também porque ele se portava como alguém impossível de impressionar.

— *Yo* — disse ela, e logo se arrependeu.

Evie seguiu Marcello até uma sala pequena onde estava escrito “Camarim 4”.

Havia uma cadeira estofada de couro na frente de um banco encostado em uma parede embaixo de um espelho comprido emoldurado por globos de luzes do tamanho de laranjas.

Em um canto havia uma pia. Marcello jogou o Fedora no banco, colocou a maleta ao lado e a abriu, revelando uma série de batons, pós, rímeis e tudo mais. Começou a tirar tudo com eficiência. Evie parou na porta, sem saber o que fazer. Ele balançou um pincel de blush para ela.

— Sente-se diante da pia, linda, não temos o dia todo.

*Cavalo de Troia. Lembra?*

— Precisa usar o banheiro? — Marcello parecia irritado. — Fica no fim do corredor, segunda à esquerda, mas, querida, eu vou saber se você estiver indo ao banheiro para dar um jeitinho na dieta. — Ele fez o gesto de enfiar o dedo na garganta. — E contarei ao Austrália, porque não trabalho com mulheres que vomitam...

— O quê? Nossa, não — interrompeu-o Evie. — É só... — Ela respirou fundo e tentou imitar o mesmo olhar de desafio de Marcello. — Não vou precisar fazer cabelo e maquiagem.

Marcello franziu o cenho.

— Austrália não disse que você traria seus profissionais.

Evie balançou a cabeça.

— Não tenho profissionais. Só não quero fazer cabelo e maquiagem.

Marcello olhou para ela, não exatamente curioso, mas certamente estava interessado.

— Por que não?

Evie se levantou até Chloe ficar imponente.

— Porque isso estabelece um padrão de beleza irreal para as mulheres. Porque incentiva as mulheres a pensarem que seu valor está ligado à aparência. Porque precisamos de modelos que se pareçam com meninas normais.

Marcello ficou parado, em choque. Então, jogou a cabeça para trás e começou a rir.

— Essa é boa! — disse ele, rindo com animação. — Você é ótima, Chloe. — Ele tirou um lenço branco de seda do bolso para secar os cantos dos olhos. — Ah, você me fez chorar. Sente-se à pia, querida.

O rosto de Evie estava quente. O nervosismo começava a ser substituído pela irritação.

— Não estou brincando. Não quero usar maquiagem para a sessão de fotos.

Marcello olhou para ela sem entender.

— Você não quer que eu arrume seus cabelos?

— Não.

— E não quer fazer maquiagem?

Evie balançou a cabeça.

Ele abriu e fechou a boca. Depois voltou a abri-la.

— Porque você mesma quer fazer a maquiagem? — Ela negou, balançando a cabeça. — Porque você...

trouxe seus produtos? — Evie começou a sorrir ao negar de novo. Estava deixando o rapaz maluco. Marcello olhou para a porta fechada. — Austrália sabe disso?

— Não, mas não vou pedir a permissão dele. É uma decisão minha.

— E isso porque você acha que a maquiagem é... — Marcello balançou um pincel. — ... ruim para as mulheres.

— Porque estabelece um padrão irreal...

— Certo, certo — disse ele, mais alto do que a garota. — Calma, não estamos no programa da Oprah.

Ele se recostou no banco na frente do espelho e olhou-a, pensativo. Evie via um monte de pensamentos correndo pela mente de Marcello. Será que a subornaria? Imploraria? Será que pretendia desmaiá-la com o fixador para cabelos e maquiá-la enquanto ela estivesse inconsciente?

Marcello deu de ombros.

— Tudo bem.

Evie piscou, surpresa.

— Tudo bem?

Ele começou a guardar seu material.

— Faça o que quiser. Se não quer minha ajuda, tudo bem.

Evie hesitou, lembrando a si mesma que não deveria agir de modo a demonstrar muita gratidão.

— Sinto muito que não trabalharemos juntos.

Marcello colocou seu kit no chão.

— Ah, vamos trabalhar juntos. Pode acreditar. — Ele fez uma pausa, observando-a com o olhar curioso e frio. Quando falou, foi quase mais para si. — Já enfrentei minha cota de novatas, mas nunca tinha ouvido isso.

Kelly não tinha dito nada para Marcello a respeito de aquele ser o primeiro programa de Chloe, mas não parecia ser isso que o maquiador dizia. Ele a observava da mesma maneira que Jan no teste: como se Evie estivesse escondendo alguma coisa. Como se ele soubesse.

Evie tentou esconder a surpresa.

— Como você sabe que sou novata?

— Ah, querida. Está escrito na sua testa de novata.

Marcello olhou para ela de modo significativo e saiu da sala.

Gemma e Rose, as editoras de moda da *Salty*, estavam esperando do lado de fora do provador com quatro araras de vestidos. A leve pontada de insegurança que o comentário de Marcello havia despertado logo piorou. Assim como as garotas populares da escola de Evie, Gemma e Rose nunca tinham sido malvadas com ela, não diretamente. As duas só a tratavam como se ela fosse irrelevante: jovem e chata. Por instinto, Evie se preparou para a má vontade que elas costumavam lhe dedicar, ignorando-a.

— Oi, Chloe! Sou a Rose...

— E eu sou a Gemma. — Ela olhou para a cintura de Chloe com aprovação. — Ah, que bom que você veste trinta e se...

— Muitas meninas mentem... — sussurrou Rose.

— Mas você vai entrar em tudo o que temos. Alguma coisa aqui chama sua atenção?

Evie olhou para as duas à frente: dois macaquinhos obedientes da alta costura.

Elas inclinavam a cabeça, erguiam a sobancelha, esperando para seguir as orientações. Evie sentiu uma pontada de raiva antes de tentar se concentrar nas roupas. Tudo parecia colorido demais, brilhante demais. Ela puxou a primeira peça na qual pôs a mão.

— Hum, esta?

— Com certeza!

— Amei!

Evie franziu a testa, movimentando os dedos de maneira aleatória.

— Ou esta?

— Melhor ainda!

— Que linda!

Elas eram miquinhas de circo, dançando conforme a música. Mas, antes de entender o que fazer, Rose pegou um terninho verde de estampa de cobra.

— Se gostou dessas, vai gostar desta também.

— É um Luksus — disse Gemma, passando a mão na peça. — Feroz, não?

Evie viu a etiqueta: 3.150 dólares. Era mais dinheiro do que ela ganhava em um mês. E tinha um emprego em tempo integral em Manhattan. Tentou parecer tranquila.

— Demais. Mas, na verdade, tenho uma ideia ainda melhor. E se eu usar isto? — Indicou a camiseta cinza



que estava vestindo.

As miquinhas tentavam acompanhar, com esforço.

— Como assim? — perguntou Gemma.

— Olhe, eu uso isto. Foi feito no Brooklyn, e parte dos lucros da empresa financia pequenos empréstimos na América do Sul. Não é... tendência? — disse Evie, tentando se lembrar das palavras que as duas usavam.

— Consumismo consciente é o meu lance.

Rose olhou para a camiseta como se fosse um pano de prato sujo.

— Mas é só uma camiseta.

— Não pode usar uma simples camiseta — retrucou Gemma. — Não dá. Não dá.

— Dá, sim — insistiu Evie, sorrindo. — Eu adoro. Amo essa camiseta. É minha preferida, de longe.

As mulheres olharam para Evie sem animação. Elas não podiam ir contra. Evie percebeu. O talento estava no comando. E ela era o talento.

Gemma pegou um delicado lenço roxo.

— E se acrescentarmos isto?

— Isso! — disse Rose, colocando-o ao redor do pescoço de Evie.

A sensação na pele era deliciosa.

— É lindo — comentou ela.

Gemma ficou animada com o interesse.

— É seda orgânica.

— Por favor? — Os olhos de Rose eram poças de carência. — Fica lindo em você.

— Tudo bem — falou Evie. — Uso o lenço, mas só se puder usar a camiseta.

Rose fez uma careta e assentiu.

Gemma fez uma cara de determinação.

— Oba!

Evie voltou ao estúdio sentindo-se triunfante. Apesar de Evie Selby saber ser assertiva, até mesmo malvada, on-line, pessoalmente ela não era assim. Chloe Fontaine era. Chloe não parecia se importar muito com o que os outros pensavam. Ela era como uma espiã russa que bebia vodca durante o dia e usava pele de animais, embora não fosse politicamente correto. Chloe só precisava permanecer ali por mais alguns dias e não desaparecer de repente. Imagine transformar-se em Evie Selby de novo, na frente de todas aquelas pessoas? E se fosse do mesmo jeito abjeto, doloroso? Pensar nisso causou uma onda tão forte de pânico, que Evie teve de respirar fundo para se acalmar.

Uma gota. Uma semana.

Assim esperava que fosse.

A mesa e as cadeiras da *Sports Weekly* tinham desaparecido. No lugar delas, havia uma cadeira vermelha enfiada em uma mesa cor-de-rosa, decorada com uma tigela de vidro cheia de doces e um vaso de tulipas brancas. A Fada das Meninas tinha feito uma visita ao estúdio.

Kelly apareceu ao lado dela.

— Algum problema com a equipe de estilo?

Evie negou, balançando a cabeça.

— Não.

Um dos membros da equipe chamou:

— A câmera está pronta. Estaremos prontos quando você mandar, Kelly.

Ele disse um palavrão, baixinho.

— Vimos cem meninas, sabe. Mas eu quis você.

— E eu vou fazer um ótimo trabalho — declarou Evie. — Sou a mesma pessoa que você viu semana passada.

Rich se aproximou, passando a mão no rosto.

— Ela não está tão ruim — disse ele, olhando Evie de cima a baixo como se ela fosse uma boneca.

Kelly olhou para o relógio.

— Não temos tempo a perder. Vamos filmá-la como está. Chloe, sente-se.

Evie obedeceu. De onde estava, de frente para o estúdio, viu vários membros da equipe franzirem a testa para ela, perplexos. Um homem mais velho com cabelos grisalhos se aproximou de Kelly, que simplesmente o afastou, sibilando.

— Eu sei, eu sei.

Evie olhou para suas mãos, fingindo não notar. *Fique firme. Você é quem manda.*

— Certo, Chloe. — Rich se dirigiu a ela ao lado da enorme câmera que estava direcionada para a moça.

— Você vai ler o que aparecer no teleprompter. Pronta?

Evie assentiu.

— Sim.

— Então, vamos lá.

Depois de alguns comandos, eles começaram a gravar.

Nos trinta minutos seguintes, Evie leu e releu o roteiro. Rich a fez dizer coisas como “Todo o brilho e todo o glamour que você deseja” e “Quer um pouco mais? Assine a *Extra Salt*” um trilhão de vezes, cada vez enfatizando uma palavra diferente ou dando uma piscadinha. Seu rosto doía de tanto sorrir. Porém, ela estava determinada a provar para Kelly e para os funcionários que era profissional. Uma profissional que não precisava de camadas e camadas de maquiagem e de uma porra de um decote para fazer seu trabalho.

Por fim, chegou a hora de fazer uma pausa. Antes que Evie se levantasse, Kelly se aproximou com uma caixa branca de plástico. Ele despejou o conteúdo sobre a mesa. Uma dúzia de vibradores diferentes apareceram.

— Ah, tudo bem. — Evie riu, atenta. — Você tem uns passatempos divertidos e não se envergonha deles.

— Jan quer que um deles seja apresentado como o Vibrador da Semana — contou Kelly.

— Vibrador da semana? Não é meio exagerado?

— Amiga, é divertido, uma brincadeira — explicou Kelly. — Escolha o que quiser. E não se preocupe — disse ele, quando Evie abriu a boca para protestar. — Vamos dizer que foi escolha dos telespectadores, não sua preferência.

Kelly se afastou, deixando Evie sozinha com os vibradores. Que tarefa ridícula: escolher o Vibrador da Semana! Quando Chloe provasse e definisse sua autoridade, eles não inventariam pautas ridículas como aquela. Evie pegou o vibrador mais próximo com cuidado: um preto enorme do tamanho do braço de uma criança. *Vou chamá-lo de Morgan Freeman.* Ela balançou o Morgan Freeman um pouco, tentando fazer a coisa funcionar. Hum, estava funcionando... O velho e rígido Morgan Freeman começou a tremer...

Mais um pensamento lhe ocorreu. Um pensamento deliciosamente excitante e totalmente perfeito que chegou à mesa cheia de vibradores.

— Kelly? — disse ela, estreitando os olhos na escuridão do estúdio.

Ele reapareceu alguns metros à frente.

— O que foi?

Evie bateu Morgan Freeman no rosto, tentando parecer pensativa, e não interessada.

— Deveríamos falar do lançamento do livro de Velma Wolff hoje à noite.

— Da lésbica?

Evie estava animada demais para se irritar com aquilo.

— O *Dentes de leite* é o novo dela. Tem a ver...

— Já ouvi falar. — Kelly puxou a calça jeans para cima. — Tem certeza de que é hoje?

— No Pembly. A *Salty* vai cobrir para a revista. Então, eu sei que a Jan gostaria de estar.

— Como sabe?

Evie engoliu em seco, retomando a compostura depressa.

— Evie me contou. Aquela que mora comigo, Evie. Ela estava na reunião de pauta.

Kelly olhou para o relógio, em dúvida.

— Posso preparar as perguntas — sugeriu ela. — Li todos os livros dela. Ela está na lista de *best-sellers* do *The New York Times*. — E haverá um monte de celebridades lá. Mesmo. Haverá tantas celebridades que todas serão empilhadas...

— Tudo bem, tudo bem, pega leve. Vou dar um toque na Jan.

Evie acreditou que ele estivesse dizendo que telefonaria para ela.

— Ótimo!

— Só se ela disser sim — disse Kelly. — E precisaríamos de uma entrevista com a autora, de fato.

— Claro.

— E você vai precisar... — Kelly contraiu os lábios — ... se arrumar. Isso não é negociável. Nem sei se essas merdas promocionais serão úteis...

— Vou me arrumar — prometeu Evie.

Seu rosto estava quente. Ela se sentiu meio alterada. Velma Wolff. A linda e elegante Chloe Fontaine entrevistaria Velma Wolff. Seu encontro sofrido no elevador com a escritora foi a única vez em que encontrou uma celebridade. Isso sem contar a vez em que viu James Franco aos amassos com alguém de quem ele poderia ser pai, pela idade.

— Você escolheu um vibrador? — perguntou Kelly.

Evie pegou todos na mão, sorrindo animada.

— Como escolher um só? São todos meus bebês.

Krista estava no meio de um sonho erótico incrível com Tristan McKell e algo a ver com anões quando seu telefone começou a tocar. O quarto estava muito escuro quando ela procurou a fonte da interrupção e a encontrou.

— Alô — disse, com a voz grossa.

Ela ouviu a voz do homem, baixa e com sotaque.

— *Nhorita* Penka? Seu carro está aqui.

— Meu carro?

— Supernew Pictures? Lenka Penka?

O carro dela. O filme. O carro para o filme. Krista cobriu os olhos com a mão.

— Sim! Merda! Já vou descer.

Eram cinco da manhã. A folha de programação recebida no fim de semana de fato indicava que um carro chegaria às cinco, mas Krista pensou que tivesse sido um engano. Porém, quando saiu do prédio vinte e cinco minutos depois e viu o alívio no rosto do motorista, pensou que sim, era para ter se arrumado às cinco. Como uma... padeira.

Ela havia imaginado as luzes da cidade passarem por ela, a Atriz Importante e Famosa no banco de trás de seu carro com chofer. Na realidade, voltou a dormir no mesmo instante. Ressaca. De novo. O fim de semana tinha sido... Bem, *épico* era pouco.

Ela havia chegado em casa às quatro da tarde do domingo.

Seu tornozelo esquerdo exibia um hematoma que ela não lembrava em qual momento poderia ter surgido. Não conseguia tirar a música “Copacabana” da cabeça e, por algum motivo, a frase “Isso, sim, é hambúrguer!” era considerada muito engraçada, mas ela não se lembrava por quê. Seu nariz estava escorrendo. Ela não havia pagado nenhum drinque o fim de semana todo. Incrível.

Krista foi despertada algum tempo depois por um: “*Nhorita*? Olá, *nhorita*? ”

O alvorecer acinzentado havia aberto espaço para o rosado da manhã. Eles estavam entrando com um monte de caminhões. Krista pegou no bolso um espelho de mão, conferindo para ver se Lenka Penka ainda estava no banco de trás. Estava.

— Ótimo! — disse ao próprio reflexo. — Você conseguiu.

Um rapaz usando fone de ouvido abriu a porta. Tinha cabelos loiros encaracolados que pareciam

pentelhos.

— Olá, Lenka. Bom dia!

— Olá... — respondeu Krista, surgindo do carro meio sem graça.

— Meu nome é Damian. Estamos um pouco atrasados. Então, vou levar você direto para fazer cabelo e maquiagem.

Damian partiu. Krista foi atrás dele. Já não sentia mais sono. Dava para perceber o burburinho no ar. Ela não acreditava que tantas pessoas estivessem acordadas tão cedo. Havia membros da equipe por todos os lados: carregando equipamento, caminhando depressa com pranchetas na mão, empurrando araras cheias de roupas. Quando esvaziaram o estacionamento, Krista notou que estavam no espaço de um parque de diversão, apesar de parecer abandonado. Os portões altos pelos quais passaram estavam com a pintura vermelha descascando. As cabines de atrações e de jogos estavam desbotadas e vazias, pareciam assombradas.

— Isso faz parte do set? — perguntou Krista.

— Não, aqui ainda é o acampamento — respondeu Damian. — Estamos gravando em apenas um quarto do parque em si, que fica mais à frente. Pronto, chegamos.

Eles pararam na frente de um trailer grande e prateado. O barulho de secadores de cabelo e o cheiro do removedor de esmalte vinham de dentro.

— Até mais — disse Damian.

Krista observou-o se afastar com a mesma eficiência com que tinha chegado.

Então, chamou o membro mais próximo e perguntou onde poderia encontrar Greg.

Foi conduzida à parte do parque de diversão que havia sido transformada em um set. As luzes estavam sendo montadas ao redor de uma cabine de jogos que, diferentemente das outras, tinha sido pintada recentemente e parecia nova em folha. Greg estava analisando alguns rascunhos do *storyboard* em um iPad quando Krista se aproximou. De novo, ele estava vestindo uma calça desbotada e uma camisa de flanela: pronto tanto para ordenhar vacas quanto para dirigir um filme.

— Lenka! — exclamou ele. — Oi!

Eles trocaram um abraço caloroso.

— Isso é demais. — Krista sorriu. — Eu só queria dar uma palavrinha rápido com você a respeito do meu personagem.

— Claro. O que houve?

— Li o roteiro no fim de semana... Muito engraçado. A propósito, meus parabéns...

— Obrigado. — Greg sorriu.

— Mas a Garota dos Sonhos não tem muitas falas. — Krista inclinou a cabeça ao olhar para ele.

— Isso — concordou Greg. — Como eu disse, é um papel pequeno, mas muito importante.

— Compreendo, mas o que parece é que a Garota dos Sonhos é só... E não se ofenda, por favor... Um par de tetas usando uma saia. Mas é claro que até mesmo as garotas supergostosas são profundas. Gostosas como eu — acrescentou ela, depressa.

Greg franziu as sobrancelhas de leve.

— Claro...

— Então, eu estava pensando... e se a Garota dos Sonhos não for só gostosa, mas também engraçada? E se ela tivesse manias ou alguma característica interessante?

— Tipo o quê?

Krista consultou a lista de ideias que havia criado no celular.

— E se ela tiver uma vagina bem grande?

Greg fez uma careta.

— Uma o quê?

— Uma vagina de onde ela tirasse um monte de coisas.

— Uma vagina bem grande — repetiu ele, devagar. — Não entendi muito bem como isso funcionaria.

— Fale algum objeto.

— O quê?

— Alguma coisa. Algo de que um dos personagens precise.

Greg cruzou os braços, com cara de preocupado.

— Um... chapéu.

Krista fez um gesto como se tirasse um algo do meio das pernas.

— Um chapéu, é? Tenho um bem aqui! — Ela fingiu colocar o chapéu, sorrindo. — Claro que, no filme, seria um chapéu de verdade. Diga outra coisa.

— Acho que uma vagina bem grande não dá uma boa... impressão — comentou Greg.

— Não tem problema. — Krista voltou a olhar para o telefone, determinada a deixar as ideias fluírem. —

Ah, esta é boa. E se a Garota dos Sonhos tiver o desejo secreto de ser cantora? Assim, sempre que ela conversa com alguém, começa normal. — Krista começou a cantar animada, abrindo bem os braços. — E, então, ela começa uma músicaaaaa! Canta todas as palavras, como eu estou cantando agoraaaaaaa!

Greg lhe lançou um olhar esquisito. Pela primeira vez, Krista sentiu uma conexão perdida. Uma onda de ansiedade afetou seu otimismo. As ideias eram engraçadas, não? Ela não estava fazendo papel de tonta, estava?

Greg acenou para alguém atrás dela, parecendo aliviado.

— Ei! Meu parceiro!

Ravi Harlow se aproximou. Ao ver Krista, o sorriso desapareceu de seu rosto. Mas era tarde demais. Greg já tinha passado por Krista para envolver o ator em um abraço.

— Oi. — Ravi cumprimentou Greg, mas seus olhos permaneceram grudados em Krista. — E... aí?

— Surpresa! — disse Greg, animado. — Encontramos sua Garota dos Sonhos!

— Ta-dá! — Krista virou as mãos para cima, sorrindo, sem saber por que Ravi não estava sorrindo.

— Uau! O quê? — O sorriso congelado de Ravi estava diminuindo.

— É, sua parceira, Lenka — disse Greg. — Vocês se conhecem, certo?

— Sim — disse Krista, assim que Ravi disse “não”.

Krista inclinou a cabeça para Ravi, confusa. Alguém chamou Greg. Ele saiu, parecendo feliz com a distração.

— Como estão as coisas, cara? — perguntou Krista. — Não tem um cigarro, por acaso?

Ravi olhou para Krista como se ela tivesse acabado de pedir o endereço da casa dele.

— Ah... não.

— Oi. — Krista deu um passo à frente na direção dele, falando mais baixo. — Olha, não precisamos deixar o clima pesado. Se só quiser ser meu amigo, eu entendo.

— Eu não disse que ligaria — disse Ravi, afastando-se um pouco.

Krista sentiu um pouco de irritação.

— Nem eu.

— Deixa pra lá.

Ravi deu as costas e começou a se afastar.

Krista olhou para ele se afastando, boquiaberta e surpresa. Antigamente, ela acreditava que alguns caras não voltavam a procurá-la por não curtirem mulheres bem morenas e baixinhas, mas estava ficando claro que alguns caras eram só idiotas.

Willow acordou com dor no corpo: cólicas intestinais fortes. Ela se dobrou para a frente, gemendo, e a dor escurecia sua visão.

Seria sua menstruação vindo? Não, tinha menstruado na semana anterior. Intoxicação alimentar? Ela percebeu os dedos: ossudos, pálidos. Os dedos de Willow. Sentou-se, fazendo uma careta. O espelho acima do sofá revelou cabelos loiro-claros com um toque de tinta cor-de-rosa e pele da cor de leite talhado.

Estava Normal de novo.

A manhã estava nublada e úmida. O céu estava em um tom feio de *off-white*, como se a natureza ou Deus ou quem quer que fosse tivesse se esquecido de “fazer” o clima daquele dia. Seu mal-estar foi aliviado mais depressa do que a primeira transformação. Evidentemente, era mais fácil se tornar Normal do que Bonita. Willow pegou o metrô de Williamsburg de volta a Upper East Side. Era o lugar dela naquele momento, perto de executivos desinteressados com cabelos, pele e coração grisalhos.

As ruas pareciam sujas e sem viço. O porteiro parecia cansado, quase apático. Até o elevador se abriu no apartamento com um som semelhante a um sussurro entediado.

Havia uma bolsa de couro ao lado da mesa de canto. Um par de sapatos masculinos desgastados. Ela sentiu o coração mais leve.

O pai estava em casa.

Ela os ouviu conversando na cozinha. O tom comedido e inconfundível de Claire. A voz reverberante de Matteo, alta até mesmo na casa dele. Apesar de ter vivido nos Estados Unidos desde a adolescência, seu sotaque holandês sussurrante ainda era forte. Às vezes, Willow se perguntava se ele o mantinha de propósito. Para encantar as pessoas. Ou intimidá-las.

Matteo e Claire se conheceram quando ela estava escrevendo a dissertação de doutorado sobre ele, *Garotos perdidos, machões e mulheres sensuais: o cinema de Matteo Hendriksen*. O mais interessante na relação deles era a longevidade. Em sua época, Matteo tinha fama de galanteador. Uma pesquisa no Google revelava imagens de um rapaz sorridente, cercado por mulheres quase nuas, com registros de Farrah Fawcett. Claire era (provavelmente) a namorada número seis, a última de uma série que veio depois do divórcio dos pais de Willow, quando ela tinha dez anos. Ouviu-se um som de fritura e subiu o cheiro de cebola refogada. Willow parou na entrada e respirou fundo três vezes. O rosto estava inexpressivo. Então, entrou.

Os dois pararam de falar. Claire estava perto do forno, com a mão no cabo da frigideira. O pai estava



recostado no balcão grande da cozinha. Havia um jornal aberto diante dele. Dois dedos tinham congelado, prestes a virar uma página.

Claire foi a primeira a falar:

— Willow!

O pai não disse nada.

Nem Willow.

Claire olhou para os dois. Atravessou os pisos claros para abraçar Willow depressa e com força.

— Ei, nós... — Ela olhou para Matteo. — Não sabíamos quando você vinha para casa.

Willow deu de ombros.

Matteo virou a página do jornal, mas só estava olhando para Willow.

Claire voltou para as cebolas. Estavam começando a soltar vapor.

— Quer almoçar? Estou fazendo uma fritada.

Mais um erguer de ombros *blasé*.

— Ela vai ficar — disse Matteo.

Mesmo falando baixo, sua voz parecia fazer os vidros das prateleiras tremerem.

— Vou? — rebateu Willow.

Seu pai era assim mesmo. Sempre dizia o que ela tinha que fazer.

— Ela vai ficar — continuou no mesmo tom. — Ou não vai ganhar o presente que comprei para ela. —

Ele olhou para a frente. Parecia estar se divertindo. Malicioso.

Willow tentou fechar a cara. Mas não conseguiu. Seu pai, embora tivesse muitos, muitos defeitos, sempre trazia para casa presentes irritantemente lindos de suas viagens pelo exterior. A máscara venezuelana da morte. A aranha marroquina. O cachimbo de prata do *pied-à-terre* parisiense de Mitchell. Apesar de tudo, ela se sentiu confusa.

Claire olhou para o companheiro e para a filha dele, e o alívio tomou sua expressão.

— Quinze minutos — disse ela a Willow.

\* \* \*

Eles comeram na sala de jantar. Eram três pessoas ao redor de uma mesa na qual cabiam vinte, com tranquilidade. A fritada estava deliciosa — tofu e cenouras à julienne e pimentão-amarelo com arroz integral —, mas Willow comeu bem devagar para não mostrar o quanto tinha gostado. (Será que seu paladar havia se tornado mais aguçado depois de voltar a ser quem era ou ela estava procurando comparações que não existiam? Difícil saber.) Ela bebeu a taça de *sauvignon blanc* que havia servido a si mesma consideravelmente mais depressa. O pai falava sem parar a respeito de locações em potencial que havia visto em sua viagem: a incrível e linda igreja de Praga, a pequena hospedaria com o quintal secreto em Roma, o zoológico esquecido pelo tempo em Madri.

— Na verdade, foi naquele zoológico que encontrei isto — concluiu Matteo.

Ele pegou um saco de papel dourado que estava entre seus pés e o escorregou pelo tampo polido da mesa. Estava leve. Willow enfiou a mão dentro e tirou algo enrolado em papel roxo. Ela sentia Claire e o pai observando-a desembrulhá-lo.

Era a imagem em madeira de um leão. Sete centímetros de altura, muito bem entalhada numa madeira

cor de mel. Willow a virou, os olhos passando por cima da juba esvoaçante do leão, a cauda e os dentes à mostra. Era forte e delicado ao mesmo tempo. Violento e precioso. Era lindo.

Ela sorriu.

— Obrigada.

O pai resmungou satisfeito e afastou o prato vazio.

— Então — disse ele a ninguém em especial. — Você tem ficado com Mark.

Era uma afirmação. Não uma pergunta. Willow afastou o prato também.

— Sim.

— Você se mudou para lá? Finalmente se decidiu?

A pergunta foi surpreendente para ela.

— Não. Eu só... — Ela olhou para Claire. — Precisava dar um tempo.

O pai rosnou de modo sarcástico.

— Sim — disse ele. — Sei como é tudo isto... — Ele levantou a mão para indicar a sala de jantar, o apartamento em geral — ... deve ser cansativo para você.

— Matty... — falou Claire. — Não é o que ela quer dizer. — Claire olhou para Willow. — Não é?

Willow se retraiu, sentindo o peso do olhar dos dois. Ela não sabia se sentia ter 14 anos porque seu pai a tratava como adolescente ou porque havia começado a se comportar como adolescente. Afinal, ela não tinha explicação racional para sua ausência. Então, de certo modo, era como ser adolescente de novo: sentimentos que ela não conseguia explicar e lembranças de atitudes das quais se arrependia.

Ela não sabia o que dizer. Por isso, não disse nada.

Matteo levou um guardanapo aos lábios.

— Por que ainda não se mudou daqui?

A voz de Willow saiu mais alta do que ela pretendia.

— Você quer que eu me mude?

— Não foi o que eu disse, foi? — respondeu Matteo.

Willow deu de ombros e levantou a taça de vinho de novo.

— Não tenho dinheiro. — Então, antes que seu pai protestasse: — Não tenho meu próprio dinheiro.

— E suas fotos? — perguntou ele.

Willow se assustou.

— Sua exposição... — disse ele. — Você não vendeu...

— Vendi um, papai. Está bem? Vendi uma fotografia de merda. — Willow pegou a garrafa de vinho e encheu o copo.

Claire parecia desconfortável.

— Ah, querida... Tenho certeza de que vai vender mais. Posso colocar alguns cartões-postais no corredor da escola para você, se quiser.

— Não se preocupe — retrucou Willow. — São todos uma merda. Tudo o que faço é idiota.

Ela bebeu um pouco de vinho, preparando-se para as palavras de incentivo do pai. Matteo cutucou os dentes.

— Trabalhe mais.

— O quê?

— Trabalhe mais. Você tem razão. Suas fotos não têm...

Ele olhou ao redor, procurando a palavra certa.

— Vida. Elas são simples. Como... uma propaganda.

Willow piscou depressa.

— Você não as viu...

— Fui hoje cedo. Assim que voltei.

Willow sentiu o peito tomado pela raiva, espalhando-se pelo rosto, esquentando-o.

— Não gostou?

— Já vi você fazer coisas melhores. — Matteo se inclinou para a frente, com a mão erguida para dar ênfase. — Faça o que lhe causa medo, minha querida. Arrisque-se.

Willow se pegou olhando para Claire — Claire! — em busca de apoio.

— Eu... — gaguejou ela. — Eu... Ah, vá se foder!

Matteo se recostou na cadeira, com um olhar de diversão.

— As eternas palavras do artista irônico. “Vá se foder.” Querida, você vai precisar aprender a aceitar crítica. Ninguém é bom quando começa. Veja *Smoke and Summer* — disse ele, fazendo referência a seu primeiro filme, que acabou sendo um sucesso internacional. Ele olhou para Claire, que se remexeu na cadeira e sorriu sem convicção.

Willow se virou para ela.

— Obrigada, muito obrigada. Muito legal.

— Não — protestou Claire. — Willow, eu só estava...

Willow afastou a cadeira a ponto de fazer barulho. Pensar que seu pai não a incentivava, que não se sentia orgulhoso nem animado com a primeira apresentação dela não tinha nem sequer passado por sua mente. Ela era tola. Claro que ele seria um idiota. Óbvio.

— Por que é tão difícil para você agir como um pai?

— Estou sendo sincero, Willow. Para ajudá-la a crescer.

— Ah, sincero? Quer sinceridade? — Respirando fundo, ela deu as costas para Claire, cujo rosto estava tomado de susto. — Ele vai trocar você por alguém da minha idade.

Claire emitiu um som baixo. O rosto de Matteo ficou bastante vermelho.

Com a cabeça zunindo alto, Willow correu em direção ao elevador e se jogou no chão dentro dele, assim que as portas se fecharam.

Krista ligou para Evie do lado de fora da grande barraca branca montada para o almoço. O telefone tocou tanto que Krista ficou com receio de que caísse na caixa postal, mas a amiga atendeu antes, ofegante.

— Lenka Penka, estrela do palco e da telona. Como está?

— Desastre é pouco pra caralho para descrever minha situação. — Krista acendeu um cigarro. Tragou profundamente.

— O que foi? O que aconteceu?

Conforme muitos funcionários enchiam os pratos com comida fumegante, Krista repassava os fracassos da manhã: o fato de não ter falas boas, o fato de Ravi Harlow não só tratá-la como uma *stalker*, mas também de estar atuando no filme e o fato de, por ser basicamente uma figurante, ter sido maquiada por uma assistente de maquiagem tão experiente quanto uma aluna de um colégio de freiras.

— O que devo fazer? — resmungou ela ao telefone. — Devo ligar para Cameron? Devo ir embora? Evie? Porra, você está aí?

Fez-se uma pausa até Evie dizer:

— Desculpe. Estou tentando encontrar uma roupa para hoje. Você não vai adivinhar quem vou entrevistar.

— Evie! — Krista bateu o pé. — Podemos nos concentrar em mim por cinco segundos, porra? *O que devo fazer?*

— Nada! — exclamou Evie. — Não deve fazer nada. Você está aí para ganhar dinheiro do modo mais rápido e silencioso que conseguir. E daí que você não tem falas? Você não está no filme. Lenka Penka está. E ela nem sequer é de verdade!

— Mas é muito injusto! E como vou lidar com Ravi? Não acredito que ele está sendo tão idiota...

— Não sei. Preciso ir. Desculpa...

— Espera! Ainda não terminei...

— Querida, sinto muito. Vamos conversar à noite. Ou amanhã. Pode ser que eu chegue tarde. Tchau!

Evie desligou. Krista olhou para o telefone sem acreditar. Aquela ligação não tinha resolvido nenhum de seus problemas. Na verdade, Evie parecia bem desinteressada no que era, sem dúvida, o maior drama que já tinha vivido.

Irada, Krista soltou o ar e amassou a bituca de cigarro na terra.

Tudo. E. Todos. Estavam. Uma. Merda.

Pelo menos, era hora do almoço.

Ela entrou na tenda e viu a mesa.

— Minha Nossa Senhora do Caralho a Quatro!

O bufê parecia ter sido atacado por cães selvagens. Todas as coisas boas tinham acabado. As bandejas grandes de metal com frango *à cordon bleu*, filé e batatas tinham sido raspadas. Só restavam frutas, pães e tigelas de plástico com salada murcha.

*Foda-se*, pensou Krista.

Iria comer só sobremesa no almoço.

Também não havia muito naquele departamento — uma tigela de salada de fruta grudenta, um monte de biscoitos simples e secos e... um cupcake.

Um único e perfeito cupcake.

Com base úmida de chocolate. Creme denso por cima. Pedacinhos de chocolate por cima, em quantidade generosa. Rodeados de luz branca e música incrível. A raiva de Krista passou e foi substituída pela ideia do cupcake. O cupcake faria tudo passar. Caminhou na direção dele, com a mão esticada...

Alguém o pegou.

Krista se retraiu. Ela olhou para o sequestrador de cupcake...

Ravi Harlow.

Os dois trocaram um olhar.

O que ela podia dizer? *Oi? Vai se foder? Me dá o cupcake e ficamos quites?*

Mas, antes que conseguisse dizer qualquer coisa que fosse, Ravi deixou o cupcake no prato e começou a caminhar em direção a um grupo de caras sentados no canto da tenda.

Assim, do nada. Sem nenhuma palavra. Sem um toque de reconhecimento de que dias antes a boca que ele estava usando para comer aquele delicioso cupcake tinha chupado sua igualmente deliciosa boceta. Evie tinha razão: caras como Ravi tratavam as mulheres como se fossem descartáveis como lâminas cegas.

E foi aí que Krista ficou brava.

— Ei! — chamou ela. O cara não se virou, mas ela sabia que Ravi tinha ouvido. — Ei!

Correu atrás dele, apoiou a mão em seu ombro e o fez se virar.

Ele parecia muito assustado.

— Você não quer ser meu amigo? — perguntou ela. — Tudo bem. Eu tenho um milhão de amigos. Mas nós transamos, idiota. Você sabe disso e eu também. — Ravi estava congelado, boquiaberto, e deixou Krista falar. — Nós. Dois. Transamos. Então, o mínimo que você pode fazer é reconhecer minha existência. Porque é o que adultos fazem.

Ela tirou o cupcake do prato dele e deu uma mordida enorme. Suas últimas três palavras saíram abafadas.

— Por. Simples. Educação.

— Willow! Querida! Estou muito feliz por você ter vindo!

E com isso Willow foi, sem qualquer cerimônia, arrancada do devaneio no qual tinha estado na última hora. Depois de sair de casa, ela seguiu em direção ao trem 6, desesperada para descer na estação Upper East Side e de volta a Williamsburg. Uma vez ali, ela caminhou. Caminhou sem prestar atenção, tentando escapar da crueldade do pai, da cara de Claire, e das coisas que ela tinha dito. Foi por isso que ficou tão chocada ao ouvir seu nome e ainda mais chocada ao perceber que era Meredith, a curadora da galeria Wythe. A galeria *dela*. Com suas fotografias horrorosas. Aquela diante da qual estava. Sem perceber, seu vagar a levou de volta à cena do crime.

Atraída inevitavelmente aos próprios erros.

Meredith largou o cigarro que estava fumando e levantou uma das mãos para acenar. Seu coque estava preso com palitos japoneses vermelhos, e os óculos de aros grandes e pretos lhe davam um ar intimidador e moderno.

Willow cruzou os braços.

— Oi, Meredith.

A curadora deu dois beijos barulhentos no rosto de Willow.

— Entre, entre — disse ela, de modo vagamente pretensioso, com a voz contida. — Vamos conversar.

Willow tentou evitar olhar para as fotos quando as duas atravessaram a galeria — um tanto quanto vazia, percebeu — a caminho do pequeno escritório de Meredith, nos fundos. Meredith fez chá *oolong*, comentando sobre uma exposição *incrível* à qual estivera na noite anterior, com artistas de quem Willow nunca tinha ouvido falar.

— Você deveria ter ido comigo — insistiu Meredith. — Precisa sair, conhecer outros artistas. É um mundo muito pequeno. Todo mundo conhece todo mundo.

Willow aceitou a xícara de chá com apenas um aceno de cabeça.

— Está fazendo alguma coisa nova?

— Hum... — Willow observou o escritório, passando por livros de arte, tubos de papelão e rolos de plástico-bolha.

— Porque eu acho que você tem muito potencial — prosseguiu Meredith. — Olha, eu sei que esta exposição está... alguém das expectativas. Ajudaria se você fosse mais ativa na internet. Você é a marca,

Willow. Precisa construir uma base de fãs. Instagram, Twitter, Facebook. E seu pai? — perguntou ela, com cuidado.

A pergunta assustou Willow.

— O que tem meu pai?

— Alguma coisa dele ajudaria muito. Talvez um *tweet*? Ou uma citação...

A voz de Willow estava forte

— Na verdade, tenho feito algo novo.

Os olhos de Meredith brilharam.

— Ótimo!

— Tenho trabalhado com uma nova modelo — disse Willow. — Caroline. Ela é... Muito diferente.

Muito... imprevisível.

— Que tipo de temas você tem explorado?

— *Doppelgangers*. Seres das sombras. A ideia de que você pode ser seu pior inimigo.

Meredith parecia estar decidindo se aquilo era inteligente ou uma besteira.

— Mostre o que fez até agora.

Willow se sentou na cadeira.

— Ainda não começamos. São apenas testes.

— Mostre. — Meredith balançou a mão na direção de Willow. — Sou sua curadora. Posso ajudar.

Willow pegou o telefone com relutância. Os autorretratos que tinha feito, no dia em que Mark mentiu para ela, tinham sido colocados em seu iCloud. Caroline, linda e triste, com lágrimas no rosto, olhava para ela: uma antiga vida, um fantasma. A mão de Willow tremia quando ela entregou o telefone a Meredith.

A mulher analisou as fotos. Sua expressão estava impossível de decifrar.

Então, levou a mão ao peito. Quando olhou para a frente, Willow ficou surpresa ao ver que os olhos dela estavam vidrados.

— São incríveis.

— É mesmo?

— Que emoção clara! — disse Meredith. — Dor. Sofrimento. Dá para sentir. E sua modelo é linda. Qual é o nome dela mesmo?

— Caroline — respondeu Willow, e acrescentou: — Mas ela não é modelo profissional.

*Então, não saia à procura dela.*

— Melhor ainda! — Meredith exclamou. — Você a descobriu. É por isso que eu a trouxe. Eu sabia que você era profunda. Senti isso. Quando poderei ver mais?

— Você acha essas fotos boas mesmo?

— Não acho: tenho certeza. Porque sinto. Elas me fazem sentir.

Meredith inclinou-se para a frente a fim de devolver o telefone de Willow. Ao fazer isso, as sombras ao redor de seu rosto mudaram, acumulando-se embaixo dos olhos. O efeito foi desconcertante: estranhamente assustador, até ameaçador. Então, ela voltou a se sentar na cadeira, e o momento passou.

— Quando poderei ver uma sessão de verdade?

— Em breve — respondeu Willow. — Em breve.

Krista se sentou em um canto da tenda dos figurantes, sentindo-se invisível.

Quando poderia ir para casa? Nem sequer tinha um trailer; outra piada sem graça do universo. Ela estava sentada em um engradado de leite, pelo amor de qualquer coisa.

Um engradado de leite.

Passou o dedo pela tela do telefone. A ausência inesperada de Krista Kumar estava tendo seu preço: mensagens de texto de seu amigo de academia depois de ela não aparecer naquela manhã, planejamento para uma festa-surpresa de aniversário que ela perderia, uma mensagem de um amigo do curso de improvisação querendo chamá-la para um show. O medo de ficar de fora das coisas fazia com que ela se sentisse ansiosa e deprimida da mesma maneira, e foi nesse raro momento de vulnerabilidade que ela atendeu a uma chamada de seu pai, por impulso.

— Oi, papai.

— Krishnakali! — Krista se retraiu. Seu nome indiano sempre precedia um sermão. — Por que não tem me atendido?

Krista resmungou que andava ocupada.

— Com atuação? Krista, não é bom usar o cérebro assim. Você precisa se inscrever na Universidade de Boston. Precisa terminar seus estudos.

— Krista? — Era a mãe dela falando na extensão.

— Oi, mamãe...

— Querida, por que não arruma um emprego, como a Evie? — começou a mãe. — Ela é ótima. Exceto pela tatuagem — acrescentou, em tom de reprovação.

— Por que não quer ser advogada? — perguntou o pai. — Todos esses anos, você me diz que quer se tornar advogada e depois muda de ideia?

— Bem... — Krista tentou explicar, mas a mãe falou em cima dela.

— Ela pode mudar de ideia! Só precisa encontrar um emprego.

— Não, precisa terminar os estudos.

Krista ouviu de modo impassível quando os pais começaram a discutir. Talvez eles a vencessem. Talvez fosse mais fácil ceder a, pelo menos, uma das exigências. Arrependia-se por não ter escondido sua inteligência deles com mais cuidado — como saber que todos aqueles boletins excelentes do ensino médio, falando da



Krista Kumar “extremamente inteligente, ainda que um pouco dispersa”, levariam seus pais a assumirem o papel de conselheiros de carreira muito depois de ela ter se formado na escola? Por que não existia tal pressão sobre os irmãos? Talvez porque nenhum deles havia desafiado seus pais tanto quanto a filha mais nova, a filha cuja nota na escola era também a mais alta da família. Ela sabia que os pais a amavam. Só gostaria que eles não fossem tão obcecados com isso.

Seu telefone tocou. Evie estava ligando. Ela tocou para atender.

— Oi, estou na outra linha com meus pais. Não que eles tenham percebido que não estou mais ouvindo...

— Krista... — A voz de Evie era sussurrada e insistente. — Você está na internet.

— Todo mundo, gênio. Estamos em 2016.

— Não, acabei de enviar um link de uma notícia. Que merda, Krista! — Evie bufou. — Era para você ser discreta.

Krista tirou o telefone da orelha e viu a mensagem de texto de Evie. Um link. Para um site bobo de fofocas. Ela tocou para abri-lo. Uma manchete chamativa com um vídeo apareceu na tela. O título: *A Garota Cupcake serve Ravi Harlow!* O vídeo começou a rodar.

Era ela.

E Ravi.

Na barraca de comida.

Ela ouviu a voz de Lenka. Baixa. Mas perfeitamente distinguível.

“Você não quer ser meu amigo? Tudo bem. Eu tenho um milhão de amigos. Mas nós transamos, idiota...”.

Krista fechou a página. Não conseguia respirar. Como? Quem? Alguém tinha filmado aquilo? Trêmula, ela pressionou o telefone na orelha de novo.

— Como conseguiu isso?

— Como não conseguiria? — retrucou Evie. — Está no Facebook. Tem um GIF de você mordendo o cupcake. Você virou *hashtag*, Krista!

— Virei *hashtag*?

— Sim! — disse Evie. — #cupcakedaverdade! Kelly acabou de ligar para mim. Ele quer fazer algo a respeito disso no programa amanhã, em vez do Vibrador da Semana. Precisei de dez minutos para tirar isso da cabeça dele!

— Qual é o Vibrador da Semana? — perguntou Krista, porque, com sinceridade, nenhum dos que ela tinha era bom para relaxar e...

— Krista! — gritou Evie. — Foco! Você. Virou. Viral. Todo mundo naquele set de filmagem vai descobrir a qualquer segundo!

Krista olhou para a frente. Greg e Ravi caminhavam na direção dela, pasmos.

— Acho que eles já sabem.

Greg se conteve por tempo suficiente para que os três chegassem ao trailer dele. Assim que a porta de metal se fechou, ele se virou para Ravi e para Krista.

— Quem? — Greg parecia estar fazendo um grande esforço para controlar a voz. — Quem filmou aquilo?

Ravi murmurou algo olhando para baixo.

— O quê? — perguntou Greg.

— Meu irmão. Meu irmão mais novo. Ele estava nas barracas de artesanato. — Greg cerrou os punhos. — Há cadeiras do *Funderland* ao fundo. Todo mundo vai saber que é do meu set de filmagens.

— E eu? — Ravi apontou o dedo a Krista. — Essa cadela louca fez com que eu pagasse de idiota!

Krista partiu para cima dele. Ravi gritou, dando um passo para trás. George segurou-o pelos ombros e gritou:

— Para, para, para!

A porta do trailer se abriu. Uma mulher entrou sem bater. Cinquenta e poucos anos, atraente de um modo determinado, com cabelos grisalhos curtos.

— Parem de gritar. — Ela se dirigiu a Krista de modo brusco. — Lana Lockhart, relações públicas do *Funderland*.

Um pouco ofegante, Krista apertou a mão dela.

— Lenka Penka — disse ela. — Meretriz.

— Porra! — gritou Greg. — Já foi difícil convencer o estúdio de que eu poderia dirigir o *Funderland*, mas agora tem isso! Parece que não consigo controlar nem meu...

— Acalme-se — disse Lana. — Dá para ajeitar.

Greg passou as duas mãos pelos cabelos.

— Como?

— Podemos dizer que foi um ensaio — respondeu Lana. — Para a cena de um filme.

— Mas ela quase não participa do filme! — Greg gritou. — E não há cenas como aquela.

Lana deu de ombros.

— Então, foi uma cena que cortamos. Você só precisa procurar a fala dela e pronto. — Lana apoiou a mão no ombro de Greg e apertou. — Querido, podemos usar isso. A Garota Cupcake está bombando no Facebook. Precisamos intervir, dizer que é nossa e transformar tudo em uma história do filme. A Garota Cupcake é nossa.

Ravi estava assentindo.

— Sim, sim. Um ensaio. Não foi real. Isso mesmo.

Lana olhou para Ravi e para Krista, falando com a mesma voz calmante que um pai pode usar com um filho aos prantos.

— Vocês dois são amigos. Nunca tiveram um relacionamento sexual.

— É. — Ravi assentiu. — Amigos.

— Viu? — disse Lana. — Todo mundo ganha.

— E eu... consigo um papel maior no filme? — Krista esboçou um sorriso. — Quer usar algumas das minhas ideias?

Greg sorriu um sorriso amarelo para Krista, encolhendo os ombros.

— Claro. Por que não?

Uma multidão toda penteada se reunia na entrada do Pembly. Mulheres com cortes de cabelo repicados com chapéu *pork-pie* acendiam cigarros para homens com gravatas-borboleta coloridas e shorts listrados. Evie abaixou um pouco a barra do vestido cheio de lantejoulas douradas que pegou emprestado de Krista. Esperou não estar exagerando. Mas era Velma Wolff. Ela queria causar uma boa impressão.

Passou pela multidão, tentando manter o equilíbrio com os saltos de oito centímetros, uma decisão da qual já se arrependia. Como as mulheres mortais andavam com aquelas coisas? Sua equipe de duas pessoas a acompanhava com fidelidade: Adrian, um cara grande com a câmera no ombro, e uma operadora, Lo, uma garota coreana usando uma camiseta da Comic-Con.

Na entrada do hotel, Evie disse quem eram a uma mulher de aparência séria que segurava uma prancha, e eles foram guiados para dentro.

*Você sabe que chegou lá quando tem uma lista na porta para o lançamento do seu livro*, pensou Evie.

Quando o Pembly foi inaugurado, em 1921, servia o melhor gim da cidade às maiores celebridades de Hollywood: John Gilbert, Charlie Chaplin, Alla Nazimova, Pepper Rose. Era um daqueles hotéis que recebiam artistas, músicos e escritores como residentes de longa data e arruaceiros de curto prazo. Diziam que Elizabeth Taylor teve um caso com John F. Kennedy no quarto 42 enquanto era casada com Richard Burton. Debbie Harry sofreu duas overdoses ali. Ernest Hemingway envolvia-se em brigas no lugar com frequência.

E, mais uma vez, a história seria feita. Evie Selby estava indo ao seu primeiro lançamento de livro de celebridade, na pele de outra garota.

Placas com letras douradas afixadas nas paredes de madeira escura indicavam onde a festa era, mas eram desnecessárias. A música, as conversas e o burburinho no ar conduziam ao salão do hotel. Lá, Evie se surpreendeu. A sala era absurdamente suntuosa. Um candelabro enorme estava pendurado no teto, como uma nave espacial desconhecida pousada para o Natal. Um piano branco reluzente em um tablado dominava o palco elevado na frente da sala, onde uma mulher de smoking branco estava tocando “All of Me” embaixo de uma faixa enorme do *Dentes de leite*. As paredes estavam decoradas com quadros modernistas, de cores vibrantes. Havia uma mesa com cheesecake e frutas.

— Champanhe?

Uma bandeja cheia de taças foi oferecida a ela. Havia algo no modo com que a garçonete sorria — um

sorriso sugestivo, convidativo —, que a fazia parecer lésbica. Evie sentiu um pouco de interesse e logo corou.

— Obrigada — disse ela, pegando duas. A garçonete sorriu e se afastou.

Alguém passou por ela e disse: “Lindo vestido”.

O elogio foi feito por uma mulher em um vestido verde-ervilha esvoaçante, muito parecida com Julianne Moore. Não, calma. *Era* a Julianne Moore.

— O-Obrigada — disse Evie, embasbacada.

Ela analisou a sala. Reconheceu outras celebridades: Neil Patrick Harris conversando com Samire Wiley e Ingrid Nilsen, Ellen e Portia rindo com Rachel Maddow. Alison Nechdel posando com o elenco de *Girls*. Ruby Rose e Jane Lynch dividindo uma fatia de cheesecake. Era estranho, interessante e surreal, como ver animais de um zoológico subindo a Madison Avenue.

— Com licença. — Alguém estava passando por ela.

Evie reconheceu quem era.

— Quinn!

A sócia de Ellen Page da galeria Wythe, o encontro que não deu em nada. Evie percebeu que a morena mignon pensava, tentando se lembrar de onde conhecia o mulherão Chloe.

— Hum... Oi.

A tranquilidade de Quinn deixava transparecer a solidão. Por um momento, Evie sentiu-se presa no corpo de Chloe, aprisionada na pele de uma desconhecida que Quinn nem sequer reconheceu. A pausa se prolongou e se tornou esquisita, e Evie se apressou para explicar.

— Vi você em um desfile mês passado. Você arrebentou.

— Ah, obrigada. Muito gentil de sua parte.

— E aí, como você está? — Evie se aproximou. — Está fazendo algo novo?

— Sim, como sempre. — Quinn se afastou um pouco. — Vou pegar uma bebida. Prazer em conhecê-la. — Ela se virou e seguiu na direção do bar.

Evie a observou, surpresa. A maioria das pessoas não perdia a chance de falar com Chloe Fontaine. Talvez ela tivesse feito uma abordagem muito desesperada ou familiar demais. Ou talvez Chloe não fosse o tipo de Quinn. Isso era estranhamente lisonjeiro.

— Onde está Velma? — A pergunta de Adrian trouxe Evie de volta à realidade.

— Acho que está ali.

Evie apontou o lado mais distante do salão com a taça na mão. Dezenas de pessoas estavam na frente de uma reprodução enorme da capa do *Dentes de leite*. Conforme começaram a caminhar em direção a ela, a multidão foi aumentando. Evie viu uma parede de livros, centenas de cópias da capa. Flashes claros iluminavam as pessoas que estavam perto dali. Evie respirou fundo.

Velma.

Velma Wolff, em carne e osso, linda, despreocupada e cem por cento ali, presente. Usava seu terninho Dior, sua marca registrada: uma camisa branca justa, aberta no pescoço, e calça preta de bom corte. Os cabelos estavam presos em um rabo de cavalo enxuto e baixo que caía sobre um dos ombros. Evie sabia que estava encarando, mas não conseguiu parar. Mesmo do outro lado da sala lotada, Velma transpirava sexo. Estava em seus olhos de pálpebras semicerradas e quase preguiçosos; estava em seu jeito de caminhar, com os ombros retos e confiantes. E, claro, estava em seu sorriso, que provocava a todos.

— Imagino que seja ela... — murmurou Lo, pegando a segunda taça de champanhe da mão de Evie.

Evie não pareceu notar. Ela se sentia meio boba, como se tivesse acabado de acordar.

— Ei! — disse Adrian. — Vamos começar?

O coração de Evie acelerou. “Começar” era ir entrevistar Velma Wolff.

Velma Wolff, a celebridade. Velma Wolff, a autora. Velma Wolff, a deusa do sexo. Quem era ela para conseguir uma segunda chance com Velma Wolff? Ela era a garota que gritava — histericamente — quando não entrava no Conselho Estudantil e que morria de medo de usar absorvente interno até os 17 anos. Ela não conseguiria! Não conseguiria!

— Chloe? — Adrian a cutucou. — Não quero ser idiota, mas preciso cuidar da minha equipe de beisebol hoje e...

O monólogo de Adrian passou, encerrado por uma única palavra. Chloe. Chloe.

Ela não era mais Evie, de dentes tortos e gordura escondida. Era Chloe, um lindo cisne que podia usar um vestido que seria aprovado até mesmo pela contundente apresentadora Joan Rivers. Evie bebeu o resto do champanhe.

— Vou chamá-la.

Kelly havia confirmado que a relações públicas de Velma sabia que eles iriam, então não seria uma surpresa. *Ela era uma profissional*, disse Evie a si mesma, que (até onde Velma sabia) encontrava pessoas famosas todo santo dia. Ela treinou as palavras na cabeça: “Oi, Velma. Sou Chloe, da *Extra Salt*. Pode nos conceder uma breve entrevista depois da leitura?”

Por fim, ela ficou a poucos metros de distância. Velma estava cumprimentando uma jovem fã que contava que a escritora foi o motivo pelo qual ela saiu do armário e que amava todos os livros dela e que mal podia esperar para ler *Dentes de leite*. Ela *mal podia esperar*.

— Obrigada — disse Velma. — Muito obrigada.

Velma olhou para a frente de modo lânguido. Olhou para Evie e abriu um sorriso lento e com diastema.

— Oi.

Evie se esqueceu das palavras. Não lembrava mais como mexer a boca.

Velma caminhou na direção dela. Evie sentiu seu cheiro; o cheiro forte de lavanda.

— Meu nome é Velma — disse ela, estendendo a mão.

Evie olhou para a mão que estava ali a poucos centímetros de seu umbigo.

O mundo pareceu parar. Ela só pensava: *é a mão de Velma Wolff, é a mão de Velma Wolff, é a mão de Velma Wolff*. Como se sonhasse, ela a segurou. Assim que sentiu a mão macia de Velma, porém firme, tomar a dela, sentiu um arrepio percorrer seu corpo inteiro. Evie abriu a boca para dizer a única coisa que conseguia dizer, a única coisa sobre a qual teve certeza na vida inteira:

— Eu amo você.

Velma pareceu divertir-se.

— Também amo você.

— Não! — Evie balançou a cabeça. — Quero dizer, oi. Sou Ev... Chloe. — A conexão entre o cérebro e a boca estava tão firme quanto uma bolinha de sabão. — Chloe Fontaine.

— Sou a Velma Wolff.

— Sim, eu sei. Tem uma foto grande sua acima do palco.

Velma fez uma careta ao ouvir isso, dando um passo para mais perto de Evie.

— Horrrosa. Relações públicas... Sabe como é. Não foi ideia minha.

Parecia que ela se importava com o fato de Evie acreditar naquilo.

— Estou aqui para entrevistá-la. Para a *Extra Salt*. Uma série na internet. Podemos nos encontrar depois da leitura?

— Claro. — Velma olhou ao redor. — Por onde você quer... começar?

Evie corou. Não teve como não corar.

Velma ergueu as sobrancelhas, surpresa. Depois, satisfeita.

Evie não conseguia encará-la.

— Perto da fonte de chocolate. Estarei nadando ali dentro.

Velma riu. Uma risada verdadeira, inesperada.

— Está bem.

Uma mulher usando um fone de ouvido deu um tapinha no ombro de Velma.

— Querida, está na hora.

Velma assentiu.

— Até mais tarde — disse a Evie. — Fonte de chocolate.

— Nadando. — Evie continuou a falar mesmo depois de Velma ter se afastado. — Muito ansiosa para...

— E naquele momento, sua voz ficou mais baixa enquanto ela olhava, encantada, para o traseiro de Velma.

— Para me exercitar.

Ela estava na casa de Lenny havia mais de uma hora quando Mark entrou. Quando se entreolharam, o rapaz parou. Depois de um segundo, ele se virou, mas havia um grupo de pessoas atrás dele, e, nos poucos segundos em que ficou preso na dança do pra-lá-pra-cá, olhou para ela, que sorriu, achando graça. Ele balançou a cabeça e retribuiu o sorriso.

— Olá de novo — disse Willow.

— Olá, Caroline. — Mark assentiu para o bartender e pediu uma Brooklyn Lager. Ele olhou para o banco vazio ao lado dela. — Tem alguém...

— Não, por favor.

Ela gostou de ouvir como a voz de Caroline soou clara e expansiva como uma casa de vidro. Ela nem sequer tinha certeza de que Caroline reapareceria uma segunda vez: Krista não havia especificado se o Bonita funcionava da mesma maneira a cada dose. Mas a única gota roxa que caiu em sua língua depois que Evie saiu do apartamento anunciou a repetição do alter ego loiro. Por um breve momento, ela havia pensado em discutir a decisão com Evie, a amiga cujo barômetro moral era sempre confiável, mas Evie estava mais interessada em saber a opinião dela a respeito de sapatos e penteados, e se deveria fazer olho de gatinho ou não com a maquiagem. No fim, ela mesma tomou a decisão. Assim, Caroline voltou.

Mark se sentou como se não se lembrasse de como se sentar no banquinho de um bar.

— O que você está lendo?

Ela mostrou a ele a capa de um livro de segunda mão que parecia vindo diretamente dos anos 1970: *Lacan e o self sombra*, do dr. Thomas F. Pfeifferson.

— Coisa pesada.

Willow deu de ombros, virando as páginas.

— Há muito aqui com que posso me identificar.

— É mesmo? Você é tipo uma aluna de Filosofia?

Ela olhou para o livro com timidez. Quando olhou para Mark de novo, seus olhos estavam dançando.

— É. Exatamente.

— Sério? Uau! Isso é muito bom.

— É?

— Isso vai parecer idiota, mas é algo que sempre me arrependo de não ter feito. Estudado Filosofia.

*Eu sei.*

— Aposto que você estudou algo como Design Industrial.

Mark olhou para ela.

— Você deve ler mentes. Foi exatamente o que estudei!

— O que você faz?

Ele tocou a lateral dos óculos que estava usando.

— Óculos. Abri uma *start-up* com um amigo da faculdade. Criamos óculos sustentáveis bem aqui em Nova York, usando matéria-prima local.

Na primeira vez em que Mark disse isso a ela, um pouco depois da meia-noite na festa em Park Slope, Willow tentou encontrar uma resposta. “Eu não sabia que as pessoas desenhavam óculos” foi o que ela disse, e ele fez uma careta, como se a garota tivesse acabado de perguntar o tipo de queijo com o qual a lua era feita. Ela havia repassado aquele momento várias vezes na semana seguinte, lembrando a sensação de humilhação intelectual. Mark era mais esperto do que ela. Ele sabia, e ela também. Suspeitava que Mark gostasse disso: Willow tinha dinheiro e contatos, mas ele era mais esperto.

Porém, Mark não era necessariamente mais esperto do que Caroline.

— A indústria óptica não é um monopólio perfeitamente integrado? — perguntou ela. — Aposto que você teve sucesso quando pôde oferecer um preço mais baixo.

— Exatamente! — O rosto de Mark se iluminou, feliz. — É exatamente isso!

A cerveja de Mark já tinha terminado quando eles pararam de falar sobre o impacto social dos óculos de preço acessível. Enquanto ele estava no banheiro, ela olhou para o relógio: 21h45. Ela — Willow — deveria encontrá-lo para jantar às dez. Ideia dela. Enviou uma mensagem de texto para ele: **Desculpe, tive um um problema. Marcamos outro dia essa semana?**

Uma sensação estranha tomou conta quando ela apertou o “enviar”. Uma alegria cegante a invadiu com um toque de tristeza, de dor. Ela não queria que Mark saísse do bar; estava se divertindo com ele. Queria magoá-lo; ele estava paquerando outra pessoa. Era meio como roubar: a animação e o medo combinados para alimentar uma adrenalina que tomava o corpo todo. Ou, mais especificamente, era como ser artista: acessar algo além do comum, algo perigoso, profundo e verdadeiro.

Arriscar-se.

Mark se sentou ao lado dela e fez um gesto para a taça vazia.

— Mais um?

Ele parecia desafiador.

Willow apoiou a cabeça em uma das mãos, com o rosto pressionado à palma.

— Você não precisa encontrar sua namorada?

O rapaz retraiu-se visivelmente.

Willow riu.

— Relaxa. Tenho namorado.

— Tem?

Ela assentiu, prendendo mechas de cabelos loiros atrás da orelha, com atenção.

— Claro que sim.

Mark soltou o ar.

— Claro. É claro que você tem.

— Não estamos fazendo nada de errado.

Mark assentiu, sem saber ao certo. Ele fez um sinal para o bartender e pediu mais uma rodada.



— Como ela é? — Ela não precisou especificar a quem se referia.

Mark se ajeitou.

— É ótima. Como é seu namorado? Ele também é universitário ou...

Mas Willow não deu atenção às palavras dele.

— Você não respondeu à minha pergunta.

Ela inclinou a cabeça, dizendo as palavras de modo baixo, quase perigoso.

— Aposto que ela é linda.

Mark riu, com nervosismo.

— Claro. Com certeza.

— Você não parece muito convencido.

Ele tomou um gole de cerveja.

— Não sei se diria que ela é linda.

A moça olhou para ele, com firmeza.

— Não?

— É uma frase muito vaga. — Ele franziu a testa. — Willow é mais... Incomum. Tem um gosto distinto.

Algo começou a se espalhar dentro dela, uma sensação densa, quente e úmida. Virou-se para olhá-lo.

— Você a ama?

Ele se remexeu, afastando a intranquilidade.

— Não sei. Você ama seu namorado?

— Também não sei. — De repente, ela riu. — Não faço a menor ideia.

Mark sorriu ao ouvir isso, preso entre o fascínio e o terror.

— Pelo menos, você é sincera.

Willow estendeu os dois braços à frente do corpo.

— Para ser sincera, diria que meu namorado não é confiável — disse ela. Ela abriu os braços. Veias azuis corriam em linhas quase invisíveis por baixo da pele do punho. *Este corpo é um mapa. Para onde ele vai me levar?* — Ou talvez seja só impressão minha. — Olhou para Mark. Ele olhou de volta, concentrado. — Não sei...

Apesar de o salão estar lotado, Evie tinha a sensação de ser a única ali, ouvindo Velma ler em um tom muito preguiçoso.

— “Você nunca sentiu o gosto de nada. Você acha que já experimentou limonada. Você acha que já experimentou batatas fritas salgadas. Você acha que já experimentou bolo de maçã e hambúrgueres e delicados chocolates suíços. Mas nunca experimentou nenhuma dessas coisas. Porque nunca sentiu o gosto do sangue.” — Velma virou uma página. A sala estava em silêncio profundo. — “Depois de três dias, o garoto parou de tentar escapar. Três dias normalmente era quanto demorava para que alguém abrisse mão da esperança. Para alguém parar de gritar. Para alguém simplesmente parar. Depois de passar três dias trancado no porão do antigo acampamento de esqui, o garoto parou de bater, trombando como um pássaro que entrou por uma janela. O silêncio estendeu-se pela escuridão. Alojou-se nas prateleiras resistentes de madeira. Estendeu-se, lânguido, no sofá de veludo onde Lita estava, perdida em um livro amarelado. O porão estava silencioso. Ela levantou a cabeça. Estava na hora.” — Virou mais uma página. A pele de Evie foi tomada pelo arrepio. — “O sangue não é metálico” — continuou Velma. — “Não é úmido nem vermelho nem faz sujeira. O sangue é isto: o riso que começa a doer. A onda de calor de uma sala iluminada pelo fogo quando a noite ficou assustadora. Um sorriso generoso e solidário.”

Velma olhou para a frente, lacônica e tímida. Fechou o livro. A sala foi tomada pelos aplausos.

Evie estava em seu terceiro morango coberto com chocolate quando Adrian a chamou.

— Lá vem ela.

Uma hora havia se passado desde que Evie havia confessado seu amor sem fim a Velma Wolff, mas isso não significava que ela ainda não estivesse totalmente alerta.

Velma entrou na sala como um tubarão. Evie disfarçou para limpar os dedos cheios de chocolate na toalha da mesa e tentou não parecer assustada.

A escritora acenou com a cabeça para Adrian e Lo antes de se dirigir à moça de vestido de lantejoulas douradas.

— Então, evidentemente, não sou seu único amor.

Evie parou.

— O quê?

Velma molhou o polegar e passou no canto dos lábios de Evie, que quase perdeu o equilíbrio, como se tivesse sido jogada dentro de uma secadora, mas em funcionamento. Então, percebeu que Velma estava limpando o chocolate. Como se ela fosse criança.

— Ai, Deus... — Evie levou a mão à boca. — Saiu?

— Infelizmente, sim.

Velma enfiou as mãos nos bolsos da calça e deu um passo para trás.

Lo segurou um microfone. Velma olhou para Adrian, que estava encostado na câmera à frente delas.

— Tudo pronto?

A luz da câmera ficou vermelha.

— Gravando.

A entrevista tinha começado tão inesperadamente que Evie perdera o rumo na primeira pergunta.

— Oi — disse ela.

— Oi — respondeu Velma.

— Sou Chloe. Da *Extra Salt*.

— Sim, eu sei.

Evie ouviu alguém rir. Decidiu ignorar a câmera e os olhos atrás dela.

— Velma Wolff... Seus romances são conhecidos pelos narradores não confiáveis. Você gosta de trocar de posição e confundir a expectativa do leitor. O que acha sobre a verdade na ficção?

Naquele momento, foi a vez de Velma pensar, por um segundo, até encontrar uma resposta.

— Acho que não acredito que a ficção possa criar a verdade, porque cada leitor cria a verdade para si.

— Como acha que seus personagens criam a verdade para eles mesmos?

— Acho que a maioria de meus personagens são doidos — disse Velma, causando risos.

Evie ergueu as sobrancelhas.

— Mais ou menos como as pessoas de verdade?

— Da mesma maneira.

— Então, você não acha que as pessoas têm consciência do que fazem.

A voz de Velma ficou mais alta. Ela parecia surpresa.

— Não.

A voz de Evie ficou mais confiante.

— Lita afirma se ressentir de ser vampira, mas ela se entrega aos seus desejos sempre e com alegria. Por quê?

— Ela é hipócrita.

— Por quê?

— Porque o corpo sempre vence a mente.

— É o que pensa a respeito da humanidade, de modo geral?

Velma olhou depressa para alguém que a observava.

— Não quer me perguntar o que estou vestindo?

— Não me importa nem um pouco o que você está vestindo.

*A menos que queira se despir.*

Como se tivesse ouvido aquele pensamento, Velma ficou encarando Evie. Por um segundo. Dois. Três. Os

olhos dela eram acinzentados feito chumbo, como a cor da chuva. Evie sentiu um aperto no peito.

Velma hesitou, parecia estar se afastando de um momento que não havia planejado viver.

— Acho que é isso. — Ela meneou a cabeça para Evie e desviou o olhar.

Adrian apagou a luz da câmera, Lo soltou o microfone e, de repente, acabou. Evie soltou o ar com força, sem saber ao certo se estava irritada, animada ou desapontada. Talvez as três coisas. Foi aquele olhar que a desequilibrou. Aquele olhar íntimo, como se elas já fossem amantes e Velma tivesse acabado de propor algo escandaloso — uma rapidinha no banheiro. Velma era a maestra; Evie, a orquestra, apresentando-se de acordo com o comando, quase além de sua vontade...

— Chloe...

Era ela. A mão no braço, apertando um pouco. A voz discreta como a de um detetive.

— Alguns amigos vão se reunir em uma das suítes. Quer ir conosco?

Evie demorou mais do que deveria para perceber que a pergunta era um convite direto, mas quando se deu conta, Velma já tinha sido envolvida pelo monte de tipos hipsters literários que a haviam cercado a noite toda. Amigos, supostamente. Ela não sabia se deveria segui-los. Por isso, se ocupou em agradecer a Adrian e a Lo e a observá-los se afastar. Permaneceu na entrada. Dali, estava distante da enorme escadaria que levava para as suítes do hotel e para as ruas de paralelepípedos do Soho do lado de fora. Porém, não podia ficar esperando como uma fã louca para sempre. Tinha acabado de decidir ir embora quando Velma saiu do salão.

— Chloe, estou muito feliz por você ainda estar aqui. — Velma deu braço a ela.

Juntas, desceram a escada; Evie presa entre não sei quantos seguidores de Velma como destroços de um tornado.

O lugar já estava lotado quando elas chegaram, tomado por música, riso e cheiro de maconha. Como no salão, a decoração era uma mistura de Renascimento e Modernidade. O veludo dividia o espaço com metais. Havia quadros em preto e branco pendurados em paredes vermelhas. As portas da varanda estavam abertas, convidando o murmurinho da cidade de Nova York a entrar. Velma desapareceu, engolida em uma salva de palmas. Evie ficou na porta e tentou não se intimidar pelo fato de aquela suíte provavelmente ser maior do que seu apartamento todo e de uma noite ali provavelmente custar o aluguel de um mês.

— Que vestido lindo! — Uma mulher de trança escura e comprida e um vestido verde e curto apareceu ao lado de Evie. Lambia o sal da borda de um copo de margarita com a língua e sorria de modo simpático. — De onde conhece Velma?

— Não conheço, na verdade. Eu só a entrevistei.

— Ah! — A mulher se virou para olhar para Evie. — Você é jornalista?

Evie estufou o peito.

— Sim.

— Talvez possa me entrevistar. — A mulher piscou sem parar.

— Sou estilista. Meu nome é Luksus.

— Já ouvi falar de você! — exclamou Evie. — Tipo, já vi seus modelos. Terninho verde de pele de cobra?

— Isso! — Luksus segurou o braço dela. — Menina esperta!

— Minha equipe de estilo me mostrou. Como opção para uma de nossas sessões. — Era muito legal dizer *equipe de estilo*. E sessões.

— Você aparece na câmera? Ah, precisa usar. Ficaria tão lindo em você! — ronronou Luksus. — Prometa que vai usar!

Evie riu, assustada e interessada.

— Certo, talvez! Mas só se puder fazer uma entrevista rápida com você.

Ela não sabia bem aonde aquilo levaria, mas a oportunidade parecia boa demais para ser deixada de lado.

— Claro! Vamos pegar uma bebida primeiro. — Luksus deu o braço a Evie. Ela cheirava a tequila e a perfume de baunilha. — Qual é seu nome, linda?

— Chloe.

— Saiam da frente! Chloe quer beber! — Luksus tirou Evie de perto da parede da parede e a levou para a sala confusa de pós-festa.

Uma hora depois, Evie havia conhecido a agente de Velma, o namorado da agente de Velma, a melhor amiga do namorado da agente de Velma e basicamente todo mundo ali. Ela esperava encontrar celebridades por todos os lados, porém até aquele momento a seleção parecia muito aleatória. Hannah Hart conversava animadamente com Carrie Brownstein ou alguém que se parecia muito com Carrie Brownstein, e ela acreditou ter visto Cara Delevingne na fila do banheiro, mas, tirando isso, todos os famosos tinham desaparecido.

Mas não importava, porque, depois de entrevistar Luksus, a estilista começou a apresentá-la como “a próxima Alexa Chung” ou “a coisa mais gostosa da internet no momento”. Os convidados balançaram a cabeça, de olhos arregalados, acreditando nela imediatamente. Após um tempo, Evie quase se convenceu. Apesar de Velma não estar em lugar nenhum, ela estava se divertindo. Quanto mais margaritas tomava, mais fácil ficava conhecer pessoas. E as pessoas queriam falar com ela. Frequentemente, ela se pegava conversando com três ou quatro pessoas de uma vez; era o centro das atenções sem nem sequer tentar. Depois de um tempo, Evie ganhou seguidores: Imogen e Ivy, duas blogueiras de estilo impecavelmente vestidas (“Na verdade, nós nos consideramos ‘curadoras’”), e dois gays lindos e sarcásticos que se chamavam Declan.

Eles enchiam o copo de Evie, riam de suas piadas e sussurravam piadinhas em seu ouvido. Para eles, ela era “fabulosa”, “essencial” e “superadorável”. Sempre que lhe perguntavam algo, ouviam sua resposta como muita atenção, como se ela estivesse revelando o segredo da juventude eterna.

Na verdade, Evie tinha esse segredo. Era aquele frasco roxo no armário do banheiro.

— Com licença — disse aos dois Declan. — Preciso de um pouco de ar fresco.

— Linda... — falou um deles. — *Você* é o ar fresco.

Na varanda, Nova York se estendia diante de Evie, clara e insistente. Ela tirou os saltos e se recostou na grade, respirando o ar da cidade. Não conseguia parar de sorrir. Sentia-se uma estrela do rock, como se fosse uma luz radiante, como se estivesse, de fato, viva.

Quando alguém apareceu ao lado, ela não se surpreendeu ao ver quem era.

Velma disse:

— Você está em apuros.

Evie falou para a cidade, não para a mulher ao seu lado:

— É mesmo?

— Você é mais popular do que eu. E a festa é minha.

Evie ficou radiante. Velma a estava observando.

— Você deveria tentar usar um vestido de lantejoulas douradas.

Velma riu baixinho.

— Não acho que seja isso.

— Não?

Velma se aproximou.

— É seu carisma. Sua aura. É praticamente capaz de cegar.

Evie não conseguiu deixar de olhar para ela. Vê-la ali, tão perto, naquele terninho, deixou Evie nervosa. As palavras seguintes foram um ronronar, um diálogo de filme de *femme fatale* que não combinava em nada com Evie.

— Talvez você devesse usar óculos escuros.

Velma sorriu.

— Talvez. — Ela encarou Evie por um tempo, o suficiente para a moça sentir um arrepio pela coluna. Então, Velma analisou a vista. — Há quanto tempo você é jornalista? — quis saber, em um tom com o qual alguém perguntaria a um desconhecido que horas eram.

Evie engoliu em seco.

— Difícil responder a essa pergunta.

— É?

— Há quanto tempo você é escritora?

Velma riu.

— *Touché*. — Com o mesmo tom casual, ela perguntou: — Você tem namorado?

A voz de Evie saiu mais esganiçada do que ela pretendia.

— Não.

— Namorada?

Que direta! Quando Evie respondeu, deixou mais do que uma porta aberta.

— Não...

Velma deu um, dois passos para perto de Evie. Sua voz foi parar diretamente no ouvido de Evie.

— Tenho um motorista esperando lá embaixo.

O desejo percorreu o peito de Evie como um jaguar. Ela queria sentir os lábios de Velma nos seus. Queria sentir a pele dela pressionando, esfregando, suando, grudada, quente, explosiva...

Mas Evie deu um passo para trás.

— Você vai ter que fazer mais do que isso.

Ela pegou os sapatos e começou a voltar para a festa. As portas de vidro da suíte refletiam uma morena alta e deliciosa em um vestido brilhoso, parecendo poderosa e no controle. Não alguém que atendia assim que o mestre chamava.

— Chloe! Espere um pouco.

— Desculpe, Velma. — Evie disse olhando para trás. — Acho que paramos por aqui.

Ser a Garota Cupcake era ótimo, inegavelmente. Uma bandeja inteira de cupcakes foi entregue em seu trailer (sim, ela tinha um trailer), com um bilhete: **Para a Garota Cupcake, de seus fãs da confeitaria Magnolia.**

Krista berrou, animada. Porém, o melhor de tudo era que ela passou a ter falas interessantes. Greg havia comprado a ideia da Garota dos Sonhos com a ideia de ser cantora e deixou que ela ajudasse a criar um curto número musical no fim do filme. Krista anotou ideias com alegria embaixo do secador de cabelos, onde estava. A cabeleireira, Ora, cuidava dela naquele momento, e não a assistente assustada.

A primeira cena que ela estava gravando era externa, na parte do parque que tinha sido ressuscitada com nova pintura e novos objetos. A Garota dos Sonhos cuidava de uma das cabines de jogos.

— Lenka? — Greg parecia não ter dormido muito, mas ainda assim a cumprimentou com um abraço. — Seu primeiro dia de gravação. Está ansiosa?

— Muito — disse Krista. — A Garota Cupcake está espalhada pela internet, e eu estou totalmente famosa de um modo totalmente legítimo...

— Ótimo — interrompeu Greg. — Então, nessa cena, você está aqui fazendo suas coisas na cabine, e Tristan vai entrar aqui vindo de lá...

— Espere um pouco. — Krista arregalou os olhos. — Essa cena é com Tristan McKell?

Greg lançou a ela um olhar esquisito.

— Você leu o novo roteiro, certo?

— Eu não tinha certeza de quem estava interpretando quem.

— Zach é o personagem de Tristan.

Krista teve dificuldade para formar as palavras.

— Tristan McKell vai ser meu amor...

E foi quando o viu. Em sua mente, ela vinha pensando em alguém muito mais jovem, mais parecido com o Tristan de dez anos antes, mas ele não era mais um garoto. Tristan era um rapaz. Krista puxou o ar. Ele continuava sendo o galã de todo filme adolescente, mas era surpreendentemente profundo e ressentia-se por ser certinho. Rosto: bem desenhado. Cabelos: perfeitos. Pinto: com certeza, tinha que ser do tamanho de um Dachshund. Krista ficou tonta quando Tristan, o deus entre os homens, entrou no estúdio. Viu Greg. E começou a caminhar na direção dele.

— McKell. — Greg abraçou Tristan e deu um tapa em suas costas. — Quero que você conheça Lenka.



Sua nova Garota dos Sonhos.

Tristan sorriu para ela, esticando a mão.

— Oi, sou o Tristan.

Nada daquilo era real. Talvez Evie estivesse certa. Talvez fosse mesmo um tumor cerebral.

— Oi. Sou Tristan. Krista! — Ela se corrigiu. — Não. Quer dizer, sou Lenka. Meu nome é Lenka.

— Parece que faremos um filme juntos. — Tristan deu uma piscadela. — Bem legal.

Ela tentou concordar.

— Legal. Legal animal. Solte suas feras.

*O quê?*

Greg olhou para Krista e para Tristan.

— Ei, Trist, pode falar com Jen? Ela estava perguntando onde você estava.

Tristan assentiu e, depois de sorrir mais uma vez, foi em direção aos funcionários.

— Olha, ele é só um ator, Lenka — disse Greg. — Não o trate de modo diferente.

— Oi? — Krista brincou com uma mecha de cabelo, olhando para ele.

— Lenka! — Greg sorriu, de modo tímido. — Esta cena é muito simples. Tristan virá de lá. Vai perceber sua presença e sorrir. Você não vai retribuir. Desinteressada. Entendeu?

— Mas por que meu personagem não estaria interessado em Tristan McKell? Sei lá... Olha aquela bunda.

— Krista mordeu o dedo mínimo. — Daria para fazer um churrasco ali.

Krista ouviu alguém perto dela dar risada, mas Greg bufou, recusando-se a achar graça.

— Você não está interessada. Entendeu?

Min, a pequena mas assustadora sino-americana que Krista sabia ser a primeira assistente do diretor, bateu palmas.

— Últimos retoques, por favor!

Um maquiador passou um pouco de pó no rosto de Krista. As pessoas começaram a sair do set e se calaram. A câmera, montada no que pareciam ser trilhos de trem, foi colocada em uma posição de início.

— Silêncio no set! — disse Min. — E o som pode rolar.

Alguém disse:

— O som está vindo.

— Câmera — disse Min.

Outra voz:

— Começou.

Alguém apareceu na frente de Krista com uma prancheta.

— Cena 14 A, take um. Mark.

Bateram a claquete.

— Todo mundo pronto — disse Min. O set ficou em silêncio. — A câmera está pronta?

— Pronta.

Então, foi Greg quem falou de sua posição atrás de um monitor.

— E ação!

Tristan apareceu de trás de uma das outras cabines, caminhando de modo confiante. A câmera o acompanhou. A música rompeu o silêncio. Boyz Unbridled. Krista riu. Algum adorador idiota de Tristan não havia desligado o telefone. A câmera começou a andar. Pessoas olharam para ela. Então, ela se deu conta: era *seu* telefone. Ela havia trocado o toque do celular para fazer piada. Pegou do bolso, mas antes que pudesse ver quem estava ligando, o aparelho foi arrancado de sua mão.

— Ei! — Ela se virou e viu Damian, muito bravo, segurando o telefone. — Eu estava tentando!

Em poucos minutos, todos estavam prontos para começar de novo.

— E... ação!

Mais uma vez, Tristan dobrou a esquina e, dessa vez, não foi interrompido ao atravessar a grama passando pela cabine de Krista. O rapaz olhou nos olhos dela. E sorriu.

Krista suspirou. E retribuiu.

— Corta! — gritou Greg. Ficou de pé atrás do monitor, tirando os fones de ouvido. — Lenka! Desinteressada!

— Desculpa, desculpa! — respondeu Krista. — Desculpa. — repetiu para Tristan, que estava voltando do ponto de início. Ela balançou a cabeça, tentando afastar os pensamentos e entrar no clima, como costumava fazer antes de uma apresentação de improviso. *Mantenha-se focada*, disse a si mesma. *Você consegue*.

Tudo começou de novo. Greg disse “ação”. Tristan apareceu. Ver o rosto perfeito de Tristan a deixou feliz sem querer. Por isso, o mais seguro, obviamente, era não ver o rosto dele. Krista desviou o olhar.

— Corta! — gritou Greg. — Lenka! O que está fazendo? Precisa olhar para ele.

— Ah, sim — respondeu ela. *Nossa*. Gravar um filme era mais difícil do que parecia.

Todos se prepararam de novo.

Precisaram de vinte e cinco tentativas para acertar tudo.

Evie se arrastou para o Estúdio B sentindo-se quase morta. O fato de ter se esquecido de comer qualquer coisa que não fossem morangos cobertos com chocolate no jantar e tomado o equivalente a seu peso em champanhe e margaritas havia causado uma ressaca que exigiu o uso de óculos escuros, mesmo no estúdio. Ela estava torcendo para que isso não afetasse o Bonita de nenhuma maneira; sua capacidade de resolver problemas naquele momento era zero.

Kelly, Rich e alguns outros membros da equipe estavam ao redor de um laptop. Ela só conseguiu perguntar:

— O que você está... fazendo?

Mas precisou se sentar em seguida.

— Adrian enviou as coisas que você filmou ontem à noite.

Kelly virou a tela para mostrar a Evie. Estava pausada em uma cena de Velma e Chloe. As duas sorriam uma para a outra como vencedoras de algum prêmio. Com o vestido dourado e justo de Krista, Chloe, toda maquiada e radiante com a atenção recebida, estava...

— Linda — disse Kelly. — Você está ótima, Fontaine.

Evie não conseguiu responder. Era quase impossível acreditar que aquela era ela com Velma. Claro, não era ela de fato... Mas, de algum modo... De algum modo, meio que era. Evie não conseguia parar de notar os olhos enormes de Chloe, ainda maiores por causa do rímel, os dentes brancos, a pele clara.

— Também estamos correndo atrás das promoções e das divulgações — contou Rich.

Ele estava usando uma camiseta na qual se lia “Direito Harvard” e, embaixo, a palavra “Brincadeira”. Ele apertou algumas teclas e a filmagem mudou. Assim como o entusiasmo de Evie.

A garota sentada à mesa cor-de-rosa estava pálida. E não de uma maneira vampira-sensual. De um jeito meio exagerado. Ela não era feia — ainda era Chloe Fontaine. É que, em comparação com a Chloe Fontaine linda que havia se encontrado com Velma Wolff, a garota na tela estava... apagada. Como uma moeda dourada que perdeu o brilho.

Ela não queria que Velma a visse daquele jeito.

Kelly fechou o laptop.

— Estaremos prontos para filmar a matéria “Melhor encontro” em trinta minutos, Chloe.

Ele se dirigiu aos homens que estavam montando a iluminação.

— Posso dar uma olhada em cinco minutos, por favor, pessoal?

*Tudo bem, disse Evie a si mesma. Vamos pensar aqui. Não é você. Você só acha que Chloe está feia porque aprendemos a pensar que as mulheres usarem toneladas de maquiagem é o normal, quando não é. Chloe não está tão ruim. Quer dizer, ela não está bonita, mas não está tão feia.*

Marcello entrou no estúdio. Ele estava usando um terno lilás de verão e puxava a mala de maquiagem com rodinhas. Recostou-se na parede dos fundos. Quando viu Evie olhando, inclinou o chapéu para ela de um modo que parecia... importante. Um pouco de apreensão tomou o corpo de Evie. Será que Marcello suspeitava de alguma coisa? Ou ela estava só sendo paranoica? Ou — nova preocupação — seria a paranoia um efeito colateral do Bonita em si?

— Por que o Marcello está aqui? — perguntou Evie a Rich, aos sussurros.

— Ele tem um contrato de quatro semanas. Recebe se trabalhar ou não.

— Ah... — Evie contraiu os lábios. — Como você achou que eu estava na divulgação?

— Como alguém sem maquiagem — respondeu Rich.

Evie esfregou a testa com as pontas dos dedos, tentando pensar. Ela estava muito... *blé* na gravação. Além disso, a ressaca daquele dia não estava ajudando em nada. Ela podia enganar Marcello com relação a isso. Além disso, ainda que ele desconfiasse de alguma coisa, o que poderia dizer? Evie falou para Rich:

— Talvez seja melhor deixar um look mais natural.

Rich assentiu.

— Acho que isso só ajuda. — Ele falou para um funcionário que passava: — Pode trazer para mim um Bongo diet? Mas só se vier com fatias de limão. Se não tiver, vou querer um Bongo normal com gelo.

— Pode deixar — respondeu o rapaz.

— O gelo é muito importante — disse Rich.

— Entendi.

Rich olhou para Evie de novo.

— Comece com o look natural, sem dúvida.

No Camarim 4, Evie deixou Marcello lavar seus cabelos. Os dedos dele massageavam seu couro cabeludo com delicadeza, enxaguando os folículos capilares com água morna. Apesar da vontade de resistir em vez de aproveitar, ela se sentiu derreter. O xampu com cheiro de limão acalmou sua ressaca, e, quando Marcello estava torcendo os fios para tirar a água, o mal-estar já estava quase tolerável.

Quando ele pegou um secador, ela deu um alerta.

— Nada de deixar meus cabelos certinhos.

— Certinhos?

— Sim, aquele mesmo look que as atrizes sempre têm. Com cachos grandes. — Evie tentou explicar, girando os dedos ao redor do rosto. — Quero cabelos normais.

Marcello assentiu com tranquilidade.

— É pra já.

*Esse é outro padrão ridículo de beleza, pensou Evie quando Marcello começou a secar seus cabelos. Nos filmes, as mulheres com cabelos lisos os deixam encaracolados, e as mulheres de cabelos encaracolados querem alisá-los. Se todo esse tempo fosse gasto, por exemplo, no estudo do roteiro ou aprendendo a montar a iluminação, certamente Hollywood seria um lugar melhor.* Evie tinha muitas ideias a respeito de como o mundo deveria ser conduzido e, sinceramente, era esquisito que tanto tempo havia se passado até as pessoas enfim começarem a ouvir o que ela dizia.

Quando terminou a escova completamente normal, difícil-de-dizer-que-foi-escova, Marcello prendeu os

cabelos de Evie para que não caíssem no rosto. A cor da unha tinha mudado: naquele dia, estava um cor-de-rosa bonito, exceto os dedos anelares, que estavam pintados de preto. Marcello olhou para ela pelo espelho, com as mãos apoiadas em seus ombros.

— E então? — perguntou ele. — O look natural.

Evie olhou para o rosto pálido e sem glamour refletido no espelho e tentou não fazer uma careta.

— Exatamente.

Marcello colocou um pouco de tônico em uma bolinha de algodão e passou no rosto dela. Manchas escuras marcaram o algodão.

— Estou vendo que você usou maquiagem ontem à noite — disse ele.

— É... — disse Evie, ajeitando-se na cadeira. E apesar de ter decidido não se aproximar de Marcello, para o caso de ele acabar desconfiando, flagrou-se explicando: — Eu fui a um evento. E meio que... em um encontro. Mais ou menos.

Marcello ergueu uma das sobrancelhas.

— Quem foi o sortudo?

Evie ergueu uma sobrancelha para ele, em resposta.

— Na verdade, era uma mulher.

Marcello parou no meio do movimento. Seu rosto se iluminou como se o sol tivesse saído de trás de nuvens.

— É mesmo?! Eu não fazia ideia de que você era da família arco-íris.

— Sou lésbica de carteirinha. — Ela olhou para ele com os olhos arregalados, propositalmente tola. — Não me diga que você também é gay?

Ele começou a rir.

— Você é engraçada — disse ele. Passou os dedos pelos frascos de corretivo no balcão, com variações de tom. Quando voltou a falar, a voz estava mais intensa. — Como foi seu encontro com a sortuda?

Evie recontou a noite de modo resumido, terminando com sua atitude de mulher difícil no fim, pela qual Marcello a parabenizou.

— Foi assim que conquistei meu homem — comentou, espalhando pontinhos de base no rosto e nas têmporas dela. — Ele me chamou para sair todos os fins de semana durante um ano todo, e eu disse não todas as vezes. O cara ficou doido. Doido de amor.

— Por que você ficou dizendo não?

Marcello começou a espalhar o líquido denso na pele de Evie.

— Ele gostava de jogar. Eu não queria joguinhos. Então, fiz o cara suar. Era o que ele queria. Que alguém dissesse não.

— Estudante da natureza humana...

Marcello fez um barulho indicando que concordava.

— Ou talvez eu estivesse com medo. Não sei.

— Medo de quê?

Marcello deu de ombros, voltando-se a seu kit.

— De me apaixonar, talvez. De ir atrás de algo que eu queria. Caramba, mulher. — Virou-se para olhar para ela. — Você me pôs em um confessionário.

— Desculpa. — Evie conteve o sorriso.

Marcello encostou o pincel de blush no rosto dela, delicadamente.

— Não se desculpe. Faz parte do seu trabalho, certo? Entrevistar pessoas.

— É... — disse Evie. — É, acho que sim.

— Então, parece que escolheram a garota certa.

— Pelo menos, vou conseguir disfarçar — disse Evie, admirando suas bochechas rosadas. — Graças a você.

Marcello sorriu. Um sorriso leve e contido.

— Ah, sim, Chloe Fontaine. Você está se saindo muito bem.

\* \* \*

Quando Marcello terminou, Evie se sentiu consideravelmente melhor. O look natural de Marcello, que só demorou vinte minutos, ajudou a deixá-la mais apresentável. Nem parecia estar maquiada.

Kelly observou o rosto de Evie por um instante e até a blusa lilás que usava. Ela havia mantido sua posição com Gemma e Rose. Nada caro nem de grife, elas tinham garantido, só uma blusa simples de decote V de um estilista da região que usava algodão orgânico. Porém, ela estava disposta a ir do cinza ao lilás, e do folgado ao justo. Era mais bonito. Velma estaria assistindo.

Ela se sentou à cadeira cor-de-rosa de apresentadora. Conseguiu ler o começo de um roteiro em um teleprompter ao lado de uma câmera gigante apontando para ela. Rich estava ao lado da tela, com os braços cruzados. Evie sentiu a ansiedade no peito. Sua primeira vez na TV. E era uma matéria sobre bissexualidade. Apesar de o assunto estar bem entendido em seu círculo de amizades, em que todo mundo era gay, bi ou algo nesse espectro, Evie tinha certeza de que não era o caso na região central dos Estados Unidos. Isso estava prestes a mudar. Ela causaria uma verdadeira revolução sexual. Em algum lugar, um dia, alguém provavelmente faria uma estátua em homenagem a ela.

Rich disse “ação”.

Evie sorriu e começou.

— É uma pergunta bem antiga, uma pergunta que nós, aqui na *Extra Salt*, estamos determinados a responder: quem é melhor na cama? Os homens têm as melhores atitudes? Ou as meninas devem levar o prêmio? Fomos às ruas para descobrir. Para, para, para! — Evie estreitou os olhos para Kelly. — Isso não está certo.

Kelly apareceu na frente da mesa.

— O que foi?

— Está escrito “Quem é melhor na cama”? — Evie apontou as palavras. — Deveria ser “Quem é melhor em um encontro?”.

— Tivemos de fazer algumas mudanças — disse Kelly. — Basicamente, é a mesma história. — Ele olhou para o chão do estúdio. — Tudo bem, começando de novo...

— Não, espera, espera. — Evie segurou o braço de Kelly. — Não é, não! Minha matéria é sobre quem é melhor em um encontro e, para mim, são as mulheres. Isso é uma merda de guerra dos sexos.

— Não — disse Kelly. — É uma história engraçada e maliciosa que dá igualdade ao poder sexual de homens e mulheres.

Evie lançou a ele um olhar sério.

— Não tente me enganar. Tem que ser sobre bissexualidade. Pensei que vocês gostassem disso. Pensei que vocês quisessem alguém diferente. E toda aquela história a respeito de precisarem de uma apresentadora com “personalidade forte”?

Kelly franziu a testa.

Tarde demais, Evie percebeu que era o que Evie tinha ouvido, mas não Chloe.

— Evie deve ter mencionado isso. A que divide apartamento comigo.

— Queremos o lance bissexual — falou Kelly. — Mas não... no primeiro episódio.

— Então, a história é diferente — retrucou Evie. — Mais besteira heteronormativa.

Kelly se agachou ao lado dela.

— Estou do seu lado, Chloe. Mas, se aparecermos com esse tipo de matéria, afastaremos as pessoas. Nós nos tornamos nicho quando queremos ser amplos. — Seu tom de voz sugeria que ele estava contando um segredo muito importante. — Assim, conseguimos atrair os telespectadores, estabelecemos a confiança, formamos uma plateia. Depois, podemos ultrapassar limites. Prometo.

Em dúvida, Evie olhou para o produtor.

— Você, pelo menos, vai entrevistar gays para a gravação na rua?

— Claro. — Kelly assentiu. — Com certeza. Se nós os encontrarmos, com certeza.

— *Se* encontrá-los? Estamos em Nova York...

— Cara, há mais coisas nessa história de “Heroína Feminista”... — disse Kelly.

— Kelly? — chamou Rich. — Vamos em frente?

Kelly olhou para Evie.

— Combinado?

Aquilo era uma merda, e ela não sabia se Kelly estava mentindo ou não.

— Não sei.

— Vamos, cara. — Kelly apertou o ombro de Evie. — Não vamos deixar que o trabalho árduo de Marcello seja desperdiçado. Você está linda.

Evie deu um sorriso discreto, mas ficou séria em seguida.

— Não estou.

— Está brincando? — Kelly se inclinou para dizer algo no ouvido dela. Seu hálito cheirava a café e cigarros. — Consigo ver o que ela vê em você.

Ele virou a cabeça em direção à entrada do estúdio. Na mesinha, havia um buquê de flores enorme.

— Acabou de chegar. Parece que você causou uma ótima impressão em Velma Wolff, Chloe.

Kelly voltou para trás da câmera. Evie nem sequer o viu sair. O buquê era enorme, um lindo jardim de lírios, rosas e hortênsias. E era de Velma Wolff. Ela teve que se conter para não sair correndo pelo estúdio para ver se havia um cartão. Seus nervos estavam à flor da pele. Velma Wolff havia enviado flores a ela.

— Está pronta para começar de novo? — perguntou Rich.

Evie olhou para o teleprompter de novo. Um sorriso enorme apareceu em seu rosto, mostrando as covinhas que ela sabia que eram adoráveis.

— Pronta.

Depois de passar pelo momento Garota dos Sonhos Ignorando o Gostoso do Tristan com sucesso, chegou a hora do almoço. Krista passou dez minutos andando ao redor do trailer prateado e enorme de Tristan até enfim sentir coragem de bater à porta. Tossiu um pouco devido à fumaça com cheiro amadeirado, esfregando os olhos na semiescuridão.

— Oi?

Tristan estava com as pernas cruzadas em um sofá branco de couro, com as mãos pousadas serenamente nos joelhos. Ele abriu os olhos.

— Lenka...

— Desculpa. — Krista estava diante da porta escura. — Não quis interromper.

— Tudo bem. — Tristan ficou de pé e espreguiçou-se. — Entra.

Ela sentiu uma onda de adrenalina correr por suas veias. Ela. Estava. Dentro. Do. Trailer. Do. Tristan. E tudo por causa do Bonita. Krista Kumar nunca entraria para fazer nada no santuário do ex-estrela-do-pop-barra-atual-astro-de-filmes. Mas Lenka Penka? Entrou.

— Acabei de voltar de um retiro de meditação em Phuket. — Tristan abriu um armário da cozinha, pegou um copo e abriu a torneira. — É incrível como nossa mente pode ser barulhenta, sem que nós percebamos.

— Sim, detesto isso.

Krista olhou para tudo, tentando absorver o máximo de detalhes de uma vez. Um espaço com um fogão de duas bocas, uma pia e um frigobar, além de um micro-ondas. O sofá branco ficava encostado em uma parede. A mesa de tampo de fórmica ficava ao lado, com duas cadeiras embaixo. Do outro lado, havia uma porta estreita, aberta e mostrando um pedaço de um vaso sanitário e um box com chuveiro.

Depois, mais uma porta. Provavelmente, o quarto. Ela poderia ver melhor mais tarde.

Havia algo em cima de um plástico-bolha no balcão da cozinha. Uma estátua dourada de um homenzinho careca. Um troféu. Tween King! Na base, estava escrito Prêmio de Grande Realização. Ela o vira recebê-lo ao vivo na MTV.

— Ai, meu Deus! — disse ela, e esticou o braço para pegá-lo.

— Ei!

Ele segurou o punho dela, com as pontas dos dedos a centímetros do homenzinho careca.



Krista se retraiu, puxando a mão.

— Lenka... — Tristan se preparou. — Desculpa. Eu não queria gritar. É que... — Ele formou um círculo com a boca, como se estivesse procurando o modo certo de dizer algo. — Não é um troféu. Não mais. É mais um talismã. É algo que Umsa me deu. — Em resposta ao olhar de confusão de Krista, ele explicou: — Umsa é meu conselheiro espiritual.

— Seu... O quê?

— Meu guru. Mentor. Não, tipo um... guia, acho. — Tristan suspirou. — É complicado. Talvez um dia, eu explique a você. Mas por enquanto... por favor, não toque nesse assunto.

— Tudo bem. — Krista fez um bico. — Tudo bem.

Tristan se posicionou entre ela e a estátua.

— Então, Lenka, o que posso fazer para ajudá-la?

— Pensei em repassarmos algumas de nossas cenas. Talvez assim eu não me saia tão mal — respondeu ela, com um sorriso rápido, mas sensual.

Tristan respirou fundo pelo nariz e semicerrou os olhos, evidentemente alheio à autodesvalorização na frase de Krista.

— Estou sentindo uma *vibe boa*. Claro, por que não?

Ele pegou um roteiro que estava na mesa.

Krista se sentou no meio do sofá. Tristan se sentou na ponta mais distante.

— Tudo bem, vamos à cena do carnaval — disse ele, abrindo o roteiro. — Sinto que é aqui que Zach começa a ver a Garota dos Sonhos de um jeito diferente. O que acha?

Krista achava que Tristan não estava agindo como alguém interessado em suas vibrações “Aberta para Negócios”, que brilhavam em neon.

— Olhe, vamos nos livrar disso. — Krista pegou o roteiro das mãos de Tristan e o jogou de lado. — Eu os considero prescritivos demais. Uso um método que é muito mais... primitivo.

Seu companheiro de cena balançou a cabeça.

— Como assim?

— Eu trabalho com... — O olhar de Krista se voltou para as sandálias dela. Para as sandálias com estampa de leopardo. — Metáforas animais.

A ideia veio depressa, energizando-a ainda mais. Interpretar Lenka para Tristan era mil vezes mais fácil do que interpretar a Garota dos Sonhos para Greg.

— Como nessa cena, sou uma leoa e você é o leão.

Tristan assentiu, com os olhos atentos e interessados.

— Sim, sim. Gosto disso. Primitivo. Intenso. Vamos tentar?

— Sim! — Krista ficou de pé. — Certo, vou começar aqui. Você vai para lá. — Ela apontou para o fundo do trailer.

— Ótimo! — Tristan se aproximou. — Mãos e joelhos? No chão?

— Sim. — Krista assentiu. Seria melhor para mostrar o decote. — Você precisa se comprometer, está bem?

Ele assentiu, sério.

— Com certeza, Lenka.

Tristan fechou os olhos. Krista conteve o sorriso. Então, se retraiu. *Sou uma leoa, rainha do Serengeti*, disse a si mesma. *Tristan é meu par: meu parceiro leão forte*. Ela arqueou as costas e mexeu o traseiro. Quando voltou a se concentrar, Tristan a observava, com a cabeça baixa, olhos vidrados. Uma onda elétrica percorreu

seu corpo.

Tristan emitiu um rugido baixo.

Krista reagiu.

Ele deu um passo na direção dela.

Ela ficou onde estava.

O rapaz rastejou-se um pouco mais. Não desviou o olhar. Ela quase ouviu um batimento cardíaco oco e rítmico quando ele se aproximou dela, aumentando em intensidade. Os dois se encaravam. O clima era tenso.

E naquele momento ela era uma leoa e ele, um leão, com os pelos dourados, soprando sobre os corpos musculosos, as patas enormes, os dentes afiados, os olhos brilhando em um tom igualmente dourado.

Ele se aproximou. Krista sentiu algo atraí-la para ele, algo imediato e forte. Era um instinto básico, era uma proposta indecente.

Ele rosnou.

Ela rosnou.

Tristan se apoiou, pronto para atacar, pronto para tomá-la, e ela queria que ele fizesse isso, precisava que ele fizesse. Ele rosnou de novo, prestes a beijá-la, prestes a devorá-la...

Krista inclinou a cabeça para a frente, esperando encontrar os lábios de Tristan, mas só encontrou o ar. Tristan havia se levantado.

— Uau! — disse ele. — Eu senti isso.

Ela se sentiu tomada pela decepção cortante. Mas, surpreendentemente, o que sentiu com mais força foi... satisfação. Claridade criativa. O calor do sucesso que tomava conta dela era tão quente e tão justo quanto os aplausos.

— Eu também — admitiu Krista. — Eu me senti uma leoa.

— Se pudermos passar isso na frente da câmera, a Garota dos Sonhos e Zach terão muita química. — Ele sorriu para ela, encantado. — Técnica incrível, Lenka.

— Obrigada. — Krista sorriu de volta.

Tristan conferiu a hora no telefone.

— Tudo bem... Preciso ir para o estúdio, mas quando voltar vamos tentar a cena do cachorro-quente. Talvez possamos ser macacos.

Krista assentiu.

— Com certeza! Sim!

Tristan apoiou uma das mãos no ombro dela e apertou. Por um segundo, ela pensou que ele a puxaria, encostaria a boca na dela. Porém, Tristan só sorriu e saiu do trailer.

Com os joelhos fraquejando, Krista se sentou no sofá, feliz e abalada. Estava acontecendo. Eles tinham química. Assim como a Garota dos Sonhos e Zach. Krista fechou os olhos. Imaginou a boca de Tristan na dela, beijando-a delicadamente, as mãos em seus cabelos. Ele estava usando um smoking preto, enquanto ela usava um vestido branco e longo. E era Krista, não Lenka, beijando Tristan...

Krista abriu os olhos.

Aquela era uma fantasia de casamento. Sem limites. Ela bateu a mão na lateral da cabeça. Tristan não se apaixonaria por Lenka Penka. E ele certamente não se apaixonaria por Krista Kumar: nem sequer a conheceria.

Krista respirou fundo e suspirou. Hora de começar a esperar de novo. Talvez houvesse mais cupcakes. Mas, quando olhou para o mundo comum e nada especial fora do trailer de Tristan, parou. O Bonita era seu passaporte para o trailer. E não duraria para sempre. E, em parte, ser uma adulta comprometida e de cabeça

aberta era dizer sim às coisas, era agarrar a vida pelos chifres e se segurar. E Tristan não havia pedido para ela ir embora: não explicitamente.

Sem fazer barulho, Krista fechou a porta do trailer.

Ela enfiou a chave na fechadura fingindo facilidade. Não queria fazer aquilo.

— Para emergências — disse Mark antes, pressionando o pedaço de metal com dentes de bronze na palma da mão. Seu hálito tinha cheiro de uísque; coragem líquida para uma oferta corajosa. — Em caso de necessidade.

Willow nunca a tinha usado. Até aquele momento. Levando tudo em consideração, parecia que seria mais difícil de utilizar, mas a chave se encaixou como uma faca cortando seda.

Ela ficou parada na porta, absorvendo o silêncio. Dali, o murmúrio da rua estava abafado, uma trilha sonora quase imperceptível. A luz da tarde passou pelas persianas entreabertas.

O apartamento de Mark.

Sabia que ele não estava ali, um fato que Willow havia conferido minutos depois na saleta. Havia telefonado para o trabalho dele e recebeu a informação de que o sr. Salzburg ficaria em reunião até as cinco horas.

Então, ela estava sozinha.

Fechou a porta. A tranca clicou lentamente, suave como um beijo. O coração dela batia acelerado, em contraste com a familiaridade silenciosa que se espalhava diante de si: o recinto de um solteiro.

Organizado. Limpo. Despretensioso.

Assim como Mark.

Assim como seu namorado, Mark.

Ela foi para a frente, com as pontas dos dedos nas costas do sofá, à beira de um abajur. O conteúdo da geladeira era escasso, previsivelmente; seis latas de cerveja, comida chinesa pronta, um jarro de pickles esquisitos. Os pratos estavam lavados, secando no escorredor. Um prato, uma tigela, um copo de água. Nada surpreendente.

*Quero ser surpreendida?*

A bolsa preta cheia de equipamentos de filmagem estava embaixo da cama. Uma empresa de pós-produção a havia enviado ao pai dela como presente: ele, então, deu para Willow, que a dera a Mark. Sua câmera de verdade estava em casa, claro, portanto, longe do alcance. Ela estava evitando Matteo e Claire.

Abrindo o zíper da bolsa, encontrou a câmera, as lentes, até mesmo um pequeno tripé. Mark não notaria sua ausência. Mas não era só isso. Ela procurava... outra coisa.

Ajeitou uma toalha no chão do banheiro com o pé, ainda um pouco úmida. Deu a descarga. O descer repentino da água pareceu quase musical. Na sala de estar, ela analisou a correspondência que tinha se acumulado na mesa ao lado da porta. Uma conta da Time Warner, cartões de crédito pré-aprovados do Citibank, um folheto do Barry's Bootcamp.

E então... algo.

Seus batimentos cardíacos, que tinham se acalmado, complacentes, aceleraram de novo.

Embaixo do monte de cartas, havia um descanso de copo. Grosso, redondo, de papelão, com um logo, um site e um endereço. Tinha pontos vermelhos. Como gotas de sangue. Ou de vinho tinto.

Era do Lenny's.

Ela o virou. Na parte de trás, havia um rascunho. Simples, provavelmente com uma das lapiseiras que Mark sempre levava consigo. Era uma garota com olhos enormes, um pescoço comprido e lábios lindos.

Caroline.

O peito de Willow estava subindo e descendo, e o choque inicial se tornou outra coisa, algo infeccioso e terminal se espalhando por seu corpo. Quando ela percebeu que provavelmente era da noite anterior, quando ela se sentou com Mark e bebeu três copos de Shiraz, a sensação se espalhou de seu peito para os membros, tomando sua cabeça com um rosnado, uma sensação terrível e incrível, como se ela fosse uma esponja: absorvendo tudo, manchando, crescendo.

Arrisque-se.

Então, ela se movimentou.

Correndo para abrir o zíper da bolsa ainda na cama de Mark, encaixar as lentes, colocou o tripé. Correndo, para que não perdesse o momento.

Não perdeu.

Porque, quando Meredith abriu um e-mail menos de uma hora depois, o peito da curadora apertou. O e-mail não tinha palavras, só 12 retratos em preto e branco. Caroline, um lago de tristeza no rosto. Caroline, uma única lágrima descendo pelo rosto. Caroline, lábios entreabertos em um soluço silencioso.

Era o desespero da juventude, o êxtase da beleza, e, enquanto essas palavras se formavam na mente de Meredith, ela sabia que tinha algo. Que tinha algo de verdade.

O e-mail de resposta de Meredith a Willow era só uma palavra.

“Brilhante.”

A ansiedade de ficar no trailer de Tristan McKell se recusava a diminuir.

Apesar de lembrá-la de um quarto de hotel não muito incrível, tinha aura. Krista sentia. Além disso, quando Tristan voltasse, eles podiam fingir ser macacos, animais que tinham uma atitude bem liberal com relação ao sexo.

Ela ajeitou as pernas embaixo do corpo, acomodando-se no sofá, relaxando. Sua imaginação chegou ao rosto de Tristan, levemente tomado pela barba rala. Ombros fortes que ficavam bonitos de terno, e lá estava ele, sorrindo animado, embaixo de um arco de rosas vermelhas, segurando um anel com uma pedra do tamanho de uma bola de golfe... Krista começou, abrindo os olhos. *Não*, instruiu a si mesma. *Não um casamento. Sexo. Só sexo.*

Ela fechou os olhos de novo, determinada a manter a malícia. Imaginava Tristan jogando-a numa cama king size e arrancando sua calça com a facilidade de um stripper. Tristan, puxando-a na direção dele com braços de atleta. Uma onda de calor tomou seu corpo, e o floreio final acabou no clitóris. Ela escorregou os dedos por baixo do elástico da roupa íntima. Ela podia se masturbar. No trailer de Tristan. Tão maliciosa. Tão excitante.

Tristan, glorioso como um deus, pegando-a por trás. Tristan, com o rosto envolvido pela boceta dela enquanto ela se esfregava em sua boca como um jôquei campeão.

Tristan, imobilizado, impotente e adorando cada segundo. Tristan, Tristan, Tristan!

Ela mal percebeu que estava tocando o troféu do Tween King. A excitação era um véu quente, culminando em um desejo forte de ser *penetrada por qualquer coisa*. Ela gemeu quando a cabeça dourada e lisa escorregou para dentro dela. O tamanho era perfeito, e Tristan voltou a suas fantasias, em um foco claro e som *surround*. Tristan, jogando dinheiro enquanto ela girava ao redor de um mastro em uma roupa horrorosa de stripper. Tristan, amarrando-a e batendo nela como se ela fosse uma menininha levada. Tristan, em cima dela, com os bíceps em movimento enquanto a penetrava várias vezes, prestes a gozar, perto do clímax, quase lá... Sim, sim, sim...

— Meu Deus!

Uma voz de homem — não de sua fantasia. Os olhos de Krista se abriram.

Damian e uma assistente estavam à porta aberta do trailer. Os dois estavam parados, expressões parecidas como se dissessem: *Que porra é essa?*

— Merda...

Krista pegou o troféu dentre as pernas, suando, ainda delirando.

A assistente se assustou. Damian pigarreou.

— Eu estava só... esperando Tristan voltar.

Krista se esforçou para puxar a calcinha para cima, e a saia para baixo.

Quando Damian falou, suas palavras eram lentas e inacreditáveis.

— Você estragou o troféu do Tween King de Tristan.

Krista olhou para o troféu-barra-vibrador que estava segurando, brilhando levemente à luz acima.

— É... Mas a iniciativa foi dele. — Ela riu.

Ninguém mais riu. As assistentes trocaram um olhar assustado. Com a voz fraca, Damian disse:

— Lenka, por que não vem comigo? Precisamos tirar você daqui.

— Vou lavá-lo — disse Krista, mas Damian ergueu a mão em protesto.

— Ah, meu Deus! Me dá isso aqui!

Krista entregou o troféu a ele.

Ela seguiu as duas assistentes para fora do trailer de Tristan, com a cabeça baixa. Aquelas não foram as atitudes de uma adulta de mente aberta que estivesse dizendo sim à vida.

Foram as atitudes de alguém que estava maluco.

Decidir o que vestir para um encontro com Velma Wolff causou em Evie uma leve confusão mental. O chão do quarto era um mar de opções descartadas. Claro, nada podia acontecer com Velma. Tipo, *acontecer*, de fato. Chloe era uma impostora. Uma espiã. Uma agente dupla com um tempo de vida limitado. Porém, isso não significava que ela não estivesse interessada. E curiosa. Será que ela, Evie Selby, poderia se conter em um encontro com uma celebridade? Ela não fazia ideia. Só sabia que estava atrasada.

A gravação da matéria da “Heroína Feminista” havia passado. Kelly deu muito apoio, deixando-a falar por dez minutos seguidos a sobre a força das heroínas da ficção para jovens adultos, criadas por e para mulheres, bem diferentes daquelas sexualizadas de filmes de super-heróis patriarcais. E sobre vários outros pontos importantes que estavam escorregando de sua mente naquele momento porque ela não tinha absolutamente nada para vestir. Não só isso, mas sua franja precisava ser acertada. Era longa o bastante para tocar seus cílios. O efeito era um ar *indie* e certamente sexy, mas, porra, estava começando a irritar. Se Evie tivesse como escolher sua *persona* trazida pelo Bonita, não teria escolhido franjas, por uma questão puramente prática.

O telefone tocou. Ela achou que fosse Krista, que tinha enviado mensagens de texto a tarde toda para falar sobre uma “emergência com um ator”. Porém, ela não reconheceu o número. O restaurante? Alguém da *Extra Salt*?

— Alô... — *Espere, cuidado...* — ... Sou eu.

— Olá, minha querida. Tive a sensação de que você atenderia.

— Mãe? — Sua voz estava mais alta, em surpresa. Evie conferiu o telefone de novo. — Não reconheci você. Que número é esse?

— O telefone fixo novo. Pois é, telefone fixo. Sua mãe é antiga.

— Ah, sim, você comentou. — Evie olhou ao redor no quarto, um pouco confusa. — Como você está? Como está... tudo?

— Bem, não quero ver outra caixa de mudança na vida, com certeza.

— Você está se acomodando bem? — Seu lado jornalista sussurrou que aquela era a mesma pergunta de antes, mas ela estava meio assustada para pensar com clareza. Sentou-se na ponta da cama e tentou se lembrar exatamente de quando a mãe tinha se mudado.

— Estou. — A mãe respirou profundamente e satisfeita. — O ar aqui está bem fresco. Eu já sinto as



toxinas escorrendo da minha pele.

Sua mãe estava sendo literal: nos últimos 16 anos, havia trabalhado no salão de cabeleireiro mais chique do bairro (mas, cobrando 45 dólares por corte feminino, não era grande coisa).

— Aposto que sim.

Evie ouviu o som agradavelmente sem ritmo dos sinos de vento. Ela tentou imaginar a mãe, Tina, observando o sol se pôr atrás das Montanhas Adirondack, mas a imagem estava borrada. A vista era do leste ou do oeste? Seus cabelos grisalhos estavam presos em um coque ou soltos pelos ombros? Ela ainda não acreditava que a mãe havia realizado o acalentado sonho de largar a vida urbana e mudar-se para um lugar nas montanhas.

— Você precisa vir me visitar. Você adoraria as coisas aqui. Tem uma feira todo domingo. Estou pensando em vender minha geleia lá.

A ideia de sair de Nova York levou Evie de volta ao presente com um baque.

— Adoraria, mas não no momento. Estou... ocupada.

Evie postou-se em frente do espelho para olhar a bunda.

— Bem, em breve, então. Você parece meio... fanha. Está gripada?

— Hum, é, acho que estou ficando gripada.

Tudo certo com a bunda.

— Você está tomando floral de equinácea? Ainda tem Rescue Remedy?

A palavra *remedy* sempre fazia Evie se retrair. Fazia com que se lembrasse de Remedy Dashall, que foi a rainha do baile sorridente e cabeluda da época de Evie. Ela não foi à formatura, mas sua mãe fez o penteado de Remedy e de todas as meninas da festa naquela noite. Evie tinha certeza de que os compromissos profissionais eram bons para sua mãe, mas a imagem dela recebendo ordens de Remedy com a cabeça cheia de papel-alumínio era simplesmente horrorosa.

Evie bufou.

— Não posso conversar agora. Tenho um encontro.

— É mesmo? Com quem?

Claro, Evie teria adorado dizer a verdade — que Velma Wolff havia enviado flores e feito uma reserva para o jantar à noite no Whitewood, um restaurante chique na parte de Tribeca que pertencia a Jeff Goldblum, mas isso atrairia muitas perguntas.

— Encontro on-line. Não a conheci pessoalmente ainda.

— Fico muito feliz por você ainda estar namorando mulheres, linda. O lesbianismo é a maior expressão da energia feminina de que precisamos para curar esta terra.

— É exatamente por isso que sou lésbica — disse Evie, e as duas riram. — Mas desculpa... Não posso conversar agora. Estou atrasada.

— Mas não conversamos há semanas.

Sua mãe parecia decepcionada e Evie lutou contra uma onda de culpa.

— Eu sei, mas preciso ir ao restaurante. Em exatamente... — Ela conferiu o telefone: 19h40. — ...Vinte minutos! Merda, nem comecei a fazer a maquiagem!

— Ah, querida, você não precisa de maquiagem. — Muito sincera, a mãe disse: — Você é muito linda.

A mão de Evie parou no meio do movimento. Normalmente, era o momento em que ela rolava os olhos e murmurava: “Não sou...” ou “Um rosto que só a mãe amaria...”. Mas, depois de encarar Chloe no espelho — uma boneca de tamanho humano no meio do quarto —, ela só disse:

— Obrigada, mãe.

— Amo você.

— Também amo você. Tchau.

O resto da preparação para o encontro aconteceu à velocidade de um furacão. Evie teve que terminar a maquiagem dos olhos no táxi. Marcello disse que o truque era misturar. Ela tentou imitar os movimentos rápidos de pontas de dedos do maquiador, esperando que o resultado fosse sensual, e não um olho roxo.

Estava dez minutos atrasada para chegar ao Whitewood, e a entrada ficava discretamente localizada em uma rua nos fundos. Não havia nome na frente, só uma porta pesada de metal. Ao abri-la, entrou em um dos melhores restaurantes nos quais já estivera. Havia cerca de uma dúzia de mesas espalhadas em um piso de madeira polida, cobertas por toalhas cor de creme, com vasos quadrados de rosas brancas. Plantas verdes muito viçosas ficavam penduradas nas paredes e entre as mesas, criando uma espécie de cortina. A luz era baixa, romântica, lançada discretamente de *spots* na parede. Tudo — desde os talheres pesados aos quadros grandes e monocromáticos nas paredes — parecia caro.

Ela disse à atendente — uma mulher negra esguia como um cisne com um lindo vestido amarelo — que tinha uma reserva em nome de Velma Wolff. A atendente disse a Evie que a sra. Wolff ainda não tinha chegado e que, por favor, se sentasse ao bar.

Uma taça alta de água foi colocada à frente dela por um bartender sorridente com uma camisa branca bem-engomada e uma gravata-borboleta. Quando ele perguntou se ela gostaria de ver a carta de vinhos, Evie assentiu com exagero. Um pouco de álcool para acalmar os nervos. Alguns minutos para afastar o estresse da corrida pela cidade.

A taça mais barata de vinho custava 14 dólares.

Era mais do que ela costumava gastar em uma garrafa inteira. *Que seja*, pensou, séria. *Quem está na chuva...* Ela pediu, mas quando pegou a carteira (embaraçosamente puída), o bartender levantou a mão em uma recusa educada.

— Nós a incluiremos na conta.

— Ah, claro... — Evie tentou dar a impressão de que tinha se esquecido.

Ela se sentou. E bebericou. E esperou.

Cinco minutos se passaram.

E então dez.

A chance de relaxar misturou-se à chance de se preocupar. Velma tinha escrito o número do telefone celular no cartão das flores; Evie havia enviado uma mensagem de texto mais cedo para aceitar o convite.

Velma respondeu com um: **Até mais.** Não havia outra mensagem que explicasse sua ausência.

Às oito e meia, ela estava pensando em sair. Já tinha bebido uma taça e meia de vinho; se pedisse uma terceira, ficaria bêbada antes dos aperitivos. Não queria telefonar nem enviar mensagem de texto; parecia uma atitude desesperada. Ela estava no restaurante certo, na hora certa. Sairia. Pagaria a conta e sairia. Ela era Chloe Fontaine, afinal, e atrasar-se meia hora era total e completamente...

— Oi.

A voz de um homem. Rouca e aveludada.

Era Jeff Goldblum.

Sua boca ficou seca. Não havia palavras.

— Me desculpe por me intrometer. Eu só queria dizer “oi”.

Os olhos dele estavam calmos e calorosos atrás de óculos elegantes sem aro. Seus lábios eram macios como travesseiros de hotel.

— Para mim?

Evie se arrependeu por parecer tão assustada-barra-embasbacada. Jeff Goldblum riu e estendeu a mão.

— Sou o Jeff.

— Ev... Chloe.

Evie se corrigiu bem a tempo. Ele se demorou no aperto de mão, e ela corou.

Jeff Goldblum apontou para a taça de vinho pela metade.

— Posso pedir mais uma taça de rosé?

— Claro — disse Evie. — Sim, por favor.

Jeff Goldblum, também conhecido como o teórico do caos mais sexy da história dos filmes de monstros, fez um sinal com a cabeça para o bartender.

— Não tive como não notar que você está aqui há quase meia hora. — Ele se recostou no balcão, ao lado dela.

Apenas 15 centímetros a separava do ator.

— Está esperando alguém?

— Estou. A pessoa está atrasada.

— Meia hora é tempo demais para deixar uma mulher bonita esperando.

Ele baixou a mão e a deixou a dois centímetros da dela. As unhas eram espetaculares.

— Posso ousar convidá-la para jantar comigo?

Jeff Goldblum a estava convidando para jantar. A cabeça dela girou como um carrossel, mas, antes que ela pudesse sequer começar a formular uma resposta, ouviu alguém resmungar:

— Goldblum.

Era Velma. De pé, com as mãos casualmente enfiadas nos bolsos da calça, olhando com simpatia para o homem ao lado de Evie.

— Está dando em cima da pessoa com quem marquei um encontro?

Jeff Goldblum olhou para Velma, depois para Evie e de volta para Velma, ligando os pontos. Sorriu.

— Velma, sua cachorra velha. Como está?

Minutos depois, Evie estava sendo acomodada a uma das melhores mesas do Whitewood por um garçom

bonito o bastante para ser modelo de roupa íntima.

— Vamos querer uma garrafa do cabernet sauvignon Lancaster Estate — disse Velma a ele.

— Excelente escolha. — O modelo de roupa íntima sorriu.

Vinho tinto não era exatamente o preferido de Evie, e parecia meio esquisito que Velma o tivesse pedido antes mesmo de Evie terminar de se acomodar. No entanto, o fato de ela ter feito a escolha sem nem olhar a carta de vinhos era impressionante. Por isso, Evie decidiu não se importar. Por alguns momentos, as duas se ocuparam colocando guardanapos no colo, encontrando a melhor maneira de se acomodar. Trocaram sorrisos desconfortáveis, como se estivessem esperando uma terceira pessoa atrasada. Velma fez um gesto indicando o vestido de Evie.

— Você está linda.

Evie quase disse “você também”, mas se conteve, sem querer parecer bajuladora.

— Obrigada.

Fez-se uma pausa.

Uma pausa esquisita.

Evie olhou ao redor, esperando ver o garçom aproximando-se com os cardápios, ou com água, com qualquer coisa para as duas fazerem, mas ele havia desaparecido.

*Diga alguma coisa!*, gritou seu cérebro. *Qualquer coisa, diga qualquer coisa!*

Evie disse:

— Fiz minha maquiagem no táxi...

Exatamente no mesmo instante em que Velma comentou:

— Que vestido lindo... Desculpe, o que disse?

— Nada. — Evie balançou a cabeça depressa.

Velma riu baixinho e colocou as mãos sobre a mesa.

— Desculpa — disse ela, olhando nos olhos de Evie. — Estou nervosa. — Evie olhou para ela, surpresa.

— Sou péssima em primeiros encontros — continuou Velma. — Não sei o que acontece, mas nunca me saio bem neles.

— Troquei de vestido cinco vezes — confessou Evie.

Foi a vez de Velma parecer surpresa.

— Sério?

Evie assentiu.

— Estou tão nervosa que acho que vou acabar vomitando.

— Fique à vontade. Pelo menos teríamos algo sobre o que falar.

Evie riu.

O garçom apareceu trazendo uma garrafa de vinho e alguns cardápios de capa de couro.

— Graças a Deus! — anunciou Velma em tom dramático, o que fez Evie rir de novo.

Duas taças de vinho tinto apareceram diante delas. Velma ergueu a dela para fazer um brinde.

— Aos primeiros encontros. Que tenhamos poucos deles.

Evie sorriu. Ela as via como se estivesse de fora: duas mulheres, uma famosa, uma linda, tilintando taças de vinho caro, sem dúvida. A imagem a fez estremecer de prazer. Ah, se Remedy Dashall pudesse vê-la!

— Saúde!

Elas brindaram. O som soou como um sino. O vinho tinha gosto de amoras e de chocolate amargo.

— Conte-me mais sobre a *Extra Salt*. — Velma parecia verdadeiramente curiosa. — É um programa de TV?

— Série on-line. Fui contratada para apresentá-la semana passada. Você foi minha primeira entrevistada. Velma pareceu surpresa.

— Acho que você se saiu muito bem. Muito melhor do que a maioria.

— É mesmo? — disse Evie. Ela cruzou as mãos e apoiou o queixo nos dedos. O gesto meigo e delicado pareceu servir para jogar charme. Não foi totalmente natural. — Explique melhor.

Velma contou a Evie sobre a pior entrevista que já tinha dado — um jornal de faculdade no Reino Unido cujo editor de literatura a detestava, descrevendo-a como “o diabo encarnado, mas menos charmoso”. Evie riu, mas ela não estava muito presente no momento. *Velma Wolff está me fazendo rir. Ela está sentada à minha frente. Está olhando para mim.*

Quando o garçom voltou para anotar os pedidos, nenhuma das duas tinha aberto o cardápio. Velma disse a ele que elas precisavam de alguns minutos.

— Você estudou aqui em Nova York? — perguntou Velma.

— No Estado de Nova York. Sarah Lawrence.

Com bolsa de estudo parcial, mas mencionar isso pareceria muita ostentação.

— Você se formou em...?

— ... Clichê cultural. — Evie abriu um belo sorriso. — Em jornalismo, com especialização em estudos de gênero, sexualidade e feminismo.

Velma sorriu, achando graça.

— E o que atraiu você nisso?

O modo com que Velma disse a palavra *atraiu* mexeu com Evie. Não havia ninguém no restaurante, na cidade, na terra, só a mulher sentada à sua frente.

— Imagino que vários fatores complexos político-econômico-sociais. Mas o maior foi o Me-chamem-de-Charlie.

— Como é?

Evie se ajeitou mais na cadeira.

— Eu era estudante e estava entediada em um bairro residencial de Chicago. O tipo de lugar onde o Olive Garden é considerado um restaurante fino e um piercing de sobrancelha tem a importância cultural de uma suástica. — Velma riu, e Evie parou para tomar um gole de vinho. — Um dia, chego à escola e descubro que nosso professor de história, supersério, o sr. Dillard, sumiu sem deixar rastros. E temos um substituta.

— Me-chamem-de-Charlie?

— Exatamente. Me-chamem-de-Charlie tinha cabelos ruivos tingidos, cinco brincos em cada orelha, e usava botas Doc Marten. Ela estava sentada com as pernas cruzadas na mesa de Dillard quando chegamos à sala.

— Uau!

— Ela era a pessoa mais maluca que nós conhecemos na vida real. E por sorte, para mim, ela estava substituindo o professor na semana de História da Mulher. História das opressões; da primeira, da segunda e da terceira ondas do feminismo; Germaine Greer; sinos; Naomi Wolf, essas coisas. Eu me lembro de tê-la visto com uma postura muito intensa com relação a isso. — Evie balançou a cabeça. — Eu me lembro mais daquela semana do que do ano todo de aula. Acho que todos nós estávamos assustados ou apaixonados por ela. Talvez as duas coisas.

— Que bacana.

— Você teve alguém assim? Alguém na escola que deu a você uma nova visão ou coisa assim?

Velma se recostou na cadeira. Seu sorriso se tornou complexo, quase tímido.

Evie sentiu que ela havia ultrapassado uma espécie de barreira invisível.

— E foi por isso que você escolheu os estudos femininos?

Evie inclinou a cabeça, pensativa.

— Provavelmente foi por isso que entrei para o Coletivo de Ação das Mulheres, quando comecei. Associei o feminismo a essa coisa muito legal, muito bacana, da qual as mulheres participaram. E, pelo menos na minha faculdade, aquilo acabou sendo verdade. Sei lá, provavelmente bebíamos mais e cantávamos mais no karaokê e transávamos umas com as outras do que fazíamos ativismo, mas era divertido.

Evie rolou a haste da taça entre os dedos, sorrindo com as lembranças: lembranças confusas, tomadas pela maconha, lembranças de revoluções sendo planejadas até as quatro da madrugada.

— Elas se tornaram meu círculo social, e era isso o que todo mundo estudava. Então, era algo sobre o qual não precisávamos pensar.

— E jornalismo?

— Bem, meu tio é repórter de rádio. Então, acho que está no sangue. O tio Mike. Ele também é gay. Então, acho que isso é coisa de família...

Velma sorriu, e suas sobrancelhas se franziram.

— Interessante...

Evie baixou os olhos, sentindo-se incandescente. Velma Wolff a considerava interessante. Evie não estava insegura a ponto de achar que não era — o jornalismo e a autoestima lhe ensinaram que todo mundo tinha uma história. Era só que... Velma Wolff a considerava interessante. Havia muito mais coisas que ela queria dizer à escritora — como seu trabalho no jornal da faculdade a fez pensar que dominar a imprensa era tão fácil quanto parecia, e a percepção desanimadora de que simplesmente não era assim; como seu estágio de verão na *Salty* não tinha passado de uma maneira de ter um emprego em outro lugar no reino de Heimert Schwartz e como isso deu errado; como, quando seu tio se revelou gay aos quarenta anos, seus avós o deserdaram, mas que sua mãe havia se negado a parar de amar o irmão. Mas, antes que fizesse isso, o garçom apareceu de novo.

— Desculpa... — disse Velma, sem parecer arrependida. — Vamos escolher agora. Prometo. — O garçom sorriu e pediu para elas ficarem à vontade.

Evie correu os olhos pelo cardápio sem ler. As coisas estavam indo bem? Sim. Não estavam? Olhou para Velma. A escritora esboçou um sorriso ao analisar o cardápio. Evie a observou, ainda sentindo um calor.

— Acho que vou querer o pato — disse Velma.

Evie fechou o cardápio.

— Eu estava pensando a mesma coisa.

Quando o garçom anotou o pedido — dois patos e uma salada da casa para que dividissem —, a conversa retomou, mas não ficou relaxada. Havia uma urgência escondida em tudo o que diziam. A conversa era animada, lembrando menos uma coisa constante e calma e mais a lógica tempestuosa. Elas entraram em assuntos complexos, esquecendo-se de onde tinham começado.

Evie repetiu-se duas vezes. Velma derrubou o garfo. Estavam igualmente animadas e nervosas. Como efeito cumulativo disso, o riso era alto demais e as pausas pareciam assustadoramente compridas.

Desejando desesperadamente conter a adrenalina que insistia em tomar seus músculos, Evie não parava de pegar a taça de vinho, que o garçom não parava de encher com a graça de um mágico. Elas terminaram a garrafa antes de o prato principal chegar e pediram mais uma. Quando o garçom tirou a rolha, Velma perguntou a Evie se tinha irmãos. Evie resmungou, apoiando o rosto na mão.

— Irmãos e irmãs? Minha nossa! Chegamos nesse assunto?

Uma vizinha em sua mente avisava que isso era grosseiro. Ela estava ficando embriagada. Mandou a voz se foder.

— Estou interessada! — protestou Velma. — Quero entender se estou lidando com o bebê da família ou com o exemplo clássico de filho único.

Evie tomou um gole de vinho.

— Tenho uma irmã. — Foi tão automático que quase pareceu verdade. — Evie.

— Evie — repetiu Velma. — Nome bonito.

Evie sentiu uma pontada de inveja...

Velma não tinha elogiado Chloe pelo nome. Mas, antes que ela pudesse desembaralhar o sentimento, Velma se inclinou para a frente e disse:

— Conte-me sobre ela.

— Tudo bem. — Evie se recostou, mexendo os cabelos com os dedos levemente adormecidos.

— Ela tem vinte e três anos...

— Quantos anos você tem?

— Vinte e cinco — disse Evie.

O rosto de Velma se retorceu entre o alívio e a preocupação.

— Ela é revisora de uma revista — continuou Evie. — É muito responsável. Uma boa garota. — Ela revirou os olhos.

— Uma boa garota?

— Tem emprego, arranjou assim que saiu da faculdade, no lugar onde fez estágio. Disse sim logo de cara. — Evie se lembrava do desespero, tão ansiosa para conseguir a vaga na parte mais baixa da cadeia alimentar corporativa. — Ela era uma dessas garotas que fingiam ser impopulares como rebeldia quando, na realidade, não é algo que pudesse escolher.

— Você era popular?

Evie fingiu modéstia. Claro que Chloe teria sido popular.

Popular, paquerada e poderosa.

— Eu era, sim.

— O que mais?

— Ela é meio esnobe.

— Como assim?

— Ela acha que é mais esperta do que todo mundo.

— E é?

Evie deu de ombros.

— Não sei. Talvez. Ela tem um blog: *Coisa Chata*. Não é ruim. Ela adora você — disse ela, falando baixo. — Você é a escritora preferida dela.

— Então, ela tem bom gosto.

Velma parecia estar brincando, mas só um pouco.

— Ah, ela tem muito bom gosto com coisas assim. — Analisando de modo objetivo, Evie sentia que era verdade. — Com relacionamentos, nem tanto. Ela nunca se apaixonou.

— Você já?

— Já o quê?

O olhar de Velma percorreu o rosto de Evie lentamente.

— Já se apaixonou?



Evie sentiu o rosto quente com um desejo que a pegou desprevenida. Mas não deixou de encarar Velma.

— Não.

— Senhoritas? — Era o garçom da mesa, trazendo duas travessas do tamanho de pneus.

O jantar estava servido.

Evie não comia pato fazia anos. Se tivesse lido o cardápio, não teria escolhido isso. Mas, ao espetar a carne rosada e macia, ficou contente com a escolha. Estava tendo a mesma experiência sensorial de Velma. Seu vegetarianismo parecia uma ideia tola diante dos elogios das duas a respeito da perfeição com que o chef preparara a refeição. Assim, elas se aproximaram ainda mais.

Tudo estava indo melhor do que o esperado. Independentemente de ser capricho de Evie ou a beleza de Chloe, naquele restaurante intimista, nem parecia que ela era a plateia de Velma; parecia mais que elas estavam no mesmo nível. Velma ficou embaraçada ao confessar que não tinha lido nenhum dos ensaios de Didion (Evie: “Mas ela é um ícone!”, Velma: “São muitos livros!”); quando ela não soube pronunciar o nome Degas (“Sério? É assim que se diz?”); e quando o garçom veio recolher os pratos e ela acidentalmente acotovelou o homem nas costelas (“Foi intencional.”). Ele entregou a elas o cardápio das sobremesas.

— Interessada? — perguntou Velma.

— Sim — disse Evie. — Estou. — Dessa vez, ela leu o cardápio. — Aaah, que tal o *tiramisu*?

Velma franziu a testa.

— Pode ser meio pesado depois do pato. E esse bolo de azeite de oliva?

Apesar de ser a sobremesa menos interessante do cardápio, Evie concordou.

— Perfeito.

Velma pediu um *espresso*, e Evie pediu o mesmo. Velma se retirou para ir ao banheiro. Até mesmo o modo como caminhava era muito confiante, como Moisés abrindo o Mar Vermelho. E Evie pensou: *Sejamos francas. Essa mulher tem a bunda perfeita*. Ela pegou a colher de sobremesa e observou seu reflexo no talher. O rímel estava levemente manchado, mas de um modo que parecia rebelde, e não errado. Os cabelos pretos estavam despenteados. Os lábios estavam manchados de vinho, bem vermelhos em contraste com a pele clara.

Não havia como negar.

Ela estava gostosa.

Não lindinha. Nem graciosa.

Gostosa.

A colher caiu no chão. Evie não fez qualquer movimento para pegá-la.

Evie Selby estava morta.

Vida longa a Chloe Fontaine, porra!

Mark era um bom rapaz.

Ele pagava as contas em dia, ajudava as mulheres a subir com carrinhos pela escadaria do metrô e lavava a louça sem que pedissem.

Fez sexo casual duas vezes e, nas duas, deu seu telefone; elas que não ligaram.

O que explicava Willow, em parte. Willow não era uma boa moça. Não dessa maneira. Ela sabia que os pais de Mark não a aprovavam. Eles não conseguiam defini-la como conseguiam definir Mark; por isso, ficavam nervosos. Nas poucas ocasiões em que se reuniram para o que sempre parecia uma refeição interminavelmente longa, ninguém conseguiu dizer a coisa certa: Willow não gostava de receber ordens e Mark se tornava cada vez mais — dolorosamente — ciente do gosto “paroquial” dos pais. Mark e Willow funcionavam melhor quando estavam sozinhos: uma caverna confortável só com os dois. Mark, certa vez, disse que ela era uma viagem por uma estrada sem mapa. Para Mark, que nunca dirigia sem GPS por mais do que alguns quarteirões, ela entendia que isso podia ser excitante.

Ela não tinha mapa naquele momento.

Como sempre.

Ele a deixou subir sem perguntar quem era. Quando abriu a porta, ela percebeu que Mark esperava que fosse Willow.

— Caroline?

Mark olhou para a frente e depois para o corredor vazio, como se esperasse que alguém aparecesse de repente gritando: “Peguei você!”

As palavras dela saíram em uma torrente, nervosas.

— Você esqueceu isso. No bar. Seu endereço estava do lado de dentro.

Ela estendeu o Moleskine pequeno que ele mantinha no bolso lateral da bolsa.

— Ah...

Mark abriu o caderno. Sua caligrafia matematicamente cuidadosa confirmava sua identidade.

Ela estava usando o mesmo vestido de quando o viu fora do escritório no Soho: uma peça comprida e esvoaçante coberta por florezinhas amarelas, algo que encontrou no fundo do armário, antes da época de Mark. Era difícil lembrar da época anterior ao Mark. Não era?

— Você não deveria escrever seu endereço em coisas assim. Talvez um maluco pudesse usá-lo para

encontrar você.

Ele ficou meio hesitante.

— Talvez tenha acontecido isso... — Willow sentiu sua boca ficar pequena. — Estou brincando — disse ele depressa.

— Não sou maluca. — Ela deu um passo para trás.

— Eu sei, eu sei. Eu estava beijando, *brincando*. Eu estava brincando. — Seu rosto estava ficando corado. — Meu Deus, por favor, entre, Caroline!

— Tem certeza?

— Sim, eu estava só... fazendo nada. Então, fico feliz com a companhia. Por favor.

Ele deu um passo para o lado. Quando ela passou, sentiu que ele sentia o cheiro de seus cabelos e mantinha os lábios relaxados, abrindo-se em um sorriso.

— Isso é muito bacana. — Ela colocou a bolsa no sofá e olhou de um lado a outro o familiar apartamento. — Que bom que dá vista para o sul!

Mark disfarçou o olhar insistente.

— É um dos motivos pelos quais escolhi. Parece que as pessoas não percebem que isso é muito importante.

— Economiza-se muito dinheiro em aquecimento se puder contar com o sol no inverno, não é?

Outro motivo de vergonha para Willow: quem imaginaria que o sol pudesse afetar os custos com aquecimento? Ela se sentou em uma ponta do sofá, tirou os chinelos e recolheu as pernas embaixo do corpo de modo confortável.

— Quer alguma coisa para beber? Não tenho vinho...

— Pode ser cerveja. — Ela esticou os braços acima da cabeça e arqueou as costas como uma serpente. — Você não teria uma Sierra Nevada?

— Você não vai acreditar...

Mark entrou na cozinha e voltou com uma caixa de seis latinhas de, sim, Sierra Nevada. Ele sorria como o vencedor de um prêmio.

Eles se sentaram em pontas opostas do sofá, bebericando cerveja e conversando com tranquila e estranha familiaridade a respeito de seus respectivos dias. Willow lembrou que Mark havia feito uma apresentação importante naquele dia. Ele parecia aliviado por ter alguém com quem dissecar as minúcias do caso. Ela contou a respeito de seu dia: uma vida dupla incrível cheia de aulas, tarefas e professores.

Eles terminaram a cerveja e emendaram a segunda rodada.

Willow contou a Mark sobre a criação boêmia de Caroline, uma história que era tão calorosa e reconfortante quanto fictícia: mãe pintora, pai cozinheiro, ambos perdidamente apaixonados um pelo outro e pela vida em si. Casas na Toscana e nas Ilhas Gregas e uma ilha na costa da Austrália: detalhes extraídos de revistas de viagem e do tipo de filmes nos quais uma mulher divorciada se apaixona por um jovem pescador bronzeado e aprende a fazer macarrão e a amar de novo. Nada ruim, doloroso ou decepcionante na nova vida. Só calor, aceitação e amor de um pai dedicado à família e de uma mãe tão brilhante quanto diferente. Bem diferente da mãe verdadeira de Willow, que se mudou para Maryland depois de se divorciar de Matteo, quando a filha tinha dez anos. Depois, se casou sem alarde com um vendedor de seguros inofensivo, a ponto de ser chato, chamado Phil. Willow não conseguia passar mais do que fins de semana prolongados na casa deles em um prosaico bairro residencial: se ficasse mais tempo, teria a sensação de que sua alma estava sendo transformada em um arranjo de flores.

— Onde você estudou? — perguntou Mark.

— Ah, em muitos lugares... — disse ela, com uma risada leve.

Mark disse que aquilo era incrível.

Era. Parecia incrível mesmo.

Havia algo incrivelmente libertador no fato de ser Caroline. Caroline não mantinha um escudo invisível em volta de si. Às vezes, Willow tinha a sensação de estar mantendo duas conversas com o mundo: aquela que era dita em voz alta e a que ela mantinha consigo mesma, na mente. Caroline não era assim. Caroline não escondia o próprio corpo. Caroline não repensava o que dizia para ter certeza de que pareceria bacana. Caroline sabia paquerar. Caroline era livre. E corria atrás, claro.

Era por isso que estava ali.

Ela bebeu a cerveja e levantou o copo.

— Mais uma?

— Sêrio? — Mark olhou para o relógio. — Amanhã é dia de estudar.

— Só tenho aula às onze.

— Puxa! Alguns têm sorte — resmungou Mark, se levantando. — Beleza, mas vou precisar expulsar você à meia-noite. Caso contrário, você vai me ver me transformando em uma abóbora.

— Adoraria — disse Willow, e ele riu. Ele abriu as garrafas e fez um brinde. — Às novas amizades.

Ela sorriu.

— Às novas amizades.

Os dois tilintaram as cervejas. Ela não desviou o olhar ao tomar o primeiro gole. Nem ele.

— Sempre estou a fim de fazer novos amigos — disse ela.

— Eu também. Sempre tem espaço para novas amizades.

Disseram as palavras “amizades” e “amigos” tantas vezes em um minuto que elas já tinham perdido o sentido, já pareciam meio esquisitas.

Talvez estivesse na hora de fazer as coisas ficarem esquisitas.

Willow balançou a ponta da garrafa formando um círculo.

— Você não me mostrou o apartamento.

Mark se remexeu de modo desconfortável, olhando da esquerda para a direita.

Willow ficou de pé.

— Mostra...

— Não tem muito o que ver...

— Ah, qual é! — Ela riu, como se tivesse sugerido uma brincadeira.

— Tudo bem. — Mark se levantou, olhando de um lado a outro no apartamento organizado como se fosse desconhecido para ele. — Esta é a sala de estar que temos aproveitado tanto.

Ela sorriu e prendeu uma mecha de cabelos atrás da orelha.

— Tudo bem. Entendi.

— Cozinha. — Ele foi na frente. — Geladeira. Pia. Prateleiras. Hum... Fruteira sem frutas. — Ele estava pisando em ovos, testando o terreno. — De modo geral, pequena, mas funcional.

— Não como você se descreveria, espero.

Ele lançou a ele um olhar malicioso, e Mark precisou de uns cinco segundos para perceber que Willow estava fazendo uma piada sobre seu pênis. Ele ficou paralisado.

Ela começou a rir.

— Estou brincando! É brincadeira!

— Hum, sei. — Mark estava vermelho de novo. Atravessou a sala de estar depressa. — O banheiro fica aqui. Com todos os itens que um banheiro costuma ter.

— Hum... — Ela olhou para o azulejo branco, depressa.

— E, então, só tem... tem o quarto aqui. — Ele parou na porta. — Mas está muito bagunçado. Então, eu provavelmente não...

— Legal.

Ela abriu a porta semicerrada.

Mark pegou uma toalha e uma camiseta do chão.

— Não estava esperando visita.

Willow se recostou na ponta da cama e olhou inocentemente para ele.

— Não há planos de sua namorada aparecer agora à noite? Como ela se chama mesmo?

Mark se retraiu um pouco.

— Willow.

Inconscientemente, Mark olhou na direção de um porta-retratos deles, uma foto em um casamento nos Hamptons no começo daquele ano. Willow com um sorriso discreto e usando um vestido simples de seda e uma coroa de margaridas. Ele, sorrindo de modo simpático, gravata preta de seda frouxa no pescoço, um dos braços no ombro dela, em um gesto possessivo.

— Isso mesmo — disse ela. — Willow... — Sua voz era um murmúrio baixo e curioso. — Nunca entendi por que você gostava tanto dessa foto.

— Como assim?

— É que... esse ângulo não a favorece.

Ela detestava aquela foto. Arrependia-se por tê-la colocado em um porta-retratos.

Mark ficou mais sério.

— Por que você...

Mas Willow se apoiou nos braços e as palavras de Mark desapareceram. Toda a diversão da noite foi sugada e substituída por algo frio e elétrico, repentino como uma luz que se acende em um quarto escuro. Os dois estavam separados por um metro, apenas. Um metro entre seus lábios. Ele olhou para o relógio sem ver que horas eram.

— Melhor dar a noite por encerrada.

Ela se inclinou ainda mais para trás, expondo o corpo para o rapaz. Um dos mamilos estava quase saindo do vestido. Os olhos de Mark não paravam de descer até eles. Quando ela falou, foi de um jeito tímido.

— Tem certeza?

Mark se afastou da porta, falando em direção ao corredor.

— Sim, tenho que sair cedo. Bem cedo.

— Está bem.

Ela ouviu quando ele levou as quatro garrafas vazias para o cesto da reciclagem e virou o restante de duas delas na pia. Ela calçou os chinelos de novo e colocou a mochila nas costas. Quando ele apareceu, Willow estava parada à porta.

— Obrigada pela cerveja, Mark.

— Obrigado por trazer o caderno. — Ele destrancou a porta da frente, passando os olhos depressa pelo corredor. — Até mais.

Willow inclinou a cabeça para o lado.

— Não recebo nem um abraço?

— Não sei bem se... — começou ele, mas ela já estava se aproximando, envolvendo-o com os braços.

Uma das mãos envolveu o pescoço dele. A outra foi parar nas costas do rapaz, e ela se pressionou ao corpo

de Mark, grudada nele. Percebeu resistência; os músculos tensos dele formando uma barreira física, mas continuou a abraçá-lo, envolvendo aquele corpo familiar e levemente atlético. Então, ele cedeu. Abraçou-a. Segurou-a. Deixou-se derreter como manteiga ao sol. Quando ela se afastou lentamente, perigosa e lentamente, Mark parecia dopado. Por segundos, seus lábios permaneceram a centímetros de distância.

Ela poderia se afastar.

Separá-los.

Mas ele estava incrivelmente perto. Ela estava quase lá. Quase sentia.

Encostou os lábios nos dele. Tudo dentro dela ruiu e foi erigido ao mesmo tempo. Durou um, dois, três segundos até ele se afastar.

— Não, não, não. Não. Não.

— Tudo bem... — sussurrou ela. — Arrisque-se mais.

— Vá embora. Por favor.

Willow caminhou para o corredor, mantendo a sensação dentro do peito, ninando-a como se fosse um bebê.

— Caroline... — A voz dele estava rouca; ele precisou pigarrear para controlá-la. — Não podemos nos encontrar de novo.

A garota olhou para ele. O rosto estava corado. Os olhos brilhavam como estrelas arrancadas do céu da noite. Quando ela falou, foi suave, mas firme. De um jeito brincalhão, mas quase uma ameaça.

— Isso não é possível.

Ela atravessou o corredor. A escada seria a solução. A luz ali era estranhamente fraca, sombria de maneira muito apropriada. Mark não passaria por ali tão cedo. Da mochila, ela tirou as ferramentas. Câmera, tripé, controle remoto.

Ela olhou para as lentes.

Reuniu tudo o que tinha, tudo o que as últimas horas tinham criado.

E começou a trabalhar.

Naturalmente, Velma pagou a conta e enfiou o cartão de crédito prateado na capa de couro. Antes, era o sinal de que Evie precisava para enfiar a mão na bolsa, marcando o momento com um “Espere, tem certeza?”, seguido por “Não tem problema” e por um: “Muito obrigada, é muito gentil. Tem certeza de que tem certeza?”

Porém, a ideia de que alguém pudesse querer pagar seu jantar não enchia Chloe Fontaine de culpa nem nervosismo. Quando Velma pagou a conta, Evie só sorriu e disse:

— Obrigada. Estava delicioso.

E mais nada.

Quando Evie sugeriu que elas dividissem um táxi, Velma admitiu que morava a poucos quarteirões dali. *Ah, é mesmo?* Ela insistiu em acompanhar Velma até sua casa. As duas desceram a rua silenciosa sem conversar, mãos balançando próximas uma à outra, cada movimento palpável como uma pincelada de tinta. A felicidade percorria o corpo de Evie, que estava embriagada, deliciosamente embriagada; com o vinho, com a noite, com a cidade, com a vida, com as mulheres, com Velma. O céu parecia um quadro de Van Gogh, o ar tinha um cheiro adocicado e qualquer coisa era possível, tudo era provável.

Claro que não foi um encontro de verdade porque ela não era ela mesma, mas de certo modo isso não importava. O sorriso amplo e os olhos de um azul profundo de Chloe mantiveram Velma hipnotizada. Mas foram as piadas de Evie que a fizeram rir. Os comentários de Evie que fizeram a autora erguer as sobrancelhas, surpresa.

Com Velma, ela se sentia esperta. Inteligente. Fascinante. Evie lembrou que Willow lhe dava essa sensação, anos antes. Mas aquilo era diferente. Ela não queria que Willow a beijasse.

— É aqui que eu moro.

Velma parou na frente de um belo prédio de tijolos aparentes com janelas em formato clássico despontando da rua de paralelepípedos. A portaria estava envolta pela luz amarela, tomada de quadros.

Evie assentiu, sorriu e esperou Velma abrir a porta para ela.

— Chloe... Srta. Chloe Fontaine. — Velma franziu a testa e enfiou as mãos nos bolsos da calça. — Acho que você não deve subir.

Evie se sentiu como uma atriz que havia esquecido as falas.

— Ah...

— Quero que você suba. Não me entenda mal. É só que...

Velma assumiu uma expressão de preocupação, como se várias emoções diferentes estivessem passando por sua mente: apreensão, desprazer, incômodo. Evie sentiu um arrepio, uma sensação de antecipação ao que viria. De repente, o ar da noite não mais parecia tão agradável.

— Gosto de você, Chloe. Gosto de verdade. Só que não estou em condições de me envolver com alguém no momento.

Evie engoliu em seco. O roteiro a havia iludido.

— Ah.

Velma olhou para Evie com cuidado, escolhendo a dedo cada palavra.

— Saí de um relacionamento seis meses atrás. Ficamos juntas por um... tempo, digamos assim.

Emiko Aki, a bela modelo-barra-atriz nipo-americana com quem Velma havia passado quatro anos, um recorde. Última aparição pública: *première*, em Los Angeles, do filme *Morrer é fácil*, de Michael Bay, do qual Emiko havia participado.

— Não sabia. — Então, encorajada pelo vinho e pela proximidade entre as duas, acrescentou: — Por que terminou?

Velma falou com tranquila casualidade que deixava clara a dor que sentira:

— Não tínhamos uma ligação forte o suficiente.

*Nós temos essa ligação.*

As palavras se formaram no mesmo instante na mente de Evie, imediatas e impensadas.

Ela deixou que viessem de novo, mais lentas dessa vez, mais propositais.

*Nós temos essa ligação.*

Ela sentia, zunindo entre elas, estalando no ar da noite.

Com delicadeza, Evie segurou a mão de Velma, emaranhando seus dedos em uma lenta exploração. A sensação causou um arrepio pelo seu corpo. Elas se entreolharam.

— Só quero ter certeza — disse Velma, baixinho. — De que estamos no mesmo clima.

Evie assentiu. Ela compreendia. Velma tinha sido ferida. Por alguém talentosa e linda, mas com quem Velma, apesar disso, não conseguiu ter uma conexão profunda. Não poderia se comprometer com a primeira moça bonita que levasse para jantar. E, claro, ela também não podia. Evie Selby teria que acabar reaparecendo. Mas o potencial para o amor — o grande amor, o amor de estremecer — existia. Estava ali claramente, e negá-lo era como negar a existência do sol. Talvez Evie Selby, ingênua e pouco confiante, não pudesse ver esse potencial. Mas Chloe o via com tanta clareza que quase se retraiu. O desespero, a tristeza e o desejo se encontraram dentro dela, forçando-a a dar um passo para mais perto. A distância não era possível.

— Sim... — sussurrou Evie. — Estamos no mesmo clima.

As pupilas de Velma estavam dilatadas, amplas, como poças pretas.

— Ótimo.

Evie ergueu o queixo, querendo, precisando que seus lábios se tocassem.

Mas Velma virou o rosto. Seus lábios pousaram no rosto de Evie. Ela o pressionou com estranheza.

Velma conteve o riso.

— Linda... — Ela deu um passo para trás, na direção de seu prédio. — Não há pressa. — Ela afastou a mão da de Evie, abrindo um sorriso torto. — Temos todo o tempo do mundo.



Krista temia o terceiro dia de filmagens.

A tarde do dia anterior tinha sido tenebrosa. Tenebrosa. Damian, aquele safado, devia ter contado a Tristan a respeito do incidente com o troféu. Depois de uma hora de besteiras, Greg chamou Tristan para conversar. Quando os dois voltaram ao set, todo mundo percebeu o olhar de incredulidade e raiva de Greg, e o olhar torto que lançou a Krista. O fato se espalhou pelo set como um vazamento invisível, mas malcheiroso: Lenka Penka era responsável por Tristan ter deixado a peteca cair. Não é preciso dizer que Lenka Penka não ficou nem um pouco animada quando foi despertada pelo motorista, Eduardo, com o “*Nhorita? Nhorita?*” de sempre, indicando que eles tinham voltado ao set.

Imediatamente, ela tomou consciência da dor. Cólica: como se suas entranhas estivessem sendo torturadas por mil ferros em brasa. Talvez estivesse prestes a menstruar. *Droga! Não tinha acabado de acabar?* Ela gemeu.

A porta do carro foi aberta. O rosto feliz e irritante de Damian estampava um sorriso.

— Bom dia, Lenka... — Mas, em seguida, o sorriso sumiu.

— Ah, desculpa, pensei que Lenka estivesse neste carro.

Krista saiu do carro, com o rosto retorcido pela dor.

— Ai, cara... Deve estar acontecendo o ataque de tubarões dentro da minha calça agora.

*Bizarro.* Sua jaqueta estava estranhamente grande. Como ficava quando...

— Desculpa. — Damian olhou para ela. — Quem é você? Onde está Lenka?

Ela havia mudado. Tinha voltado a ser Krista Kumar. Era Lenka quando entrara no carro; era, sim, ela sabia. Mas no momento, de repente, sem explicação, era uma pessoa diferente.

Mais baixa.

Mais morena.

E com dois braços que pareciam de um homem.

— Eu... Eu... Eu...

Krista procurou uma desculpa que não existia, esquecendo-se da cólica.

O carro partiu, com os pneus atravessando devagar o cascalho. Damian olhou para o carro e para ela, confuso. *Ele não pode conferir com Eduardo*, pensou Lenka. Eduardo tinha buscado Lenka Penka.

— Sou a assistente dela — disse Krista. — Isso! Sim, sim, a assistente. Ela está vindo atrás de mim.

Damian olhou para os carros pretos e para os caminhões que entravam no estacionamento.

— Atrás de você?

— Ou melhor, na minha frente. Ela já está aqui. Onde fica o banheiro? Preciso usá-lo.

Ela passou por Damian e começou a caminhar depressa na direção do banheiro, contorcendo-se para a frente a fim de proteger o ventre dolorido e também sua identidade. Só uma coisa importava, só uma coisa podia salvá-la naquele momento: o Bonita. Será que havia se lembrado de colocá-lo na bolsa?

Graças ao calendário preso ao espelho do banheiro, ela sabia que se transformaria naquela manhã — ela havia tomado o Bonita em uma quarta-feira, e era quarta-feira de novo — mas, quando acordou, ainda era Lenka. Ao ver que continuava sendo Lenka, sentiu um grande alívio; mais um dia até que tivesse que se borrar toda para permanecer Bonita. Mas, só para garantir, ela decidiu enfiar o Bonita na bolsa mesmo assim. Não foi? Ou será que foi uma das coisas que planejou fazer, mas não fez, como ir à aula de ioga ou tomar anticoncepcional?

Seu telefone começou a tocar. Damian. Ligando para Lenka. Ela tocou na tela para rejeitar a chamada. A ansiedade lhe trouxe a sensação de estar com o corpo todo formigando.

Graças a Deus, os banheiros estavam vazios. Havia dois perto da entrada, e era evidente que ela não tinha sido a única garota a perceber que aquele era o mais nojento. Naquele momento, ela ficou feliz com o fato de não haver papel higiênico e de o lugar todo cheirar a urina. Trancou a porta da cabine e começou a procurar na bolsa. Chaves, carteira, telefone, caneta, brilho labial, batom, planilhas, exemplar da *Salty*, cortador de pizza (oi?), rímel, mais um batom, mas nada do Bonita. Krista começou a espalhar as coisas no chão, e o pânico foi tomando conta. Ela o havia enfiado na bolsa! Não? O telefone tocou de novo, insistente, recusando-se a ser ignorado. Com um grito, ela enfiou a mão no bolso e tirou o telefone. Ao fazer isso, o frasco de Bonita voou de seu bolso e caiu no vaso sanitário, espirrando água.

— *Yessss!*

Krista enfiou a mão na água e, depois, secou o frasco na camisa. Com as mãos tremendo, desrosqueou o conta-gotas. A leve sensação de umidade tocou sua língua. Tirou a calcinha e posicionou a bunda acima do vaso sanitário, esperando pelo inevitável.

Dez minutos depois, Krista ouviu alguém entrar.

— Meu Deus! — A voz da garota parecia contrariada. — Tem alguém aqui?

Krista abriu a porta com tudo. Os espelhos sujos refletiram um mulherão de pele cor de chocolate e olhos da cor do chão da floresta. Uma cortina de cabelos pretos lustrosos caía ao redor dos ombros como uma capa.

Os olhos da assistente se arregalaram, sem dúvida por ter reconhecido a mulher à sua frente como Lenka Penka: a Garota Cupcake, a parceira de Tristan, a encenqueira. Ela deu um passo para atrás.

— Eu não entraria aqui por enquanto — disse Krista, limpando a boca com as costas da mão. — Alguém, e não fui eu, fez um estrago aqui dentro.

Quando Evie acordou, ficou aliviada ao ver que a sala estava em perfeito foco. Ela ainda estava Bonita.

Rolou para o lado e sentiu o mal-estar de mais uma ressaca. Mas a ressaca valia a pena. Porque a noite anterior — e ela não conseguia pensar na noite anterior sem abrir um sorriso — tinha sido perfeita. Seu sorriso ficou ainda maior quando ela se lembrou da tensão que havia permeado o jantar, um jantar perfeito em um restaurante perfeito. Com uma mulher perfeita. Uma mulher perfeita que ela... nunca mais veria.

Aquele tinha que ser o último dia. Por um lado, ela estava aliviada por não ficar mais sempre à procura de efeitos colaterais de transformações inesperadas. Por outro, estava decepcionada. Seria de novo Normal. Mais um rosto na multidão. Uma revisora. Pelo menos, poderia se distrair assistindo à *Extra Salt* ao vivo. A lembrança de um encontro com Velma Wolff seria apenas um souvenir. Um souvenir lindo que fazia seu estômago revirar.

Krista ligou para Evie quando ela estava prestes a sair.

— Ei! — disse Evie. — Como está o lance dos filmes?

A voz de Krista saiu rouca, em um sussurro.

— Eu me transformei hoje cedo quando cheguei ao set.

Evie soltou a bolsa.

— Merda...

— Tudo bem, tudo bem. Eu estava com o Bonita. Mas você precisa tomar cuidado. Deve ser como a menstruação ou coisa assim. Talvez varie...

— Claro.

Transformar-se no set. Exatamente o que ela temia.

— Onde está o que você deixou para mim?

Fez-se uma pausa. A voz de Krista estava bem baixa.

— Hum... O quê?

— O Bonita. — Evie ergueu as sobrancelhas. — Não me diga que tomou o frasco todo.

— Você disse que só faria uma vez!

— Mas e se eu me transformar de volta no estúdio, como aconteceu com você? O que eu faço?

— Se você ainda é Chloe. Provavelmente, vai durar o dia todo. Acho que acontece quando dormimos...

— *Provavelmente? Você acha?*

Evie ouviu uma batida abafada e alguém chamando.

— Lenka?

— Preciso ir... — murmurou Krista. — Desculpa. Não pensei...

— Claro que não — respondeu Evie. — Por que eu esperaria uma coisa dessas?

Que se fodessem Krista e seus planos malucos. Eles sempre a pegavam de surpresa: por que seria diferente dessa vez? Furar o nariz com um alfinete para colocar um piercing. Ir a vários bares em Staten Island. Cogumelos alucinógenos antes de um voo. Atitudes idiotas que só causavam dor e/ou terror.

Ela podia não ir à exibição. Podia ficar em casa, fingir que estava doente. Era o que Evie Selby faria. Pegaria leve. Mas era para poder ir que ela havia tomado o Bonita. Aquele tinha que ser seu dia, sua chance de brilhar. Evie viu seu reflexo no espelho da sala de estar. Por baixo da franja abundante, olhos enormes e azuis a olhavam, lindos e desafiadores.

Foda-se.

Chloe Fontaine corria riscos.

As coisas davam certo para Chloe Fontaine.

Uma assistente a levou a uma sala verde. Quando ela entrou, várias vozes disseram seu nome ao mesmo tempo. Ao redor de três sofás de couro preto de frente para uma TV de tela plana estavam a equipe e quatro cópias de loiras californianas: as outras repórteres. Aquelas moças eram bacanas — com Evie, pelo menos —, o que ela suspeitava ter algo a ver com ser confundida como uma delas: uma colega gostosa, em uma posição que as duas provavelmente cobiçavam. Ela sentiu uma empatia protetora estranha com relação àquelas jovens que, assim como Chloe, tinham conseguido o emprego por causa da aparência.

Ela olhou para as mãos. Ainda tinha as unhas fortes e claras de Chloe, os dedos compridos de pianista. Deus! Ela quase esperava ver as mãos de Evie.

Alguém apertou seu braço. Ela se sobressaltou.

— Desculpa, linda! — Era Marcello. — Não queria assustar você.

Evie forçou uma risada.

— Só estou nervosa por causa da estreia, acho.

Ela fechou as mãos, desejando que elas não desaparecessem.

Rich se levantou para falar com as pessoas da sala.

— Certo, pessoal, é o seguinte: o primeiro episódio da *Extra Salt* vai ao ar em menos de cinco minutos. Com a nossa Chloe Fontaine. — Aplausos rápidos foram ouvidos. Evie sorriu e baixou a cabeça com modéstia. — Alguém pode diminuir as luzes?

Um logo cor-de-rosa e vermelho da *Extra Salt* apareceu na tela. Gemma deu um grito. Evie soltou o ar. Estava muito nervosa; parecia que havia duas mãos apertando seu peito. Uma música familiar começou a tocar: a abertura. Chloe Fontaine apareceu na tela, linda, mesmo vestindo uma camiseta cinza lisa simples. Várias cenas apareceram. Chloe sorrindo de modo meigo. Chloe rindo. Chloe balançando um vibrador preto e grande.

Todos começaram a rir.

Evie se endireitou na cadeira.

Chloe abraçando um monte de vibradores como se fossem mais preciosos do que ouro.

Era uma gravação de quando Kelly pediu para que ela escolhesse o Vibrador da Semana. Gravação que ela não sabia que estava sendo feita. Foi aterrorizante.

A garota na tela sorria para a câmera, o logo da *Extra Salt* apareceu e a música terminou com um floreio.

“Oi, sou Chloe Fontaine.” Ela abriu um enorme sorriso. A filmagem estava com a luz estourada, a ponto de ela nem parecer humana. Nem sequer dava para ver que ela não estava usando maquiagem. “Bem-vindos à *Extra Salt*. Aqui você pode encontrar matérias e novidades a respeito do universo feminino. Antes de tudo, vamos falar de lábios. Lábios lindos são essenciais o ano todo...”. Sua introdução para a primeira matéria começou, abafada pelo ronco em seus ouvidos. Kelly a havia enganado. Os vibradores foram uma armadilha. Pelo canto do olho, Evie viu o produtor lançando olhares rápidos e cuidadosos a ela, que não retribuiu, mantendo o olhar firme para a frente. Uma das repórteres loiras estava beijando o rosto de um cara e balançou a cabeça quando viu a marca deixada. Evie estava abismada demais para sequer revirar os olhos ao ver a cena. Sua imagem balançando aquele vibrador, o “Morgan Freeman”, como se fosse uma maluca louca por pintos, estava cravada em seu cérebro.

A matéria “Quem é melhor na cama?” acabou consistindo em entrevistas de rua com muitas moças envergonhadas e risonhas, e machões irritantes respondendo às perguntas da outra repórter. Todos os noviorquinos entrevistados eram brancos e heterossexuais; dois minutos de eugenia não tão sutis.

Uma montagem começou: uma mistura de celebridades no tapete vermelho, sorrindo, girando, mandando beijos para a câmera. De repente, Velma Wolff apareceu na tela com uma Chloe maquiada, perguntando: “Não quer me perguntar sobre o que estou vestindo?”. Era uma gravação do lançamento do livro de Velma.

Mas, antes de a imagem de Chloe ser realmente registrada, as imagens mostraram uma contagem regressiva dos looks mais lindos do tapete vermelho de 2016, apresentada pela terceira repórter. Evie ficou boquiaberta, mas não disse nada. Não podia ser, podia? Eles voltariam para a entrevista, certo? Mas, quando o episódio continuou e a reportagem do tapete vermelho foi substituída por algo a respeito da bolsa essencial do outono, Evie percebeu que não voltariam. Era a edição da entrevista com Velma Wolff. Ela havia pedido para Velma assistir. Praticamente havia se gabado dela. *Pelo menos, vou aparecer com a matéria da “Heroína Feminista”*. Evie se agarrou à ideia como se fosse um bote salva-vidas. Kelly tinha prometido. Não haveria só sexo e dicas de maquiagem.

Ela voltou a prestar atenção à tela, desesperada por ouvir a introdução à matéria na qual ela vinha trabalhando com tanto afínco: *O feminismo ganhou o apoio do gênero literário mais procurado. O feminismo ganhou o apoio do gênero literário mais procurado. O feminismo ganhou o apoio do...*

“E é só o que temos tempo de mostrar esta semana.” Chloe abriu um sorriso para a câmera. “E lembrem-se, pessoal: os diamantes não são os melhores amigos de uma mulher...” A gravação mostrou Chloe balançando um vibrador.

Uma voz de mulher que não era a dela disse:

“Mas isto é.”

A tela ficou preta. Todos começaram a rir e a aplaudir, todos dizendo: “Foi ótimo!” “Você estava linda!” “Está brincando? Odeio meu nariz.”

A sala estava girando, balançando como um barco em um mar revolto. A testa de Evie estava coberta de suor. De raiva. De vergonha. Ela se lembrou de Luksus apresentando-a para Velma: uma nova e festejada jornalista superantenada. Ira Glass de minissaia. No fim, ela era só a saia. Alguém puxou seu braço. Ela o afastou e saiu correndo da sala.

— Claro que não. De jeito nenhum. — Evie apoiou as mãos na enorme mesa de Jan. — Você não vai usar aquela abertura.

— Eu os achei incríveis — disse Rich. — Superengraçados.

Ele estava mexendo no telefone, sentado ao lado de Kelly. Irascível, o jovem diretor não parecia nem um pouco intimidado por estar no escritório de Jan.

— Se repetirmos a dose, você pode fingir estar praticando felação? — perguntou Rich.

Evie olhou para ele sem acreditar.

— Sabe como é... — Ele fez um gesto imitando o sexo oral. — Tipo assim... Como se você estivesse...

— Sei o que é felação — disse Evie. — Não! Vamos refazer sem vibradores. Eu nem sabia que você estava me filmando! É ilegal, uma quebra do contrato!

Rich riu.

— Você deveria ler o contrato com mais cuidado.

— É verdade? — perguntou Jan a Kelly. Seu sotaque britânico calmo contrastou com a histeria. — Você a filmou sem que ela consentisse?

Kelly suspirou.

— Sim. Mas nós precisamos...

— Ter outra coisa para o segundo episódio — disse Jan.

— O segundo episódio? — exclamou Evie. — Não! É preciso tirar agora, antes de ser publicado.

— Já foi, já está on-line — respondeu Rich, erguendo o telefone. — Tivemos mais de mil visualizações no YouTube.

— Não! — disse Evie. — Você precisa editar a abertura, colocar minha matéria...

— Chloe... — interrompeu Jan.

— E a entrevista com Velma, porra? — Evie ergueu as mãos. — Tudo de bom que eu fiz foi cortado!

— Chloe! — disse Jan. Ela olhou para Evie com um olhar penetrante. — Por favor, sente-se.

Depois de hesitar por bastante tempo, Evie sentou-se em uma cadeira. Respirou fundo, tentando ser racional.

— Ficou claro para mim que a apresentadora, eu, teria a chance de contribuir com o programa. Por que todo o meu conteúdo foi cortado?

— A entrevista com Velma Wolff estava impossível de usar — disse Kelly a Jan.

— Não estava, não! — protestou Evie.

— “Seus romances são conhecidos pelos narradores nada confiáveis?” — Kelly parecia usar de ironia. —

É a *Extra Salt*, não uma publicação sobre alta literatura. Nenhum de nossos telespectadores teria entendido a que você se referia.

— E a história sobre a heroína protagonista? — perguntou Jan.

Kelly suspirou, passando uma das mãos pelos cabelos.

— Era algo diferente, não combinava.

Rich olhou para Evie.

— Você disse “feminismo” 35 vezes.

— E daí? — indagou Evie.

— Em dois minutos. — Rich olhou nos olhos dela. Acho que isso é bem... doido.

— Vou dizer o que é doido. — Evie se levantou de novo. — Prostituição forçada! Abortos de fundo de quintal. Estupro em um encontro. Meninas de dez anos obrigadas a passar por mutilação genital...

— Meu Deus! — exclamou Rich.

— Chloe... — disse Kelly, ao mesmo tempo.

— Tudo bem, tudo bem. — Jan ergueu uma das mãos. — Vamos todos parar e respirar fundo.

Evie estava ofegante. Ela tinha sido enganada. Usada. Teve uma visão repentina de Kelly, rindo baixinho enquanto fazia as filmagens, considerando-a uma tola.

— Você não pretendia transmitir aquilo. Por isso me deixou dizer o que eu quis, porque nunca deixaria aquilo ir ao ar, porra!

Kelly ergueu o dedo para ela.

— Você não pode provar...

— Kelly vai voltar a cortar a abertura no segundo episódio — interrompeu Jan. — Chega de mudanças.

— Como é? — perguntou Evie.

A voz de Jan ficou mais alta.

— Chloe, Kelly é o produtor. Rich é o diretor. Você é a apresentadora.

— Tudo bem — disse Evie. — Sou a apresentadora. Eu deveria ter o direito de dar opinião a respeito do que estou apresentando.

— Chloe, querida... — disse Kelly. — Somos todos profissionais aqui. Por que não nos deixa fazer nosso trabalho, e nós deixamos você fazer o seu?

— Que é dizer o que está à minha frente — disse Evie. — Ainda que ofenda cada fibra do meu ser.

— Ahn. — O som anasalado emitido por Rich parecia de diversão. — Parece que ela acabou de descobrir o que é interpretar.

Evie abriu a boca para responder, mas antes que o fizesse Jan anunciou:

— Tudo bem, pessoal, é isso. — Ela olhou para a tela do computador. — Obrigada.

Era o sinal para que saíssem. Rich e Kelly caminharam em direção à porta. Evie estava espumando de raiva ao segui-los.

— Ah, Kelly... — disse Jan. — Você tem notícias de Evie Selby?

Evie parou na hora ao ouvir seu nome, que ricocheteou em sua mente como uma bola de pinball.

— Não, amiga. Silêncio absoluto — respondeu Kelly. — Uma pena, porque precisávamos de uma pesquisadora.

— Concordo. — Jan olhou diretamente para Evie, suas palavras contidas e firmes. — Espero que Evie

apareça em breve.



Krista sentou-se em uma caixa de leite atrás das barracas, tragando um cigarro, tentando se acalmar. Normalmente, não era uma pessoa ansiosa. Não como Evie sabia ser. Mas naquele momento um sentimento incerto de saber o que viria a dominava, corroendo a razão como ácido. As coisas não estavam bem. E não era apenas por sua situação como a pessoa mais detestada naquele estúdio. Era o Bonita.

Ela pegou um espelho do bolso e observou os olhos com atenção. Parecia que estavam diferentes: não tão verdes como antes. Mas talvez apenas estivesse se acostumando com eles. Não dava para saber. Não dava para saber, e ela estava começando a se sentir paranoica.

Será que Damian havia conversado com Eduardo aquela manhã? Ela conseguia imaginar a conversa claramente, com Eduardo, de voz calma, insistindo, jurando pela própria vida, que havia buscado Lenka Penka. E se eles investigassem mais a fundo o passado não existente de Lenka Penka? O que aconteceria?

Jogou o cigarro na grama, arrependendo-se de tê-lo acendido, para começo de conversa. Não conseguia deixar de lado uma sensação de náusea devido à transformação.

Certamente, foi mais difícil do que a primeira vez. E se a náusea nunca mais passasse? E se o Bonita fosse veneno? E se estivesse comendo suas entranhas, assando-a devagar como um frango de padaria?

Evie tinha motivos para ficar desconfiada. Elas não sabiam o suficiente sobre o Bonita. Por que Penny tinha lhe dado o frasco? Ela repassou na mente o encontro das duas no McHale's Ales, procurando a lembrança da bela loira com algum sinal de ansiedade ou de dor. Mas ela só se lembrava da boca rosada e carnuda de Penny, de como ela estava bonita com aquela roupa preta de seda.

O telefone tocou. Um e-mail.

Oi, Krista, aqui é Ella-Mae, editora-assistente da Salty. Tenho seus dados no contato de emergência de Evie. Sei que ela está na Flórida, mas não consigo entrar em contato com ela. Ela não está respondendo às mensagens de texto e as chamadas estão caindo na caixa postal. Só preciso confirmar quando ela volta.

Obrigada,

Ella-Mae Morris.

PS: Se você quiser, posso trocar o contato de emergência dela para Chloe Fontaine. Pode ser que faça mais sentido, já que ela mora com Evie.

Krista ficou surpresa: não era do feito de Evie largar as coisas assim. Ela encaminhou o e-mail à amiga, acrescentando uma mensagem própria:

e aí, cara, acho que você precisa entrar em contato com a salty. como você está? o que está acontecendo com a velma? quando você vai para casa? saudades. tem falado com willow? ela está sempre fora ou dormindo quando chego em casa. isso se forem dela as garrafas de vinho amontoadas na cozinha: a cara da lilo, ha, ha. está se divertindo? não sei mais se eu estou...

A mensagem foi interrompida. Do canto de uma das barracas, ela ouviu seu nome dito em um sussurro.

— ... Jen viu Lenka Penka vomitando hoje cedo.

— Não!

— Sim! No banheiro perto da entrada.

— Porra! Isso explica muita coisa.

— Sério. Eu nunca a vi sem um cupcake na mão.

— Ai, que nojo...

— Aposto que ela queria ser flagrada fazendo aquilo. Tipo, por que ela não estava fazendo isso no trailer?

— Pois é.

Com certeza, o Bonita faria a equipe pensar que ela sofria de bulimia. *Fodam-se eles*. Ela caminhou até o canto da barraca.

Duas assistentes estavam paradas, chocadas. Elas tinham pele morena e eram bonitas, uma era negra, a outra parecia indiana. E com um sobressalto Krista percebeu que, em situações normais, ela provavelmente estaria reclamando com as duas, parte de sua equipe. Krista se aproximou das meninas, a raiva misturada com a mágoa.

— Se têm algo a me dizer, digam na cara.

As assistentes pareciam aterrorizadas. Nenhuma delas se mexeu.

— Em primeiro lugar, não tenho bulimia — disse Krista. — Só estava vomitando normalmente, como uma pessoa normal. Em segundo lugar, e se eu tivesse? E se a pressão para ser magra e perfeita tivesse me afetado tanto a ponto de eu sentir que preciso vomitar? Essa é a solução que vocês têm? Fofocar? Não é muito legal, pessoal. Na verdade, parece mais uma traição motivada por uma inveja esquisita de alguém que pode precisar de sua ajuda, pô! Se eu tivesse bulimia... mas não tenho!

Uma delas falou, por fim:

— Sentimos muito, srta. Penka.

— Vocês têm ideia de como me esforcei para chegar aqui? — continuou Krista. — Quanto me sacrifiquei? Não julguem um livro pela capa, está bem? O fato de eu parecer uma pessoa muito diferente não quer dizer que eu não tenha problemas. E tenho. Muitos. Tenho muitos problemas. — Essa linha de explicação estava começando a dar a entender que ela sofria de problemas mentais. Por isso, Krista mudou a tática. — Não me castiguem por suas inseguranças.

— Por favor, desculpa — disse a outra garota. — Não vai acontecer de novo.

— Tudo bem — falou Krista. — Que bom...

As três permaneceram em um silêncio estranho.

— Então, tipo... O que vocês vão fazer agora? — perguntou Krista.

As garotas se entreolharam de maneira estranha.

— Precisamos voltar ao set — respondeu a moça negra.

— Eu também.

Krista mudou a expressão, jogando uma mecha de cabelos brilhosos por cima do ombro. Afastou-se com passos exagerados, quando na verdade só queria poder contar toda a verdade às duas moças.

Krista estava examinando o contorno do rosto (ele havia mudado? Por que ela ainda se sentia mal?) quando alguém bateu à porta do trailer.

— Oi? Lenka?

Ela guardou o espelho no bolso.

— Sim?

Uma mulher entrou no trailer. Blazer preto bonito, saia-lápis bem-cortada e belos cabelos castanhos presos em um rabo de cavalo perfeito. Ela parecia ser o tipo de pessoa que se referiria a uma cor como “divertida”.

— Oi, querida. Posso entrar? — A mulher já estava caminhando na direção dela com a mão aberta. — Sou Gillian.

— Oi. — Krista apertou a mão de Gillian com surpresa. A palma era macia como a pele de um bebê. As unhas eram perfeitas. — Eles precisam de mim no set?

— Não, no momento, não. — Gillian puxou uma cadeira para se sentar na frente de Krista. Apesar de ter uma maneira pretensiosa de falar, como se estivesse com a boca cheia de balas, sua voz transbordava simpatia. — Como você está?

— Com fome.

— Ah, podemos pegar alguma coisa...

Gillian se virou na cadeira como se o ato em si pudesse fazer surgir um cheeseburger.

— Não, tudo bem. — Krista suspirou. — Desculpa, quem é você? O que você quer?

Gillian se inclinou para a frente, franzindo a testa, preocupada.

— Você anda tendo um momento difícil aqui, não?

Ela fazia Krista se lembrar de um psiquiatra. Talvez Greg tivesse mandado uma para examiná-la.

— Sim, verdade. Ninguém está falando comigo. Tudo está... Ah, está foda.

— Por quê? — perguntou Gillian. — O que aconteceu? — Krista hesitou. — Pode me dizer, querida. — Gillian deu um tapinha na mão de Krista. — Só entre nós duas.

Krista respirou fundo e começou a contar à provável psiquiatra tudo o que havia acontecido na última semana. Não sobre ter tomado o Bonita, claro — ela não queria ser internada em um hospício ou, pior, não queria que ninguém pegasse o frasco. Contou sobre ter dormido com Ravi, sobre o fato de que o vídeo em que ela perdia as estribeiras com ele se tornou viral e a transformou na Garota Cupcake, sobre ter precisado de vinte e cinco takes para sua primeira cena, sobre ter estragado o troféu de Tristan e sido acusada de sofrer de bulimia.

— E agora Greg me cortou da gravação do dia, o que ele não pode fazer porque prometeu que eu participaria, e ninguém está falando comigo, e acho que fazer o filme, para começo de conversa, foi um baita erro na série de erros enormes em que minha vida se transformou.

Gillian estava parada na cadeira. Sua expressão refletia algo entre incredulidade e horror.

— Ah, Gillian... — Krista estalou os dedos. — Alô?

O rosto de Gillian voltou a se animar.

— Desculpa, querida. Simplesmente não sei o que dizer.

— Poderia me prescrever Valium?

— Oi?

— Os psiquiatras podem fazer isso, não? Ou qualquer outro remédio.

— Lenka! — Gillian riu. — Não sou psiquiatra. Sou do estúdio. E você está despedida.

Krista teve a sensação de que tinha sido despertada.

— O quê?

— Você está despedida. Já. Agora.

O ar ao redor dela sumiu. Ela se esforçou para se concentrar.

— Não pode me despedir! Com base em quê? Isso é uma... demissão injusta!

Gillian ficou de pé e alisou a saia.

— Lenka, você é um desastre. Não me faça dizer isso de novo.

— Mas e a justiça nos procedimentos? Não estou tendo o direito à justiça natural! Isso é quebra do contrato...

— Lenka, por favor...

— Eu fiz direito, sua vaca! — Krista ficou de pé. — Não pode me despedir. Não tem base para isso!

— Em primeiro lugar, sim, eu posso, sou a diretora de produção. — A voz de Gillian estava bem fria. —

Posso despedir o Greg. Posso despedir você. Em segundo lugar, não vou aceitar que ninguém me chame de vaca, muito menos você. Está despedida.

Krista ficou arrasada. Suas palavras se tornaram um apelo.

— Mas... eu preciso do dinheiro. Sério, preciso muito mesmo. Não podemos... encontrar uma solução?

— Não — disse Gillian. — E, se você disser mais uma palavra à imprensa, e nela estão incluídas as mídias sociais, teremos que processar você. — Ela olhou para Krista, com pena. — Obrigada por ser tão sincera, querida. E boa sorte.

Seu olhar dizia: *você vai precisar*.

Willow ficou sozinha em uma esquina observando os homens observarem mulheres.

Ela observou os olhos deles se demorarem, sem convite, indesejados, nos ombros nus das mulheres, além de pescoços e bundas. Observou-os olhar as barrigas das mulheres, as coxas, mergulhar nos decotes. Notou o modo como os homens se entreolhavam depois de uma mulher passar. Eram olhares congratulatórios, bombásticos.

*Os homens observam, e as mulheres observam-se sendo observadas.*

Ela havia lido isso em algum lugar, ou talvez Evie tivesse dito. Os homens caminhavam como se estivesse observando o chão da fábrica. As mulheres pareciam querer passar sem serem vistas, em uma pressa para escapar.

*Escapar.*

A palavra pareceu doce e atraente no cérebro dela. Willow a analisou por um tempo, deixando-a tomar conta dela, empurrando-a para baixo de sua pele.

*Escapar.*

Sem destino em mente, ela começou a caminhar em direção ao centro da cidade. As ruas estavam cheias de pessoas. O calor do meio da tarde deixava todo mundo cansado e irritado. Willow deixou que trombassem com ela e a empurrassem. Ela passou por duas garotas que consolavam uma terceira que chorava, com expressões parecidas de preocupação.

— Ele não merece você — diziam as moças. — Você consegue coisa muito melhor.

— Mas eu amo esse cara — chorava a garota. Seus olhos estavam tomados de lágrimas. — Eu *amo* esse cara, porra!

Em mesas dobráveis, vendedores de rua ofereciam bijuterias de bronze baratas. Eles se abanavam, suando e semicerrando os olhos ao sol. Willow passou por artistas vendendo mapas do metrô feitos de tinta spray para turistas e parou diante de um vendedor enrolando roteiros de filmes para pessoas que os compravam com o sonho de escrever seus próprios roteiros. Willow dizia “olá” a velhos amigos: *O iluminado, Quero ser John Malkovich, Estranhos no paraíso, Apenas o pardal sabe*. De Matteo Hendriksen.

Então, ela parou.

Era seu pai.

Até mesmo ali, sozinho em uma rua lotada, ele a encontrava.

— Gosta desse? — Um homem de rosto avermelhado na barraca abriu um sorriso amigável. — Coisa bem romântica, não?

Willow afastou a mão.

— Olha só, moça bonita, vou fazer uma proposta. Dez dólares. Eles costumam custar quinze, mas...

— Não — disse Willow. — Não sou fã.

Ela saiu da rua, unindo-se às multidões na Broadway. Se mantivesse os olhos distraídos, não veria nada. Mas, se olhasse para as pessoas, se olhasse para os homens, olhavam para ela. Abertamente. Sem vergonha.

Os homens estavam sempre famintos. E queriam ser alimentados.

Ela atravessou um cruzamento movimentado, parou para conferir o telefone. Mensagens de Mark, de Evie, Krista e Meredith. A ansiedade apertou seu peito. Por um segundo, pensou em jogar o telefone em um bueiro, sonhando que ele desapareceria como um camarão lançado a baleias.

Ela olhou para a frente, tentando entender onde estava. Havia um outdoor. Nele, uma mulher usando nada além de uma calça jeans desabotoada estava deitada em um chão acarpetado. Havia um homem acima dela, mas só a parte de cima da calça jeans, uma parte das costas e um braço podiam ser vistos. A mulher cobria os seios com as mãos. Meio mamilo podia ser visto entre os dedos.

Os lábios estavam entreabertos. Os olhos também. Como se ela estivesse embriagada. Como se estivesse drogada. Como se só quisesse ser fodida.

Do nada, uma escuridão quente tomou a garganta de Willow, e ela teve que levar a mão à boca para segurar o grito. Queria atear fogo ao outdoor, destruí-lo, destruir o fotógrafo e a empresa que o fizeram, as pessoas que o colocaram ali e os homens que iam para casa e se masturbavam pateticamente pensando naquela mulher ali em cima, exposta, nua e indefesa. Ela queria destruir todos os envolvidos na exposição de um outdoor na cidade de Nova York que gritava, basicamente: “ME FODA”.

*Mas minhas fotografias serão diferentes,* pensou Willow, virando a cabeça, querendo “desver” tudo. *Porque já me foderam.*

Quando Evie chegou em casa, ficou decepcionada por encontrar o apartamento escuro e vazio. Na cozinha, ela encheu um copo com água. Quando foi pegar cubos de gelo, a forma estava vazia. Krista não a havia enchido. De novo. Evie olhou para a forma, nostálgica, não irritada. Precisava de sua melhor amiga naquele momento mais do que nunca. Pensou em telefonar para a mãe, mas esta perguntaria como tinha sido o encontro da noite anterior. O encontro com Velma.

Velma.

Velma não havia enviado nenhuma mensagem de texto. A série de mensagens trocadas era mirrada: Evie aceitando o convite para o jantar, e a resposta simples de Velma.

Nada além disso. Claro, Evie não deveria enviar uma mensagem para ela. No dia seguinte, ela voltaria a ser a Evie Selby normal de sempre, e Velma seria relegada à masturbação noturna e ao *stalking* sem propósito pelo Google. Mas Velma não sabia disso. Por que ela não havia enviado uma mensagem?

Evie deixou o telefone de lado e resmungou. A verdade era que tinha fracassado feio em ambos os aspectos. Velma não estava interessada e a *Extra Salt* era uma porcaria.

Ela parou na frente do espelho da sala de estar. Colocou a mão na cintura, imitando a pose de modelo que fizera na noite em que Krista se transformara, queixo para baixo, olhos inexpressivos. A garota do espelho olhou-a: tão misteriosamente quanto um anúncio de perfume.

Chloe Fontaine poderia ter quem quisesse. E só estaria por ali por mais algumas horas.

Foda-se.

Ela pegou o telefone e enviou uma mensagem a Velma. **Estou me sentindo como Dorothy, além do arco-íris: você deixa tudo colorido.**

Esperou uma resposta.

Esperou mais.

E mais.

Nada.

Tentou se distrair com o Instagram de Taylor Swift, com Hangrid Tumblrs, com os comentários dos leitores do *Coisa Chata* exigindo o post semanal. Mas, quanto mais tentava fugir dos sentimentos, mais velocidade eles ganhavam.

*Estaca zero, diziam. Estaca zero.*

No dia seguinte, ela voltaria à estaca zero. Aos primeiros encontros esquisitos entre duas pessoas decepcionadas se esforçando para ser alegres. A investigar os lugares de modo sorrateiro em festas, como se encontrar alguém fosse um trabalho para o qual ela não se candidatara, mas que não conseguia deixar de lado. Aos pensamentos que havia enterrado fundo em sua Caverna da Vergonha.

*Você é feia.*

*Você não é digna de amor.*

Se alguém não respondia à mensagem de texto de Chloe Fontaine, qual era a chance de alguém responder à mensagem de texto de Evie Selby, uma garota tão normal que dava dó?

A porta da frente foi aberta.

— Oi — disse Krista.

Evie se levantou, superfeliz com a distração. Suas palavras saíram bagunçadas.

— Oi! Ah, que bom que você está em casa!

Krista mostrou o frasco do Bonita.

— Vou devolver isto. Desculpa de novo.

— Ah, tudo bem. Eu tive um dia tão ruim... — disse Evie, aliviada por falar do menor dos dramas: a série da internet. — Você viu a *Extra Salt*?

— Não.

— Ótimo. Não veja. Faz o Girls Gone Wild parecer progressivo no bom sentido. Cortaram tudo o que falei. Foi um desastre completo. E agora não sei o que fazer. Fracasei. — Ela bateu a mão no peito, sem acreditar. — Eu, Evie Selby, sou responsável por contribuir para o lixo inútil que transforma o sexismo em algo sexy. E meu Bonita deve acabar amanhã. Então, *adiós* Velma Wolff; olá, aplicativos de pegação. Ou seria de “falta de pegação”? Porque nunca leva à *ação*, o que é uma *chateação*.

Krista encontrou uma garrafa de uísque quase vazia no armário acima da pia e despejou a bebida em uma caneca de café.

— Eu não deveria ter ouvido o Kelly — resmungou Evie. — Aquele caubói do asfalto idiota me custou... Ei, você está bem?

A voz de Krista saiu em um murmúrio.

— Aconteceu um incidente no set hoje.

— Que incidente? — Evie balançou a cabeça. — Calma, vamos voltar a esse assunto depois de decidirmos o que eu deveria fazer...

Krista se virou para ela. Seus olhos estavam inchados e vermelhos.

— Fui demitida.

Evie se assustou:

— Como assim?

— Fui demitida. Pelo estúdio.

Krista caminhou pela sala de estar explicando a situação horrorosa: tudo o que contou a Gillian, tudo o que a tirou do estúdio sem qualquer cerimônia.

— Então, agora não vou ter dinheiro, e o Tristan me odeia e tudo está uma merda.

— Nossa! — disse Evie. — Ai, Kris, sinto muito.

Já fazia um tempo desde que ela teve que fazer o papel da amiga que consola, mostrando empatia diante de mais um erro enorme de Krista, pelos quais já era conhecida. E, apesar de Evie sentir pena, também sentia irritação; Krista havia prometido usar o Bonita para devolver o dinheiro que havia roubado dela, não foi?

— E agora?



Krista bebeu o uísque.

— Hum... Sei lá.

— Não tem plano nenhum? — pressionou Evie. — Nenhum esquema?

Krista balançou a cabeça.

— Ei, você tem visto a Willow?

Evie sabia que a amiga estava mudando de assunto, desviando-se de qualquer assunto sobre responsabilidade, mas deu certo.

— Não depois... me deixe pensar... da tarde de segunda. Ela me ajudou a me preparar para a entrevista com a Velma. — Uma conversa na qual Evie tinha se concentrado mais no vestido dela do que na amiga. — Mas eu a vi... Caroline... dormindo no sofá hoje cedo antes de eu sair. Então, acho que ela ficou Bonita de novo.

— Sério? — Krista ergueu as sobrancelhas. — Ahn.

— O que foi?

— Acho que estou surpresa. Pensei que ela só quisesse experimentar uma vez, tipo... pela experiência.

— Ué, você tomou duas vezes... — lembrou Evie.

— É, mas eu estou fazendo o *Funderland*. O que a Willow está aprontando?

Evie soltou o ar devagar. Não sabia. E, para ser sincera, não dava para adivinhar.

— Ela é tão... misteriosa.

Krista arregalou os olhos, assentindo.

— Total. Às vezes, acho que entendo o que ela está fazendo, e às vezes eu me pego pensando: “Quem é você? O que é a sua vida?”

— As pessoas que crescem em Nova York são diferentes — disse Evie, recostando-se nas almofadas. — Elas vão à opera nas excursões da escola e fazem análise antes mesmo de aprender a andar de bicicleta.

Por um breve momento, Evie pensou em contar a Krista a respeito da mensagem de voz que tinha recebido de Willow, aquela que ela pensou ser de um hospital, mas decidiu que seria fazer fofoca — afinal, não passava de uma suposição.

— Às vezes, sinto tanta inveja dela... — admitiu Evie. — Por ter o dia todo para trabalhar com arte, sem ter que se preocupar em fazer um trabalho chato.

— Eu não — disse Krista. Evie olhou para a amiga, surpresa. — Cara, se eu tivesse tanto tempo livre como ela, eu já estaria internada em um hospício. Pensa bem: temos que estudar muito na escola para entrar em uma boa faculdade, para conseguir um bom emprego e termos uma boa carreira. Willow não precisa fazer nada disso por causa do pai. Acho que, para alguém como ela, ter muito tempo livre não é bom. Muito tempo livre aqui dentro. — Krista apontou para a cabeça.

— Deus do céu, você tem razão! — concordou Evie. — Porra, queria saber o que ela está aprontando. Ela não está respondendo às minhas mensagens. Queria saber se ela entende que é esquisito.

— Talvez seja só coisa de gente introvertida — sugeriu Krista. — Ou, tipo, coisa de gente famosa.

— Só espero...

— O quê?

Evie respirou fundo.

— Só espero que não tenhamos permitido que ela tomasse o Bonita quando não deveria ter tomado.

— Como assim?

— Sei lá, acho que a Willow é meio frágil. Às vezes, acho que ela pode ser meio autodestrutiva. Tipo, ela sempre fica muito mais bêbada do que nós duas. E bebe durante o dia. Às quartas.

— Nunca notei — disse Krista.

— Ela sempre é muito dura consigo mesma quanto ao lance da arte. Acho que Willow acha que, se não for tão bem-sucedida quanto o pai, vai ser um fracasso total.

Krista assentiu com seriedade.

— Vamos organizar um jantar. Levá-la de volta ao apartamento. Ver como as coisas estão.

— Ótima ideia. Ah, por falar em ver como as coisas estão, preciso enviar uma mensagem a Ella-Mae. —

Evie pegou o telefone. — Obrigada por encaminhar aquele e-mail.

— Ah, beleza. — Krista bebeu o resto do uísque. — Como você explicou a Chloe para a *Salty*?

Os olhos de Evie estavam no e-mail de Ella-Mae, na parte em que Ella-Mae mencionou que Chloe morava com Evie.

— Já falei: disse que morávamos juntas.

— Entendi. — Krista assentiu. Então, ela balançou a cabeça. — Não, peraí: você tomou o lugar de outra pessoa?

— Hum? — Evie enrolou uma mecha de cabelo na ponta do dedo. — Ah, sim, isso.

Fez-se uma breve pausa.

— Evie?

Evie se ocupou com o telefone. Ainda não havia notícias de Velma.

— Evie. — A voz de Krista estava esquisita.

— O que foi?

— Você está escondendo alguma coisa. Conheço esse olhar.

— O quê? — Evie levantou a cabeça e tentou parecer ofendida.

— Você está mentindo para mim.

— Não estou, não.

— Está enrolando o cabelo. Está visivelmente nervosa.

Krista inclinou a cabeça, mais desconfiada do que brava.

— Não é nada. — Evie se levantou. — Tenho que tomar banho...

— Conta! — Krista avançou na direção da amiga. — Evie, pode falar!

Evie se preparou.

— Eu disse a eles que você podia fazer o teste, quando eu era Normal. Krista Kumar, que morava comigo. Então, quando me tornei a Chloe, eu... — Evie deu de ombros, ergueu as mãos — ... disse a eles que eu era você. Que Chloe era a garota que morava com Evie.

Krista não disse nada. O coração acelerado de Evie batia em seus ouvidos.

Krista colocou o uísque na mesa de canto com cuidado, como se tivesse acabado de descobrir que ele estava envenenado.

— Você, com todo aquele discurso sobre as contas, tomou meu lugar?

Evie respondeu depressa.

— Você ia à PCU naquele dia, de qualquer modo, e depois você conseguiu o *Funderland*, então tudo se revolveu da melhor maneira.

— Eu teria arrebatado nesse trabalho. E, ainda que não fosse aprovada, tinha uma agente de elenco lá, não?

— Tinha, mas...

Krista falou mais alto do que ela. Estava irada.

— Quando comecei minhas aulas de interpretação, as pessoas me diziam que as coisas eram difíceis em Nova York. Que outros atores tentavam nos derrubar, que escondiam anúncios de testes, que falavam merda

sobre os outros para os diretores. Diziam que eu teria que tomar cuidado. — A voz dela engrossou. — Mas nunca pensei que a primeira pessoa a me foder fosse minha melhor amiga. — Krista virou-se, caminhando em direção a seu quarto.

— Desculpa. — Evie levou a mão ao ombro de Krista. — Gosto muito de você.

Krista se afastou de Evie.

— Não importa. Não consigo lidar com isso no momento.

Antigamente, o desejo de Willow de fazer sexo era lento, como o de uma preguiça, algo que emergia de um longo cochilo e que podia ser facilmente convencido a voltar a dormir. Mas, quando dobrou a esquina da rua, sentiu o oposto a um desejo fraco. Caroline era uma mulher ardente e pronta para afundar as presas na carne de alguém.

Mark abriu a porta pelo interfone sem perguntar quem era.

Ela não podia esperar pelo elevador. Abriu a porta da escada e subiu os degraus de dois em dois.

Seu coração batia forte no peito. A respiração estava quente no fundo da garganta.

Primeiro andar. Segundo, terceiro, 3A, 3B...

Assim que ela encostou na porta, esta se abriu.

O rosto de Mark estava iluminado, e ele parecia bastante faminto.

Não houve pausa para cumprimentos.

Os dois se atracaram.

Os lábios dela, uma tempestade. As mãos dele, tubarões famintos.

Willow puxou Mark em direção ao quarto com tanta força que ele quase tropeçou. O fogo tomava conta dela, uma enxurrada de adrenalina que lhe deu a impressão de que poderia pegar um trem e lançá-lo de um penhasco. Ela o jogou na cama. Ele caiu fazendo barulho. Willow subiu nele, beijando sua boca, esfregando-se no volume de sua calça.

Mark gemeu, tentando se levantar para colocá-la por baixo, mas a garota se manteve firme, prendendo-o na cama com os joelhos, puxou as mãos dele acima da cabeça e as pressionou aos travesseiros.

— Ah... Ah... — disse ela, ofegante e acalorada. — Não se mexa. Não... — insistiu, quando as mãos dele voltaram a seu corpo. — Não... Não se mexa.

Mark obedeceu e Willow saiu de cima dele, agindo depressa para encontrar uma gravata preta de seda no armário. Ele estava com os olhos arregalados quando ela enrolou seus dois braços e os amarrou nas grades de madeira da cabeceira, prendendo-o no lugar.

— Consegue se mexer? — sussurrou ela.

Ele puxou os braços.

— Não, estou preso.

— Ótimo.

Sem parar de olhá-lo, passou os dedos pelo peito dele, desabotoando cada um dos botões da camisa. Mark estava ofegante quando ela abriu a camisa do rapaz, e o peito nu subia e descia. Os dedos dela percorreram o caminho até o botão da calça. O primeiro já tinha sido aberto.

Devagar, em uma lentidão agonizante, ela começou a abrir a braguilha.

Mark se remexeu e soltou um gemido.

Willow olhou nos olhos dele. Suas palavras foram uma ordem.

— Não se mexa.

Ela puxou a calça para baixo. Ele estava usando uma cueca samba-canção. A azul-escura, a mais nova, aquela, ela percebeu, que ele decidia usar quando sabia que transaria. Ela parou, e a verdade por trás daquela cueca a pegou desprevenida.

— O que foi? — sussurrou ele.

Ele sabia que Caroline apareceria. Por um segundo de loucura, Willow se perguntou se Mark e Caroline teriam, de algum modo, planejado aquilo sem que ela soubesse. Se Caroline poderia ser uma mulher diferente dela, vivendo uma vida paralela.

— Caroline?

Ela enfiou a mão na calça dele e pegou o pênis. A respiração de Mark era rápida e rasa. Por um longo momento, ela pensou no que estava segurando.

A coisa que levava Mark, seu namorado, a ela. A Caroline.

A coisa que levava os homens a fazerem outdoors com mulheres nuas e expostas. A colocar suas fantasias privadas em público, sem vergonha, sem hesitação nem culpa.

A coisa que fazia promessas serem quebradas. A coisa que traía.

Ela observou o rosto dele quando começou a acariciá-lo. Olhos se fechando com força, abrindo-se brevemente para olhar para ela, para seu rosto, para seu corpo, para seus seios visíveis através do vestido, fechando-os de novo.

Mil serpentes remexendo-se embaixo da pele.

O calor entre as pernas dela. Ela estava se excitando.

O ritmo e a falta de ritmo combinados para transformá-la em uma criatura molhada e escorregadia feita de lava, calor e luz.

Ela movimentou as mãos mais depressa.

A respiração dos dois combinando gemidos e suspiros.

Mais depressa.

Em direção à beira do abismo. Cavalos correndo às cegas, um condutor que havia perdido o controle, uma carruagem com rodas sobre pedras, em direção à beira, quase lá, quase...

Willow o soltou.

Mark gritou:

— Não para!

Willow tirou a calcinha, molhada, encharcada, e levantou o vestido. Remexendo-se, abaixou-se na boca de Mark, de frente para os pés dele e para o espelho de corpo inteiro na parede da frente.

A língua de Mark encontrou a boceta dela, passando desajeitada pelo clitóris. Ela não conseguiu controlar um grito: cada momento causava milhares de faíscas; cada terminação nervosa abrigava centenas, milhares e milhões de estrelinhas.

Ela nunca tinha feito aquilo, apesar de Mark ter pedido, muitas, muitas vezes. Parecia tosco, em teoria: algo que as mulheres faziam quando estavam sendo pagas.

Mas naquele momento pareceu diferente.

Ela se sentiu indomada. Solta. Poderosa. Puxou o vestido e se despiu, libertou o corpo. Os dedos encontraram os cabelos, os mamilos, a pele aveludada e suada, firme e forte. O espelho refletia a verdade: Caroline, com lábios e seios grandes e coxas musculosas; Caroline, uma criatura erótica, maravilhosa e cheia de vida. Uma serpente.

Um demônio.

Um demônio de vestido.

Uma onda forte se formava dentro dela, um orgasmo iminente tão impossível de deter quanto ela.

Ela olhou para a foto. Tirada em um casamento nos Hamptons.

Mark e Willow.

Ela. Não ela.

Ela mexeu o quadril em um gesto furioso.

Sua respiração se tornou audível.

A garota do espelho era perfeita.

A garota do espelho era um veneno.

Ela começou a gozar, alto, gloriosamente, sem se conter.

Seus gritos atravessaram as paredes do apartamento e a noite; atravessaram rios, estradas e arranha-céus, chegaram à estratosfera.

Ela estava fora de si, fora de controle.

Estava voando, asas amplas em movimento para manipular o ar, subindo, inevitavelmente, em direção ao sol brutal.

O sono enganou Evie, tanto por causa da discussão com Krista quanto porque ela estava esperando Velma responder. Conforme as horas passaram, a leve curiosidade (*Por que ela não respondeu?*) se transformou em um delírio obsessivo e insistente (*Porra, por que ela não respondeu?*).

Um pouco antes das 22h, ela colocou em ação um plano B. Decidiu que sairia, que iria a um bar que por acaso ficava perto da ponte Williamsburg. Se Velma respondesse, Evie poderia estar convenientemente perto de onde ela estivesse. *Pego um táxi*, ela se imaginou respondendo na mensagem. *Chego logo*.

Isso não era fruto do desespero.

Era inteligente.

Havia uma diferença muito clara entre um e outro.

Evie ficou em um bar escuro e barulhento sozinha durante três horas e desviou de uma série de investidas cada vez mais embriagadas. No começo, foi educada: “Não, obrigada, estou esperando uma amiga”. Ou: “Já estou bebendo, obrigada”.

No fim, ela já estava revirando os olhos, resmungando: “Sério?” Ou uma negativa simples e direta: “Não”.

Parecia que sua beleza exigia que as pessoas se aproximassem com uma estratégia. Era essa a pior parte: ela via o processo dos pensamentos na mente de cada candidato tão claramente como se o cérebro deles fosse feito de papel-celofane.

Havia os calmos e fáceis de levar: gerentes, professores, instrutores de ioga. Eram inofensivos e desistiam depressa, aceitando passivamente: “Posso pagar um drinque... Não, tudo bem, boa noite.” Existiam também os tipos esquisitos, artistas com muitos pelos faciais, cuja abordagem começava com um estranho: “Quer ir a Coney Island comigo agora mesmo?” Ou: “Já sentiu o gosto do sangue de outra pessoa?”

Evie sentia-se muito mal pelos rapazes jovens e espertos, os caras de aparência esquisita que sinceramente teriam mais chance com ela se seu cérebro não fosse um canal a cabo dedicado apenas a Velma. Os olhos em rápido movimento indicavam o funcionamento de cérebros movimentados, e Evie quase ouvia a voz interna crítica que os castigava mesmo durante um encontro banal. Para aqueles caras, mulheres muito bem preparadas como Chloe tinham o apelo de um bom thriller: divertidas, sedutoras e aterrorizantes, tudo de uma vez só.

Então, havia os jogadores, sofrendo do que Evie chamava de “síndrome do Pequeno Príncipe”; se achando no direito sem nem mesmo perceber, tratando o mundo como se fosse seu parque de diversão pessoal. *Bullies*

sexuais, proferindo insultos como se fossem elogios: “Esse vestido é bonito, mas não fica bem em você”. Ou: “Seus amigos conhecem aquela garota ali? Ela é muito gostosa.” Por fim, Evie pensou: *caras assim não gostam de mulheres*. Eles consideram carência o desejo das mulheres por conexão emocional. A sensibilidade era fraqueza. Gosto pela estética? Idiota. *Eles não gostam de nós, mas querem nos foder*. É um dilema infernal. A política sexual deles era um paradoxo: as mulheres que não aceitavam suas exigências sexuais eram frígidas, e as que aceitavam eram vagabundas. Um “Oi, linda” ignorado era inevitavelmente seguido por um “vagabunda idiota”.

À uma hora da manhã, ela deu aquilo por encerrado, caminhando para casa no ar úmido e pesado, derrotada e sozinha.

Acordou sentindo-se mais exausta do que quando tinha ido dormir. Seu estômago parecia ter sido aberto com uma faca. Ela sabia o motivo. As garotas a haviam alertado.

Evie Selby estava de volta.

Os óculos não estavam no lugar de sempre, ao lado da cama. Quando se sentiu bem o suficiente para se mexer, encontrou-os em cima da cômoda. Colocou-os com relutância e encarou a fera.

Sua surpresa foi tão forte diante do espelho do quarto que ela deu uns passos para trás. Uma garota pálida e atarracada com lábios horrivelmente finos e dentes tortos e manchados de café a olhou. A irmã postiça e feia da Cinderela. O “antes” de uma transformação em um filme.

Não, de jeito nenhum. Será que o Bonita a deixara mais feia? Era uma mudança cruel para enganar os fúteis?

Não. Porque, quando seus olhos analisaram a criatura feia à sua frente, sua memória a fez entender que aquela era ela: Evie Elizabeth Selby.

Aquele era seu eu normal. Nada tinha mudado.

Só que tudo tinha mudado.

Era chocante ver a rapidez com que havia se acostumado aos olhos de corça de Chloe olhando para ela de manhã, à pele brilhante e lisa como uma casca de concha, à boca ampla cheia de dentes brancos.

Sem conseguir ver a pessoa no espelho, ela pegou o telefone.

Velma havia enviado uma mensagem de texto.

À 1h37.

**Onde vc tá?**

Evie ficou boquiaberta.

Velma havia respondido. Logo depois de ela ter ido dormir. Havia perdido a mensagem por uma questão de minutos. Minutos!

Evie se afundou no canto do colchão; suas pernas não eram mais confiáveis.

Se ela não tomasse o Bonita, nunca mais veria Velma. Porque como Velma, com seus terninhos Dior e seu cartão de crédito prateado, poderia se interessar por Evie Selby, normal como era?

Distraída, ela abriu o e-mail.

E logo se esqueceu de Velma Wolff.

Evie havia registrado um pedido de alerta no Google para “Chloe Fontaine” e “*Extra Salt*” assim que tinha conseguido o trabalho. Até ali, nada. Mas naquele dia sua caixa de mensagens estava cheia. Ela abriu a primeira.

Salty cria uma série on-line, internet morre de rir. O pessoal da Salty reservou um tempo de sua agenda cheia de sexo na posição carrinho de mão para criar uma *websérie* chamada Extra Salt. É o caminhão de lixo de sempre que se esperaria daqueles idiotas,



apresentado pela modelo-barra-burrinha Chloe Fontaine, que faz um ótimo trabalho interpretando um filhote de veado que acaba de levar um soco na cara. Entre os destaques, estão...

Ela não conseguiu mais ler. Seu rosto estava pegando fogo. Aquela era ela. A matéria era sobre *ela*.

Evie abriu a seguinte.

Olha a gostosa! Senhores, conheçam o novo membro do nosso banco de punheta: Chloe Fontaine. Essa linda morena manterá você e Seu Pau entretidos por exatamente 3,5 minutos. Dica: tire o som do vídeo.

Aquilo era um site do tipo “cultura pop masculina”; as matérias anunciadas ao redor mostravam mulheres de biquíni e matérias a respeito de ferramentas elétricas. Havia ali um link para a *Extra Salt*. Incrivelmente, já tinham sido postados quarenta e cinco comentários.

Hummm... Papai gostou.

o que tem de errado no rosto dela?

eu comeria.

Isso é a coisa mais idiota que já vi. Por que ela está viva?

SE ABAIXA, PIRANHA, VOU ENFIAR...

Evie soltou o telefone. Sua pele formigava. A respiração estava difícil. Os comentários eram tão nojentos, tão desrespeitosos... a respeito de Chloe! Chloe, a garota meiga e idealista que só estava tentando fazer o melhor, que era uma boa pessoa. E aquilo em só um site, meu Deus! Quantos comentários haveria no YouTube? Centenas? Milhares? Quantas pessoas estavam rindo dela, ignorando-a, revirando os olhos para a Chloe Fontaine desmiolada e seu monte de vibradores idiotas?

— Era para as coisas ficarem *melhores*! — gritou ela no quarto.

E só havia uma maneira de ter uma segunda chance.

Uma maneira de apagar o espectro tenebroso do espelho.

Uma maneira de ver Velma de novo.

Ela respirou fundo e soltou o ar com calma.

Só mais uma vez.

O barulho da porta da frente se fechando acordou Krista. Ela puxou os cobertores para cobrir a cabeça e resmungou.

Não era só o fato de ter sido demitida. Ela não conseguia se livrar da sensação de que o Bonita tinha começado a... afetá-la. Era como se todo teste que ela tinha perdido, como se todo encontro com o pai, como se todo rompimento doloroso — como se todos os fracassos formassem uma enorme massa de ansiedade, tão concentrada quanto o Bonita em si.

Aquela intranquilidade indomável e forte era muito pouco familiar. Normalmente, Krista não se preocupava muito com a aparência. Era uma de mil preocupações diárias, facilmente esquecidas, que só de vez em quando se tornavam um drama. Mas naquele momento, o rosto que via no espelho do banheiro, lindo, mas também preocupado, era tudo em que ela pensava.

Só uma pessoa tinha respostas.

Penny Baker.

A página no Facebook de Penny ficara inativa por seis meses. Uma hora de pesquisas on-line só trouxe uma única foto da mulher que ela havia conhecido no McHale's Ales, tirada em alguma festa bacana em Abu Dhabi, de braços dados com um moreno bonito de barba bem-feita. A legenda dizia: *Penelope Worthington, ou Baker, quando solteira*. Penny talvez nem estivesse mais em Nova York, pensou Krista. Mas ela não tinha nada a perder se tentasse descobrir.

Pegou o metrô com nervosismo. Pessoas demais pareciam olhar para ela, observando todos os seus movimentos. Na Union Square, ela saiu de um vagão lotado, convencida de que um homem de sobretudo preto a seguia, uma sensação que transformou a leve preocupação em forte pânico.

*Não tem ninguém atrás de você. Você está sendo tola.*

Não estava?

A saleta com iluminação forte de seu antigo centro de formação na escola de improvisação a acalmou no mesmo instante. Familiar, discreto, doméstico. Rapazes e moças estavam acomodados em sofás, sob pôsteres

de comediantes famosos e antigos programas cômicos. Krista se lembrou do breve período que passara sendo um deles; realizando trabalhos com os colegas de classe, fofocando sobre as novas equipes de improvisação ou sobre professor com quem teriam aulas logo em seguida. Sua vida era muito fácil naquela época, fácil de um jeito que ela só notou quando deixou de ser.

O garoto à mesa da recepção tinha um rosto pálido emoldurado por mechas ruivas. Ele disfarçou uma olhada mais atenta que já era familiar, inspirada por alguém que reconhecia a Garota Cupcake ou uma gostosona.

— Ei, tudo bem?

Krista abriu um sorriso.

— Fiz uma aula aqui no começo do ano com uma amiga minha, Penny Baker. Ela... sumiu... do mundo. Estou preocupada. Será que você pode me dar o endereço dela?

O rapaz olhou para ela, divertindo-se e sorrindo.

— Desculpa, mas não podemos passar informações sobre nossos alunos.

— Tudo bem, foi o que pensei, mas é uma emergência. Acho que alguma coisa pode ter acontecido com ela.

— Se você é amiga dela, por que não envia um e-mail? Não tem o número do celular?

Krista se inclinou para a frente, deixando o decote à mostra.

— Meu Deus, você tem olhos incríveis! Como podemos descrevê-los? Celestes? — Ela pestanejou, dizendo as palavras como se estivesse chupando um pirulito. — Seu olho é azul-bebê? O ruivo pareceu não se impressionar.

— Sou gay.

Krista bufou e escondeu o decote.

— Olha, porra, eu preciso do endereço dela, entendeu? Estou mesmo só tentando ajudar alguém que eu acho que pode estar em apuros. Então, não seja idiota e me ajude. Pode fazer esse favor?

Essa abordagem deu certo.

Penny havia informado como endereço um prédio em South Park Slope, perto do Canal Gowanus. Krista demorou uma hora para encontrá-lo, depois mais uma hora para convencer o inquilino atual a dar a ela o endereço que “Penelope Worthington” havia deixado. No fim, era o número 500 da Park Avenue.

Um endereço Bonito.

Um porteiro com um terno azul-marinho bem passado abriu a ampla porta de vidro. No interior do prédio havia mármore, candelabros e dinheiro.

Quando Krista disse à mulher da recepção que ela estava ali para encontrar Penelope Worthington, jurou que a moça inclinou a cabeça, um pouquinho, como se quisesse esconder a surpresa.

— Qual é o seu nome? — perguntou a mulher, com uma orelha pressionada ao telefone.

— Krista Kumar.

Era a primeira vez que ela apresentava Lenka como Krista.

A mulher repetiu o nome ao telefone. Então, desligou e sorriu para Krista.

Era um sorriso cuidadoso. Um sorriso que tinha um certo alerta.

— Cobertura.

— Fantástico. Não consigo nem começar a descrever sua evolução, Willow. Este trabalho está me surpreendendo.

— Obrigada, Meredith.

Willow imaginou a curadora no escritório, escolhendo os novos retratos que ela havia acabado de enviar por e-mail. Estava inclinada perto da janela em um café silencioso em South Williamsburg, com um chá-preto intocado à sua frente. Havia deixado Mark roncando baixinho na cama. A lembrança da noite anterior estava com ela como um vapor leve e estranho. Ela sentia que estava caindo ou voando, e a confusão retorceu suas entranhas de um jeito muito prazeroso.

— Que bom que gostou.

— Se eu gostei? Querida, eu amei. Ah, a dor. O drama. Adorei.

O elogio — tão natural, tão real — esquentou-a por dentro, levando sua ressaca embora. Ela teve que se conter para não ficar sorrindo como uma idiota.

— Ótimo.

— Tudo bem, que se dane. Vou seguir minha intuição aqui. Quero fazer outra exposição. Em duas semanas.

Willow se endireitou. Sua primeira exposição tinha sido marcada seis meses antes.

— O quê?

— Tenho algo reservado, mas vou guardar. Estou com uma ótima sensação com relação a isso, Willow Hendriksen. Acho que esse é o trabalho que vai fazer de você uma estrela!

— Uau! Obrigada. É incrível. Eu não tinha...

— Não tinha o quê?

Willow engoliu em seco, controlando-se.

— Eu acho que não os havia imaginado pendurados em uma parede. Em uma galeria.

Meredith riu.

— Onde você os imaginou? Você é uma artista, Willow, e a arte precisa de público.

*Você é uma artista.* As palavras ricochetearam dentro dela, aumentando o efeito até ela se sentir quase feliz.

— Sei.

— Acho que precisamos só de mais uma série e teremos um programa. Diga que Caroline ainda está em

Nova York. Ah, o rosto dela. — Meredith suspirou. — Poderia ficar olhando durante horas.

Na janela ao lado, ela viu seus olhos arregalados, fantasmagóricos no vidro. Em sua mente, ela imaginou a palavra não se formando. Dizendo a Meredith que Caroline tinha saído da cidade, que tudo tinha terminado. Afinal, estava magoando Mark por meio de atitudes das quais ela não se sentia totalmente no controle, obedecendo a ímpetos que vinham de um ponto obscuro, quase místico.

Porém, Mark tinha o controle. Ele estava fazendo escolhas. E era melhor que ela soubesse a verdade sobre o namorado antes que fosse tarde demais. Afinal, era tarde demais para sua mãe. Dez anos de sua vida escorreram pelo ralo depois de se casar com um homem que provavelmente trepava com uma mulher diferente a cada fim de semana.

Como Meredith disse, ela era uma artista.

E a arte exigia riscos.

— Sim — disse ela. — Caroline ainda está aqui.

Quando Krista ergueu o dedo em direção à campainha pequena e dourada da cobertura, uma inesperada onda de medo fez sua mão parar no meio do movimento. E se Penny estivesse... diferente? Desfigurada? Deformada? Será que ela queria saber mesmo? Será que ela queria provas do destino que as duas tinham selado para si mesmas?

Ela tocou a campainha.

Ouviu passos se aproximando.

Krista ficou tensa e quis correr de repente, mas não conseguia fazer as pernas obedecerem.

A porta se abriu.

Krista controlou o susto. Levou a mão à frente da boca.

A garota que abriu a porta era Penny. Era gorducha, normal, a Penny com quem havia estudado, mas seus olhos estavam muito vermelhos. A pele estava vermelha e inchada. Os lábios estavam virados para baixo como os de uma rã.

— Krista? É você? Como foi que me encontrou?

— Penny!

Krista deu um passo para trás. Estava certa. O Bonita era uma sentença de morte, uma droga ruim, um ato ruim, o Quasímodo, a besta...

— Pode entrar. — Penny fez um gesto. — Normalmente, não deixo ninguém me ver assim. Acho que você é uma exceção.

Krista deu um passo para dentro, mesmo sem querer, olhando para o pé-direito incrivelmente alto onde a voz de Penny ecoava. A mobília chique e imaculada. As janelas geométricas e cheias de recortes. Estava tão frio que ela quase estremeceu.

Penny olhou para ela.

— O que aconteceu?

Krista hesitou.

— Eu poderia perguntar a mesma coisa a você.

Penny revirou os olhos e apertou a faixa de um roupão cor-de-rosa de cetim.

— Rapazes... — disse ela, com um sorriso tímido.

Só então Krista compreendeu. Penny não estava deformada. Só andara chorando. O alívio que inundou

seu organismo a fez fraquejar, e ela se segurou na lateral de um enorme urna chinesa.

Penny pegou alguns lenços de uma caixa de lenços dourada e assoou o nariz.

— Quer uma bebida?

Era meio-dia.

— Ah, claro. — Ela acompanhou Penny até a cozinha industrial. — Este lugar é incrível. — Perto daquilo o apartamento de Willow parecia uma caixa de fósforos.

— Você teve sorte por ter me achado. Só passei dois dias em Nova York neste verão. Hoje é o dia em que nos encontramos.

Krista passou a mão por um tampo de granito polido, admirando prateleiras cheias de taças brilhantes de vinho.

— Onde você esteve?

— Em Londres. Depois, em Mônaco. E de volta a Londres.

— Legal.

— É exaustivo.

Penny abriu uma porta da geladeira, do tamanho de um outdoor.

— Pode ser vodca?

Ela escolheu uma garrafa chamativa na geladeira cheia de bebidas.

Krista arqueou uma das sobrancelhas.

— Você deixa a casa abastecida, não é?

— Alguém deixa. Um dos... “benefícios”.

Penny encheu dois copos, acrescentou um pouco de água com gás. Então, foi até o sofá que ficava de frente para uma das janelas enormes e angulares. O sofá era laranja-claro, extremamente desconfortável e, como todas as outras peças da mobília, parecia novo em folha.

Penny entregou o copo a Krista.

— Saúde — disse ela. O som dos dois copos tilintando ecoou por um segundo até ser engolido pelo espaço.

— De quem é esse apartamento? — perguntou Krista. Penny parecia deslocada ali.

— Do meu... — Penny demorou um momento para procurar a palavra. — Amigo. Mas estamos em uma de nossas fases não amigáveis no momento. — Ela balançou a mão indicando o corpo e o rosto de Krista. — Gostei do resultado que teve em você. Está diferente. Está gostando?

Krista olhou para si mesma, sentindo vergonha.

— O que é aquilo?

Penny sorriu e quase riu.

— Não sei.

— Merda... Sério?

— Desculpa, mas sei tanto quanto você.

— Por que não me contou como seria difícil tomar?

— Eu não contei? — Ela pareceu surpresa. — Acho que esqueci.

Krista não se imaginava se acostumando tanto com a transformação a ponto de se esquecer do efeito. Que ideia horrível.

— Quem deu a você?

Penny ficou em silêncio por um momento. Então, balançou o copo mostrando apartamento do tamanho de um campo de futebol.

— O cara que é dono deste lugar? — perguntou Krista.

Penny assentiu.

— Mais ou menos.

— Ele também usa?

Penny levou o dedo à frente dos lábios.

— Ele a mataria se você contasse a alguém.

Aquilo foi dito de um modo tão leve e casual, que quase pareceu uma piada. Mas, de certo modo, Krista sabia que não era. Sentiu os braços arrepiados. Penny a observou em silêncio, remexendo a vodca no copo.

Krista perguntou:

— Por que você decidiu me dar?

— Já disse. Você foi bacana comigo...

— Mas nós não nos conhecíamos.

Penny suspirou, olhando em silêncio pela janela. Marcas de acne pontuavam seu rosto.

— Talvez você tenha me pegado em um momento de fraqueza. — Ela tomou mais um gole. — Está triste por eu ter dado o Bonita a você?

— Não, olha, eu acordo todos os dias com seios incríveis. Como um implante de silicone pelo qual não paguei. — Krista riu baixinho, mas, até mesmo para seus ouvidos, pareceu fútil. — Acho que isso mexe com a gente, mas algumas pessoas não têm o que comer... Então, como posso reclamar da minha vida?

Penny assentiu.

— Pois é.

— Você estava tentando se livrar dele? — perguntou Krista, percebendo que essa era uma possibilidade só quando a verbalizou.

Penny olhou para ela com os olhos vermelhos e grandes, que estavam tristes e sérios.

— Minha nossa, como é bom ver você, Krista! Às vezes... às vezes eu me sinto...

Mas ela foi interrompida pelo som da porta se abrindo. Penny se sobressaltou, e não só por causa do som inesperado. O medo, repentino, tomou conta dela. Um homem moreno entrou. Usava um terno e carregava uma maleta de couro.

Krista o reconheceu como o cara com a barba perfeita que estava na foto da pesquisa no Google.

Quando ele viu as duas mulheres, parou.

Apesar de já estar frio no apartamento, pareceu esfriar ainda mais.

Penny quase tropeçou na pressa para se levantar. Seus olhos estavam arregalados, em pânico. Ela fez um gesto para Krista, sem olhar para a moça.

— Estou arrumando-a para Naseem. Ele a enviou. Este é Carlos — disse Penny a Krista, indicando o homem de terno. — De quem eu estava falando.

— Oi. — Krista ficou de pé ao lado de Penny, instintivamente se aproximando da garota.

Mas Carlos só passou os olhos por Krista por um segundo. Depois, concentrou-se em Penny. Sua expressão mudou, como se estivesse sentindo um cheiro ruim.

Penny amarrou o roupão ainda mais forte ao redor do corpo.

— Pensei que você estivesse indo para Xangai. O que aconteceu com sua reunião?

Carlos não respondeu. Só apontou para o rosto dela.

— O que é isso?

A voz dele era baixa, mas ficou claro que estava contrariado.

Penny contraiu a mandíbula. Respirava pelo nariz.

— Você não estava aqui. Preciso ver minha mãe.



Carlos riu. Krista nunca tinha se sentido tão desesperada para sair de um lugar. Mas, se fosse embora, deixaria Penny sozinha com aquele homem.

— Nós temos regras — disse Carlos.

— *Você* tem regras! — Penny deu um passo em direção a ele. — Não posso seguir o tempo todo.

Apesar da voz chorosa de Penny, Carlos olhou-a como se ela fosse uma criança. Tola e inconsequente.

— Tenho um jantar hoje à noite. Esteja pronta às seis.

Penny respirou fundo.

— Hoje? Não, não posso. — Carlos começou a caminhar em direção à cozinha. — Eu vou! — Penny

falou alto. Isso o fez ele parar. — Eu vou!

Carlos se virou lentamente até ficar de frente para ela de novo. Um sorriso sombrio se formava em seus lábios quando ele atravessou a sala em direção a ela, um gato avançando em um pássaro ferido. Penny estava tremendo. Uma lágrima, depois mais uma, escorreu por seu rosto.

O peito de Krista estava oprimido, a tensão na sala estava sendo fisicamente dolorosa. Temia se mexer, temia não se mexer.

Carlos se aproximou de Penny e pousou as mãos em seus ombros. Olhou para ela, quase com piedade.

— Para onde você poderia ir? — perguntou ele, em tom discreto.

No elevador, na hora de descer, Krista começou a chorar. A tensão e o terror do que tinha acabado de testemunhar a deixaram abismadas. Não queria deixar Penny, mas ela insistiu.

— Preciso me arrumar — disse ela. Krista disse que ela não precisava fazer isso, que poderia ir embora naquele momento.

— E ir para onde? — indagou Penny. — Fazer o quê?

— Não sei. Pode dormir no sofá do meu apartamento por uns dias. Conseguir um emprego.

— Um emprego? — repetiu Penny. — Em Nova York? Não fiz faculdade. Metade dos garçons aqui são doutores. Esta é minha melhor opção. — Ela suspirou e esfregou os olhos. Parecia mais do que cansada. Parecia decidida.

— Não é tão ruim.

Krista saiu do prédio com a sensação de que acabara de ser solta de uma prisão, olhando para a luz do sol surpresa, indo parar em um café quase vazio, e pediu um *latte* no qual não tocou.

Ela precisava fazer mudanças, sabia disso. Apesar de às vezes pensar em sua dívida como algo solucionável, algo que, de algum modo, se resolveria, a verdade era que estava profundamente envergonhada. E mais do que envergonhada: confusa. Cada compra que tinha se transformado em dívida, cada uma delas fez sentido na época. Como o vestido Zac Posen na liquidação da Gilt: não foi só um achado, foi um investimento inteligente, foi uma economia de dinheiro. Era assustador perceber como seu cérebro podia ser pouco confiável; a facilidade com que ela se convencia do caminho errado. Como saber o que era errado e o que era certo?

Krista pegou o telefone e começou a digitar uma mensagem de texto.

Oi, Tristan,

Aqui é Lenka Penka. Desculpa, muito mesmo, pelo que aconteceu naquele dia. Não respeitei você nem o que era importante para você. Minhas atitudes foram vergonhosas e eu não pretendia ofendê-lo.

Espero que me perdoe. Boa sorte no filme. Sinto saudade de estar aí.

Beijos,  
Lenka

Ela enviou a mensagem a um número de celular vinculado a Tristan na lista de telefones do set. Então, se sentou, quase sem se mexer, olhando para os clientes que entravam e saíam do café ou observando a luz do sol cobrir lentamente o tampo laminado da mesa. Uma hora se passou. E mais uma. Seu telefone tocou e a assustou. Era um número que ela não reconheceu.

— Alô?

— Lenka, aqui é Cameron Mitchell. Seu agente. — Uma pausa, possivelmente só para causar um efeito. — Tenho notícias surpreendentes.

— Poderia passar a manhã toda cuidando de você, Madame Chloe, mas nada vai fazê-la ficar linda com essa cara azeda. — Marcello apontou para Evie com um tubo de rímel, de maneira acusatória. — O que aconteceu? E não aceito “nada” como resposta.

Evie se afundou ainda mais na cadeira. O Bonita havia tomado seu estômago e explodido pelo traseiro. Ela havia escovado os dentes cinco vezes para se livrar do gosto de vômito.

Mas não era só isso.

Kelly não se preocupou com o ataque horroroso na internet causado pela *Extra Salt*. Ele disse para Evie não prestar atenção aos *haters*, dizendo que eram “feminazis que odiavam homens ou imbecis tarados que viviam no porão da casa dos pais”. Jan tinha telefonado para cumprimentá-la; todo mundo achou que a *Extra Salt* tinha se saído muito bem. Claro que achavam. Eram todos idiotas.

— O que você acha disso? — perguntou ela a Marcello.

— Por ser o primeiro episódio?

Evie assentiu.

— Achei que foi... — Marcello fez uma careta.

— Ruim?

Marcello sorriu.

— Exatamente o que eu estava esperando.

Evie resmungou e escondeu o rosto com as mãos.

— O pior é que, por motivos que só Deus sabe, eu fiquei animada. Pensei que pudesse fazer algo bom e significativo. Algo de que me orgulhasse!

— Eu também. — Marcello contraiu os lábios ao falar com ela. — Mas agora preciso começar de novo.

Evie olhou para o próprio reflexo no espelho. Ele estava com rímel e sombra manchando seu rosto.

— Merda. Desculpa, Marcello. Sou muito desajeitada.

— Não tem problema, linda. — Marcello molhou uma esponja com um pouco de tônico e começou a passá-la nas manchas escuras. — Vamos deixar o drama para trás das câmeras, está bem?

Evie permaneceu sentada, obediente, enquanto Marcello começou a consertar seu trabalho. Ele parou para puxar um fio errante da sobrancelha com a pinça e Evie gritou. O maquiador sorriu para ela.

— Agradeça por não ter vivido na época da Renascença — disse ele. — Naquela época, as mulheres

costumavam raspar o cabelo para terem testas altas, pois era moda.

— Ai! — Evie estremeceu. — Por que os padrões de beleza sempre foram tão dolorosos? Por que não podemos decidir, sei lá, que a moda é ter celulite e buço?

— Isso incomoda você? — perguntou Marcello, espalhando gotinhas de base na pele de Evie. — Não ter controle sob sua aparência?

Evie ficou tensa. De um modo, ele poderia estar falando sobre si mesmo; afinal, era ele quem estava preparando Chloe para a câmera. Mas era quase como se ele estivesse perguntando sobre o Bonita e o fato de a substância transformá-la em um ideal, mas não necessariamente no ideal *dela*. Evie precisou controlar o ímpeto de olhar para seu braço, para o ponto onde sua tatuagem ficava. Em resposta, ela fez um barulho e redirecionou a conversa.

— Por que você gosta?

— Gosto do quê?

— De maquiagem.

— Porque me deixa lindo? — Marcello sorriu para ela.

— É por isso que você gosta de maquiar as pessoas?

— Aham.

— Porque assim elas ficam bonitas?

— Porque elas se sentem bonitas. — Marcello puxou uma cadeira e se sentou de frente para Evie. — Meu trabalho é fazer as mulheres, e alguns dos homens mais mente-aberta, sentirem que são a melhor versão de si mesmas. E sei que você acha que a maquiagem estabelece um padrão irreal e coisa e tal, mas, na minha opinião, só estou ajudando as pessoas a colocarem para fora sua deusa interna. Não tenho como deixar você bonita, Chloe. Só posso ajudá-la a ver, com um pouco de cor aqui e ali, que você já é bonita.

— Entendi — disse Evie. — Entendo. Eu me senti supergostosa quando conheci Velma Wolff uma noite dessas, e eu acho que isso teve um pouco a ver com a cor aqui e ali. Mas ainda assim não parece certo, para mim.

— Por que não?

Evie mordeu o lábio, pensando.

— Quando eu tinha uns dez ou 11 anos, comecei a adorar batom vermelho. Queria usar o tempo todo: na escola, no parque, para ver TV, para dormir. E minha mãe dizia: “De jeito nenhum. Isso não é para todos os dias. É para dias especiais”. — Evie olhou para Marcello. — Mas agora, para toda mulher na TV, ou na política, ou que espera ser ouvida, tornou-se algo de todos os dias. Hollywood não está nem aí se as mulheres vão se sentir bonitas. Só querem que as mulheres fiquem bonitas. O tempo todo.

Marcello inclinou a cabeça, sem negar.

— Se você não nasce com bons genes ou se não quiser colocar um monte de porcaria na cara todos os dias, então não é tão poderosa. A beleza é poder. — Evie disse, ao se dar conta: — Mas não é poder de verdade.

Marcello assentiu, pensativo.

— Acho que o que você está dizendo é verdade.

— E é um inferno passar maquiagem! — exclamou Evie. — É caro, demora muito tempo e faz mal para a pele. — Evie fez um gesto para onde as manchas de rímel estavam em seu rosto, antes de serem limpas. — Não consigo agir como um ser humano normal, porque vou acabar fazendo besteira. E tem algo muito errado no fato de não podermos dar uns amassos em alguém enquanto estamos usando batom, não? — Marcello riu. — Bem... Não é esse o intuito? — Evie riu também. — Que idiota!

— Eu entendo, Chloe Fontaine. Acho que o que você está dizendo faz muito sentido. E parece que uma

pessoa como você está... — Ele fez uma pausa, como se escolhesse a próxima palavra com cuidado. — Em uma situação única para poder fazer algo a respeito.

Evie olhou para ele com uma inexpressividade que não aceitava nem negava a acusação implícita.

— Você tem razão — disse ela. — Estou em uma situação única.

Marcello se recostou na cadeira e levantou uma das sobrancelhas para ela.

— Então, qual será sua próxima atitude?

Evie chegou em casa e encontrou o apartamento tomado pela luz do fim da tarde, vazio. Foi até o sofá. Seu corpo murmurava como um alto-falante ligado no máximo. Ela e Marcello tinham criado um esquema que seria: a) perfeito; b) incrível; e c) maravilhoso. Seu primeiro plano não tinha sido ambicioso o suficiente, mas este era. Além disso, ela sairia com Velma naquela noite. Evie tinha enviado uma mensagem de texto algumas horas antes, iniciando uma série de mensagens cheias de paquera.

Em pouco tempo, Velma sugeriu que elas se encontrassem de novo. Evie respondeu que só estaria livre naquela noite, o que era mentira, mas uma mentira que deu certo. Velma imediatamente a convidou para uma “reuniãozinha com amigos”.

O telefone tocou. Velma. **Não sei o que vestir. Isso quer dizer que estou nervosa?** Os polegares de Evie pairaram sobre o telefone. **Passo 1. Abra o armário. Passo 2. Pegue uma calça preta, uma blusa branca de gola V e um blazer preto. Passo 3. Enxague e repita.**

Segundos depois, uma resposta. **Isso me fez rir. Até hoje à noite.**

Evie sorriu, com o corpo todo formigando. Jogou o telefone no sofá e olhou no espelho do quarto. O rosto corado de uma garota feliz foi o que viu. Os olhos de Chloe. Demorou um momento admirando a pele macia de Chloe, sua altura e a barriga chapada. Estava feliz por ter sua cúmplice de volta. Sua irmã. Seu disfarce perfeito. E, apesar de Chloe ser um disfarce, uma máscara, Evie sentiu o coração acelerar ao permitir que o pensamento seguinte ocorresse.

Será que Velma gostaria de Evie?

Quem ela era de verdade?

Era ao senso de humor de Evie que Velma reagia, à história de Evie na faculdade, às observações de Evie.

Evie suspirou, afastando o pensamento com a mesma rapidez com que ele lhe ocorrera.

Aquela era uma brincadeira complexa de se fantasiar. Só que, no fim das contas, ela teria que pendurar a fantasia e voltar para a vida real.

Mas não naquele momento.

Evie jogou a bolsa em cima do ombro, pretendendo começar a preparação para o encontro. Olhou a bagunça na mesa de centro. O apartamento havia ficado desordenado na última semana e meia, principalmente porque ela não estava organizando a bagunça de Krista, nem de Willow, nem dela mesma. Mas, naquele momento, em meio às embalagens engorduradas de comida pronta e exemplares da *The New*

*Yorker* não lidos, havia algo novo.

Um envelope grande e retangular, aberto na lateral. Evie reconheceu a logo do remetente: Eden Photographics, o lugar onde Willow mandava imprimir suas fotos. Ela o pegou, curiosa para ver se era trabalho novo ou não. Willow não se importaria.

As fotos eram de Caroline.

Dezenas; imagens em preto e branco em papel brilhoso e denso.

Evie olhou todas elas. Algo frio e escuro começou a se acumular dentro dela, causando um horror silencioso em seu peito.

As fotografias estavam horrorosas.

Willow, como Caroline, chorando.

Arrasada.

Desesperada.

Evie foi vendo as fotos cada vez mais depressa, esperando encontrar explicação. Sempre que via os olhos de Willow — aqueles olhos arregalados, estranhos — sentia uma pontada no estômago. Lembrou-se de uma campanha publicitária que a *Salt* tinha sido forçada a fazer no começo do ano. Nas imagens, mulheres bonitas com olhos arroxeados e marcas de amarras seguravam bolsas caras. Evie havia se revoltado contra aquilo no *Coisa Chata*: seus leitores tinham se mostrado contrariados. E Willow estava fazendo arte daquele tipo, erotizando o sofrimento. Mesmo com lágrimas escorrendo por seu rosto, Caroline era linda.

Com dor.

E linda.

Por que Willow estava sendo fotografada assim? O que estava acontecendo, porra?

Ela ouviu o barulho de chave na porta. Krista. Evie não conversava com ela desde que as duas tinham discutido na noite anterior. Ao ver Evie, ela olhou com atenção, assustada.

— Oi.

Evie mostrou o monte de fotos a Krista.

— Você viu isto?

Krista franziu a testa para a foto de cima do monte: Caroline, nua, recolhida em uma banheira vazia, olhando para a câmera com uma expressão de súplica.

— O que são essas selfies estranhas?

— Acho que não são selfies.

A menina na banheira lembrava um cão sofrendo. Sua amiga. Ela estava olhando para a amiga.

— São meio legais — disse Krista. — Mas ao mesmo tempo...

Krista entregou as fotos para Evie, abruptamente.

— Não gosto disso. É o que Willow tem feito?

— Acho que sim. — Evie fez uma careta. — Nossa, não dá nem para olhar... São muito assustadoras. — Ela sabia que o Bonita não tinha feito bem a Willow. De certo modo, era essa a sensação que ela tinha. Será que estava afetando a mente da amiga? Mudando-a, assim como mudara sua aparência? — Você organizou aquele jantar com ela? — A pergunta mais parecia uma acusação.

Krista pareceu assustada.

— Como assim?

— O jantar! Você disse que organizaria um jantar para ver como estavam as coisas.

Krista deu um passo para trás, afastando o olhar.

— Pensei que você fosse fazer isso.

— Não. Você tinha que fazer.

— Para de gritar comigo!

A porta se abriu de novo.

A garota das fotos, Caroline, entrou no apartamento. Evie e Krista ficaram paralisadas, surpresas.

— Oi, meninas. — A voz de Willow parecia tranquila e meio arrastada. Evie achou que ela talvez tivesse bebido. Olhou para as fotos na mão de Evie e suspirou. — Elas precisam ser melhoradas.

Evie e Krista se entreolharam.

— O que precisa ser melhorado? — perguntou Evie. — Will, o que é isso?

— Minha nova série — respondeu ela. — Vou ganhar outra exposição em duas semanas. Descobri hoje.

— Você vai ter uma exposição? Com essas fotos da Caroline?

Willow assentiu, esboçando um sorriso meio bobo.

— Legal, não?

Evie tentou acalmar sua mente. Talvez, se ela não conhecesse a mulher das fotos, visse as imagens com outros olhos. Mas conhecia.

— Não sei se legal é o adjetivo que estou procurando no momento.

Willow olhou para Evie.

— Como assim?

— Você está chorando nessas fotos. Chorando de verdade.

Willow assentiu.

— Por isso elas ficaram tão boas.

*Não... Por isso, ficaram tão esquisitas.* Evie cerrou o punho, tentando manter a voz controlada.

— Você está bem?

Willow lançou um olhar esquisito para ela.

— Estou bem.

— É só que... Bem, você está bêbada, está claro, o que não tem problema, mas são cinco da tarde. — Evie bufou, sentindo-se indignada. — Olhe, sei que sua última exposição foi meio ruim, mas deve ser difícil não ver o Mark enquanto continua sendo “Caroline”. Então, tipo... talvez o lance do Bonita esteja mexendo com sua cabeça. Vamos conversar.

Willow olhou para Evie como se ela estivesse falando grego.

— Você tem ideia de como está sendo autoritária?

— Só quero saber se você está bem.

Willow falou alto.

— Eu disse que estou bem.

— Porra! — A paciência de Evie estava desaparecendo. — Estou preocupada com você. Nós duas estamos. Parece que é um sinal de...

— Você está preocupada comigo? Sério? Você também, Kris?

— Sim — disse Evie. — Ela também.

— E agora você está falando por ela? — perguntou Willow. — Era só questão de tempo.

— O que você está dizendo? — retrucou Krista.

A voz de Willow estava cortante.

— O que você acha de minhas fotos, Krista?

Krista se remexeu entre as duas moças, sem jeito.

— Hum, não sei.



— Sabe, sim — disse Evie. — Você me disse que não gostou delas.

— Não foi o que eu quis dizer. — Krista mexeu na manga da blusa. — Olha, as coisas estão bem esquisitas para nós três. Talvez não devêssemos ser tão rápidas na hora de julgar.

Evie bufou, com raiva.

— Que maneira bacana de me apoiar. — Ela se virou para Willow. — Will, o que está acontecendo? Aconteceu alguma coisa com Mark?

Willow se eriçou, e seu corpo magro estremeceu. Ela pegou as fotos das mãos de Evie, enfiando-as de novo no envelope.

Evie observou, surpresa. O clima era tenso. Willow saiu pela porta e a deixou aberta. Ela olhou para Evie.

— Você gosta do fato de eu não ser uma artista bem-sucedida.

— Que loucura — disse Evie. — Por que eu gostaria disso?

— Porque assim você se sente melhor com relação ao que está fazendo.

Quando Willow saiu e bateu a porta com tudo, o barulho ecoou pelo apartamento como um tiro.

Evie tomou um banho, furiosa, deixando a água quente molhar sua pele.

Talvez fosse um pouco reconfortante saber que suas amigas ainda estavam entendendo a si mesmas, mas ela não estava feliz em ver que Willow estava sofrendo. Ela queria que a amiga fosse bem-sucedida; claro que queria, mas para isso ela não poderia deixar de ser honesta. Willow teria que aprender a lidar com críticas. Porque receberia críticas quando colocasse aquelas fotos horrendas em uma galeria. Sempre que pensava nas fotos — nos olhos fracos e chorosos de Caroline —, Evie sentia vontade de vomitar. Aquela imagem das mulheres como criaturas sensuais e tristes, seminuas e impotentes, era tudo contra o que Evie lutava. Era um tapa na cara de qualquer pessoa que dizia que as mulheres sabiam ser corajosas, fortes e independentes. E era Willow — Willow! — quem estava passando essa mensagem. Será que não tinha aprendido nada?

Será que ela deveria ensinar a Willow? Seria narcisismo petulante gerenciar a arte de Willow para que expressasse melhor suas próprias filosofias? Talvez ela apenas devesse deixar Willow ser quem era. Mas havia algo de errado com ela, não artisticamente errado. Havia algo errado, *errado*. A linha entre a atenção e a preocupação se confundia. Nenhuma opção parecia boa e aquilo a envolvia em uma bolha apertada.

Mas ela não permitiria que isso acabasse com seu encontro com Velma, de jeito nenhum.

Enrolada em uma toalha, Evie parou na frente da porta do quarto de Krista. Quase sem coragem, bateu.

— Pode entrar.

Krista estava deitada na cama. Ao ver Evie, ela se sentou. As duas se entreolharam de maneira formal.

Evie foi a primeira a falar.

— Kris, sinto muito pelo teste. Foi a coisa mais errada que se pode fazer. Você precisava daquela vaga muito mais do que eu, e me arrependi muito. Desculpa.

Krista assentiu.

— Tudo bem. Eu entendi o que você fez. — Ela mordeu o lábio com nervosismo. — Eu estou... ah... de volta ao filme.

— É mesmo? — Evie se sentou à beira do colchão de Krista. — Como?

Krista deu de ombros.

— Enviei uma mensagem de texto a Tristan para me desculpar. Meu agente me ligou há algumas horas.

— Que ótimo.

— Tem outra coisa. — Krista falou mais baixo. — Encontrei Penny Baker.

Krista contou o que havia acontecido à tarde: a cobertura na Park Avenue, 500, a briga com Carlos, o fato de que Penny parecia presa.

— Acho que a questão é: a gente precisa ficar atenta para não se prender também. Você não vai mais tomar, certo?

— Certo. — Evie hesitou. — Bem, tomei de novo hoje cedo. É minha única chance de ver Velma de novo — disse. — E corrigir a bagunça com a *Extra Salt*.

— Ei! — Krista ergueu as mãos. — Você não tem que se explicar para mim. Eu também tomei duas vezes. É melhor tomarmos cuidado.

— Total. — Evie assentiu. — Só vou tomar mais uma vez.

— Eu também — disse Krista. — Assim que terminarmos de filmar *Funderland*, acabou.

As garotas se entreolharam. Evie não sabia bem quem, exatamente, parecia mais desconfiada.

— Posso pegar um vestido emprestado? — perguntou ela.

Krista assentiu, fazendo um gesto para o armário.

— Aonde você vai?

— Em um encontrinho com Velma. — Evie tentou parecer casual. — E os amigos dela.

Krista ergueu as sobrancelhas.

— Velma vai apresentar você aos amigos dela? Cara, que importante.

— Já conheci alguns — disse Evie. — Na festa de comemoração depois do lançamento do livro dela, mas foi uma coisa meio: “Vá a uma festa para a qual estou convidando todo mundo”. Agora é meio: “Venha ao meu mundo. Aqui estão as pessoas que mais me conhecem”.

Krista assentiu de modo compreensivo.

— É coisa de namorada, com certeza.

— Eu sei. E eu sei que pode não ser nada. Mas mesmo assim... — Seu sorriso ficou bobo. — Ela quer que eu conheça os amigos dela. Ela me disse para me vestir para matar. — Evie levantou dois vestidos: um vermelho, outro preto.

— Vermelho — disse Krista. — Com certeza. É bem mais: “Olhem só como eu sou gostosa pra caralho, seus putos”.

Normalmente, esse seria o sinal de que Evie precisaria para escolher o preto, mas naquela noite, Krista tinha razão. Se tinha uma coisa que Chloe podia fazer bem, era se vestir para impressionar.

— Pronto.

Krista se inclinou para a frente, abraçando os joelhos contra o peito.

— Aquela coisa toda com a Willow... Não está legal, não é? As fotos?

Evie deixou o vestido ao lado do corpo.

— Não, acho que não, mas ela é adulta. Precisa lidar com seus erros.

Porém, ao dizer isso ficou em dúvida. Será que ela deveria fazer algo mais por Willow? Ligar para Mark? Com certeza, Evie acreditava que Mark falaria com Willow, talvez até mais do que ela própria. Mas seria intromissão?

— Evie?

Krista olhou para Evie com uma expressão de surpresa.

— O que você acha que Amy Poehler está fazendo agora?

Evie respirou fundo e suspirou.

— Acho que ela está tentando fazer o melhor que pode, Krista. Acho que ela está vivendo um dia de cada vez.

Evie bateu a porta do táxi. Enquanto o motorista partia pela noite, ela esperou alguns segundos observando a rua.

Velma Wolff, com a cabeça inclinada para o telefone.

Esperando. Por ela.

Conforme seu interesse por mulheres começava a se sedimentar como mais do que só fantasias sexuais, mais do que ideias que ela acreditava (erroneamente) que toda garota tinha, as fantasias acerca de relacionamentos começaram a ocorrer. Evie passava as viagens de metrô imaginando longas cenas nas quais era a namorada de alguém importante, aquela a quem faziam agradecimentos em discursos ou que era mencionada em entrevistas. Claro, nessas fantasias, Evie era igualmente famosa — uma colunista festejada, como Carrie Bradshaw, mas sem o relacionamento horroroso, ou um ícone feminista de vinte e poucos anos muito bem-sucedido — uma Lena, uma Tavi, o próximo fenômeno cultural de duas sílabas no nome. Do outro lado da rua, na frente de um bar lindinho em Fort Greene chamado Sweet & Lowdown, ela percebeu que o sonho impossível estava se realizando. De um modo totalmente inacreditável, que desafiava a razão, estava se tornando uma realidade, sim.

Talvez sua mãe estivesse certa. Talvez fosse possível criar o próprio destino.

Quando estava a poucos metros, Evie chamou Velma.

— Com licença.

Evie rebolou com o vestido de parar o trânsito em direção a ela. Os olhos de Velma se arregalaram, quase pulando um metro à frente dela, como os de um personagem de desenho animado. Aquele vestido era o tipo de roupa que inspirava solos de baixo em uma trilha sonora e que fazia cigarros caírem de bocas entreabertas. Sim, ela demorara duas horas para se aprontar e se sentia extremamente desconfortável, mas, naquele momento, tudo parecia valer a pena...

— Desculpe perturbar... — Evie segurou as lapelas de Velma. — Mas você é... Velma Wolff?

Velma retomou o controle.

— Pode ser que eu seja.

Evie aproximou os lábios a um centímetro dos de Velma. Sentiu o cheiro de álcool no hálito da escritora.

— Pode me dar um autógrafo?

Velma se inclinou para a frente sem permitir um beijo.

— Talvez, se você for uma boa menina.

Evie estava ficando molhada.

— E o que acontece se eu for uma menina má?

As mãos de Velma pousaram no quadril de Evie. Sua voz estava rouca.

— Acho que você sabe o que acontece com meninas más — disse ela.

Por um longo e eletrizante segundo, as duas mulheres ficaram ali. Evie queria que Velma tomasse a atitude.

Então, a escritora disse:

— Vamos entrar.

Repentinamente, ela se afastou de Evie, dando a volta para abrir a porta do bar. Música e vozes foram ouvidas vindas de dentro, desfazendo a tensão. O corpo todo de Evie estava vibrando. A noite seria incrível.

— Obrigada — disse ela, ao entrar.

O Sweet & Lowdown era mais bacana do lado de dentro do que o exterior modesto sugeria, com madeira escura e lâmpadas penduradas. As pessoas estavam bem-vestidas, mas não muito, e, apesar de ser barulhento, elas não precisavam gritar para conversar. Os caras atrás do balcão vestiam camisas pretas de botões com suspensórios vermelhos e tinham bigodes estilosos. Era um bar para pessoas de trinta e poucos anos, concluiu Evie. Um bar de adultos.

Velma a direcionou para a parte dos fundos. Na frente de uma escada de madeira havia uma placa: “O bar do andar de cima está fechado devido a um evento privado”.

Velma desenganchou a corda de veludo vermelho.

— Você primeiro.

Evie achou que Velma estivesse olhando para sua bunda conforme as duas subiam a escada escura. Por isso, acrescentou um leve requebrado.

A escada levou a uma sala ampla e reservada, menor e menos lotada do que o bar do andar de baixo. Um balcão ia de ponta a ponta na parede dos fundos. Um bartender misturava alguma coisa em uma coqueteleira, enquanto outro andava com uma bandeja de champanhe e vinho. A voz suave e gutural de Louis Armstrong podia ser ouvida entre os murmúrios do pequeno grupo de pessoas aparentemente polidas que tinham mais ou menos a idade de Velma, não a de Evie. Mas o que chamou a atenção de Evie foi a placa exposta. Letras douradas em um banner preto: “Parabéns Karyn + Mitch”.

Havia duas alianças ao lado dos nomes. Alianças de casamento.

— É uma festa de noivado? — perguntou Evie a Velma, surpresa.

Velma assentiu.

— É de Karyn.

Ela apontou uma moça que estava rindo com outras mulheres, o centro das atenções. Com um vestido preto e discreto, saltos não muito altos e uma trança francesa impecável, Karyn estava bonita, ainda que passasse uma imagem conservadora. Alguém que pagava a mensalidade da academia e, de fato, frequentava; alguém que não dizia muitos palavrões.

— E Mitch está... aqui. Perto da janela.

Velma apontou um homem de cabelos curtos e encaracolados e um rosto agradável conversando animadamente com um sujeito que se parecia com ele — seu irmão, talvez.

O garçom com a bandeja de bebidas se aproximou. Evie pegou uma taça de champanhe. Era estranho que Velma não tivesse mencionado se tratar de uma festa de noivado? Talvez. Mas que diferença faria?

Karyn olhou para ela. Seu rosto mudou sutilmente, como se detectasse alguma coisa.

E, então, viu Velma. Uma expressão chocada ficou clara. Ela precisou de alguns segundos para se recuperar. Pediu licença e começou a se aproximar, tocando a lateral da trança.

Velma passou a mão ao redor da cintura de Evie, de modo casualmente protetor.

— Velma, minha nossa! — O sorriso de Karyn era amplo. Quase amplo demais. Ela pressionou o rosto ao de Velma, beijando-a sem beijá-la. — Não pensei que você viesse.

Velma deu de ombros.

— Você me convidou. A propósito, parabéns.

Karyn estava encarando Velma. Evie não conseguiu perceber sua expressão: se estava feliz ou assustada. Demorou muito tempo para Karyn entender as palavras de Velma.

— O quê? — Ela balançou a cabeça. — Ah, obrigada. Mitch vai ficar... — Ela sorriu para Velma, inclinando a cabeça. — Acho que ele vai ficar surpreso por você estar aqui.

Seu rosto dizia claramente: *Assim como eu*.

— Esta é Chloe — disse Velma.

Evie estendeu a mão.

— Oi... Parabéns.

O cumprimento de Karyn foi rápido e frio.

— Oi. — Ela olhou no rosto de Evie e começou a assentir. De algum modo, ver Chloe confirmava alguma coisa. Karyn voltou a olhar para Velma.

— Bem, ela é linda.

Evie sentiu uma pontada de surpresa, de raiva.

— E ela está bem na sua frente — disse ela, forçando-se a continuar sorrindo.

Karyn riu de um jeito alto e esquisito. Velma riu também, apertando mais a mão na cintura de Evie. A coisa toda era bem esquisita. Será que Velma a havia levado como um troféu a ser exibido?

Karyn voltou a falar com Velma.

— Parabéns pelo *Dentes de leite*.

Karyn levou a mão ao peito.

— Eu o li no fim de semana passado. Não consegui largar. Nossa, eu adoro quando você trabalha com o Brett. Ele sabe motivar você.

— Brett é meu editor — contou Velma a Evie. — Karyn e eu... trabalhávamos juntas.

— Que diplomática! — exclamou Karyn. — Eu trabalhava para você.

Velma fez uma careta e discordou.

— Não, gosto de pensar que eu...

— Eu trabalhava para você. — Karyn quase forçou as palavras. Ela se voltou a Evie: — Eu era a relações-públicas dela.

— Ah. — Evie assentiu, demonstrando interesse de modo educado, escondendo o desconforto.

Karyn percebeu a expressão de Evie.

— Você não sabia? Ela não contou... — E, então, baixinho: — Claro que não.

Evie olhou de novo na direção do noivo, Mitch. Ele as observava do outro lado da sala.

— Tenho que conversar com os outros — disse Karyn, com uma alegria meio dissimulada. — Prazer em conhecer você, Chloe, e... nos vemos mais tarde.

Karyn voltou para a festa.

Velma assentiu na direção de alguns sofás de couro vazios.

— Vamos nos sentar.

Assim que elas se sentaram, Evie se virou para Velma, incrédula.

— E aí?

Velma retribuiu.

— E aí, o quê?

Evie deu uma leve cotovelada nela.

— Não se faça de boba. Pode contar.

Velma esboçou um sorriso.

— Contar o quê?

Evie olhou para Velma com intensidade. Ela não seria feita de boba.

Pegou a bolsa e fez um movimento que indicava que pretendia se levantar. Velma segurou seu braço.

— Ei, não vá embora. Desculpa... Vou parar de ser idiota.

— O que é? Vocês namoravam ou coisa assim?

— Sim. — Velma assentiu. — Na verdade... fomos noivas.

— Noivas? — Evie sentiu o sangue esquentar. — Tipo... iam se casar?

— Não, pretendíamos fazer uma viagem espacial — respondeu Velma, debochando.

Evie olhou para Karyn de novo, que estava cumprimentando um casal mais velho que acabara de chegar.

— Quando?

Velma franziu a testa.

— Se foi há menos de um ano, vou achar muito esquisito. — Evie acrescentou: — Se foi há menos de seis meses, vou embora.

— Minha nossa, não... Faz muito, muito tempo — disse Velma. — Oito anos. Ou nove?

Karyn parecia ter cerca de trinta anos. Então, há oito anos, ela tinha 22.

Mais ou menos a idade de Evie.

— Então, ela era lésbica — disse Evie.

Velma deu de ombros.

— Ela se apaixonou por uma mulher.

— Por que vocês não se casaram?

Velma rolou a taça entre as mãos.

— Foi... complicado.

— Quem terminou? — perguntou Evie.

— Ahn? — retrucou Velma, apesar de Evie ter certeza de que ela tinha ouvido.

— Quem terminou?

Velma a encarou.

As duas ouviram a voz de um homem.

— Velma Wolff, porra!

Um homem de peitoral amplo e barba por fazer estava sorrindo para Velma, com os braços abertos.

— Theo! — exclamou Velma. Ela se levantou em um movimento rápido e gracioso. — Pensei que você ainda estivesse em Tóquio!

Theo era um blogueiro que escrevia sobre gastronomia e tinha transformado seu blog, o *Desafie-me a comer*, em um livro homônimo. Ele tinha sido expulso do Japão por ficar mais tempo do que seu visto permitia, um fato lembrado por ele com Velma e Evie.

Mais convidados chegaram. Em pouco tempo, a sala estava cheia.

Ser a namorada de Velma rendia atenção instantânea. Evie percebeu que as pessoas queriam sua atenção,

sua aprovação, quase como queriam a de Velma. E era ótimo. Porque se uma pessoa especial havia escolhido você para dar atenção, você se tornava igualmente especial.

Ela também se sentia bem a respeito de como havia lidado com a informação a respeito de Karyn, especialmente com a ideia de se levantar e sair quando Velma não quis contar a verdade. Velma havia gostado daquilo, ela percebeu. Gostava quando Evie era ousada. E, apesar de que aquela garota — a linda e esperta garota que provocava Velma e não se incomodava em ser provocada também — parecia enfeitiçar a escritora, ela não bastava para Evie. Evie queria poder se aconchegar a Velma, permitir que ela a mimasse por um minuto. Mas Velma não parecia interessada. *Porque você só está saindo com ela*, disse Evie a si mesma. *Não é sua namorada.*

Quando já era quase meia-noite, Evie e Velma se afastaram.

Por estar solteira havia muito tempo, Evie sabia como cuidar de si mesma estando sozinha. Mas, depois de ficar presa em uma conversa chata com um banqueiro, ela percebeu que já fazia mais de uma hora que elas não conversavam.

— Você precisa começar a economizar para a sua aposentadoria agora mesmo — disse o banqueiro. Seus cabelos pretos pareciam concreto, de tanto gel que havia neles. — Você é atriz?

Evie olhou para trás, para Velma.

— Mais ou menos.

— Foi o que pensei. — Ele sorriu. — Mulheres como você pensam que podem ganhar dinheiro com a aparência para sempre, mas não podem. Você precisa de estratégia financeira para lidar com o que acontecer quando tiver quarenta anos.

Finalmente, ela viu Velma conversando com Karyn do outro lado da sala, quase escondida atrás de uma palmeira. Karyn mantinha os braços cruzados diante do peito. A conversa parecia intensa.

— Você tem uma? — perguntou o banqueiro.

Evie queria que Velma olhasse para ela.

— Uma o quê?

O banqueiro olhou sem cerimônia para o decote de Evie antes de olhar em seu rosto de novo.

— Uma estratégia financeira.

*Vou dizer o que minha estratégia envolve neste momento*, pensou Evie. *Um revólver com o número de registro raspado e um saco para enfiar um corpo.*

Velma levantou a cabeça. Ela olhou ao redor. Encontrou Evie.

Evie arregalou os olhos e fez cara de “socorro, salve-me”. Velma baixou a cabeça para Karyn e colocou a mão em seu ombro, murmurando algo. Karyn riu e deu um empurrãozinho em Velma, que riu, mas não se mexeu para se afastar. Evie ficou tensa.

O banqueiro se aproximou. Evie sentiu o cheiro de suor dele.

— O que acontece com mulheres como você é que...

— O que acontece com mulheres como eu é que elas sabem como fugir de tarados como você.

*Foda-se.* Ela ia embora. Passou por ele, querendo pegar sua bolsa.

— Chloe, não é? — Mitch, o noivo de Karyn, ficou à frente dela.

— Hum, sim. Oi. — Evie tentou se controlar. — Parabéns... Casamento...

Mitch hesitou. Ele parecia atento e embriagado ao mesmo tempo.

— Queria saber se pode levar sua namorada daqui.

— Minha o quê?

Mitch balançou a cabeça no ar.



— Sei que todo mundo está embasbacado porque a famosa Velma Wolff está aqui, mas é minha festa de noivado. — Ele deu um tapa no próprio peito. — É minha festa, e da minha esposa, futura esposa, e eu acho que aparecer com uma puta gostosa... — Mitch fez um gesto, para Evie para indicar que ela era a “puta gostosa”... — Não é muito elegante, sabe? Karyn demorou muito para esquecê-la e para esquecer todas as merdas que ela fez. Eu gostaria muito que ela desse o fora daqui.

Evie olhou para Mitch sem entender. Ele assentiu, olhando além de Evie. O noivo pousou a mão sem firmeza no ombro dela e a levou em direção ao bar.

Velma ainda estava no canto com Karyn. Enquanto Evie observava, ela levantou uma das mãos e tocou o rosto de Karyn com delicadeza. Karyn abriu um sorriso.

Evie tinha a sensação de ter sido golpeada. Velma não se importava com ela. Chloe era uma marionete. Ela pegou a bolsa e atravessou a pista de dança, querendo fugir dali o mais depressa possível. Na rua, procurou um táxi desesperadamente. Que idiotice de sua parte achar que Velma gostava dela! Ela era tola, fizera escolhas terríveis o tempo todo, e aquela era só uma do que certamente seria uma vida toda de...

— Chloe! — Era Velma.

Evie a ignorou. Um táxi com a luz acesa apareceu no fim da rua. Evie fez sinal para ele.

— Chloe, espera! — Velma correu na direção dela. — Aonde está indo?

— Eu queria dar um pouco de privacidade a você e a Karyn — respondeu Evie. — Foi por ela que você veio aqui, não foi?

— O quê? Não! — Velma passou uma mão pelos cabelos, frustrada. — Ou melhor, sim, ela é minha amiga. Então...

— Ela é sua ex-namorada. — Evie quase cuspiu a palavra. — Mas parece que você gostaria que ela fosse outra coisa.

O táxi parou. Evie abriu a porta. Velma colocou a mão na maçaneta com cuidado antes que ela pudesse entrar.

— Karyn vai se casar. Com um homem. Fim de papo. — Ela respirou fundo. — Eu queria melhorar as coisas entre mim e ela hoje? Sim, queria. Gosto de ser amiga de minhas ex-namoradas.

Evie olhou para ela com cinismo.

— Deve ser bacana ser tão popular.

O taxista perguntou:

— Você vai entrar?

— Você me trouxe aqui hoje para deixá-la com ciúmes — continuou Evie. — Mal conversei comigo a noite toda!

— Eu sei. Desculpa. Havia muitas pessoas ali que eu não via há um tempo. Você disse que esta era a única noite que tinha livre. E eu queria ver você. Não era assim que eu queria que nosso segundo encontro acontecesse.

— Senhorita? — O taxista acelerou impacientemente.

— Só um minuto — disse Evie, ainda mantendo a porta aberta. Ela olhou para Velma com desconfiança. — Como queria que nosso segundo encontro fosse?

Velma sorriu. Com cuidado, tirou a mão da porta do táxi e a apoiou no ombro de Evie.

— Queria fazer um jantar para você. Três pratos. Abrir uma garrafa de alguma bebida especial. Velas. A porcelana da minha avó. Eu queria impressionar você, Chloe Fontaine — continuou ela. — Porque você é uma mulher que merece ser impressionada.

Evie sentiu-se derreter. Aquilo parecia tão... bacana. Sofisticado. Sensual.

Velma olhou para Evie com intensidade.

— Vou levar você para casa. Por favor. Não vamos terminar nossa noite assim.

Evie olhou para a porta do táxi e para a mulher à sua frente. Ela também não queria terminar a noite voltando para casa de táxi, sozinha. Só uma vez, uma que fosse, ela não merecia ser levada para casa, como uma mulher que merecia ser impressionada?

Evie bateu a porta do táxi.

— Pode me levar para casa... — sussurrou para Velma. — Mas, primeiro, quero que você me beije.

Quando o táxi avançou pela rua vazia, Velma puxou Evie para perto. A maciez de seu corpo, o cheiro de sua pele, a ansiedade pelo beijo fizeram Evie ficar zozinha. Ela fechou os olhos. Quando os lábios se encontraram, um arrepio tomou o corpo de Evie. O que a princípio era suave tornou-se intenso depressa. Evie queria Velma, todas as partes dela. Ela queria abrir uma porta em seu peito e entrar. A sensação de beijar aquele mulherão foi quase demais para ela, e, se Velma não a estivesse segurando com mãos tão fortes e delicadas, ela provavelmente teria perdido o equilíbrio.

Só um pensamento se acomodou, calmo como um gato encontrando um lugar ao sol para dormir. Uma palavra que parecia inevitável quando elas se beijaram, se provocaram e riram do delírio da situação.

*Casa.*

PARTE TRÊS

## Corretivo

Krista voltou ao *set* do *Funderland* na sexta com um plano novo. Dessa vez, ela o levaria a sério. Dessa vez, ela seria profissional.

Existe uma primeira vez para tudo.

Ela colocou o despertador para tocar tão cedo que estava já de pé esperando Eduardo quando ele chegou para buscá-la. Foi educada e simpática com a equipe, mas sua nova regra mais importante tinha a ver com Tristan. Dessa vez, o sexo estava fora de cogitação. Se ele permitisse, dessa vez os dois seriam só amigos.

Para sua surpresa, foi fácil. Tristan perdoou o incidente do troféu com generosidade e sem demora. E havia muito tempo livre no set. Eles passavam o fim de semana jogados no sofá de couro branco de Tristan, bebericando chá-verde e *smoothies* de couve nos quais Tristan era viciado, só conversando.

Contou a ele como foi ser criada na zona rural ao norte de Westchester County, longe de Nova York, depois do Bronx. Como era esfregar a pele na hora do banho para ficar branca quando era criança. Esconder lanches que eram diferentes dos das outras crianças no recreio, e a alimentação em excesso fornecida pela mãe só não era maior do que as críticas constantes feitas acerca de seu peso, críticas que seus três irmãos mais velhos nunca recebiam. A impossível tarefa de equilibrar o fato de fazer parte de duas culturas — receber sermão por sua maneira de falar, por suas roupas ou personalidade estarem se tornando “americanas demais”, mas entrar em uma fria por não se sair bem o bastante na escola de ensino médio dos Estados Unidos, correndo atrás do sonho americano. Quando voltava para casa com uma prova com a nota 9,5, perguntavam onde estava o outro meio ponto, e qualquer reclamação acionava um sermão de uma hora sobre as dificuldades enfrentadas pelos pais na imigração — a mãe dava a impressão de ter caminhado desde a Índia, enquanto o pai tinha lutado contra monstros marinhos e a segurança da fronteira para emigrar do Sri Lanka. Que sua decisão de ser advogada foi motivada apenas pelo fato de ter detestado trabalhar como recepcionista do consultório chato do pai depois da aula e que, além de ser médica, ser advogada era a única outra carreira aceitável (ou seja, lucrativa e respeitável).

Ela se lembrou de quando perdeu a virgindade três semanas antes do décimo quinto aniversário no Ford azul de Tim Klinchin, com o câmbio pressionando suas costas, com o cotovelo de alguém causando buzinas aleatórias de acordo com os movimentos.

Foi uma história de rebeldia sofrida, estranha, mas surpreendentemente divertida. Descobriu que o sexo não era algo que seus pais podiam controlar, que era só dela, e que ela queria ser tão boa naquilo quanto era

em todas as outras coisas. Começou a perceber que, apesar de amar os pais, não agia com naturalidade perto deles. Ela queria — até desejava — agir como sentia vontade, quando sentisse vontade, se entregar a desejos e parar de negá-los o tempo todo.

Ela contou a Tristan sobre como conheceu sua melhor amiga, Evie, no Sarah Lawrence quando estudaram no mesmo ano. Disse que eram inseparáveis, que a sensação era a de ter encontrado a irmã que sempre desejara ter. Contou que o pai ficou orgulhoso quando ela passou no curso de Direito em Boston, que chorou e comprou para ela um anel prateado da Tiffany's e que ficou furioso quando a filha abandonou o curso, menos de seis meses depois, após revelar, causando um grande choque, que nunca quis ser advogada. Que queria muito agradar ao pai, mas que não conseguia obedecê-lo cegamente, que era muito difícil explicar isso para ele, que todas as conversas que tinham acabavam em briga e ela não sabia como evitar. Contou sobre a decisão de tentar um trabalho como atriz, como conseguiu seu primeiro agente, como conseguiu trabalhos suficientes para que seu plano não fosse um fiasco total, mas não o bastante para que fosse um sucesso, e sobre sua dívida, e sobre o cara da empresa de eletricidade, e que o fato de conhecer Greg e fazer o *Funderland* mudou tudo aquilo, deu esperança e... Bem, ali estava ela.

Tristan ouviu tudo com paciência. Ele fez as perguntas certas. Estava interessado de verdade.

Por sua vez, compartilhou com ela a história de sua vida. Disse que era sempre aquele que fazia palhaçadas na frente da câmera, cantando, dançando, fantasiado e brincando de dublar as músicas que tocavam no rádio, atitudes que não eram coisa “de homem”, de acordo com seu pai, um homem bravo que trabalhava como pescador na Bay Area. O interesse de Tristan pela atuação era tão desestimulado, que sua mãe tinha que mentir para não dizer que o levaria a um teste para um programa do Disney Channel, o teste que lhe rendeu um papel de protagonista aos 11 anos. Dessas coisas, Krista sabia, mas deixou que ele explicasse mesmo assim: que o Heartache High durou duas temporadas, e nesse tempo os produtores descobriram que Tristan sabia cantar. Que os singles do programa quase ganharam disco de ouro; algo modesto, na visão geral, mas ainda um sucesso. Ele entrou na Boyz Unbridled aos 13...

— Não me lembro de ter escolhido. Simplesmente aconteceu.

Krista imaginava aquele Tristan quase mais claramente do que o via naquele momento: o mais jovem de cinco irmãos de cabelos loiros parecidos com anjinhos, totalmente inocente. Eles começaram a fazer turnê e a gravar, com mais ou menos constância, nos quatro anos seguintes.

— No começo, era tudo novo, fresco e excitante — disse ele. — Ganhei o prêmio de Melhor Ator no Teen Choice Awards em 2002. As plateias que não paravam de crescer... As fãs que só enlouqueciam mais. Fui o número um em países dos quais eu nunca tinha ouvido falar.

A onda passou dois anos depois. Tristan tinha 15 anos e havia deixado de ser um garoto meigo e grato e passado a ser “um maníaco ressentido e egoísta”. Demitiu a mãe, que vinha atuando como sua empresária. Tempos mais tarde, percebeu o quanto ela o protegia das coisas ruins, mas na época isso era claustrofóbico. Qual adolescente quer a mãe no ônibus da turnê?

Ele começou a usar muitas drogas.

— Parece clichê, mas havia drogas em todos os lugares. E ninguém nunca dizia não para mim. Nunca. Nunca tive que pegar fila nem aguardar um pagamento. Era tudo de graça, sempre entregue nos bastidores. Esqueci como era ser normal. Era maluco, Lenka. Eu me lembro de conversar com uma pessoa e de ver nos olhos dela que aquela conversa, independentemente do assunto, normalmente nada importante, era a coisa mais incrível que já tinha acontecido para ela. E por um lado eu sentia vontade de chacoalhá-la e gritar: “Sai dessa, eu não sou nada, sou como você!” Por outro, eu acreditava ser como um deus ou algo assim. Eu acreditava ser melhor do que todo mundo. Todas as garotas queriam dormir comigo: outras artistas, pessoas

que trabalhavam conosco. Fãs. As mães das fãs. Só para dizer que tinham transado, sabe? Só para ter o que contar.

— Aposto que você dormiu com milhares de mulheres — disse Krista, com os olhos arregalados.

— Não. — Tristan se sentou. — Nunca dormia. Já dei amassos com algumas, claro. Mas nunca dormi com fãs. Eu não era como os outros caras.

Krista olhou para ele.

— Por que não? Sei lá, você tinha 16 anos, devia estar com os hormônios à flor da pele.

Tristan contraiu os lábios por um momento, e então continuou. Contou a ela sobre a relações-públicas que morreu devido a um coágulo depois de uma lipoaspiração, do pagamento de duzentos mil dólares por ter usado abotoaduras de diamantes de uma empresa chinesa, do maluco que entrou no quarto de hotel dele em Seul com uma chave de fenda e o acertou na coxa. Contou que um tuíte ajudava a carreira de um amigo e que era cansativo e que estava enjoado de sempre ser requisitado, por todo mundo, o tempo todo. A implosão da Boyz Unbridled, um fim bagunçado, confuso, motivado pelo uso de drogas, brigas que não terminavam, amarguradas e exaustivas. A carreira solo que não levou a lugar nenhum. Receber uma suspensão por dirigir alcoolizado, algo humilhante, na noite de seu aniversário de 22 anos. Decidir ficar limpo. A reabilitação que durou um ano e pouco. Como conheceu Umsa. Os seis meses que passou no Nepal. A clareza que obteve. E, enfim, ter permanecido sóbrio.

Ele contou sobre ter feito amizade com músicos de verdade, pessoas talentosas que trabalhavam arduamente e queriam constituir família. De ter feito as pazes com os membros da Boyz Unbridled e que todos enfrentavam os mesmos estágios confusos de recriação, reformulação da marca. Sobre ter aceitado alguns papéis pequenos em produções independentes e de ter percebido como era divertido estar em um set de filmagem fazendo parte de uma equipe. De ter conhecido Greg em um fim de semana de esqui em Montana, construindo a amizade nas noites em que passava nos montes e sob as estrelas, decidindo ajudar aquele cara sensível e sincero a fazer um filme: um filme engraçado e inofensivo, um roteiro que Greg tinha escrito chamado *Funderland*.

— Esse filme é minha segunda chance — disse Tristan. — De ser mais do que só o cara da Boyz Unbridled.

— Sei o que você quer dizer — disse Krista. — Também acho que é uma segunda chance para mim.

— Estou muito feliz por estarmos trabalhando juntos nisso, Lenka. — Tristan apertou o joelho dela. — Parece certo.

Krista sorriu. Uma onda de calor tomou conta dela, preenchendo-a de amor pelo parceiro, por Greg e por todo mundo que estava fora do trailer trabalhando tanto para deixar o filme o melhor que pudesse ser.

— É... — disse ela, sem surpresa. — Parece, sim.

— Parece que alguém está apaixonadinha. — De sua posição na frente do espelho, Evie sorriu para a amiga, que estava deitada na sua cama, folheando uma cópia da *Salty*.

— Na verdade, não estou. Somos só amigos — Krista parecia estranhamente verdadeira.

— Aham, sei. Essa não é a *vibe* de Krista Kumar. — Evie levantou uma das sobrancelhas e, depois, puxou um pelo meio rebelde dela.

— Agora, é a minha *vibe*. — Krista virou uma página. — Eu gosto de ficar perto dele. Além disso, nada poderia acontecer, ainda que eu quisesse. Não podemos ficar juntos, Evie. Você sabe, não?

— Claro — disse Evie. — Velma e eu somos... um caso.

Aquilo era uma mentira total e completa.

Desde que Velma deixou Evie em casa depois da festa de noivado, uma válvula emocional foi solta. Elas trocavam mensagens sem parar. Evie passou o fim de semana todo em casa, grudada ao telefone. E não foram só flertes, nos quais, Evie tinha que admitir, Velma era tão boa quanto ela. Naquela tarde, a troca de mensagens entre elas tinha incluído tudo, desde destinos de férias dos sonhos a opiniões sobre filhos. Até chegaram a dar nome aos futuros filhos, Coisinha 1 e Coisinha 2; uma piada, claro, mas ainda assim... Evie nunca tinha pensado em ter filhos. E exatamente por isso foi tão esquisito ter passado todos os trinta minutos que levou para tomar um banho pensando em criar filhos com Velma.

Tudo, desde os primeiros passos do bebê ao orgulho e às lágrimas na formatura.

O problema era que, nessas fantasias, ela era Chloe. Evie Selby, ao que parecia, não tinha lugar em seu futuro.

Krista se deitou de barriga para baixo e analisou a roupa de Evie: um vestido azul em forma de sino que deixava seus olhos tão grandes e chamativos quanto os de Betty Boop.

— Você está a cara das modelos do Instagram. Acho que, para ela, é bom.

Evie se observou no espelho.

— Acha que meu queixo está pontudo?

— O quê?

Evie o apertou com os dedos, virando a cabeça para ver um ângulo diferente.

— Parece que está mais pontudo.

Krista se sentou.

— Achei que meus olhos também estivessem diferentes. Pela segunda vez. E a Willow comentou que achou que a comida estava com um sabor diferente quando ela voltou a se transformar.

As garotas se entreolharam, preocupadas. Krista afastou Evie do espelho.

— Viu? — disse ela, com o nariz no vidro. — Diferentes, não? Não estão tão verdes.

— Eu juro que está mais pontudo. — Evie afastou Krista com o cotovelo. — Não gosto nada disso.

— Bem, ainda não temos muitas respostas sobre o Bonita.

Evie estava falando do queixo, mas aquilo também era verdade.

— Pois é.

— Nem mesmo a Penny sabia o que era — disse Krista.

— Provavelmente, as almas das meninas que morreram de anorexia — sugeriu Evie. — Quando morreram, elas deveriam estar com os queixos bem pontudos.

Evie mirou-se no espelho. Chloe olhou para ela, franzindo a testa, preocupada. Ela não ficava tão linda assim, com o rosto todo contorcido. Tentando se acalmar, Evie soltou o ar, relaxando e transformando sua expressão em uma tela vazia. Pronto. Melhor. Com queixo pontudo ou não, Chloe certamente ficava mais bonita quando não estava emotiva. Ela viu a bela boca grande de Chloe falar com confiança.

— Sou invencível. Sou Chloe Fontaine, porra! — Krista estava olhando para ela com expressão embasbacada. — O que foi? — perguntou Evie, notando o que estava acontecendo de repente.

— Talvez essa devesse ser nossa última vez — falou Krista, pronunciando as palavras devagar, como se Evie não estivesse tão assustada. — Você acha isso, não?

Evie encarou Chloe pelo espelho. Seus grandes olhos azuis pareciam assustados, até aterrorizados, quase como se ela estivesse implorando para ficar. Evie não conseguiu olhar para si mesma quando assentiu, concordando. Mas também não conseguia olhar para Krista.

\* \* \*

Na última vez em que Evie esteve na Jay Street, não teve permissão para entrar no lindo prédio de tijolos aparentes que Velma chamava de casa. Agora, o porteiro na entrada esperava por ela. Velma morava em uma das duas coberturas. Quando as portas do elevador se abriram para um corredor vazio, Evie foi tomada por um cheiro forte.

Torrada queimada?

A porta da frente estava entreaberta.

— Oi? Velma?

Evie entrou em uma sala grande e espaçosa. Havia várias colunas pretas e grossas, e o pé-direito deveria ter uns quatro metros. Evie viu várias estantes enormes e uma parede com janelas retangulares bem amplas, curvadas na parte de cima. O chão de madeira era pontuado por carpetes coloridos e abajures. Na parede, havia uma fotografia enorme do pescoço pálido de uma mulher e da curva de seu queixo, dos lábios vermelhos abrindo um sorriso tímido. O lugar estava mais bagunçado do que ela imaginara, e talvez fosse um pouco menor, porém mais ou menos como pensou que seria a casa de Velma.

O que Evie não esperava era ver Velma tentando apagar o fogo baixo, mas entusiasmado, que saía da boca de um fogão de aço escovado. Ela estava lutando com um pano de prato que tinha acabado de pegar fogo, forçando-a a enfiá-lo na pia.



— Merda, merda! — Velma lançou a Evie um olhar de pânico. — Tem um extintor aqui. No armário...

Evie atravessou o corredor que Velma indicara com o dedo. A primeira porta que abriu revelou toalhas e lençóis. Na segunda, havia jaquetas de inverno, jogos de tabuleiro e, sim, um pequeno extintor de incêndio. Evie o pegou e saiu correndo em direção à cozinha.

— Nunca usei um extintor! — gritou Evie.

— Nem eu!

Velma soltou o grande gatilho e mirou a ponta cilíndrica para o fogo. Evie apertou de uma vez as duas travas de metal que havia na parte de cima. Nada aconteceu.

— Por que não está funcionando?

Velma pressionou as alavancas de metal também, apertando os dedos de Evie.

Evie pegou o gatilho da mão de Velma e olhou para ele no mesmo instante em que Velma puxou um anel prateado de cima e apertou as hastes. Uma rajada de pó branco acertou Evie no rosto. Ela gritou e deu um salto para trás.

— Você está bem? — gritou Velma.

Evie levou a mão ao rosto, assustada.

— O fogo! Apague o fogo.

Velma direcionou o extintor para o fogão. Segundos depois, o fogo estava apagado.

As duas mulheres ficaram ofegantes na cozinha silenciosa. Só naquele momento Evie notou que Velma não estava vestida para jantar. Estava usando calça de moletom e uma blusa justa, sem maquiagem, e os cabelos estavam presos em um coque malfeito.

No reflexo das janelas compridas de vidro que separavam o apartamento da varanda, Evie viu que seu look arrumado com tanto cuidado estava arruinado. Os fios estavam tomados pelo pó branco e por manchas escuras.

— Meu Deus, você está bem? — Velma largou o extintor e caminhou em direção a ela, com o rosto tomado de preocupação.

Os olhos de Evie estavam marejados.

— Tenho a sensação de ter levado um soco no rosto de um boneco de neve.

Velma riu. Ela pousou as mãos nos ombros de Evie.

— Desculpa. Eu estava fritando algumas cebolas e me distraí. Perdi a noção do tempo. — Velma olhou para Evie com sinceridade. — Desculpa, desculpa mesmo, Chloe.

— Tudo bem... — sussurrou Evie.

Ela olhou para a cozinha que, com exceção de uma panela cheia de cebolas pretas, não tinha nenhum outro ingrediente.

— É esquisito perguntar qual é o plano B? Estou meio que morrendo de fome.

Velma sorriu.

— Nada esquisito. Vamos ver... O que acha de pedirmos comida tailandesa?

Trinta minutos depois, Velma e Evie estavam sentadas de pernas cruzadas ao redor da mesa grande e quadrada de centro, deliciando-se com o banquete asiático. Enquanto Velma pedia a comida, Evie tomou um banho. Apesar de se sentir decepcionada por ter que destruir a produção realizada em duas horas de preparação pré-encontro, ela gostou de se despir em um lugar tão íntimo quanto o banheiro de Velma. Era repleto de produtos caros que Evie não podia comprar, além de toalhas felpudas e brancas que ela não conseguiria manter alvas. No chuveiro, Evie cobriu o corpo com sabonete de lavanda e tentou imaginar quanto tempo levaria para que ela e Velma tomassem banho juntas.

Velma havia emprestado suas roupas para ela: uma camisa branca de botões e uma leggings preta. Evie saiu só de camisa.

O sorriso lento de prazer que Velma abriu a fez sentir uma enorme satisfação.

Evie aceitou o vinho que Velma oferecia, e as duas tilintaram as taças.

— Você está me fazendo quebrar todas as minhas regras — disse Velma. — Jantar no chão sempre foi uma atividade a ser feita sem companhia neste apartamento.

Evie sorriu. Ela adorava a sensação de que Velma estava abrindo exceções por ela. Era assim que se tratava uma namorada.

— O que você ia fazer? — perguntou Evie, servindo-se de mais comida. — Antes do grande incêndio de cinco minutos atrás?

Velma espetou um pedaço de frango com o palito e franziu as sobrancelhas.

— Acho que uma coisa... com massa.

Evie arqueou uma das sobrancelhas.

— Você não é exatamente uma Nigella Lawson, certo?

— Eu não me importaria se ela cozinhasse para mim — disse Velma. — Mas não. Infelizmente, não sou boa nesse aspecto. Minha mãe também não cozinhou muito — contou, enfiando uma castanha na boca. — Acho que puxei a ela.

— Onde você passou a infância?

Evie já sabia a resposta.

— Na Carolina do Norte.

— Pão muito branco. — sugeriu Evie, e Velma assentiu. — E quando descobriu que era lésbica?

Velma sorriu e engoliu mais comida.

— Estou me sentindo no seu programa de novo.

Evie balançou a cabeça de modo enfático.

— Não, esta entrevista é em *off*. — Velma franziu a testa, fingindo desconfiança. — É sério. — Evie riu. — É que adoro saber da origem das pessoas. Conta...

— Tudo bem. — Velma limpou a boca com um guardanapo de papel. — Eu me lembro de estar na sexta série, e senti que havia algo diferente em mim, mas não sabia o quê. Minhas amigas estavam começando a falar sobre os garotos de quem gostavam, e eu não sentia a mesma coisa por eles. Então, fingia que sentia. Acho que pensava: *É o que todo mundo está fazendo, fingindo*. Até que, um dia, uma garota de minha sala, Prue Wilfred-Scott, foi para a escola e disse que tinha visto um de nossos professores, o sr. Sullivan, de mãos dadas, no fim de semana, com um homem.

Evie se assustou, parecendo chocada.

— Exatamente. — Velma riu. — Foi muito escandaloso e confuso. Eu nunca tinha ouvido falar daquilo; não sabia exatamente o que significava, como era possível. Então, um dos garotos disse que o sr. Sullivan era gay. Era isso que era ser gay. E eu me lembro de ter pensado: *Sou assim. Sou gay, só que com garotas*. — Velma olhou nos olhos de Evie sem emoção. — Foi uma percepção horrorosa. As crianças estavam falando sobre o sr. Sullivan como se ele fosse doente. Doente. Eu soube na mesma hora que minha situação era a mesma e, ao mesmo tempo, que nunca seria capaz de contar a alguém ou fazer alguma coisa com relação a isso pelo resto da vida.

— Meu Deus, que terrível! — comentou Evie.

— Hum... Não foi um despertar do tipo “Me chame de Charlie”, igual a você, infelizmente. — Velma inclinou a cabeça para o lado. — Você quer mesmo ouvir sobre tudo isso? Não é muito romântico...

— Não, eu quero — disse Evie, surpreendendo a si mesma com a insistência de seu tom de voz. — Eu quero.

Velma tomou mais um pouco de vinho. Por um momento, Evie temeu ultrapassar o limite, que Velma inventasse uma desculpa esquisita dizendo ter que acordar cedo no dia seguinte. Mas ela pigarreou e continuou falando.

— Quando eu tinha 15 anos, acordei, certa manhã, e pensei: “As coisas não vão melhorar. Só piorar.” Então, entrei no banheiro, encontrei remédios e tomei todos.

— Ai, minha nossa! — disse Evie.

— Minha mãe me encontrou desmaiada no chão do banheiro, chamou uma ambulância e me levou ao hospital. Fiquei ali por alguns dias. E foi quando conheci Ann Jackson. — Velma sorriu com ironia. — Se tem uma coisa da qual minha mãe sabia, era sobre terapeutas. Graças a Deus conheci Ann Jackson. Aquela mulher salvou minha vida. Comecei a ir ao consultório dela três vezes por semana, e no primeiro mês ela me fez admitir que eu era lésbica. Eu nunca tinha dito essas palavras em voz alta antes, e foi um alívio! — Velma resmungou. — Tive mesmo a sensação de me livrar de um peso enorme. Foi um ponto de recomeço. Dentro de um ano, contei a meus pais, o que deu muito mais certo do que eu esperava. Eles concordaram em deixar que eu trocasse de escola. Por isso, fiz o ensino médio numa escola muito artística e liberal onde metade dos alunos era gay. Minha professora-coordenadora era transexual. Eu disse a todo mundo que era *sapata* logo no primeiro dia, e ninguém se importou. Comecei a sair com minha primeira namorada e a levei ao baile. E... — Velma levantou as mãos — ... O resto é história. — Ela franziu a testa. — Chloe, você está chorando?

Evie secou os olhos furiosamente.

— Não, não, não... Eu só...

Velma se aproximou e lhe entregou um guardanapo.

— Pode pegar...

Evie aceitou e assoou o nariz.

— Desculpa — disse ela, sentindo o rosto começar a avermelhar. — Exagerei na reação. É só que... Porra! Não consigo imaginar você sendo tão infeliz.

Velma observou o rosto de Evie.

— Nossa, como você é querida!

Ela disse isso como se só estivesse se dando conta disso naquele momento.

Evie olhou para Velma. Sua voz estava delicada.

— Só acho triste que algumas pessoas pensem que duas mulheres que se amam são péssimas, quando é a coisa mais linda do mundo.

A expressão de Velma estava séria quando ela segurou o rosto de Evie com o polegar e o indicador. Então, moveu a cabeça em direção a Evie e beijou seus lábios com delicadeza.

Evie fechou os olhos e retribuiu. Sentia-se grata. Grata por Velma estar viva. Grata porque o mundo estava mudando. E grata pelo Bonita, pela chave especial, pelo cumprimento secreto que havia permitido que ela estivesse ali, naquele apartamento bacana, bebendo um bom vinho, sendo beijada por aquela mulher bacana.

O beijo começou a mudar. De doce e delicado a cada vez mais intenso. Evie abriu mais a boca e sentiu Velma fazer a mesma coisa. Evie gemeu baixo, um som gutural.

Velma se afastou com os olhos brilhantes, a respiração ofegante.

— Quarto?

Evie assentiu sem hesitação.

Elas caíram de uma vez na cama *king size* de Velma, com as pernas enroscadas, os lábios úmidos, ávidos. Velma rasgou a camisa de Evie para abri-la. Botões voaram como tiros. Evie riu, o que se tornou um gemido quando os lábios de Velma encontraram seus mamilos, sugando, em movimento circular, brincando. Os mamilos cor-de-rosa e perfeitos de Chloe, chamando atenção no meio dos seios rosados e perfeitos.

Observar Velma tocá-los era como assistir a um filme pornô que só existia em seus sonhos mais quentes e malucos.

Ela tirou a blusa de Velma, beijou seus seios e pescoço, seus lábios. Encostou o peito ao de Velma, sedenta pela sensação das duas juntas, duas mulheres macias, ardentes, em movimento, deixando suas fantasias tomarem conta.

Os dedos de Velma tocaram a calcinha de Evie. Seu corpo se esticou involuntariamente. Velma sorriu, iluminada apenas por uma luminária no criado-mudo. Seus cabelos tinham se soltado do coque malfeito, as mechas caindo ao redor do rosto. Velma tirou a calçinha de Evie, levou-a ao nariz e inspirou fundo.

— Seu cheiro é delicioso.

Até mesmo o som da voz dela fazia Evie gemer. Ela se remexeu, querendo que Velma tocasse seu clitóris, mas quase sentia medo das sensações que isso causaria.

Velma posicionou Evie em cima de um monte de travesseiros em cima da cama. Beijou sua boca devagar e, então, sussurrou:

— Posso chupar você?

Evie assentiu.

— Posso enfiar meus dedos em você?

Evie assentiu de novo e sussurrou:

— Encontre meu ponto G.

Acreditava que Velma seria capaz de fazer isso com facilidade.

Velma começou a se posicionar entre as pernas de Evie.

— Espere. — Evie puxou Velma para cima. Sua respiração estava inconstante. — Diga que sou linda.

Velma parou, surpresa, antes de obedecer.

— Você é linda, Chloe.

Evie balançou a cabeça um pouco.

— De outro jeito.

Velma murmurou as palavras diretamente em seu ouvido.

— Você acabaria com guerras. Você faria os anjos chorarem. Eu só penso em você.

Evie suspirou, inebriada, quente, feliz.

— Me faça gozar.

E Velma obedeceu.

Três vezes.

Ela teve que pressionar o botão três vezes até Mark responder, parecendo desorientado.

— Willow?

A noite a havia envolvido, pressionando todas as partes dela, sua escuridão violando-a. Ela sentia o sangue correndo escuro.

— É a Caroline.

Nada. Ela pressionou o botão de novo, e a pele embaixo de sua unha ficou branca. *Deixe-me entrar. Deixe-me sair.*

— Caroline, não posso deixar você entrar. Desculpa.

A noite mostrava seus dentes, tudo alto demais, quente demais, perigoso demais. Sua voz era um sussurro.

— Mark... Por favor.

— Não, Caroline, eu...

— Por favor.

Quando ela chegou à porta dele, Mark estava atrás da poltrona, com os braços cruzados. Todas as luzes estavam acesas.

— Oi — disse ela, em tom delicado.

— Oi. — Ele falou sem se mexer.

Ela aguardou, esperando ser chamada para entrar. O convite não veio. Então, Willow atravessou a porta sozinha. Carregava uma bolsa grande.

— E aí? — Mark se remexeu. — Tudo bem?

Willow deixou a bolsa cair de seus dedos.

— Você já esteve em Paris?

— Paris? Não.

Willow posicionou o corpo de Caroline para a frente como uma marionete, cada membro duro e pesado.

— Passei um verão em Paris. Ou talvez fosse o outono. Não lembro. — Ela se sentou à beirada do sofá de Mark. — Eu me lembro do cheiro dos fogos no Sena. Havia fogos de artifício todas as noites. Explosões iluminando o céu.

Ela passou os braços ao redor do corpo e acrescentou:

— Adoro fogos de artifício. Eu andava pela beira do rio sozinha, sabe, seguindo os fogos refletidos na

água. Certa noite, eu estava lá embaixo, sozinha, e encontrei um grupo de homens bebendo à beira do rio. — Ela olhou diretamente para Mark. — Há muitos africanos em Paris. Sabia?

— O que foi, Caroline? O que está acontecendo?

— Eles estavam bebendo — continuou Willow, como se ele não tivesse falado. — E rindo. Eles me convidaram para me sentar com o grupo. Estavam bebendo de uma garrafa escondida em um saco de papel. E me deram um pouco. — Os olhos dela estavam distantes. — Tinha gosto de fogos de artifício. Eles queriam saber de onde eu era. Eu disse que era americana. Eles disseram que eu era bonita. Em francês, dizemos *très jolie*. *Très jolie fille*. — Willow fez uma pausa, então disse: — Perguntaram se eu não queria tirar a roupa.

Mark se agarrou à beira da poltrona.

— Era uma noite muito quente. Não havia chance de pegar resfriado. — A voz de Willow estava afetada. — Pensei: *Por que não?* Juntos, eles tiraram minhas roupas até eu ficar nua. Queimaram meu vestido na fogueira. Tinham acendido uma fogueira pequena. Quando eu fiquei nua...

— Caroline, não posso dormir com você de novo...

— Quando eu estava nua, os homens me levantaram e me carregaram até a água. Foram muito cuidadosos comigo; eu me lembro de como foram cuidadosos. Eles me levaram para a água. Em pouco tempo, já era fundo o suficiente para que me soltassem, para me deixarem boiar. Eu boiei nua, no Sena, enquanto os fogos de artifício explodiam acima de nós.

Willow fechou os olhos. Lágrimas escorreram por seu rosto.

Sua voz era apenas um sussurro.

— Quero voltar para lá. No rio. Mas não posso.

Seus pensamentos eram um espelho quebrado refletindo uma imagem quebrada, uma imagem que ela não via com muita clareza por mais que tentasse. Era exaustivo. Tudo era muito exaustivo.

— Não posso voltar. — Ela escondeu o rosto nas mãos e começou a chorar.

Depois de um momento de hesitação, Mark caminhou até a porta e a fechou em silêncio.

Evie acordou cedo, momentaneamente desorientada pelos lençóis desconhecidos, pelo cheiro de lavanda. A luz amarelo-clara entrava pelas cortinas finas e brancas, além das quais estava o vago contorno da cidade. A realidade entrou. O fogo. A comida tailandesa. O sexo.

*Eu transei com Velma Wolff.*

Ela se espreguiçou, sentindo-se quente e decadente, enrolada em lençóis sedosos acinzentados. Não conseguia tirar o sorriso do rosto. Era mais do que uma conquista da carne. As duas tinham se aproximado. De verdade. E Velma estava ali, ao lado de Evie, a poucos centímetros. Aquilo, aquele momento de estar na cama com alguém tão majestoso quanto as montanhas, tão deslumbrante quanto o luar: era tudo. *A resposta a uma pergunta que eu sempre quis fazer.*

Evie esfregou os olhos, querendo afastar o sono, ver cada contorno, cada poro, da mulher ao lado.

Sua visão permaneceu borrada.

Ela havia voltado a ser quem era.

Era Evie Selby de novo.

O medo percorreu suas veias, forte como uma martelada. *Por favor, não. Por favor, por favor, por favor, não.* Ela puxou os cabelos, o rosto, os braços gorduchos, horrorizada.

Era verdade.

Ela era uma pessoa diferente.

O mal-estar veio um segundo depois, dois caminhões enormes em choque no meio da estrada. Ela precisou de toda a força que tinha para se controlar e não gritar, contorcendo o corpo de um jeito que não remexesse os lençóis. A dor tomava suas entranhas e sua mente não parava de funcionar, tentando entender como aquilo tinha acontecido. Era quarta-feira. Era quarta-feira, e ela havia tomado o Bonita na quinta, e foram sete dias completos para Krista. Não sei. E ai, meu Deus! Sua barriga doía! E ai, meu Deus, ela era Normal de novo. Que porra era aquela, que porra, meu Deus?

Ela olhou para Velma. *Não olhe para mim. Não. Olhe. Para. Mim.*

*Vou fugir.*

*Agora.*

Evie levantou a ponta do cobertor. Velma respirou fundo, um som profundo e meio gutural. Evie ficou paralisada. Cada centímetro de sua pele estava tomado pela ansiedade, pelo horror, pela dor. Mas Velma se

aconchegou e Evie continuou sua fuga centímetro a centímetro. Ela saiu da cama, caindo com mais um grito silencioso. Alguns segundos para se recuperar.

Em seguida, uma corrida curvada em direção à porta.

Na sala de estar, Evie subiu o zíper do vestido azul amassado com dedos dormentes, com a frequência cardíaca galopando. Ela deveria partir e nunca mais voltar. Foi por muito pouco.

Quando Velma abriu a porta da frente, seu rosto foi tomado pela surpresa.

— Olá.

— Bom dia, dorminhoca. — Evie passou por ela.

Velma a seguiu pela sala de estar. Estava tomada pela luz da manhã.

— Pensei que tivesse fugido de mim.

— Não seja tola. Acordei cedo. Pensei em comprar o café da manhã. Café e croissants?

Ela os mostrou. Seu sorriso parecia meio maníaco e seu estômago ainda estava abalado, mas ela estava ali. Tinha que estar.

Velma enfiou as mãos nos bolsos do pijama e inclinou a cabeça para o lado.

— Puxa, você é cheia de surpresas... Saiu vestida assim? — perguntou ela, apontando com a cabeça em direção ao vestido que Evie saíra usando, e para o qual não havia desculpas.

— Claro — disse Evie, com a petulância de uma estrela-mirim. — Por que não?

Velma riu.

— Vá se sentar lá fora. Vou levar um prato. Posso até colocar um pouco de uísque no café, se você curtir.

*Curto você.*

Velma pegou os salgados e o café, parou para beijar os lábios de Evie. Afastou-se com um sorriso estranho. O coração de Evie parou de bater — será que Velma tinha sentido o cheiro de vômito? Será que Evie tinha se esquecido de alguma coisa, deixado passar?

— Hortelã.

Evie se apressou em pensar em um motivo — chiclete, balas para o hálito, pasta de dentes (tudo verdade) até notar que Velma não se importava. Já estava indo para a cozinha.

Evie havia conseguido.

Havia enganado Velma.

Na varanda, o céu estava azul e sedento. Evie se sentou na cadeira à mesinha, pegando o jornal. Pela primeira vez desde que acordara, enfim conseguia respirar. E só naquele momento, com o sol em sua pele, com o cheiro do café no ar, Evie percebeu o que tinha feito.

Tomar o Bonita de novo não foi um dilema nem uma decisão difícil. Era questão de estratégia. Era a única opção. O fato de ela ter dito a Krista que seria sua última vez menos de vinte e quatro horas antes nem sequer lhe ocorreu.

*Porque não haverá um momento em que eu não vá querer isto,* percebeu Evie. *A mulher. O sexo. A vista. Quero que isto seja meu.*

Então, de repente, perigoso como uma faca em punho, o próximo pensamento.

*E se eu não parar?*



Willow acordou com o som familiar do trânsito na janela. Ao lado, Mark dormia profundamente.

O relacionamento tinha terminado, claro. Ele havia se mostrado infiel, e o término parecia inevitável. Porém, era uma vitória amarga. Porque, por baixo de tudo aquilo, por baixo da sensação das mãos de Mark no corpo de Caroline, ela sentia que o namorado era bom. Ela não havia planejado aquilo. Não havia planejado nada daquilo. Simplesmente aconteceu, Caroline aconteceu, e não havia nada que ela pudesse fazer. *Já está feito*, pensou Willow. *Tudo está fadado*.

Ela rolou para o lado e então sentiu.

Uma cólica.

Um aperto doloroso nas entranhas.

Toda a sonolência desapareceu. Ela conhecia aquela sensação.

Respirou fundo, depressa. Não, não, não podia ser. Mas ao olhar para o peito, para os dois montinhos sem graça que tinham substituído os seios cheios e voluptuosos de Caroline, confirmou.

Willow estava de volta.

Como era possível? Sua mente tentou contar os dias... Já fazia uma semana? O fato de ela ter permanecido acordada algumas noites, trabalhando a noite toda sem dormir, tinha encurtado o prazo para a transformação? Não importava. Ela nem sequer sabia onde estava o Bonita. Na casa de Evie? Merda, merda, merda.

Ela saiu da cama, pegou o monte de roupas e correu para o banheiro. Em menos de um minuto, poderia sair da... O piso de madeira ao lado da cama de Mark estalou. Passos. Ele estava de pé, já estava de pé!

Ele não podia encontrá-la no banheiro. Como ela explicaria? Para onde Caroline havia ido? Estava encurralada. Em pânico, tirou a calcinha — *a calcinha de Caroline* — e escondeu as roupas atrás do vaso sanitário.

Os passos se aproximaram. Ele estava indo ao banheiro. Willow não tinha trancado a porta. Levou a mão à maçaneta quando ele a girou do outro lado, abrindo-a.

Mark olhou nos olhos de Willow. Ela nua, de pé, no meio do banheiro. Seus olhos se arregalaram. Ele respirou fundo, chocado.

— Porra! — Deu um passo para trás. — Porra, o que você está fazendo aqui?

Willow se virou para pegar uma toalha, virando-se para poder se apavorar. Enrolou a toalha no corpo com

as mãos trêmulas. Quando ela olhou para a frente, Mark estava analisando a sala de estar, claramente desesperado.

*Ele está procurando a Caroline.*

— Surpresa! — Willow se esforçou o sorrir. — Oi, amor.

Passou por ele, roçando os lábios secos em seu rosto.

— O quê? — Mark a acompanhou, olhos arregalados, quando ela entrou antes sala de estar. — Como você entrou?

— Minha chave, seu bobo. — A tentativa de Willow de ser brincalhona acabou parecendo maluca. — Pensei em me deitar na cama com você e... fazer uma surpresa.

Os olhos de Mark se voltaram para a bolsa que Willow tinha deixado perto da porta.

Sem querer, ela acompanhou seu olhar. Por um longo momento, os dois olharam para a bolsa, tensos, sem nada dizer.

— Está planejando viajar? — perguntou Willow, animada. — Não se esqueça de me levar junto.

Mark caminhou depressa até a cozinha, conferindo, Willow sabia, se a doida da Caroline não estava enfiada em algum canto. Quando ele voltou, parecia visivelmente mais calmo.

— Hum, sim — respondeu ele. Bateu os punhos levemente na beirada da poltrona. — A trabalho. Estava tentando contar a você... Tentei entrar em contato a semana inteira. — Seu tom era de acusação.

— É mesmo? — Os olhos de Willow ficaram mais sérios. — Tentou?

Ela entrou no quarto.

— O que você está fazendo? Onde estão suas roupas? O quê...? — A voz dele finalmente falhou. — Porra, por que você está aqui?

Ela não se deu o trabalho de responder. Vestiu uma calça jeans dele, uma camiseta e chinelos, todos muito grandes para ela. Mark observou da porta do quarto, com os punhos cerrados. Quando Willow passou, caminhando de volta para a sala de estar, ele a acompanhou.

— Então é isso?

— O que você quer de mim?

Mark ficou parado, abrindo e fechando a boca algumas vezes. Então, passou as mãos pelos cabelos e esfregou os olhos. Estava péssimo.

— Quero que você vá embora — disse ele. — Só quero que vá embora.

As palavras a acertaram com uma força que Willow não esperava. Ela assentiu, triunfante e arrasada. Seu golpe final teve gosto de metal:

— Não sei o que é pior: você me desapontar ou eu pensar que você não me desapontaria.

Quando as portas do elevador se abriram diante de seu apartamento, Willow sentiu que estava entrando em uma mentira. O pé-direito alto, as artes coloridas e o silêncio pareciam estranhos, desconhecidos.

Havia um novo buquê de flores na mesa branca entalhada na entrada. As gérberas, os girassóis e as rosas, as flores estavam todas um pouco murchas, como se estivessem ali havia alguns dias. Havia um pequeno envelope branco com seu nome. Ela o abriu.

*Com todo o meu amor, Mark.*

O nome dele causou uma pontada em seu peito, um golpe certo e eficiente. Ela apoiou a mão no vaso e o derrubou da mesa. Ele se espatifou, explodindo como uma supernova. O som ecoou musicalmente, ricocheteando nas paredes.

Passos se apressaram em direção a ela. Seu pai saiu da cozinha. Ele olhou para o vidro quebrado, para as flores espalhadas e para a filha imóvel, e não arrependida. De pé, em silêncio, com o olhar glacial.

— Então... — disse ele. — Voltamos a isso, não? — Ele tirou os óculos de leitura e começou a limpá-lo na barra da camisa. — Se quiser minha atenção, Willow, é só pedir.

*Como se fosse fácil assim*, pensou Willow, amargurada. *Além do mais, qual seria a graça?*

Seus chinelos amassaram os cacos.

— Você não vai dizer para eu ter cuidado com o vidro, papai?

— Você tem 21 anos, Willow. Tenho certeza de que já tem idade para cuidar de si mesma.

Ela sorriu.

— Tenho 22.

Na cozinha, ela pegou uma garrafa de vinho branco da geladeira.

Impassível, Matteo observou-a encher uma taça até a boca.

— Saúde! — disse ela.

Ela a levou aos lábios e começou a beber sem parar. Depois de três goles, Matteo a interrompeu, com a voz esganiçada.

— Willow, pare. Não posso...

Ela parou, com uma ardência agradável na garganta.

— Não pode o quê?

— Não posso ver você fazendo isso.

— Ai, Deus... — Ela bateu a taça no balcão com tanta força que ficou surpresa por não ter se despedaçado.

— Não começa.

— Começa o quê?

Ela semicerrou os olhos para ele.

— A tentar ser um bom pai.

Matteo bateu no balcão da cozinha com raiva.

— Eu estava em casa em todos os seus aniversários, Willow, todos! Eu estava em casa no Natal, no dia de Ação de Graças. Você sabe o que sacrifiquei por isso? Quantos filmes tive que recusar por sua causa?

— Você é meu pai. Claro que tinha de estar presente nos meus aniversários! — gritou Willow. — É sua obrigação...

— Não, minha obrigação era ser diretor de cinema — disse Matteo. — Um emprego com o qual eu era muito comprometido...

Ele levou a mão aos lábios e ao queixo, como se algo terrível — a verdade — tivesse acabado de ser dito.

Willow se assustou, afastando-se alguns centímetros. Ela rebateu, a voz em um sussurro.

— Talvez você devesse ter pensado mais em sua carreira preciosa antes de decidir procriar.

As palavras foram ditas de repente.

— Não foi uma decisão que tomei.

Willow teve a sensação de ter levado um soco na cara. Sua visão estava desfocada.

Por um longo momento, nenhum deles disse nada.

Matteo lançou-se alguns passos à frente, com a voz mais grossa e suplicante.

— Willow, eu amo você. Sempre amei. Desculpe. Por favor, perdão. Perdi a paciência. Desculpe.

Mas Willow não estava ouvindo. Uma lembrança estava se formando, finalmente. Era uma imagem completa se mostrando.

— É por isso... — sussurrou ela. — É por isso que sou... Porque você... — Willow se concentrou no pai. — Eu devia ter uns seis anos, ou talvez sete, então deve ter sido no apartamento antigo da Seventy-Fifth. Lembro que estava na porta e vi você. Você estava com aquela maquiadora com quem sempre trabalhava. A loira. A bonita. Eu me lembro do nome dela. — Olhou para ele. — Caroline.

Matteo ergueu à testa a mão trêmula de dedos tortos e pressionou entre os olhos.

E Willow tinha a sensação de que a lembrança a estava deixando e, ao mesmo tempo, tomando-a de novo, muitos dedos, muitas mãos, mostrando-lhe o que ela sabia ser verdade.

— E eu me lembro de ter pensado que você a estava ferindo, porque vocês dois pareciam estar com dor. Agora, claro, sei que você estava... — Willow puxou o ar, trêmula — ... trepando com ela. Na nossa cozinha. Na cozinha da mamãe. E, quando vocês dois notaram que eu estava ali, você me disse que, se eu não contasse para a mamãe, você compraria um presente para mim. Então, não contei e você comprou. Você cumpriu a promessa. — As palavras dela estavam carregadas de sarcasmo. — Como um bom pai faz.

Lágrimas escorreram pelo rosto de Willow, e seu coração, seu coração estava despedaçado, milhares de pedacinhos levados pela água corrente escura.

— Você não tem ideia, não faz ideia nenhuma, do quanto me envenenou.

- Oi. — Krista bateu na porta do trailer de Tristan. — Bom dia, lindinho.
- E aí, chuchu? — Ele deu um tapinha no espaço no sofá.
- Damian acabou de deixar uma programação nova para hoje. Vamos fazer a cena 61.
- Qual é essa? — Krista folheou o roteiro. — Ah!
- Ela olhou para Tristan, sem palavras, de repente.
- Tristan também encontrou a página.
- Ah... — disse ele, mudando o tom. — A cena do beijo.
- Claro, Krista sabia que eles tinham uma cena de beijo. Na semana anterior, ela já tinha pensado nisso. Mas naquele momento parecia esquisito. Tristan era seu amigo. Amigos não se beijam. Krista não sabia para onde olhar.
- Você ainda quer repassar as falas? — perguntou ela.
- Tristan balançou a cabeça um pouquinho.
- Claro, alguns dos atores mais velhos tinham que fazer cena de beijo em *Heartache*; não são românticas. Nem... sensuais...
- Ele parou de falar, mas a palavra *sensual* permanecia no ar.
- Krista sentiu um calor no peito. Ela se levantou depressa e olhou para o roteiro.
- Vamos começar da minha fala: “Nunca me diverti tanto no verão”.
- Tudo bem. — Tristan estava na frente dela.
- Ela demorou um momento para “acessar seu animal”, seu personagem, um unicórnio bebê. Então, disse:
- Nunca me diverti tanto no verão quanto agora, Zach.
- Tristan retribuiu o olhar.
- Nem eu. Quando Arj e eu começamos a trabalhar aqui, eu nem sabia que havia algo ou alguém para mim. Mas agora eu acho que talvez estivesse enganado.
- Ele deu um passo na direção da garota e colocou a mão em seu braço. Krista sentiu uma corrente de energia subir pelo braço, tão inesperada que ela gritou.
- O que foi? — Tristan saiu do personagem.
- Nada. — Krista esfregou o braço. — Só estou sentindo a garganta um pouco seca.
- Eu também. — Tristan caminhou até a pia e encheu dois copos de água. Eles beberam tudo de uma

vez, sem trocar olhares.

— Desde o começo? — perguntou Tristan.

Krista assentiu, tentando esvaziar a mente. *Profissional. Profissional. Profissional.*

— Nunca me diverti tanto no verão quanto agora, Zach.

— Nem eu. Quando Arj e eu começamos a trabalhar aqui, eu nem sequer sabia que havia algo ou alguém para mim. Mas agora eu acho que talvez estivesse enganado.

Dessa vez, ela absorveu o toque de Tristan com facilidade.

— O que está dizendo?

— Você está aqui por mim. Não está?

Krista deu um passo à frente, diminuindo a distância entre eles. Estavam a poucos centímetros um do outro. Seu coração batia acelerado.

— Sim, Zach, estou.

Tristan engoliu em seco, sem se mexer.

Krista ergueu as sobrancelhas e sussurrou:

— Esta é a parte na qual você me beija.

— Isso... — Tristan parecia estar com dor. Sua voz também era um sussurro. — É esquisito.

— Pois é — disse ela. Os dois estavam quase nos braços um do outro.

— Você é minha amiga — disse ele. Seus dedos apertaram os braços dela, como se explorassem a pele.

— Eu sei.

— E amigos não...

— ... se beijam. — A palavra saiu suave como a lã de carneiro.

Eles se olharam.

Tristan aproximou os lábios aos de Krista e de repente ele a estava beijando. Com vontade. Krista ficou tão surpresa que precisou de um segundo para que o instinto se fizesse presente e ela começasse a retribuir. Puxou-o para perto, as mãos querendo puxar os cabelos dele, envolvendo o pescoço, o peito, tudo de uma vez. Eles caíram no sofá, em uma mistura de lábios, mãos e respiração ofegante. Depois de cerca de um minuto, Tristan se afastou de Krista com uma série de selinhos lentos e suaves.

Ele abriu os olhos. Sem nada dizer, ele ficou de pé e saiu do trailer.

Krista ficou sozinha, com uma das mãos tocando os lábios, surpresa.

Mas...

Que porra...

Foi...

Essa?

— Bom dia, Kelly! — Evie cantarolou, ao entrar no escritório.

— Chloe com C... — Kelly desviou os olhos do computador. — Você está de bom humor.

— O termômetro marca vinte e dois graus em Nova York e eu tenho o melhor emprego do mundo. Que razão tenho para não ficar de bom humor? — disse Evie. — Isto é para você. *Macchiato* duplo, creme extra.

— Ela colocou o copo na mesa de Kelly. — E muffin de chocolate branco com amora. Seu preferido.

Kelly semicerrou os olhos.

— O que você quer, Chloe?

Evie pressionou a mão no peito em um sinal exagerado de choque.

— Estou chocada por perceber que você acha que eu seria tão baixa a ponto de chantagear você. Mas, agora que disse, eu queria discutir algo com você, sim. Já ouviu falar de Arzners?

— O programa de prêmios para as mais *gatas*?

Ignorando a palavra *gatas*, Evie sorriu entusiasmada.

— Exatamente! “Com o nome homenageando uma das primeiras diretoras de Hollywood, o Arzners traz o melhor e mais brilhante de Hollywood para comemorar a incrível contribuição que as mulheres fazem todos os anos às artes.” — Evie recitou o texto do site. — A *Extra Salt* poderia fazer uma transmissão ao vivo do tapete vermelho. Um evento extraespecial da *Extra Salt*.

Kelly franziu a testa.

— Não odiei — admitiu. — Deve funcionar, mas eu nunca conseguiria espaço para divulgação. Não somos muito grandes, cara. Somos só uma série on-line.

— Pensei nisso. Você se lembra da Garota Cupcake?

Kelly riu.

— Como poderia me esquecer?

— Eu meio que a conheço. Lenka. Estudamos juntas.

— Você a conhece? — Kelly pareceu irritado. — Então por que me convenceu a não chamá-la?

Evie se lembrou de ter feito um fuzuê com o Vibrador da Semana depois que Krista se tornou viral, para minimizar as atenções direcionadas a Lenka Penka.

— Não sabia que ela se lembraria de mim. Mas lembrou! Está fazendo um filme com Tristan McKell. Esquemas foram montados. E... — Evie mostrou um monte de crachás com a palavra “Imprensa”. — Tã-nã.

— Uau! — Kelly se recostou na cadeira, surpreso. — Quando é a cerimônia?

— O tapete vermelho começa às quatro da tarde da próxima terça. Marcello pode estar lá, e Gemma e Rose estão esperando nossa aprovação para começar a procurar um vestido. — Evie tentou não parecer convencida. — Então... isso é um sim?

— Sim — respondeu Kelly. — Claro.

Evie seguiu em direção à porta.

— Obrigada, Kelly! Você não vai se arrepender!

A mente dela estava à toda. *Deu certo!*

Ela passou por Marcello, do lado de fora do escritório de Kelly, ouvindo, sorrateiro, com os olhos brilhando.

— A fase um está completa — disse ele, de punho cerrado.

Evie deu um toquezinho, retribuindo o sorriso.

— Hora da fase dois.



— Lenka, querida... — Ora balançou um batom para ela. — Para de morder os lábios. Você tira o batom desse jeito!

Krista olhou para a maquiadora com cara de culpa.

— Desculpa, Ora.

— O que deu em você, hein?

A cena do beijo... Seria gravada naquela tarde. E se Tristan não conseguisse ir até o fim? Ela não suportaria ser o motivo pelo qual ele estragaria tudo uma segunda vez. Além disso, Krista sabia que Gillian estava se coçando à procura de uma desculpa para demiti-la de novo, e ela precisava devolver a Evie o dinheiro das contas: era uma promessa.

Ele estava agindo de modo muito estranho. Os dois tinham ficado perto um do outro na fila do almoço. No começo, Tristan mal conseguia olhá-la, mas depois riu muito de uma piada que ela fez. Foi quase como se estivesse nervoso perto dela.

Greg queria que a cena do beijo acontecesse na “hora dourada”, no espaço da luz quente do fim da tarde antes do pôr do sol. A equipe se reuniu ao redor, andando para lá e para cá como formigas antes de uma tempestade. Tristan não estava em nenhum lugar.

— Tudo bem, pessoal, primeiras posições — disse Min. — Estamos perdendo luz. Por isso, gravaremos o ensaio.

Alguém pediu a Krista para fechar os olhos para que pudessem aplicar pó em seu rosto. Quando ela os abriu, Tristan estava de pé à sua frente. Seus cabelos estavam parecidos com aqueles dos garotos de boy band, e os olhos eram profundos como os de um cãozinho pidão. Ele parecia uma capa de disco.

— Oi — disse ela.

— Oi.

Ele sorriu com timidez, fazendo-a sentir uma onda de ansiedade.

— Lembre-se... — sussurrou ela. — Grrr..

Ele assentiu, claramente se lembrando da química sexual felina que tinham criado no trailer. Porém, filmar a cena não era tão importante para Krista quanto ter certeza de que estava tudo bem com Tristan. As duas coisas pareciam resultados difíceis de alcançar.

Os gritos da equipe começaram, e Greg disse:

— Ação!

Krista olhou para Tristan.

— Nunca me diverti tanto no verão — disse ela, com sinceridade.

Tristan segurou as mãos de Krista. Elas estavam úmidas e suadas.

— Nem eu. Quando Arj e eu começamos a trabalhar aqui, eu nem sequer sabia que havia algo ou alguém para mim. — Ele passou o polegar sobre o dela. O efeito quase a fez desmaiar. — Mas agora eu acho que talvez estivesse enganado.

Krista balançou a cabeça.

— Como assim?

Tristan olhou nos olhos dela.

— Quero dizer que você está aqui por mim. Não está?

Krista se moveu em direção a Tristan, intuitivamente querendo ficar mais perto.

— Sim, Zach... — sussurrou ela. — Estou.

Naquele momento, eles eram duas crianças que tinham encontrado o amor num verão, duas pessoas cujos corações tinham se conectado, cujas almas tinham se entrelaçado. Apesar de não ser a primeira vez que os lábios de Tristan tocaram os dela, naquele instante, era, sim. Todas as terminações nervosas, e a excitação e o milagre do amor verdadeiro encontraram o caminho até eles quando seus lábios se encontraram.

Delicadamente. Apaixonadamente. De um modo que parecia ser para sempre.

— Corta! — gritou Greg. Ele parecia surpreso. — Porra, isso foi incrível!

Alguns membros da equipe até começaram a aplaudir.

— Pessoal? — disse Greg. — Eu mandei cortar.

Tristan e Krista não tinham parado de se beijar. Tristan mantinha a mão na nuca de Krista, e ela reagia, por sua vez, pressionando-se ao rapaz, alheia ao ambiente ao redor. Quando se separaram, um minuto depois, os dois começaram a rir. Tristan encostou os lábios na testa de Krista. Ela passou os braços ao redor de sua cintura forte e apertou, sentindo protetora e protegida, ao mesmo tempo.

Duas coisas ficaram óbvias de imediato.

Krista havia acabado de fazer sua cena mais importante, e Lenka Penka e Tristan McKell oficialmente se tornavam um casal.

No fim de semana seguinte, Evie se dividiu entre se preparar para o Arzners e tornar-se cada vez mais envolvida com Velma Wolff.

Em uma noite, as duas ficaram em casa assistindo a episódios antigos do seriado *The L Word*. Evie perturbou Velma por esta gostar de Jenny, a *femme* obcecada e precoce que conseguia ser o centro das atenções até em velórios de outras pessoas. Por sua vez, Evie confessou que se sentia atraída por Marina, a europeia sensual de olhos intensos que alternava conquistas carnavais com a administração de um pequeno negócio bem-sucedido. Elas chegaram à primeira cena de sexo antes de acabarem na cama.

Em outro dia naquela semana, as duas foram à estreia de uma peça que uma amiga de Velma tinha escrito. A apresentação foi muito boa — um teatro do absurdo a respeito de um escorpião que dava conselhos de relacionamento nos intervalos do trabalho como gerente de um restaurante da rede Wendy's —, porém do que Evie mais gostou na festa veio depois.

Fotógrafos pediam fotos, e Evie se viu de braços dados com Velma, as duas sorrindo como se guardassem segredos. Ela estava se tornando uma das mulheres que apareciam nos resultados das buscas de Velma no Google. Mas sabia que era mais do que isso.

Velma não olhava para ela como se as duas estivessem apenas se paquerando. Como se Evie fosse apenas alguém com quem Velma gostava de transar. Ela olhava para Evie de verdade. Como se enxergasse além da bela máscara de Chloe, as fissuras da alma de Evie.

Ficar longe dela era insuportavelmente estressante. Quando Velma não respondia a mensagens de texto na hora, a ansiedade se acumulava no peito de Evie como uma tempestade horrorosa, tirando sua sanidade e sequestrando sua concentração.

Quando não estavam juntas, Evie perdia todo o senso de certeza: Velma era distante demais, não deveria estar envolvida. Evie se viu olhando fixamente o frasco de Bonita, calculando o quanto ainda tinha. Mesmo com as três usando, mal tinham passado do começo, mas não duraria para sempre. Apesar de saber que Krista não aprovaria, ela havia escrito um bilhete endereçado a Penny. Seria possível conseguir mais? Elas não deveriam usá-lo por tanto tempo a ponto de precisarem de mais. Mas e se as coisas com Velma ficassem mais sérias?

As metáforas que diziam que o amor era uma droga faziam sentido. Ficar longe de Velma era como ser isolada: um exercício de dor física e emocional.

Essa ansiedade terminava assim que Evie se encontrava na presença de Velma. Seus olhos lupinos e o sorriso com diastema eram um elixir que curava todos os males, afastando as cicatrizes para deixar a pele sem marcas.

Independentemente de Velma querer ou não, ela sabia que as duas estavam se apaixonando uma pela outra. O loft estava começando a parecer menos fantástico, mais familiar. A trava da porta de entrada estava meio solta (Velma sempre se esquecia de avisar ao rapaz da manutenção). Por isso, Evie podia abri-la sem chave. Sempre que abria a porta, parecia que estava chegando em casa, cada vez mais.

No fim de semana, Velma sugeriu que elas fossem ver a escritora Chess Hudson fazer uma leitura no Word Nerd, uma livraria bonitinha no East Village. Evie perguntou se as duas escritoras já tinham se envolvido, pois viu fotos delas juntas on-line.

— Por um breve período — disse Velma. — Mas decidimos que nos damos melhor como amigas.

Evie achou isso incrivelmente adulto. Ela mudara de Estado para não encontrar sua namorada de faculdade, um caso de amor recheado de drama que tinha acabado em perseguição e muita bebedeira.

Havia uma fila diante da porta quando elas chegaram, mas Velma passou por todo mundo que estava esperando e foi recebida com entusiasmo por um cara com uma prancheta. Do lado de dentro, elas tinham reservado cadeiras bem na frente.

Várias pessoas pediram para tirar uma foto com Velma, tímidas e animadas. Evie se perguntou se um dia se cansaria daquilo, sendo a namorada de uma estrela literária. *Talvez um dia*, pensou. Por enquanto, ela se sentia especial.

Depois da leitura, Chess, Velma, Evie e alguns outros foram a um aconchegante restaurante italiano para jantar. Entre pratos de muçarela de búfala e nhoque artesanal, a conversa passou do mercado editorial a assuntos sobre o pessoal de teatro de Nova York. Houve uma discussão animada a respeito de quem era mais chata, Chess ou Velma. Velma mantinha a mão no joelho de Evie, causando um calor quente de desejo entre as pernas dela e a sensação reconfortante de pertencer a alguém, de pertencer a um grupo. O vinho tinto rolava solto. Quanto mais Evie bebia, mais se convencia de que a noite estava maravilhosa. Ali estava ela, Evie Selby, a garota que nunca era convidada para o baile, a garota que tinha perdido a virgindade apenas três anos antes, sentada a uma mesa de artistas, pensadores e profissionais da mais alta estirpe, em Nova York.

O sexo entre elas era insistente, urgente e dramático, lembrando uma sinfonia de Rachmaninoff em grandeza e em proporção. Evie gritava ao gozar. Ela não gemia nem arfava: gritava até a garganta arder. Em uma manhã, ela perdeu a voz. Mas, apesar da regularidade, Evie nunca se sentia perto o bastante de Velma. E não só porque Velma não permitia que ela a penetrasse, preferindo exclusivamente os orgasmos clitorianos. Ela queria mais: mais do passado, mais da atenção dela. Mais intimidade. Velma gozava com os olhos fechados, enquanto os de Evie ficavam arregalados, procurando, exigindo encontrar os da amante. Ela se desviava do sono com perguntas, esticando o braço para acariciar uma mecha de cabelo de Velma e perguntar algo como:

— Você se acha uma boa escritora?

Velma, cansada devido ao sexo, sorriu para Evie com indulgência e cansaço.

— Acho que as outras pessoas me acham boa — respondeu ela. — E aprendi a valorizar o que as outras pessoas acham.

— Por quê?

— Porque é bem melhor do que ouvir o que eu acho. — Evie assentiu, compreendendo. — Mas isso não quer dizer que eu goste de todos os meus livros.

Velma controlou um bocejo.

— Como assim?

— O *Embaixo da pele* foi péssimo. Mesmo para uma estreia.

Evie reagiu, surpresa.

— Não foi, não!

— Foi.

— Foi um livro *cult*.

— E os *cults* não são conhecidos exatamente pelo bom senso. Exceto quando o assunto é maneiras criativas de matar pessoas.

Evie ergueu as sobrancelhas. Ela simplesmente não aceitava ouvir isso a respeito do romance que despertou nela um caso de amor com a literatura. Foi elogiado no mundo todo.

— Não foi. — continuou Velma, reorganizando os travesseiros. — Não é possível. O universo tem sete bilhões de pessoas. Detesto ter que dizer isso a você, mas algumas pessoas não gostam dos Beatles.

Evie fingiu não saber e estar horrorizada.

— Como assim?

— Tem gente que odeia Joni Mitchell.

— Para com isso.

— Que acha *Os caça-fantasmas* um lixo.

Evie semicerrou os olhos.

— Se pudesse, eu mataria essas pessoas.

Velma riu. Evie se aconchegou mais, querendo encostar a cabeça no peito de Velma, sem querer parar de olhar no rosto dela.

— Tudo bem... Entendo o que você está dizendo. Provavelmente, há críticas péssimas em algum lugar...

— Muitas — respondeu Velma. — Se você procurar. Eu não procuro. Não mais. Foi o que aprendi a respeito de tudo isso: você vê o que quer. — Seu olhar percorreu o rosto de Evie de um jeito que parecia mais íntimo do que um beijo. — Você é incrível, Chloe. — Ela bocejou, dizendo as palavras carregadas e exaustas. — Você é poesia.

A experiência de se tornar Evie Selby na cama de Velma não foi esquecida. Havia alvejante, desinfetante e rolos de papel higiênico escondidos nos principais banheiros e também nos de visita. Ela havia até levado óculos para deixar escondidos no criado-mudo. Parada na porta do quarto, Evie viu se Velma estava distraída pedindo o jantar.

— Comida indiana ou japonesa? — perguntou Velma, sem olhar para a frente.

Evie enrugou o nariz.

— Se eu comer mais um rolinho de camarão, vou me transformar em um.

— Vindalhos, então.

Evie sorriu e fechou a porta do quarto. Depressa, foi para seu lado da cama, tirando os óculos velhos do bolso. Não eram tão grossos nem chamativos como os que ela usava. Usara aqueles no primeiro ano da faculdade. Ao segurá-los, lembrou-se da comida ruim do refeitório que sempre tinha cheiro de empanado de frango, do quarto bagunçado que dividia com Krista e das reuniões emocionantes que iam até tarde. O

mundo estava se revelando para Evie naquela época, e ela estava faminta para ver, faminta para fazer a diferença e deixar sua marca.

No passado, ela nunca se convenceria de sua situação atual: escondendo óculos para evitar outro erro idiota. Porque Evie Selby se esforçava para não cometer erros idiotas.

Pensar em se perder — perder seu eu esperto, cuidadoso, racional — tomou conta dela. Quem era aquela idiota, aquela menina que revirava os olhos para sushi? Será que aquela garota tinha perdido contato com seus ideais, seus padrões, a essência de seu ser?

Porque certamente tinha perdido contato com as amigas.

Willow...

Onde estava Willow?

Evie apertou a mão e só então se lembrou de que ainda segurava os óculos. Escondeu-os na gaveta do criado-mudo e se aconchegou à beirada do colchão.

Depois da briga por causa das fotos, Willow tinha parado de ficar no apartamento ou de atender às ligações de Evie. Mas, para ser sincera, ela havia parado de ligar. Cuidar do problema de Willow a forçava a se tornar Evie Selby de novo, quando, na verdade, ela se sentia muito mais à vontade sendo Chloe Fontaine.

A vergonha e a culpa tomaram conta dela, como se Willow fosse uma namorada que Evie deixara esperando em um restaurante e de quem se lembrava naquele momento, tarde demais.

Em silêncio, ela andou na ponta dos pés até a porta e a abriu. Velma olhava para o telefone, distraída. Evie fechou a porta de novo e entrou no banheiro do quarto de Velma, trancando a porta. Alguma coisa na necessidade de telefonar para Willow — como Evie, enquanto ainda era Chloe — fazia com que ela se sentisse exposta. Ela teclou os números.

Caixa postal.

— Willow, aqui é a Evie. Desculpa eu não ter mantido contato. Pode me dizer se está tudo bem? Se não disser, vou pensar que está morta e vou ligar para a polícia. — Ela disse aquilo como piada, mas provavelmente não pareceu.

Uma hora depois, com as pernas entrelaçadas nas de Velma, ela recebeu uma mensagem de texto: **Não estou morta. Estou me preparando para a exposição.**

Evie entrou no site da Wythe Gallery. O rosto choroso de Caroline tomava a tela. O nome da exposição gritava para ela com letras de cor amarelo-neon: A BELEZA É UMA BRUXA. Evie sentiu uma pontada de ansiedade.

— Minha nossa...

Velma olhou para a frente.

— O que foi?

Depois de hesitar, Evie virou o telefone para Velma ver.

— Que título, não?

— É de Shakespeare — disse Velma. — *Muito barulho por nada*, acho. — Ela estreitou os olhos, analisando as palavras. — “Deixe cada olho negociar por si. E não confie em ninguém, porque a beleza é uma bruxa, contra cujos feitiços a fé se derrete no sangue.”

Evie sorriu.

— Impressionante.

Velma deu de ombros, lendo o site no telefone de Evie.

— Willow Alice Hendriksen. É a filha de Matteo Hendriksen, não é?

Evie assentiu.

— Ela é uma... amiga. — A exposição de Willow deixou um gosto amargo em sua boca. — Preciso fazer um telefonema.

Na varanda, Evie abraçou o próprio corpo ao encontrar o número. O vento estava frio naquela noite. Abaixo dela, as luzes da cidade brilhavam.

Sua cidade.

Sua Nova York.

— Alô! — respondeu uma voz masculina, com surpresa.

— Mark, oi, aqui é a Evie.

Fez-se uma pausa.

— Sim, tenho seu número no telefone.

— Como você está?

A resposta dele foi tensa, o que não era comum.

— Bem.

— Tem falado com Willow ultimamente? Estou dormindo na casa da minha... — Evie quase disse “namorada”, mas controlou-se a tempo. — ... Amiga... Então, não sei se ela tem ido ao apartamento.

Mais uma pausa comprida. Então, com a voz séria, Mark disse:

— Willow e eu terminamos.

Evie quase derrubou o telefone.

— O quê?

— Terminamos.

*Willow e Mark terminaram? Willow e Mark?*

— Ah, droga... Mas... Por quê? O que aconteceu?

— É coisa minha, Evie.

Evie passou a mão no rosto, abalada.

— Mark, estou preocupada com ela. Os tempos andam bem complicados para todas nós.

— Como assim?

Evie olhou para o reflexo nas portas de vidro da varanda. Ela estava usando o roupão de Velma, a roupa íntima de Evie e a pele de Chloe.

— Os vinte e poucos anos são difíceis, acho — respondeu ela. — São uma viagem meio maluca.

Ouviram-se um som abafado do outro lado da linha, como se Mark estivesse cobrindo o bocal. Em seguida, a voz dele reapareceu, firme e eficiente.

— Preciso ir.

— Espera! Mark... O que está acontecendo? Você não parece muito... Você mesmo.

Mark controlou um suspiro, irritado.

— Eu ainda sou eu. A Willow ainda é a Willow. Só não deu certo.

— Mas... — Evie não tinha certeza, mas acreditou ter ouvido uma voz de mulher.

— Preciso ir — repetiu ele. — Estou com uma pessoa.

Evie ficou boquiaberta.

— Outra garota?

— Tchau, Evie. — E a linha ficou muda.

Evie ficou olhando para o telefone como se ele tivesse ganhado vida. O que estava acontecendo? Mark não era um idiota. Mark ia para as ruas protestar a favor das minorias e ouvia de verdade os seus discursos feministas. Se Mark e Willow não davam certo, quem daria?

Quando Evie voltou para dentro, Velma disse que ela parecia preocupada. Evie olhou para a escritora, enrolada no sofá como um felino, cabelos loiros despenteados e dourados.

— Eu estou preocupada — disse Evie, com a voz baixa.

Os lábios de Velma esboçaram um sorriso preguiçoso. A visão diminuiu a ansiedade na garganta de Evie.

— Linda... — disse Velma. — Vem aqui.

Evie se aconchegou nos braços abertos de Velma, pressionando a testa na da namorada. O rosto de Velma era um caleidoscópio de três ou quatro versões diferentes dela mesma, recusando-se a adotar uma única imagem.



Ser o suposto, mas não confirmado, passatempo de Tristan McKell tinha seus altos e baixos.

Os baixos eram os *paparazzi*.

*Paparazzi* de verdade.

Krista estava saindo do prédio onde morava em South Williamsburg antes do amanhecer, antes do café, quando um monte deles apareceu à sua frente, com *flashes* pipocando sem fim. Ela deu um passo para trás, assustada e confusa, afastando-os como quem afasta moscas até Eduardo levá-la para o carro. Só quando ele disse a palavra, com seu leve sotaque mexicano, ela entendeu o que tinha acontecido.

A princípio, ficou animada. *Paparazzi!* Como nos filmes, como nas revistas.

Então, a matéria saiu.

De modo muito bizarro, não era algo sobre o que Lana, Greg ou mesmo Cameron a tivessem alertado. Ela simplesmente pegou uma daquelas revistas de fofoca no trailer do cabeleireiro e ali estava. Na droga da capa.

Rosto inchado, olhos semiabertos, sob uma manchete de letras vermelhas que gritava com toda a sutileza de um trem de carga desgovernado: “Estrelas sem maquiagem!”

Quando Ora perguntou o que tinha acontecido, ela nem sequer respondeu. Só mostrou.

A maquiadora riu, solidária.

— Isso não é muito bacana, não é?

— Nem um pouco. — Krista olhou para a foto com tristeza. — Eram cinco da madrugada! Cinco da madrugada, porra, e eu estava vindo para cá! Para fazer cabelo e maquiagem!

Ora deu um tapinha no ombro de Krista.

— É assim que dá para saber que você chegou ao sucesso, querida. Quando os ratos de revistas atacam.

Krista jogou a revista no lixo, sentindo-se péssima. Parecia um preço alto demais para pagar. Além disso, parecia uma maldade.

O lado bom era que ela estava recebendo muito sexo oral.

Muito.

Quando ela e Tristan não estavam filmando, o nariz dele estava entre suas pernas na cama no trailer de Tristan. No começo, isso era mais do que suficiente. Correndo para transar nos intervalos, relaxando como se fosse uma manhã de domingo quando, na realidade, era a tarde de um dia normal de trabalho: tudo muito satisfatório. Além disso, Evie estava certa com relação a Tristan. O cara realmente era o rei do sexo oral.

Parecia que ele conseguia travar a mandíbula como uma serpente. E a língua era de veludo. E o vigor era sobre-humano. Mas, depois de uma semana de sexo oral e nada além de sexo oral, estava ficando frustrante.

Queria tudo com Tristan. Mas sempre que seus dedos começavam a descer, ele os afastava ou os empurrava para longe. Tristan não queria fazer sexo com ela. Sexo ao melhor estilo “aquilo na coisa e a coisa naquilo”. Em um dado momento, ela precisou perguntar.

— Tris?

Tristan levantou a cabeça, passando a mão na boca.

— Sim, linda.

— Você é virgem?

Ela estava esperando uma risada surpresa ou uma negação veemente. Mas Tristan olhou para a porta trancada do trailer.

— Acho que a gente precisa ir para o set...

— Temos uma hora.

Ele lançou a ele um olhar como se dissesse: “Você não vai escapar dessa.”

Tristan respirou fundo. Inconscientemente, Krista fez a mesma coisa. Em um tom baixo, como numa confissão, Tristan disse:

— Não sou virgem, Lenka. Mas... tem uma coisa.

Uma inundação dos piores situações possíveis: tinha DST, era casado, só conseguia transar vestido como um bebê.

— O que é?

Tristan correu as duas mãos pelos cabelos. A cor havia desaparecido de seu rosto.

— Tudo bem. Estou pronto. — Ele olhou para ela. — Gosto de você, Lenka. Acho que temos uma ligação. Uma ligação que vai além do físico. Não concorda?

Krista contraiu os lábios, sem saber onde a conversa daria.

— Aham...

— Não acredito que o amor só possa ser vivido por um homem e uma mulher. Pode ser entre dois homens, entre duas mulheres.

— Bem, sim. — Krista semicerrou os olhos para ele. — Você está dizendo que quer sexo a três? Porque eu já fiz, tipo, um milhão de vezes...

— Não, o que estou dizendo é que os casais não precisam necessariamente de um... — Ele fez uma pausa, franzindo a testa.

— Um o quê?

Ele inclinou a cabeça para ela.

— Você sabia que os cegos têm um ótimo olfato?

— Tristan! — Krista exclamou. — Diga logo o que você está tentando me dizer!

— Tudo bem! — Ele pegou as mãos de Krista e as apertou. — Lenka... Tenho... um micropênis.

Krista hesitou.

— Legal — disse ela. — O que é isso?

Tristan pareceu realmente surpreso.

— Um micropênis. Nunca ouviu falar de um micropênis?

Krista balançou a cabeça.

— Não.

O alívio tomava suas veias. Ele não era casado, não tinha DST, não queria usar fralda nem tomar

mamadeira. Tudo isso era bom.

— Um micropênis.

— Tá.

— Sabe o que quero dizer?

— Não.

— Micro — disse ele. — Pênis. Micropênis. Quase um milhão de caras nos Estados Unidos têm.

— Ah! — O termo desconhecido enfim fez algum sentido. — Você está dizendo, tipo... Você tem um pinto pequeno?

Tristan assentiu.

— Não só pequeno. Muito pequeno.

Ele olhou para Krista com ansiedade.

— Tudo bem — disse Krista. — Eu gosto de pinto grande como qualquer mulher, mas certa vez trepei com um jogador de basquete coreano que não tinha muita coisa. Sabe, era grosso, mas não comprido. Não tinha nem dez centímetros, e ainda assim foi muito bom.

— Não é exatamente... não sou exatamente como esse cara.

— Eu sei — disse Krista. — Você não é coreano.

— Não é o que eu...

— Tris! — interrompeu-o Krista. — Cara, estou meio cansada de falar.

Ela se inclinou em direção a ele e beijou seus lábios.

— Às vezes, conversar corta o barato. — Ela o beijou de novo, prolongando o toque. — O que deveríamos estar fazendo é conversar sem roupa. Sabe o que quero dizer?

Tristan assentiu quando Krista o beijou de novo.

— Então, talvez, nós dois devêssemos ficar nus e ver o que acontece — sussurrou ela.

— Está bem — disse Tristan, com incerteza.

Krista apagou a luz, deixando o quarto pequeno quase todo na penumbra.

— Melhor?

— Sim.

Então, o cara não era dono de uma anaconda. Então, os dois não conseguiriam usar o pênis dele para pular corda. Poderia ser pior. Em segundos, ela tirou a camisa de Tristan. Passou os dedos pela barriga dele, e respirou fundo. Seu abdome era perfeito. Perfeito como o dia de Natal.

Krista tirou a blusa e colocou as mãos dele em seu peito. Ao sentir os seios dela, enormes em um sutiã do tipo *push-up* escolhido a dedo para aquela ocasião, Tristan gemeu.

Com vida própria, as mãos de Krista começaram a abrir o cinto dele. Dessa vez, ele deixou que acontecesse. Em pouco tempo, só a cueca samba-canção estava entre ele e sua nudez.

Uma nudez gloriosa e incrível. Ela passou os dedos pelo elástico da cueca.

— Espera — pediu Tristan. — Tem certeza de que está pronta?

— Cara, eu nasci pronta — disse ela.

Em dois segundos, a cueca dele foi parar nos tornozelos.

E foi isso. Os dedos dela passaram por cima dos pelos claros de sua coxa, nos pelos pubianos densos ao redor do pênis... E foram além, até a parte de cima da outra coxa. Ela voltou a enfiar a mão nos pelos pubianos, mas não encontrou nada além de um pequeno volume. Tristan gemeu.

— É... — disse ele, ofegante. — É isso.

Krista se afastou e acendeu a luz um pouco incomodada.

O corpo nu de Tristan ficou iluminado. O abdome tanquinho. As coxas musculosas. E... a total falta de pênis. Nada além do pequeno volume em que ela havia tocado. Krista ficou boquiaberta diante da verdade que caiu como uma granada. Era só aquilo. Aquilo era o pênis dele. O micropênis. Era do tamanho de um cogumelozinho.

— Linda? Você está bem? — perguntou ele.

Uma voz dentro de Krista pedia para que ela se acalmasse, para não magoar Tristan, mas a voz estava sendo abafada por um redemoinho violento, um golpe horroroso. O pânico cresceu dentro dela, quente e insistente.

— Hum... Não pensei que fosse tão pequeno.

— Perto de alguns, acaba sendo considerado o do tipo maior.

— Perto de quais? — A voz de Krista estava esganiçada. — De filhotes de rato?

— Lenka... — Tristan se sentou. Krista se afastou, mas ele segurou suas mãos, a voz firme. — Ouça. Todos nós temos coisas que não são perfeitos, mas é assim que um relacionamento é. É mostrar um ao outro as coisas que nos tornam imperfeitos.

Krista estava tentando olhá-lo, mas seus olhos não paravam de se voltar para a ausência entre as pernas dele.

— Ainda assim posso fazer você gozar — disse ele. — Com as mãos. Com a língua. Com um vibrador. Então, será que podemos pelo menos tentar? — Ele olhou para ela com intensidade. — Por favor.

Krista engoliu em seco.

— Claro. — Ela assentiu, sem saber ao certo a quem estava tentando convencer naquela sala.

— Ótimo.

Tristan levou a mão à nuca de Krista e aproximou sua cabeça da dele. Beijou-a com delicadeza, muitas vezes, até os ombros dela relaxarem. Levou as mãos aos seios dela, e, em resposta, Krista pressionou o peito contra ele automaticamente, o corpo se movendo com a memória muscular, com desejo.

Mais uma vez, ela baixou as mãos.

Tocou o pequeno volume.

Tristan gemeu.

— Ai, Lenka...

Cogumelozinho.

— Lenka.

Filhote de rato.

— Lenka...

— Não dá! — Krista se afastou. — É que eu... Tris... não consigo.

Tristan se deitou de costas e soltou um gemido frustrado. Todo o tesão, toda a excitação que tinham se formado dentro dela diminuíram, deixando um vazio doloroso. A ilusão, a magia haviam desaparecido, como luzes sendo acesas no fim de um baile do ensino médio, revelando que o espaço não passava de um pátio de colégio.

Krista encolheu os joelhos junto ao peito.

— Você deve achar que sou muito superficial.

Tristan demorou um pouco a responder.

— Você tem expectativas. Todas as mulheres bonitas têm.

Krista balançou a cabeça.

— Mas eu não estou nem...

Ela estava sendo hipócrita. Krista Kumar não era perfeita. E ali estava ela, rejeitando Tristan McKell, lindo, sensível, por causa de uma coisinha.

Uma coisinha muito séria.

— Vou embora. — Ela pegou as roupas e começou a vesti-las de novo.

— Lenka, espera.

— Você merece alguém muito melhor do que eu. — Ela calçou os sapatos. — Desculpa, Tristan.

— Lenka! — Tristan apoiou os pés no chão. — Espera. Vamos conversar...

— Desculpe!

Krista abriu a porta do trailer, tropeçando nos cadarços soltos. Ela voou diretamente para um mar de corpos, tropeçando em alguém, caindo de quatro.

— Lenka!

Ao redor, o susto de todos. Um movimento repentinamente congelado.

Damian liderava um grupo de cerca de trinta figurantes na frente do trailer de Tristan. Crianças, ela se lembrou, para uma cena de plateia que seria filmada aquela tarde.

Krista havia caído entre elas, derrubando um garoto.

Mas não era por isso que todos estavam olhando.

Tristan estava na porta aberta do trailer. Paralisado. Nu. Com a falta de pênis à mostra.

Krista viu a garota que se mexeu primeiro. A figurante não podia ter mais de dez anos, com os cabelos presos em duas marias-chiquinhas. Estava boquiaberta, mas sua mão se mexeu como um raio. Krista nem sequer teve tempo de virar a cabeça quando ouviu o clique solitário de uma câmera de iPhone.

Para a maioria dos leitores da *Salty*, a ideia de andar no tapete vermelho era um sonho muito brilhante. A atenção, a glória, o vestido que custava o PIB de um país pequeno. Evie Shelby não compartilhava desse sonho. Sua experiência com a moda do tapete vermelho se limitava ao que ela havia revisado: “Ops! Dez erros no tapete vermelho que as celebridades ainda cometem” (horrível) ou “Dica: como posar para os paparazzi” (ridícula). E era por isso que, ao sair do carro que a levava, com Rich, Marcello e o cinegrafista, Adrian, o cara que estava fazendo a transmissão do Arzners, seu primeiro instinto foi dizer ao motorista para fazer o retorno e levá-los de volta ao Brooklyn. A cena diante deles era caótica, tomada pela energia nervosa, fresca. Festa de faculdade com esteroides. Dezenas de pessoas estavam andando de um lado a outro, algumas falando com fones presos à cabeça, algumas rosnando ordens no celular.

Os colegas repórteres de Evie eram reconhecidos como os únicos com roupas de marca. O efeito era vagamente inquietante. Fazia Evie se lembrar da vez que chegou a uma festa chique vestida de camarão e descobriu que a única pessoa de fantasia era um cara bêbado vestido com um vidro do tamanho de um barril de maionese. Ele a havia seguido a noite toda, de olhos vidrados e hálito de cerveja, repetindo: “Coquetel de camarão? Hein? Coquetel de camarão?”

Evie levou as pessoas a uma área tomada por banners que anunciavam o “Check-in da Imprensa”, visualizando os cordões de segurança que o bendito Tristan Mckell os havia ajudado a achar. A mulher que riscava os nomes deles entregou a Evie um papel com a logo da Revlon e disse que encontrariam o local da *Extra Salt* na seção de Imprensa, Rádio e On-line, além dos fotógrafos e das câmeras de TV. Evie estava tão nervosa que teve de ouvir a informação diversas vezes. A mulher abriu um sorriso incentivador para ela.

— Você vai se sair bem. Está linda — disse ela, como se isso por si só fosse sucesso suficiente.

Gemma e Rose tinham separado para Chloe um vestido de seda cor de creme e longo, que tinham garantido que era discreto, mas elegante, com o toque de apelo na medida certa. Evie tinha a sensação de estar vestindo uma camisola. Mas, no fim das contas, não importava. Ela só precisava que o vestido passasse como uma roupa normal pelo tapete vermelho.

*Velma vai me ver nesse vestido*, pensou ela, até perceber que era a primeira vez que se lembrava de Velma naquela tarde. Estava tão ocupada que separar-se de Velma tinha sido suportável, mas por pouco tempo.

Eles passaram o cartão de identificação em vários postos de segurança. Então, chegaram.

O caminho dos privilegiados.

O caminho mais auspicioso de todos.

O tapete.

Evie se sentiu tomada de emoção e, ao mesmo tempo, sem emoção. Afinal, era só uma estrutura temporária; não mais do que trezentos metros de tapete vermelho que levavam em direção a um auditório onde a cerimônia ocorreria. Não era a Torre Eiffel nem o Taj Mahal. Mas, ao mesmo tempo, o coração de Evie pulava no peito como uma bola. Ela estava ali mesmo. Aquilo estava acontecendo, de fato.

Eles encontraram seus lugares demarcados com um papel com o nome impresso. Atrás, fileiras de fãs esticavam o pescoço para ver as celebridades. Organizadores andavam por ali, parecendo indiferentes à multidão que só aumentava. Enquanto Rich ajudava Adrian a conseguir os melhores ângulos, Marcello secava a testa molhada de Evie.

— Está pronta? — perguntou.

Ela assentiu, tentando parecer confiante.

— Pegue isto. — Ela entregou os cartões de anotações para ele. — Não posso posar com eles na frente das câmeras.

Também não queria que Rich os visse.

Marcello os enfiou no bolso do blazer azul-brilhante. Naquela noite, o Fedora combinava com as correntes que ele usava no pescoço: douradas.

— Você está gata... — murmurou ele. — Ninguém suspeita de nada. Relaxe e faça o que planejamos.

— Tudo bem. — Evie molhou os lábios secos. — O que planejamos.

Marcello deu uma piscadela e partiu.

— Kelly quer que você use isto. — Rich entregou a ela um pequeno ponto prateado para colocar no ouvido.

Ela ouviu a voz fina de Kelly.

— Olá, amor. Está me ouvindo bem?

— Muito bem.

— Ótimo. Só queria que você se lembrasse do Trio do Triunfo.

— Do quê?

— Roupas, amor, trabalho — disse Kelly. — Roupas: o que estão vestindo, quem fez a roupa. Amor: como está a vida amorosa, como estão seus filhos ou quando engravidarão. E trabalho: qual será o próximo filme. Coisas curtas e certas.

Por dentro, Evie revirou os olhos. Por fora, assentiu, de modo eficiente.

— Entendi.

— Vou dizer a você com quem falar, o que dizer...

— Já formulei minhas perguntas.

— Amiga, é sua primeira vez na transmissão ao vivo. Estou aqui para ajudar.

— Mas...

— Chloe, sou o produtor. Você ouve e repete.

Evie mordeu o lábio para se controlar.

— Claro, Kelly. Sem problema.

— Tudo bem. Volto quando começar.

Minutos se passaram, a tensão aumentava a cada segundo. Rich fez Evie praticar maneiras de começar usando um microfone grande e sem fio com um grampo cor-de-rosa com um papel no qual estava escrito *Extra Salt* nos quatro lados, e ofereceu sugestões para tópicos de entrevista com os quais Evie foi concordando,

mas ignorou. Eram só coisas a mais. Não havia como negar qual era o evento principal. Exatamente às quatro horas, uma multidão já considerável fez um barulho mais alto. Evie se virou. Aparecendo pelo canto, cercada por muitos colaboradores com roupas comuns, estava a atriz Olivia Wilde.

— Hora do show. — Kelly estava de volta a seu ouvido.

Adrian preparou a câmera.

— Pronto? — perguntou Rich.

Evie levou o microfone aos lábios. Ela se lembrou de quando encontrou Velma Wolff pela primeira vez, no elevador no prédio da Heimert Schwartz. De como sentiu muito medo naquele momento; de como estava insegura. Ao ver Olivia, com um vestido brilhante que faria a Via Láctea se sentir malvestida, a onda de nervosismo familiar ameaçou se soltar.

Mas ela não deixou a onda atingi-la.

— Pronto — respondeu. A luz da câmera ficou vermelha. Gravando.

Evie respirou fundo e abriu um sorriso confiante para as lentes.

— Oi, sou Chloe Fontaine, ao vivo do tapete vermelho no Arzners, na cerimônia de premiação anual que celebra as mulheres do cinema e da televisão.

Ela deu alguns passos em direção à corda vermelha que separava os jornalistas do tapete. Pelo canto do olho, viu Rich lançar um sorriso incentivador.

— Apesar de haver muito a comemorar, ainda temos um longo caminho pela frente. Então, hoje à noite, a *Extra Salt* se aproxima de suas celebridades preferidas para perguntar: como podemos mudar Hollywood para torná-lo melhor, menos sexista?

O sorriso de Rich diminuiu. Sua expressão passou a parecer confusa.

— Chloe? — Ela ouviu Kelly falar. — Que porra foi essa?

Os assessores de Olivia a conduziam pela fila de repórteres. Evie se posicionou, tentando virar o corpo em direção à câmera, manter o sorriso firme e se lembrar das perguntas que faria à atriz. A câmera de Adrian a seguiu em obediência. Depois de alguns segundos de silêncio, Olivia estava bem à frente dela.

— O-Oi — disse Evie, erguendo a voz para ser ouvida apesar dos gritos. — Boa tarde.

Olivia ergueu uma das sobrancelhas. Evie sentiu uma pontada de vergonha.

— Boa tarde para você.

— Olha, ela tem um filho — disse Kelly. — Pergunte a ela sobre o equilíbrio entre trabalho e sua vida pessoal.

As palavras de Evie saíram de modo apressado e atrapalhado.

— Chloe da *Extra Salt* estamos em um ótimo evento celebrando as mulheres do cinema e da televisão mas ainda não temos papéis bons o suficiente para as mulheres como acha que podemos mudar isso?

— Mas o que... Não! — Kelly gritou em seu ouvido. — Meu Deus, Chloe, eu falei sobre o equilíbrio entre vida pessoal e trabalho...

Em um movimento rápido, Evie tirou o ponto do ouvido.

Olivia hesitou, assustada.

— Desculpa... Será que pode repetir?

Evie repetiu a pergunta, tentando não parecer uma louca apressada.

— Gostaria de saber como você acha que podemos mudar a desigualdade de gênero em Hollywood.

Olivia conteve um sorriso.

*Ai, Deus, fiz alguma coisa errada*, pensou Evie.

— Uau, nunca ninguém me perguntou sobre a igualdade de gênero no tapete vermelho! — Olivia olhou



nos olhos de Evie. — Olha, é uma ótima pergunta. É muito difícil conseguir histórias que sejam sobre mulheres fortes, histórias que não sejam só a respeito de mulheres obcecadas por homens ou em ajudar homens. Temos asco desses filmes, sério.

— Como podemos mudar isso? — perguntou Evie.

— É muito importante que as mulheres escrevam, dirijam e produzam mais filmes — respondeu Olivia.

— Os homens precisam agir e apoiar as mulheres atrás das câmeras. Precisamos pensar sobre ação afirmativa. Precisamos pensar em programas de mentoria.

— Entendi — disse Evie, pensando alto. — E se cada diretor hoje pudesse ser mentor de uma diretora?

— Acho que o mundo seria um lugar melhor — declarou Olivia. — Olha, todos nos beneficiamos de uma sociedade que busca a igualdade. Isso faz o mundo se tornar mais rico culturalmente. — Uma mulher com um fone de ouvido tocou o braço da atriz, indicando que estava na hora de seguir.

— Muito obrigada, tenha uma ótima noite — disse Evie.

Olivia sorriu para Evie e segurou seu braço com mais firmeza.

— Obrigada.

Quando saiu da frente da câmera, olhou para Evie e fez um sinal de positivo com o polegar.

Evie ficou surpresa demais para reagir. Estava ofegante, toda ansiosa, o coração aos pulos. Só então percebeu que tinha dado certo. Olivia Wilde havia respondido às suas questões: não perguntas idiotas a respeito de vestidos de marca, mas perguntas interessantes sobre coisas que importavam.

Alguém a chamou. Era Adrian. Ela ainda estava sendo filmada. Voltou a prestar atenção.

— Olivia Wilde dando conselhos sábios ao Clube do Bolinha na Terra dos Sonhos. Vamos lá, pessoal, vamos exigir mais histórias sobre mulheres.

Atrás de Adrian, viu Rich. Ele balançava a cabeça, negando, estupefato. Enquanto Evie observava, notou que ele atendeu ao celular.

Kelly, com certeza.

Gritos chamaram sua atenção de volta ao tapete. Evie viu uma loira pequena cheia de diamantes subindo pela fila de repórteres. Era Juici, uma estrela popular plastificada que havia participado de um programa bobo.

Evie tentou avançar sutilmente com gestos, mas Juici foi levada até ela.

— Oi — disse Juici, acenando para os fãs histéricos. Tudo nela era falso: os peitos, os dentes, o bronzado.

— Você está bem brilhosa — disse Evie, olhando acima do ombro de Juici.

— Obrigada. — Juici mandou um beijo para a câmera. — Os diamantes são os melhores amigos de uma mulher.

— Não se forem diamantes de sangue — comentou Evie. — Nesse caso, eles são o pior inimigo dos oprimidos.

Atrás da câmera, Rich fez um movimento de corte na garganta, com o fone grudado à orelha. Jan teria que intervir para interromper a transmissão, mas ela estava gravando. Pelo canto do olho, Evie viu Juici ser levada, parecendo confusa.

Evie olhou para a atriz seguinte. Não precisou fingir entusiasmo — nem nervosismo — ao falar com a câmera.

— Ela é uma das maiores jovens estrelas em cena, mas sua atitude foi sempre muito realista. Jennifer Lawrence, qual é sua opinião sobre os padrões de beleza de Hollywood?

— São uma merda — respondeu Jennifer, e riu. — Ah, quer saber por que os homens não ficam bem de maquiagem? Alguém acabou de me contar.

— Por quê?

— Porque ninguém nunca falou que eles ficam feios sem maquiagem — respondeu Jennifer, sorrindo.

— Aaah, gostei! — disse Evie. — Muito boa, mas estou vendo que você está de maquiagem.

A atriz fez uma careta.

— Sim, estou. Eles me seguraram.

— Você se sentiu impotente?

— Sim, eles me forçaram. — Ela riu.

— Bem, eu acho que colocam muita ênfase na aparência das mulheres em Hollywood — declarou Evie,

olhando para Jennifer e para a câmera. — Acho que padrões de beleza irreais, perpetuados pelo Photoshop e pela maquiagem obrigatória, precisam parar.

— É isso aí, gata! — A estrela cumprimentou Evie.

— Então, eu desafio você, Jennifer Lawrence, a seguir meu exemplo e ir sem maquiagem ao prêmio.

Jennifer olhou ao redor.

— Sério?

— Totalmente. Meu maquiador, Marcello, está aqui. — Marcello apareceu ao lado de Evie com lenços removedores de maquiagem e cotonetes.

— Eu topo, se você topa.

Uma pequena multidão se reuniu ao redor das duas. Marcello segurou a caixa de lenços como um mágico.

— Claro, vamos lá — disse Jennifer. — Vamos fazer isso!

— Foda-se a maquiagem!

— Não precisamos dela!

Agindo depressa, Marcello começou a retirar todos os vestígios de rímel, de blush e batom do rosto das duas mulheres. A multidão ao redor só aumentava. Os fãs apontavam animados, embasbacados com o espetáculo.

Enquanto Evie esperava Marcello terminar de limpar o rosto de Jennifer, ela viu Rich. Ele estava ao telefone, assentindo com seriedade. Estava pálido. Quando Marcello tirou o restinho de maquiagem de Jennifer, e a multidão começou a aplaudir, a luz vermelha da câmera se apagou.

A *Extra Salt* saiu do ar.

O rosto de Kelly estava vermelho como tomate.

— Que porra foi aquela? Que porra foi aquela? Que porra... foi aquela?

— Você também poderia perguntar “Que... porra foi aquela?” — respondeu Evie. — Se estiver em busca de todas as ênfases possíveis.

— Não banque a engraçadinha comigo, não, Chloe! — retrucou Kelly. — Não agora. Estou bem cansado de você bancando a engraçadinha comigo!

Os dois estavam no escritório de Jan. A chefe não estava. Evie não notou os prêmios, a vista, nem as fotografias autografadas nas paredes. Estava tomada de emoção, extasiada com o sucesso. A estratégia no tapete vermelho havia funcionado.

Kelly andou pelo piso de madeira, bem menos satisfeito.

— Roupa, amor, trabalho! — gritou ele. — Roupa, amor, trabalho... Será que é tão difícil, porra...?

Seu acesso foi interrompido. Jan... Ela bateu a porta ao entrar.

A apreensão percorreu o corpo de Evie.

— Sentem-se — ordenou ela aos dois.

Eles se sentaram.

Jan virou a tela do computador para os dois. Era o vídeo do Arzners no YouTube. Jan indicou algo no fundo.

— Conseguem ler isto?

— Sim... — murmurou Evie.

— O que é isso? — perguntou ela, com frieza.

Evie se retraiu.

— É um logo da Revlon.

— Exatamente — sibilou Jan. — Porque a Revlon patrocina o Arzners. E o que é a Revlon?

— Você está perguntando... tipo, metaforicamente? — indagou Evie.

— É uma empresa de cosméticos — respondeu Kelly.

— E não apenas qualquer empresa de cosméticos — continuou Jan, com a voz quase feroz. — A maior empresa de cosméticos dos Estados Unidos. Eles não anunciam só na *Salty*, mas também em 25 de nossos títulos. Ou, melhor dizendo, anunciavam. — Sua voz estava tensa. — No passado. Ironicamente, a maior

empresa de cosméticos não aceitou muito bem a mensagem de “Não use maquiagem” porque, sabem como é... — Jan começou a gritar: — Eles são uma porra de empresa de cosméticos!

Kelly resmungou e escondeu o rosto com as mãos.

— Você não tem nada a dizer? — perguntou Jan a Evie.

Evie quase riu.

— Você espera que eu me desculpe? Porque não vou fazer isso. Não dou a mínima se seu império capitalista ruir ao redor de vocês porque eu fiz algo construtivo para as mulheres. — Evie ficou de pé. — Você sabe que o vídeo viralizou, não é? Deveria estar me agradecendo.

— Ai, minha nossa... — resmungou Kelly.

— Não me deixe falando sozinha, Chloe — disse Jan. — Não ouse fazer isso.

— Então fique olhando — retrucou Evie, com os olhos brilhando. Cada célula de seu corpo vibrava, forte como uma fênix, uma fonte de luz. Ela abriu a porta da sala de Jan, respirou fundo. — Eu. Me. Demito.

Ella-Mae, com os olhos arregalados, empurrou Evie, entrando com tudo no escritório de Jan. Com o braço estendido, ela segurava um iPhone. Sua voz estava esganiçada, um grito.

— Tristan McKell tem um micropênis!

O micropênis de Tristan zerou a internet.

A figurante que tirou a foto precisou de 3,5 segundos para postá-la no Twitter, uma decisão da qual ela, e seus pais, se arrependeram só porque o preço que poderiam ter pedido pela imagem era de sete dígitos. Foi o tuíte mais comentado no mundo todo. Em quatro minutos, passou a ser uma das fotos mais retuitadas da história, derrubando por um momento os servidores do site.

No fim do dia, a equipe de Tristan divulgou um comunicado confirmando que a imagem era real, uma atitude admirada e engraçada ao mesmo tempo. A produção do *Funderland* parou. Dessa vez, Krista não se deu ao trabalho de dar esse gostinho a Gillian. Pegou suas coisas e um táxi e voltou para casa.

Nos últimos dias, ela tinha se tornado prisioneira em seu próprio apartamento.

Os paparazzi se acumulavam na rua como baratas gigantes. Tinham até chegado à saída de incêndio. Seu telefone não parava de tocar — Cameron, Gillian, Lana Lockhart... Até Greg. A única pessoa com quem ela queria falar, Tristan, não estava respondendo às suas mensagens e aos seus telefonemas. A sensação que permanecia como uma névoa negra e persistente não era familiar e se recusava a se dissipar, por mais uísque que ela tomasse ou por mais maconha que fumasse.

Por fim, reconheceu. Arrependimento. E não só por ter sido demitida (de novo) do *Funderland*. Havia magoado Tristan de verdade. Não podia ficar com ele. Tudo porque ele tinha um pintinho e a maioria dos homens, não. Era quase impossível acreditar que Tristan McKell, lindo de morrer, sofria com o mesmo tipo de ideais, ou talvez padrões, que ela. E, apesar de tamanho de pinto e beleza não serem bem a mesma coisa — afinal, Tristan não tinha sofrido nenhum preconceito até aquele momento —, um relacionamento existia entre os dois. Não? Krista não tinha certeza, mas sabia de uma coisa: sentia-se muito mal com tudo aquilo.

Então, quando voltou a ser Normal, não achou que merecia tomar o Bonita de novo. Castigo. Além disso, precisava de um ou dois dias para poder sair do apartamento sem ser atacada por um milhão de flashes de câmeras. Krista Kumar, que absorvia atenção como uma esponja, estava oficialmente acabada. Será que alguém podia desligar a porra do refletor?

Ela tentou deixar a coisa toda passar e pensar em Tristan como qualquer um dos garotos do passado com quem se envolvera e rompera. Afinal, ele nem a reconheceria como Krista Kumar. Porém, ela não conseguia esquecer. Precisava se desculpar.

Pessoalmente. Por isso, ela se viu ansiosamente debruçada em uma das três mesinhas no Dr. Wei's Magic

Juice Bar em Connecticut, às seis da manhã. Tinha demorado três horas para chegar lá.

Às seis e quinze, a porta se abriu e Tristan entrou.

Krista se sentiu como um fio que tinha acabado de ser rompido. Cada parte dela — coração, estômago, vagina — respondeu ao vê-lo. Seu status confuso de ex-caso e atual celebridade causou uma sensação esquisita de saudade e animação de fã. Ele pediu um *smoothie* de couve e chá-verde.

— Só um? — perguntou o velho chinês atrás do balcão, que podia ou não ser o dr. Wei.

— Só um — repetiu Tristan.

Ele se sentou, olhando para Krista sem prestar atenção.

Ela se levantou.

— Ei...

Ele fez um leve meneio de cabeça para ela.

— Oi — disse o rapaz, pegando o celular.

Krista tamborilou os dedos no tampo de plástico.

— Soube que você está trabalhando em um filme novo. — A voz dela parecia um pouco urgente demais.

— *Funderland*.

Tristan lançou um olhar para ela.

— É.

Voltou a olhar para o telefone: uma recusa educada.

Krista disse:

— Isso deve ser... duro...

— *Smoothie* de couve e chá-verde? — gritou o cara ao balcão.

Tristan se levantou, entregou o dinheiro e disse ao cara para ficar com o troco. Krista também se levantou, com a mente à toda. *Diga alguma coisa! Converse com ele!*

Sem olhar para ela, Tristan seguiu em direção à porta.

— Conheço Lenka Penka!

Tristan parou. Ele se virou, franzindo a testa.

— O quê?

— Eu a conheço. — Krista deu um passo à frente, enfiando as mãos nos bolsos da jaqueta, nervosa. — Ela me disse que você estaria aqui.

Tristan olhou para ela com uma expressão que lembrava a primeira vez que conversaram no trailer dele: desconfiada, mas curiosa.

— Como você conhece a Lenka?

— Da faculdade. Fizemos parte da mesma equipe em uma competição de comida. — Krista era melhor em detectar mentiras do que em dizê-las. — Ela está muito arrependida, Tristan. Muito, muito arrependida.

Ela estava esperando que Tristan revirasse os olhos, dissesse para ela sumir, pedisse para ela dizer a Lenka Penka que ela havia acabado com a vida dele e que ele nunca mais queria saber dela. Porém, o ex-astro popular pareceu mais calmo.

— Está?

Krista assentiu.

— Sim.

O olhar dele ficou distante.

— Sinto saudade dela. Ela era divertida.

Krista olhou para ele com seriedade, dolorosamente ciente do abismo entre os dois. Ela queria dizer que se

arrependia por ter rejeitado Tristan por seu corpo e que se sentia muito brava por ter se sentido como se sentiu, que tinha sido muito frustrante não poder se desligar de suas expectativas. E tinha a sensação de que ele queria dizer que Lenka era mais do que só divertida, mas eles eram desconhecidos um para o outro: desconhecidos a quem a intimidade e a verdade não eram permitidas. Tristan hesitou, parecendo se orientar no aqui e agora. E disse:

— Preciso ir.

Krista o acompanhou até a saída. Um carro preto e impecável estava parado ao meio-fio, com a porta aberta de modo convidativo. Ela quase sentiu os bancos de couro liso como manteiga sob as coxas, ouviu o sistema de som claro como água, sentiu o gosto dos petiscos. Ela pegaria vários metrô para voltar ao Brooklyn. Na melhor das hipóteses, não seria amassada por um desconhecido.

Tristan parou perto da porta aberta. Por um segundo, achou que ele pediria para ela entrar.

— Não perguntei seu nome.

— Krista.

— Ah... — Ele sorriu. — Krista e Tristan. Nós dois deveríamos trabalhar em um programa para crianças. Ela suspirou, sonhadora.

— Ou nos apaixonarmos.

— O quê?

— Nada. — Krista balançou a cabeça, corando. Estava acabado. — Boa sorte no filme. Espero que a nova Garota dos Sonhos seja tão importante para você quanto Lenka foi.

Tristan sorriu. Um sorriso meigo, sereno e juvenil.

— Seria o máximo. Tchau, Krista.

O carro partiu em silêncio pela rua vazia. Krista só começou a caminhar quando ele desapareceu.

Enquanto Krista evitava a internet, Evie estava mergulhada nela. Partes de suas entrevistas no prêmio Arzners estavam sendo reproduzidas em sites de cultura pop e também feministas do mundo todo. Artigos foram escritos sobre as entrevistas no tapete vermelho. Debates acirrados surgiram a respeito da “maquiagem obrigatória”. A Revlon lançou três comunicados. Os *trolls* enlouqueceram. Chloe tinha tantos opositores quanto incentivadores, igualmente intensos, ainda que não igualmente articulados.

Foi como jogar um palito de fósforo em uma casa tomada por querosene e vê-la explodir. Ela ficou surpresa ao ver como gostava de polêmica.

A ideia de ser uma figura pública e sofrer o inevitável golpe sexista que qualquer mulher de opinião parecia enfrentar sempre a assustou. Era por isso que o *Coisa Chata* tinha de ser anônimo.

O rosto adorável de Chloe lhe possibilitava ser uma pessoa pública. Ainda assim, muitas pessoas a odiavam. Para alguns, ela era hipócrita; para outras, ela era uma heroína. Evie notou que não havia como agradar a todos. Afinal, nem todo mundo a agradava.

Evie temia a estreia de Willow com uma apreensão que costumava sentir quando tinha que socializar com colegas de trabalho. Ela precisava ir. Willow era sua família. Por isso, era compreensível que sentisse um monte de emoções ao mesmo tempo: amor, irritação e preocupação.

— Eu havia me esquecido de como ela pode simplesmente... desaparecer — disse Evie, enfiando a barra da blusa dourada dentro da calça preta justa. — Ela é como um caranguejo-ermitão em forma de gente.

— Podemos não falar sobre coisas que desaparecem? — Krista tragou um cigarro e soprou a fumaça para fora da janela. — Nem de nada minúsculo?

Evie ficou de costas para o espelho, sorrindo.

— Conta de novo como era.

— Não. — Krista jogou o cigarro fora. — Vamos logo.

Nuvens cinzas do tamanho de estádios se espalhavam pelo céu. O ar estava tomado pela umidade, causando uma camada leve de suor. Apesar de serem só sete da noite, já estava quase escuro.

Krista olhou para o céu, em dúvida.

— Acha que vai chover?

Evie riu e a puxou para mais perto.

— Vai cair uma tempestade.



Elas desceram a Wythe depressa em direção à galeria, esperando chegar antes do pé-d'água. Evie deixou que a história de Krista sobre a Queda do Micropênis fosse contada, mas não prestou muita atenção. Depois da estreia, passaria a noite na casa de Velma. A primeira tempestade de verão delas. Imaginou as duas deitadas na cama, ouvindo a chuva cair sobre a cidade coberta pela névoa.

Elas abririam uma boa garrafa de vinho, um dos franceses empoeirados que Velma mantinha no fundo da adega, e beberiam em taças enormes. Dariam risada, trocariam beijos e se entregariam mais àquele mergulho incrível, ao paraíso entorpecido.

Ela também estava ansiosa pelo elogio ao vivo de Velma a respeito do Arzners. Estava esperando uma mensagem de texto sobre o assunto. Não recebeu. Evie acreditava que alguém como Velma Wolff devia ser culta demais para ter visto aquilo. Então, ela enviou o link do YouTube. Horas mais tarde, Velma respondeu. Só três palavras. **Você é demais.**

Foi uma resposta elegante: discreta e casualmente galanteadora, mas Evie sentiu-se decepcionada. Talvez Velma fosse bacana demais a ponto de nunca se impressionar com ninguém. Ou talvez aquela fosse sua maneira de vibrar como louca. Evie não sabia quem tinha que mudar: ela ou Velma. Precisava ajustar suas expectativas ou só mostrá-las?

— Uau! — A voz de Krista a tirou de seus pensamentos. — Parece que está meio... cheio.

Na última estreia de Willow, um total de cinco pessoas havia aparecido. Naquele momento, havia, facilmente, cem pessoas na entrada. Se a arte fosse o esporte da pessoa pensante, aquela era noite de jogo importante.

— Alguém ficou bem popular. — Evie e Krista se entreolharam. — Minha nossa.

O interior da galeria estava igualmente lotado, e a umidade era pesada. Krista disse algo sobre pegar uma bebida e desapareceu. As pessoas estavam quase gritando, pegando copos de champanhe com unhas pretas, alaranjadas ou azuis. Evie passou por mulheres com cabelos curtos e homens com bigodes irônicos. Ela sentiu alguns olhares de reconhecimento, e alguém que ela não conhecia disse:

— Chloe, você é *mara*.

Porém, Evie não estava prestando atenção à plateia bem-vestida. Estava concentrada na arte.

Fotografias gigantescas de Caroline em diferentes estágios de desespero tomavam as paredes brancas da galeria. Seus olhos muito verdes estavam pretos, meio prateados nas fotos, vermelhos, marejados. Em algumas, ela escondia o rosto com as mãos. Em outras, a boca estava aberta em um grito silencioso.

Era um corredor de horrores. Um templo de tristeza. O sangue de Evie começou a gelar. Havia algo terrivelmente errado com Willow.

A multidão se dividiu por um instante, revelando uma fotografia na parede dos fundos. Aquela foto era a maior, com três metros de altura, um e meio de largura. Evie caminhou em direção a ela.

Nela, estava Willow, não Caroline. Estava nua, boiando na água, com os braços bem abertos, olhos abertos, mas não apareciam. Dezenas de mãos de pessoas que não apareciam a seguravam à superfície da água, dedos brancos, negros e marrons em sua pele pálida. Evie leu a legenda. *Renascimento*.

A mulher da foto parecia morta.

— Meu Deus... — murmurou Evie. — Estamos na redoma.

— Willow!

Era Meredith, fazendo um gesto em direção a uma loira lindíssima com um vestido longo e preto e saltos vermelhos como sangue. Evie demorou cinco segundos para reconhecer a amiga. Estava de braços dados com Meredith, posando com um sorriso de olhos vidrados para fotos que estavam sendo feitas por três pessoas diferentes. Seus lábios estavam pintados de vermelho-escarlate, os olhos contornados de preto.

Willow nunca usava maquiagem. O vestido longo e escuro marcava sua silhueta, acentuando sua magreza, que não parecia natural. Ela estava linda.

Da pior maneira possível.

Evie deu alguns passos hesitantes em direção a ela. Willow a olhou nos olhos. Sussurrou algo a Meredith e se aproximou. As duas mulheres ficaram frente a frente, caladas e inquietas. Alguém apertou o braço de Willow, dizendo:

— Parabéns. — Ela ignorou a pessoa.

Evie cruzou os braços.

— Pensei que você detestasse saltos. Dolorosos demais.

Willow olhou para os próprios sapatos, sem ânimo.

— Não estou sentindo meus pés no momento.

Ela esboçou um sorriso triste e discreto.

— Isso é piada? Porque não tem graça.

— Ah, Evie, pelo amor de Deus. Para com isso — disse Willow.

Evie olhou ao redor, procurando Velma, pensando que Willow não deveria ter usado seu nome verdadeiro. Ela se aproximou e falou mais baixo.

— Parar com o quê? De me preocupar?

— Exatamente — respondeu Willow, com amargura. — Por que começar agora?

— Como assim? — exclamou Evie, ao mesmo tempo em que Velma apareceu ao lado, beijando seu rosto e dizendo:

— Olá!

Velma olhou para Willow, sem perceber a tensão.

— Oi, sou a Velma. Willow, certo? — Ela estendeu a mão. Willow a apertou sem força, sem desviar o olhar dos olhos de Evie. — Parabéns — acrescentou Velma. — Seu trabalho é incrível.

— Incrivelmente perturbador... — murmurou Evie.

— Por que você tem tanta dificuldade em aceitar que eu seja uma boa artista? Que eu tenha voz, que tenha algo a dizer?

— O que você está dizendo, Will? Que é bacana ver mulheres sofrendo? Com dor? Espero que você tenha convidado Lars von Trier — disse ela. — Aqui é tão a cara dele que ele praticamente mora nesta rua.

— Ei, Chloe. — Velma desceu uma das mãos pelas costas de Evie. — Calma...

— É, *Chloe* — concordou Willow. — Calma.

Evie se eriçou. Ela duvidava que Willow revelasse a verdadeira identidade de Chloe, mas não colocaria a mão no fogo pela amiga naquele momento.

— Pode pegar uma bebida para mim? — pediu Evie a Velma.

Velma olhou para Willow, depois para Evie, hesitou e então assentiu, seguindo na direção do bar.

A multidão crescia, e a sensação que dava era de que as pessoas se aproximavam. Seria muito fácil gravar a conversa delas e transformá-la em uma isca: “Chloe Fontaine causa tumulto no evento de Willow Hendriksen!” Evie sibilou:

— Não sei o que é pior: o fato de você estar escondendo algo de mim ou seu amor recém-descoberto pelo sexismo hipster.

Willow olhou para Evie por bastante tempo, com os olhos frios.

— Não é sexismo hipster. É o que estou passando. Desculpa se não combina com sua visão de mundo.

— Pelo que está passando?

Willow bufou e olhou para o teto. Evie tentou falar com calma:

— Willow, conversa comigo, por favor. Sou sua amiga, eu me importo com você.

O sentimento pareceu trazê-la de volta à realidade. Willow deixou de olhar para os lados com raiva e pousou os olhos em Evie. Quando falou, pareceu menos acusatória, mais resignada.

— Só estou percebendo algumas coisas.

— Que coisas?

— Como o mundo funciona. Do que as pessoas são capazes. Do que eu sou capaz.

Evie soltou o ar, com a garganta apertada.

— Como assim?

Willow olhou para Evie como se a amiga fosse burra, ingênua ou talvez de maneira protetora, e foi nesse momento que Evie percebeu a presença de Mark, a poucos metros. Ele olhava para as paredes como se sentisse medo delas.

— Mark! — disse Evie. Talvez ele pudesse ajudar.

— Ai, meu Deus... — Willow pareceu assustada. — Como ele soube disso?

Evie olhou para a amiga.

— Eu o convidei. Ele me disse que vocês terminaram, mas... Não importa o que estiver acontecendo.

Vocês podem resolver, certo?

— Você o convidou? — Willow olhou para Evie, boquiaberta.

— Por que isso é tão maluco?

— Porque estou dormindo com o Mark.

Evie hesitou, sua confusão aumentando.

— Ótimo. Que bom que vocês...

— Não. — Os lábios de Willow estavam secos. — *Caroline* está dormindo com Mark.

Ele estava atrás das duas, assustado.

— Mark. — Evie segurou o braço dele. — Mark... Eu... Eu...

Ela não conseguiu formar uma frase. Sua mente estava a mil. Willow estava dormindo com... Mark.

Como Caroline.

Mark olhou para Evie, confuso.

— Desculpa, mas quem é você?

Ela era Chloe. Não Evie.

Willow estava paralisada, como se presa em um bloco de gelo.

— Não sei quem sou — disse Evie, com a voz rouca. — Não sei mais quem as pessoas são.

As nuvens se desfizeram em água e a chuva pesada levou todo mundo que estava do lado de fora a entrar correndo. A multidão na galeria aumentou até ficar quase impossível se mover. Ainda assim, o clima continuou eletrizante. Música pop tocava, o champanhe corria solto e o ar úmido tinha cheiro de maconha.

O desejo de Evie por Velma — por sua atenção, por sua distração, por seu conforto — passou de simples desejo para necessidade forte. Evie demorou dez minutos para encontrá-la amassada em um canto com alguém.

— Ei... — Evie tocou o ombro de Velma. — Achei você.

— Oi. — Velma sorriu para ela. — Chloe, esta é Annie.

Ela inclinou o gargalo de uma garrafa de cerveja a uma mulher que Evie supôs, no mesmo instante, ser modelo. Cabelos ruivos em um corte Joãozinho, olhos verdes enormes e um pouco de sardas sobre o minúsculo nariz. Mais próxima da idade de Velma do que da de Chloe. A mão de Velma estava pousada casualmente no braço de Annie. O ciúme tomou conta de Evie tão depressa e tão de repente que ela quase engasgou.

— Oi. — Evie teve que se forçar a dizer.

— Oi, Chloe. — A voz de Annie era um ronronado bonitinho. — É um prazer conhecer você.

Velma escorregou a mão do braço de Annie de modo bem lento, na opinião de Evie.

— Está tudo bem com a Willow? — perguntou Velma.

— Sim — mentiu Evie. — Tudo bem. Como vocês se conhecem?

As duas trocaram um olhar bem-humorado.

— Velma invadiu meu apartamento. — Annie riu.

— Não invadi! — disse Velma. — Tom quebrou a tranca. Se você se lembra, eu só...

— Pois é — disse Annie.

— Eu... invadi o apartamento dela — admitiu Velma. — Você precisava ter deixado a chave!

— Eu deixei. O Tom que perdeu! — exclamou Annie. — Você se lembra do que ele disse ao dono da casa? “Nunca perdi nada...”

— “... Só a virgindade!” — completou Velma, e as duas caíram na risada. Mais uma vez, a mão de Velma tocou o braço de Annie.

— Que... história hilária... — disse Evie, sem desviar o olhar dos dedos de Velma.

Annie puxou o ar.

— Você se lembra dele no karaokê?

Os olhos de Velma brilharam com a lembrança, e ela começou a cantar:

— *Hold me closer, Tony Danza...*

— Tom parece ser o tipo de cara de que gosto — comentou Evie, abordando Annie. — Ele é seu namorado ou...

As duas ficaram caladas.

— Na verdade, Chloe... — disse Velma. — O Tom faleceu no verão passado, em um acidente trágico em um jogo de polo.

— Ai, meu Deus... — falou Evie. — Desculpa, eu não fazia ideia...

As duas começaram a rir.

— Estou brincando! — retrucou Velma. — Estou brincando. Ele é casado. Mora em Phoenix.

— Ah, tá. — Evie estava puta da vida. — Que alívio, porra.

— Desculpa, querida. — Velma secou uma lágrima. — Não consegui me segurar.

— Acho que autocontrole é uma das qualidades mais importante do ser humano — disse Evie. — É o que impede que homens estuprem e matem, não é? Autocontrole.

A frase caiu no meio do trio como uma bigorna. Annie olhou para a garrafa de cerveja pela metade.

— Eu vou... ao banheiro.

Quando ela se afastou, Evie olhou para Velma com os olhos semicerrados.

— Por que não vamos embora daqui?

Velma olhou ao redor da galeria movimentada.

— Como assim? Agora?

Evie assentiu. Colocou as mãos no pescoço de Velma, puxando-a para perto.

— Só nós duas, ouvindo a tempestade... O que me diz?

Velma emitiu um som curto de prazer.

— Na verdade, Annie sugeriu irmos beber em um bar de *tapas* do outro lado da rua.

— É mesmo? Annie sugeriu isso?

O ciúme corria tão solto pelas veias de Evie que ela teve de reprimir o ímpeto de sibilar o nome da outra mulher. Ela aproximou os lábios do ouvido de Velma.

— Mas não é Annie quem está chupando sua boceta no momento, é?

Velma corou.

— Quero muito sair daqui... — sussurrou Evie. — Por favor.

Velma olhou nos olhos de Evie. Pela sua expressão, era possível ver sua excitação. Seus olhos estavam intensos, brilhantes.

Evie sabia que tinha vencido.

Enquanto Velma chamava um táxi, Evie encontrou Krista embaixo de um toldo da galeria, observando a chuva cair.

— Vou embora com Velma.

— Querendo transar, não é? — Krista passou as mãos nos braços para secar as gotas de chuva.

— Você falou com a Willow?

— Eu briguei com a Willow. Isso conta?

— Ah, você fez aquela coisa de ficar brava com a pessoa porque está preocupada com ela?

Evie fez uma careta, querendo negar, mas ao mesmo tempo sentindo que podia ser verdade. Ela olhou para a água que caía na Wythe Avenue, fazendo barulho como uma torcida lotando um estádio.

— Talvez — respondeu.

Krista se afastou das goteiras que começavam a cair do teto.

— Talvez eu seja mais esperta do que você acha.

Evie olhou para Krista, surpresa.

— Eu não... Eu acho que você é esperta.

— Acha?

— Sim! Você entrou no curso de direito, pelo amor de Deus!

Krista enrugou o nariz.

— Mas você acha que sou complicada. Não acha?

Evie olhou para ela, meio sorrindo, inquieta. Tocou o ombro de Krista.

— Pensei que você gostasse de ser complicada.

Krista olhou para a chuva, em silêncio, e Evie teve a estranha sensação de se perguntar o que Krista — aquela que deixava tudo às claras, aquela que não tinha filtro — estava pensando. Depois de um longo momento, Krista disse:

— Você já voltou ao normal esta semana?

— Não, ainda não.

Depois de hesitar um pouco, Evie enfiou a mão na bolsa e discretamente pegou o pequeno frasco roxo com as letras pretas borradas.

— Peguei isto emprestado. E eu sei que dei chilique quando você tomou, mas...

— Cara, tudo bem — disse Krista. — Não quero agora. Qual é seu plano?

— Vou colocar um alarme. Velma sempre continua dormindo quando o alarme toca. E vou tomar no banheiro social.

Se tudo ocorresse conforme o planejado, Velma nem sequer saberia que ela tinha acordado. Se percebesse, poderia dar a desculpa da intoxicação alimentar.

— Bem arriscado — disse Krista.

Evie não sabia se ela estava impressionada ou preocupada.

— Tenho tudo sob controle.

— Não sei, não, Evie.

Evie sentiu uma leve pontada de irritação, mas, como Krista parecia preocupada, não mandona, a única reação que ela teve foi dar de ombros.

Krista olhou para a chuva e suspirou.

— Acho que vou indo.

— Para onde?

— Para casa. Preciso de um tempo sozinha.

Evie tentou esconder a surpresa. Krista nunca tinha decidido ficar sozinha antes. Evie pegou o guarda-chuva da bolsa.

— Use isto. Vamos de táxi.

— Valeu, cara. — Ela envolveu o pescoço fino de Chloe. — Divirta-se — disse ela. — E cuide-se.

Evie retribuiu o abraço.

— Não acredito que você está dizendo isso para mim.

Krista abriu o guarda-chuva.

— Bem, você está quebrando todas as suas regras por ela, mas deve ter consciência disso.

Então, ela se afastou, subindo a Wythe Avenue, e desapareceu quase no mesmo instante, em meio à tempestade.

Evie olhou para o líquido roxo no pequeno frasco de vidro. Krista tinha razão: ela estava quebrando as próprias regras. Ficar na casa de Velma era extremamente arriscado. Mas pensar em não passar a noite nos braços dela era mais do que desagradável. Era impossível.

As portas da galeria se abriram, deixando que a música, as risadas e a conversa em volume alto fossem ouvidas do lado de fora.

Dois rapazes saíram e gritaram:

— Caralho, está caindo um dilúvio!

Um deles empurrou o outro na chuva, mas escorregou no concreto molhado e tropeçou, chocando-se com Evie.

Aconteceu bem rápido.

Em um minuto, ela estava segurando o Bonita.

No seguinte, não estava mais.

O frasquinho roxo voou de seus dedos, pulando em direção à rua. Caiu no meio-fio encharcado, sem fazer barulho.

— Desculpa! — O rapaz riu e saiu correndo com o amigo.

Evie lançou-se para a frente, na tempestade, correndo atrás do Bonita enquanto o frasco era arrastado pela água escura. Deu dois passos, e ele desapareceu por uma grade do bueiro na rua.

— Não! — disse ela. — Não, não, não...

Caiu de joelhos na frente da grade, já cheia de água, esperando desesperadamente ver o frasco preso, ainda ao alcance da mão. Nada. Só água, água que não acabava mais, escorrendo para dentro da cidade.

Ela estava entorpecida quando voltou para debaixo do toldo, com os cabelos grudados na cabeça, a água escorrendo das roupas, dos cotovelos, do queixo.

O Bonita desapareceu.

— Ai, meu Deus! — disse Velma, rindo. — O que aconteceu?

Evie olhou para ela, com o rosto tomado pelo desespero.

— Não precisa se preocupar. — Velma secou a água do rosto de Evie com os polegares. — Vou secar você em casa.

Evie continuou olhando fixamente. O Bonita havia desaparecido. Chloe estava arruinada: sua irmã, sua melhor metade. Acabada. Tudo com Velma estava acabado.

— Chloe... — Velma tentou de novo. — Linda? Podemos ir?

— Não posso ir com você. — As palavras saíram como um sussurro horroroso, não sua voz, não sua verdade. — Não posso mais ver você.

— O quê?

— É que... acabou.

O estômago de Evie estava ardendo e seu coração... algo apertava seu coração com força, com frieza.

— O que acabou? — Velma franziu o a testa.

— Eu. Você. — Evie olhou para ela com tristeza, a voz estava se tornando um resmungo. — Nós.

A porta da galeria se abriu mais uma vez, e as pessoas na entrada falavam, riam, olhavam para a chuva, entravam. Tudo era só barulho de fundo, tudo descartável.

— Está falando sério? — Velma franziu a testa novamente, confusa.

— Não é o que eu quero fazer.

— Então, não faça — falou Velma, mais alto, em uma mistura de irritação e preocupação. — Tem a ver com a Annie? — Ela suspirou. — Desculpa... Sou galanteadora. Sempre serei. Mas não vamos terminar a noite assim.

— Não quero. — Cada palavra era uma apunhalada dolorosa no peito. — Eu gosto muito, muito de você. Gosto demais de você.

— Eu também gosto de você, Chloe. Está bem? Também gosto de você.

Evie fechou os olhos, lágrimas quentes rolando pelo rosto já molhado.

— Já teve a sensação de não poder mostrar quem você é de verdade a alguém?

A voz de Velma saiu tranquila, séria, gentil em seu ouvido.

— Acho que todo mundo já.

— Eu me sinto assim agora... — começou Evie, mas as palavras foram interrompidas por um beijo de Velma.

Um beijo. E outro. Então, elas começaram um amasso, intenso, desesperado, e Evie se agarrou a Velma, sem querer que o beijo terminasse, porque ela sabia, sabia de verdade, que seria o último. Quando Velma finalmente se afastou, Evie abriu os olhos lentamente. Ela olhou para a mulher em seus braços, para os lábios molhados e para os olhos preocupados.

— Adeus, Velma Wolff — disse Evie, e se virou para sair correndo, o mais rápido que conseguiu, para a rua tomada pela chuva no Brooklyn.



Ela mal se lembrava de tê-lo levado ao escritório de Meredith, do barulho da festa se acalmando quando fechou a porta.

*Ele sabe, ele sabe, ele sabe.*

Willow pegou a bolsa que havia colocado embaixo da mesa de Meredith, torcendo para que tivesse sobrado algum comprimido de Valium. Os dedos estavam dormentes. Enquanto procurava os comprimidos, um livro caiu. *Lacan e o self sombra*.

Mark encarou Willow.

— Era esse o livro. Por que você está com o livro dela? Você... Isso é uma armação?

— Não sei... — sussurrou Willow, sem conseguir olhar para ele. — Não sei o que é.

— Mas como você... Por que você... — Mark balançou a cabeça, sem conseguir fazer as coisas se encaixarem. — Naquela manhã, quando você estava no meu banheiro. Você sabia... Você sabia que a Caroline tinha... — Ele respirou fundo. — Passado a noite. Você sabia disso.

Willow assentiu.

— Por que não disse nada? Onde ela está? — A voz de Mark estava agitada. — Não me diga que ela está aqui.

— Ela está aqui. — Willow começou a chorar baixinho. — Mas também... não está.

— Will... — Mark estava na frente dela — Diga o que está acontecendo. Por favor.

— Tudo bem... — sussurrou. Inalou o ar, sentindo-se enjoada. — É melhor você se sentar.

Ele se sentou. A expressão dele passou da raiva para o medo.

Willow respirou fundo, estremecida.

— Começou há cerca de um mês. Krista. Alguém deu uma coisa para Krista.

— O que deram para Krista?

Como ela poderia explicar?

— Caos. Beleza. A verdade.

Ela contou tudo. Mark ficou sentado ouvindo, com os olhos vidrados, os dedos pressionados contra as têmporas. No começo, não acreditou. Ela estava brincando, estava louca, estava tentando fazê-lo de tonto. Mas, quando Willow começou a recontar detalhes do contato que ele teve com Caroline, quando explicou que havia voltado a ser Willow na manhã em que ele a encontrara no banheiro, quando contou ao namorado que

Evie tinha segurado o braço dele na galeria, Mark começou, finalmente, a aceitar a história.

Ele balançou a cabeça, dizendo palavras que pareciam amortecidas, desconhecidas.

— Por que você tomou? — Willow deu de ombros. — Sério... — Ele se sentou. — Por quê? Você já é bonita.

— Sou linda — disse Willow com amargura, repetindo as palavras de Mark de uma das primeiras noites deles no Lenny's.

Mark fez uma careta. Ficou em silêncio por alguns instantes, observando-a com tristeza.

— Nunca vou conhecer você — declarou ele. — Você não vai permitir.

Willow baixou a cabeça, os cabelos caindo ao redor do rosto como uma parede. Não negou.

Mark ficou de pé, colocando a bolsa no ombro.

— Sabe o que mais dói? — Ele estava sério, o peito estava tenso. Parecia se controlar para não chorar. — Você nem sequer ter pensado no que aconteceria quando eu visse as fotografias. — A voz estava embargada, mas ele se forçou a continuar falando, palavra por palavra. — Isso nem passou pela sua cabeça.

Evie entrou no apartamento, inspirando fundo, encharcada da cabeça aos pés.

— Perdi o Bonita! Alguém me empurrou e eu o derrubei. E sumiu.

Krista correu para pegar uma toalha. Evie desabou no sofá, molhando tudo o que tocava.

— Terminei com a Velma. — Os olhos de Evie estavam arregalados, desesperados. — Nem consegui dizer o porquê. — Ela começou a soluçar, o peito chacoalhando muito.

— Querida... Ah, querida... — Krista envolveu Evie na toalha, abraçando-a enquanto a amiga chorava. — Ah, Evie, está tudo bem...

— Como está tudo bem? — gritou Evie. — Eu acho que... Ai, meu Deus... Eu acho que eu estava me apaixonando por ela.

Evie segurou a barra da toalha e pressionou o rosto no tecido, chorando mais.

— Evie... Olha só. Olha para mim. — Krista ergueu o queixo de Evie para que sua melhor amiga notasse seus olhos pesarosos. — Você gosta dela de verdade? De verdade mesmo?

— Gosto... — sussurrou Evie.

Krista contraiu os lábios com resignação.

— Então, precisa mostrar a ela.

— Mostrar a ela o quê?

Krista arqueou as sobrancelhas.

— Precisa mostrar a ela seu eu verdadeiro.

Evie olhou para ela com tristeza e suspirou.

— Não seja tola.

— Não sou.

— Ela nunca se interessaria por quem sou de verdade.

Ter que explicar aquilo para Krista só piorava a situação.

— Chloe Fontaine poderia ser modelo. Ela tem um emprego por causa de sua beleza, tem um programa, pelo amor de Deus. Evie Selby é...

*Baixinha? Gorda? Normal?*

— Evie Selby é muito foda. — A voz de Krista afirmou aquilo com tanta veemência, que Evie se sobressaltou. — Evie Selby é muito engraçada e bacana demais. Evie Selby foi quem entrevistou aquelas

celebridades no Arzners. Evie Selby é quem quer mudar as coisas. Ela é corajosa, é inteligente e cuida de mim. — Ela lançou um olhar cheio de significado a Evie. — Evie Selby é a melhor amiga que tenho.

Evie apertou a mão no peito. Precisou de alguns instantes para conseguir falar.

— Você também é minha melhor amiga, Kris.

Krista segurou a mão de Evie e apertou.

— Se ela gosta da Chloe, então vai gostar de você. É você quem sempre diz que as mulheres não deveriam ser julgadas pela aparência. Então, não se julgue.

A voz dela era compassiva.

Determinada.

— Deixe que ela veja quem você é de verdade, Evie.

O hall de entrada do prédio de Velma estava estranhamente vazia quando Evie entrou. Um raio iluminou o espaço. Um segundo depois, um trovão ressoou. A tempestade estava exatamente em cima de sua casa, exuberante como um desfile. Mas Evie não sentiu medo. Passou pelas obras de arte e pelos abajures, tentando acalmar a pulsação que insistia em se manter alta. Apertou o botão do elevador e entrou no quadrado cheio de espelhos.

O rosto estava corado, os olhos estavam brilhando, o coração acelerado.

Como Velma receberia a informação? Pensaria que Evie é maluca? Ou seria o começo de... tudo?

Queria ser a garota que Krista via. Corajosa. Inteligente. Bacana pra caramba. Alguém que colocava as cartas na mesa, alguém que conhecia seu valor. Alguém digna de amor.

Ela era alguém digna de ser amada. E, ah, isso era romântico. Quando as portas do elevador se abriram, não via a hora de chegar à porta de Velma. Retiraria tudo o que disse, cairia nos braços de Velma e contaria que a amava.

“At Last”, de Ella Fitzgerald, vinha de dentro, e ela sorriu.

A música delas.

Quase como se Velma já soubesse.

Ela abriu a porta já conhecida que dava acesso ao loft, à sua vida, ao seu amor...

E parou.

Evie Elizabeth Selby já tinha vivido muitas surpresas no último mês. O fato de que um frasco pequeno de líquido roxo pudesse, inexplicável e illogicamente, alterar a aparência física dela e de suas duas melhores amigas. O fato de o namorado de Willow estar sendo infiel com a versão Bonita dela. O fato de Tristan McKell ter um micropênis, mas ela nunca teria imaginado a cena que via naquele momento. Velma, deitada no sofá, camisa desabotoada, cabelos despenteados, boca aberta em choque, depois de se afastar do pescoço exposto de Annie.

Evie ficou sem ar.

— Ai, meu Deus!

Annie se levantou, com as mãos tentando cobrir os seios.

— Ai, meu Deus!

— Chloe... — Velma arregalou os olhos. Ela se esforçou para se afastar da ruiva mignon. — O que você...

Como você...

Evie olhou para Annie, que estava vestindo a saia desesperadamente enquanto olhava incrédula para Velma.

— Peguei um táxi — disse ela, sem expressão.

Do lado de fora, um raio brilhou. Só Velma e Annie se sobressaltaram quando o trovão ressoou, feito o estampido de um tiro.

— Como você pôde? — sussurrou Evie. — Pensei...

Velma terminou de abotoar a camisa e se levantou para se aproximar dela.

— Linda, não perca a cabeça...

— Não... — Evie levantou a mão. Então, com uma voz séria e desagradável que ela nem sequer sabia que tinha, virou-se para Annie. — O que você está fazendo com minha namorada, porra?

— Namorada? — retrucou Annie.

— Chloe... — Velma olhou para ela fixamente. — Eu não... — Ela respirou, o rosto contorcido. — Não sou sua namorada.

— O quê? — A cabeça de Evie começou a zunir alto.

— Não sou sua namorada — repetiu Velma, com uma voz que parecia gentil e fria.

— Mas...

A língua de Velma em sua boca, a mão de Velma em seu joelho embaixo da mesa no restaurante, Velma sussurrando em seu ouvido que ela era irresistível.

— Mas...

Annie estava olhando para ela com um olhar que Evie sabia determinar.

Pena.

O trovão retumbou de novo, fazendo as luzes tremelicarem.

Evie deu um passo para trás.

— Vou embora.

— Não precisa ir. — Velma estendeu a mão.

— Não! — A voz de Evie falhou. — Não me toca...

Então, o apartamento caiu na escuridão. Annie soltou um gritinho. As luzes dos prédios visíveis da varanda tinham desaparecido. A cidade havia sumido, e, em seu lugar, restou um grande e assustador nada. Velma e Annie estavam iluminadas apenas por algumas velas na mesa de canto, seus rostos deformados pelas sombras.

— Vou embora. — As palavras de Evie desapareceram na escuridão.

— Não pode ir — falou Velma.

— Vou...

— É um blecaute — disse Velma, com determinação. — Você não vai conseguir pegar um táxi nem o metrô. É perigoso demais sair.

— Ah, Deus! — Velma tinha razão. Evie cobriu a boca com a mão e teve que morder o punho para não chorar. — Ah, meu Deus... — Ela se virou e correu para o banheiro.

Uma vela perfumada iluminava o lugar. Lavanda. O cheiro de Velma.

Ela enterrou o rosto em uma toalha branca e felpuda e começou a chorar. Daria qualquer coisa, literalmente qualquer coisa no mundo, para estar em casa, em seu apartamento, onde as velas eram porcarias compradas em lojas de artigos para casa que só duravam uma noite e não tinham cheiro de nada. Onde havia um banheiro no qual só cabiam duas pessoas, mas um banheiro em que a outra pessoa era alguém que se

importava com ela. Em casa, com suas coisas, com seu corpo, com um rosto que precisava de óculos, mas que era, inegável e irrevogavelmente, dela.

Ela queria Evie Selby de volta.

PARTE QUATRO

Blush



Evie acordou gritando, por causa de um pesadelo que já havia acabado. Em algum lugar, o alarme de um telefone tocava com persistente calma.

O mundo estava pálido.

Borrado.

Doloroso.

Ela sentia dores.

Chloe havia desaparecido. Evie havia retornado.

OuvIU um ronco baixo e delicado perto dela. Alguém dormia, um volume no chão.

Movendo-se com a rapidez de um ladrão, Evie pegou o celular embaixo do travesseiro e silenciou o alarme, então sem utilidade, para tomar o Bonita de novo.

A gaveta do criado-mudo ainda escondia os óculos velhos que ela havia guardado ali, para o caso de emergência. E aquele era um caso de emergência.

O mundo se transformou, ganhou relevo.

Era cedo. O céu, visível das janelas de Velma, que pegavam a parede toda, estava branco. Velma dormia com um braço sobre o rosto, como se quisesse bloquear uma visão horrível. A visão horrível da noite anterior.

Evie havia ficado no quarto de hóspedes, rezando para que a luz voltasse; assim, ela poderia ir embora e nunca mais voltar. Não voltou.

Em determinado momento, ela ouviu a voz de Annie, quase um grito:

— Se parece, é porque é. Se parece, é porque é, porra!

Depois, ela havia se enrolado no chão do banheiro, tentando, sem sucesso, encontrar uma maneira confortável de se deitar no piso frio, quando alguém bateu à porta.

— Chloe?

Evie ficou tensa. Se tivesse que sofrer a humilhação ainda maior de ser vista deitada no chão do banheiro, certamente começaria a chorar de novo.

— A Annie está dormindo no sofá. Vou ficar no chão do meu quarto. A cama é toda sua. — Ela ouviu o som dos passos se afastando.

Não queria aceitar a oferta de Velma. Mas, quando a vela se apagou, deixando-a com medo da escuridão claustrofóbica, ela aceitou.

Velma era só uma figura escura no chão, um volume embaixo de um cobertor. Do lado de fora, a chuva estava começando a passar. Evie ficou parada na porta, equidistante da cama e da cama improvisada de Velma logo ao lado. Seria muito fácil deitar-se com ela. Encontrar aquele espaço quente e seguro no pescoço da escritora, o ponto com cheiro de lavanda e que lhe dava a sensação de lar.

Ela deitou na cama, de costas para a mulher por quem acreditara ter se apaixonado.

Depois de um minuto, ouviu a voz de Velma, baixinha na escuridão.

— Desculpa por ter decepcionado você.

As palavras foram como socos, inspirando uma onda de raiva, uma enchente de respostas.

*Decepcionar? Você mentiu para mim, caralho!*

*Sua arrogância é o que mais decepciona.*

*Você não me merece, Velma. Você. Não. Me. Merece.*

Mas então veio um pensamento final, uma sensação que enfim começava a se fazer compreendida.

*Eu decepcionei a mim mesma.*

Quando começou a chorar, tomou o cuidado de não fazer barulho, para que Velma não escutasse.

Naquele momento, Evie saiu da cama e foi até a porta. Olhou para a suíte mais uma vez, para a suíte que nunca tinha sido sua. Os lençóis sedosos e cinza. Os montes de travesseiros com fronhas que combinavam. Os belos abajures. Uma fachada adorável, estilosa.

Velma não estava roncando.

Estava acordada.

Evie sabia.

E, mesmo quando ficou ali, com uma roupa que não mais lhe servia direito, com um rosto que não poderia explicar, quase quis que Velma olhasse para ela. Para tentar impedir que Chloe fosse embora.

Ela não olhou.

Como uma covarde, Velma estava esperando que ela fosse embora.

E isso tornou tudo muito mais fácil.

A sala de estar estava vazia. Lençóis e travesseiros estavam espalhados no sofá. Annie não havia nem sequer deixado um bilhete. E, apesar de Evie ter achado que ficaria arrasada, não estava. O loft amplo e bem-decorado parecia um cenário, irreal em sua perfeição e, sobretudo, temporário. O filme tinha terminado, as luzes foram acesas de novo, e ela estava se levantando, pronta para sair do cinema e voltar para a vida real: imperfeita, estranha, maravilhosa e real.

A Jay Street estava tomada por folhas e pequenos galhos, uma cena tranquila de caos passado. A água ainda tomava as valas.

Seu telefone estava sem bateria. O conforto oferecido por Krista teria que esperar.

Primeiro, o metrô da vergonha: a viagem triste e solitária com as roupas da noite passada. Mas, quando Evie chegou à parada da Franklin Street, descobriu que uma fita vermelha tinha sido passada na entrada: “Metrô fechado devido à enchente.”

Era um grande *foda-se* de uma cidade para quem o afeto parecia masoquista. Por um momento, ela beirou as lágrimas, mas então respirou fundo. Se conseguia sobreviver a Velma Wolff, sobreviveria a Nova York.

Ela iria para casa a pé.

A princípio, Evie notou o modo como sua barriga caía por cima da cintura fina da calça de cetim, o modo como os braços pareciam pesar, grandes demais na blusa sem manga e dourada, mas nenhum dos outros cidadãos que tinham acordado cedo prestou atenção. Não porque Evie não fosse importante, ela notou, mas porque em Nova York tudo era admissível. Ninguém ligava para o que os outros vestiam, nem para a

aparência. Só a própria pessoa se importava com essas coisas. E, se não se importasse com nada, nada importava.

Ela atravessou a Canal Street e subiu a Wooster em direção ao norte; depois foi ao leste pela Broome. Aumentou a velocidade, com as pernas dando longas passadas. O ar frio e fresco, úmido devido à chuva do dia do anterior, entrava e saía de seus pulmões.

Conforme avançava, sua amargura com relação a Velma começava a diminuir. Não se transformou em perdão; com certeza, ainda não estava nesse ponto, mas tudo pareceu ganhar um gosto menos ácido. Velma havia mentido para ela, ou, pelo menos, estava satisfeita por Evie acreditar que ela se importava com Chloe de um modo que lembrava um compromisso. E isso era um erro. Era egoísta e conveniente. Porém, talvez as duas não tivessem falado a mesma língua. Será que ela havia entendido errado de propósito? Teria suspeitado que Velma não era de confiança, mas embarcado mesmo assim? Não voltaria a ver Velma, e não só porque Chloe havia partido. De algum modo, mesmo naquele momento, ela não se arrependia. Tinha sido uma experiência. Uma lição. A vida — dolorosa, confusa — era formada por erros e escolhas. Havia algo estranhamente libertador nisso.

Ela foi à Williamsburg Bridge e começou a caminhar em direção ao Brooklyn. Abaixo de onde estava, o East River, de águas prateadas, movia-se incansável, serpenteando em direção ao sul, ao mar.

Que estranha aventura ela vivera! Apresentadora da *Extra Salt*. Rich e Kelly. Marcello. Morgan Freeman. Dizer a Gemma e a Rose que só usaria uma camiseta cinza velha. Dizer que amava Velma quando a conheceu. Tudo o que aconteceu no Arzners. Era ridículo, inacreditável e engraçado.

Em pouco tempo, chegou em South Williamsburg, só quinze minutos de casa, de sua casa pequena, bagunçada e confortável em que vivia com a pequena, bagunçada e confortável Krista.

Ela passou por hipsters de jeans rasgados e camisetas usadas como vestidos segurando copos de café, com cara de cansados. Sua gente. Seu bairro. Encontrou uma feira de artesanato sendo montada. Entre bijuterias de plástico e livros amarelados, viu um pequeno filtro dos sonhos, um arame branco com contas verdes e penas. Era o tipo de coisa que sua mãe adoraria. Pagou três dólares por ele e o embrulhou com cuidado para enfiar no bolso.

Na vitrine de uma cafeteria, parou para analisar seu reflexo. Evie Selby olhou para ela. Cabelos pretos curtos, óculos de aros grossos e uma tatuagem decorando o braço.

Seu corpo estava de volta.

E ela se sentiu bem com ele.

Eram seu rosto e seu corpo — aqueles que existiam desde o começo de sua vida e que ela não mudaria por nada, até o fim.

Mudar a si mesma para se tornar “bonita” de um modo doloroso ou não natural nunca a faria feliz. Assumir seu rosto, sem desculpas ou — de um modo ainda mais revolucionário — com felicidade era a coisa mais corajosa que poderia fazer.

Ela riu alto, quase em delírio, falando com a garota da vitrine:

— Que bom ver você!

E estava sendo sincera.

Quando Evie abriu a porta do apartamento, Krista e Mark estavam no meio da sala atentos, esquisitos. Quando a viram, eles se acalmaram. Não era quem estavam esperando.

— Oi, pessoal... — começou Evie. Então, Krista gritou:

— A Willow sumiu!

— O quê? — Evie fechou a porta depois que entrou.

— A Willow está desaparecida. — Krista se aproximou para abraçá-la, tomada de nervosismo.

— Hum, tá — disse Evie. — A Willow meio que passou o mês todo desaparecida. Então...

Ela olhou para Mark.

— Ele sabe de tudo — contou Krista, respondendo à pergunta que Evie estava fazendo a si mesma. —

Chloe, Lenka, Caroline. Ele sabe de tudo.

— Vocês telefonaram para o pai dela? — perguntou Evie a Mark.

Ele assentiu. Parecia esgotado, como se não tivesse dormido.

— Ela não dormiu lá, nem aqui, ontem.

Evie largou a bolsa no sofá, recusando-se a ceder ao pânico que estava estampado no rosto de Krista.

— Ela pode estar em qualquer lugar. Na casa de um amigo, em um hotel. Já tentaram ligar para ela?

Mark olhou para ela com apreensão.

Krista pediu a ele:

— Mostre a mensagem a ela.

Mark olhou para Evie com seriedade. Ela sentiu uma pontada de preocupação.

— Que mensagem?

Mark mostrou seu telefone. Uma mensagem de texto, de Willow, enviada um pouco antes das três da madrugada. **Não aguento mais. Vejo você do outro lado, meu amor.**

Evie voltou a ler. E de novo. E não mudava.

— O que você acha que é? — perguntou Krista.

Mark pegou o telefone da mão de Evie.

— Evie? — A voz de Krista falhou. — O que você acha que isso quer dizer?

Evie imaginou Willow na Wythe Gallery, sorrindo com tristeza, dizendo a Evie que não sentia os pés. “É pelo que estou passando”, disse ela.

E como Evie reagiu? Com uma acusação. Com o contrário de empatia.

— Ai, Deus... — disse Evie. — Fui muito idiota. — Ela olhou nos olhos de Mark. — Vocês não acham que ela... Sei lá... Ela não...

Não conseguiu terminar a frase.

— Ficou claro para mim... — disse Mark, formando as palavras com evidente dificuldade — ... que não faço ideia do que a Willow é capaz.

— Meu telefone! — Evie quase gritou. — Ele morreu.

Eles se retraíram ao ouvir aquela palavra, e Evie precisou afastar o medo para continuar com a voz mais calma que conseguiu.

— Talvez ela tenha enviado uma mensagem para mim.

Evie correu até o quarto e plugou o carregador. Eles observaram, esperançosos, o retângulo preto acender.

— Vamos... — murmurou Evie. — Vamos, vamos, vamos. Por favor, Willow... — disse ela baixinho. *Por favor, espero que você não tenha feito nada idiota.*

Não havia mensagens.

Quando ela ligou, caiu na caixa postal de Willow. Normalmente, Evie interrompia a ligação antes do fim: era raro a amiga ouvir as mensagens. Dessa vez, ela esperou.

“Oi”. A voz de Willow parecia contida, quase tímida. “É a Willow. Não estou aqui.” Um bipe comprido.

— Will, é a Evie — disse ela, perdida, resistindo à ideia de que estivesse falando com o nada: uma caixa postal que nunca, nunca seria conferida. — Estamos todos preocupados com você. Por favor, liga para mim. Desculpa. Meu Deus, Willow! — Evie respirou fundo, com o peito tremendo. — Por favor, volta para casa.

Ela largou o telefone na cama. Krista se sentou ao lado, com as mãos pequenas esticadas para fazer carinho na amiga. Evie retribuiu o toque, para conseguir força. Depois se levantou.

— Mark, que tal começar a ligar para todo mundo, todo mundo mesmo, com quem ela possa estar: familiares, amigos, ex-namorados... Sei lá.

— Está bem. — Mark assentiu.

— Kris, liga para os hotéis. McCarren Hotel, o Wythe, os da região. E depois os do centro: Lower East Side, o Village. Talvez ela tenha se hospedado depois da vernissage. — Evie olhou para Krista, esperando que ela reclamasse a respeito da quantidade de hotéis de Nova York.

— Pode deixar — disse Krista. — O que você vai fazer?

Evie tentou manter a visão firme, mas começou a perder o foco. Havia fechado as duas mãos.

— Vou começar a ligar para os hospitais.

Durante as quatro horas seguintes, eles se dedicaram a um ciclo sem fim de telefonemas, espera, ligações sem resultado. A tempestade tinha inundado a parte mais baixa de Manhattan e partes do Brooklyn. A NPR estava noticiando pelo menos três mortes: um casal carregado pelas águas em Battery Park City, um homem atingido por um galho de árvore em Red Hook. De vez em quando, Evie achava que estavam exagerando. Que bobagem! Quanta paranoia! Willow era inconsequente, só isso, mas obviamente estava bem. Estavam perdendo tempo. Não era assim que as coisas deveriam terminar. Então, ela se lembrou da mensagem de texto, enviada no ápice da tempestade. **Vejo você do outro lado, meu amor.**

Então, ela percebeu que não fazia ideia de como aquilo poderia terminar. Não fazia ideia do poder do

Bonita.

E ligou para o número seguinte da lista.

Estava parada, lembrando de uma vez que Willow disse que a morte de Virginia Woolf, afogada com os bolsos cheios de pedras, era uma “maneira muito elegante de morrer”, quando Mark entrou com tudo no quarto.

Evie olhou para seu rosto e se retraiu. Algo despertou dentro dela, uma punhalada nas costelas. O som que ela emitiu não foi uma palavra. Era só medo.

— Não! — disse ele. — Não é... Eu acabei de falar com Meredith. Uma coisa aconteceu na galeria.

— Uma coisa aconteceu? Como assim?

— Não entendi o que ela estava dizendo. — Mark puxou Evie para que ela se levantasse. — Ela estava chorando.

— Por que ela estava chorando?

— Não sei! — Mark gritou. — Ela não está atendendo ao telefone. Vamos, vamos!

\* \* \*

Os três estavam ofegantes e vermelhos quando avistaram a galeria. Na noite anterior, centenas de pessoas estavam ali, na porta.

Agora, a rua estava vazia, exceto pela água. Um fosso havia se formado diante da entrada, estendendo-se por seis metros.

— Tomem cuidado — disse Mark, ofegante, quando atravessaram a rua.

As portas da galeria estavam abertas.

Meredith estava sozinha, embaixo da fotografia *Renascimento*, de Willow, com água escura até os tornozelos. A galeria estava inundada. Marcas de água podiam ser vistas nas paredes, manchando cada fotografia. Algumas estavam até boiando, como barcos salva-vidas vazios.

Meredith olhou para a frente. Ela precisou de alguns segundos para se concentrar nas três pessoas na porta.

— Foi embora... — sussurrou ela.

Os três pararam calados antes de falarem em uníssono:

— O que foi embora?

— Onde está Willow?

— Foi tudo embora. — Meredith balançou a mão indicando a exposição. — Meu seguro... Ele não cobre inundações.

— Ela está falando sobre a galeria — disse Evie.

— Meredith! — Mark se aproximou da curadora, apoiando a mão nos ombros dela, forçando-a a olhar em seus olhos. — Você conversou com a Willow desde a vernissage?

Meredith olhou para ele, olhos marejados e vermelhos.

— Willow? — perguntou ela. — Não. Minha nossa... — Ela suspirou. — Ela não vai saber lidar com isso.

Mark e Evie se entreolharam. *Mais um beco sem saída*, pensou Evie, e logo se arrependeu.

Beco.

Sem saída.

Mark disse:

— Vamos.

Evie olhou de um lado a outro do espaço inundado. Uma das fotografias passou por ela, flutuando em meio às embalagens de junk food e bitucas de cigarro, relegados ao lixo.

Ela deu um passo à frente e parou.

Alguns metros à frente, dentro da água escura, algo roxo chamou sua atenção.

Ela respirou fundo.

*Impossível.*

Ela se lançou alguns passos para a frente, olhando para a água.

Um frasco pequeno, roxo, estava parado no chão da galeria. Evie esticou a mão em direção ao chão, fazendo o que não conseguira na noite anterior.

Ela pegou o Bonita.

Estava intacto, molhado, inocentemente na palma de sua mão. Sua mente estava à toda.

Tinha descido pelo bueiro, lembrou ela.

Os bueiros tinham inundado.

Os bueiros que tinham vomitado seu conteúdo na rua, inundando a galeria. Depressa, antes que Meredith quisesse saber o que ela estava olhando, Evie enfiou o Bonita no bolso e saiu dali.

Krista e Mark estavam na esquina, tirando a água dos sapatos, em silêncio.

A volta ao apartamento seria insuportavelmente tensa...

— Evie?

Alguém disse seu nome, tão devagar e com tanta entonação que quase pareceu irreal.

Willow estava do outro lado da água, parecendo um fantasma com o vestido preto e longo.

— Willow! — Evie começou a correr na direção dela, ouvindo Krista e Mark gritarem também, batendo os pés no concreto quando correram na direção dela. — Willow!

Evie abraçou a garota com um alívio muito forte, apertando até Willow gritar. Sentia vontade de rir e de chorar e, quando se afastou, percebeu que fazia as duas coisas.

— Willow! — gritou Krista, pulando como um chimpanzé em cima delas; as três balançaram e quase caíram.

— Você está viva. Graças a Deus, está viva! — dizia Evie, sem parar.

Ela segurou Willow pelos ombros, percebendo, naquele momento, como o vestido dela estava destruído.

— Cara, onde estão seus sapatos? — Krista olhou para os pés vermelhos e descalços dela.

Willow balançou a cabeça, os olhos brilhando, tentando sorrir.

— Sempre detestei salto alto.

— Passamos o dia procurando você — disse Evie. — Pensamos que você estivesse... Onde você estava?

Willow desviou o olhar e estremeceu de leve. Quando olhou para Evie, sua voz parecia forte.

— Em um lugar para onde não vou voltar mais.

Evie mantinha uma das mãos pousada no ombro de Willow e a outra no de Krista e, enquanto permanecia ali, ainda ofegante, ainda tentando dominar sua respiração, percebeu que cada uma delas se segurava nas outras duas. As três estavam molhadas, sujas e assustadas. E, pela primeira vez desde que tudo começou, as três estavam Normais. Renascidas, de novo, depois de sobreviverem à tempestade.

Willow olhou para depois das garotas.

Mark estava de pé atrás das três. Seu rosto estava pálido.

Evie entrelaçou os dedos nos de Krista.

— Vamos esperar por vocês na esquina.

Evie levou Krista dali, deixando Mark e Willow sozinhos.

Por um tempo, os dois ficaram ali, de pé. *Estraguei tudo*, pensou Willow. *Eu tive tudo e, depois, estraguei tudo*.

— Você me assustou, Will — disse Mark. — Você me assustou de verdade, porra!

Willow mordeu o lábio inferior lentamente. Ele era uma ótima pessoa, e ela o havia envenenado.

— Eu sei.

Mark deu um passo à frente, incerto.

— Às vezes, eu acho que amar você me faz mal, sabe? Que tem alguma coisa errada comigo.

Em uma voz que não pedia piedade, que simplesmente dizia a verdade, ela disse:

— Eu sou doente.

Mark assentiu, repetidas vezes, respirou fundo e soltou o ar. Seus ombros relaxaram. A tensão começou a desaparecer visivelmente de seu corpo. Ele a observava como se parecesse vê-la, de fato.

Como se a conhecesse melhor do que ela própria. E disse:

— Então, acho que podemos ser doentes juntos.

Em seguida, ele estendeu a mão.



Evie estava esperando o semáforo abrir quando os pedreiros começaram a mexer com ela.

— Ei, gostosa! Dá um sorrisinho!

— Vai, gracinha. Só um.

Ela olhou para a frente, esperando que sua não reação fosse suficiente para fazê-los parar.

— Vamos, amor!

— Sorria para o cara!

Ela afundou as unhas na palma da mão. Os homens uivavam, riam.

— Linda! Ei! Ei!

— Meu Deus, calem a boca! — Evie se virou para eles. — Estou tentando fazer do mundo um lugar melhor para as filhas de vocês. Para que elas não sejam assediadas na rua por imbecis como vocês! Então, o mínimo que podem fazer é me dar um pouco de respeito! Que inferno!

Os dois caras pareceram surpresos. Ambos tinham quarenta e poucos anos, estavam acima do peso e usavam coletes de segurança laranja puídos.

— Pode se acalmar, querida.

— É só um elogio.

— Não, não é! — rebateu ela. — Não quero a atenção de vocês, não dei sinais de que quero, não incentivei e, no fundo, vocês sabem que isso me deixa desconfortável. — Algumas pessoas pararam para observá-los. — Sou um ser humano como vocês. Tenho problemas como vocês. Então, façam o grande favor de calar a boca. — Evie caminhou em direção a eles, dizendo com clareza: — Parem de gritar para as mulheres na rua. Não gostamos disso. — Ela balançou as mãos para indicar a pequena aglomeração de nova-iorquinos que observava. — Ninguém gosta.

O grupo começou a aplaudir. Os dois homens se afastaram, envergonhados.

Evie olhou para eles mais uma vez e atravessou a rua.

Quando Evie entrou no escritório da *Salty*, havia uma desconhecida sentada à sua mesa. Uma freelancer, que Ella-Mae tinha contratado.

— Não sabia que você voltaria hoje — disse a garota para se desculpar. — Ninguém me disse...

— Evie! — Ella-Mae estava atrás das duas, segurando um monte de provas brilhosas. Uma estranha expressão de surpresa, alívio e desgosto estava estampada em seu rosto. — Você voltou... — Ao redor, as meninas passavam com blusas perfeitamente asseadas e cores parecidas de batom. Ella-Mae inclinou a cabeça a Evie. — Você... está diferente.

Evie olhou para ela com frieza.

— Diferente como?

— Só... diferente. Mudou os cabelos?

— Não.

— Ah... — Ella-Mae hesitou por um segundo e entregou as impressões a Evie. — Pode começar com estas. E vou precisar daquela cópia final da matéria sobre o spa antes do meio-dia.

— Que matéria?

— A do spa. — Ella-Mae repetiu. — Era para a semana passada.

— Ah! A do spa! — Evie se lembrou, começando a rir. — A do Arab Spring.

Parecia ser coisa de outra vida.

— É bom que esteja boa, porque não tenho tempo de reescrevê-la hoje. Estou lotada de coisas para fazer. — Ella-Mae afastou com delicadeza uma mecha de cabelos do rosto. — E vou precisar que você digite minhas anotações da matéria da Mulher de Verdade sobre a moça que não comeu nada além de batom por um ano...

Evie entregou as provas.

— Primeiro, você pode digitar suas anotações, Ella-Mae. É seu trabalho e é ridículo que eu o esteja fazendo há tanto tempo. Em segundo lugar, não vou fazer a matéria do spa.

Ella-Mae hesitou, chocada.

— Por que não?

Evie deu de ombros, falando de modo casual.

— Tenho mais o que fazer.

— E então... — Jan entrelaçou os dedos. — O que você queria discutir?

A princípio, a chefe de Evie estava preocupada com sua ausência. Porém, quando ela não apresentou uma situação de vida ou morte para explicar a tal ausência, a preocupação se transformou em irritação, beirando a desconfiança, mas Evie não estava ali para justificar seu desaparecimento. Na verdade, tinha dito a Jan que precisava aproveitar a vantagem da política do você-pode-falar-comigo-sobre-qualquer-coisa.

— Estive pensando... — disse Evie. — Sobre a *Salty*. E sobre ela empoderar as mulheres.

— Sim?

— Não concordo. Tenho pensado muito sobre isso, e não consigo concordar.

O sotaque britânico da editora-chefe deu à sua resposta um tom determinado e formal.

— Por que não?

Evie contou os motivos nos dedos.

— Primeiro: foco demais em agradar os homens. Demais. E, como alguém que é... — E respirou fundo. — ...bissexual, com chance de ser lésbica, não serve para mim.

O tom de Jan foi indecifrável:

— Justo.

— Segundo: você pode vir com toda a retórica de “muito bem, garota!” que quiser, mas no fim das contas o *éthos* da *Salty* está enraizado no materialismo. Quer ser feliz? Compre uma bolsa nova. Sensual? Rímel para alongar os cílios. Quer parecer inteligente? Óculos novos. E isso não deveria surpreender, porque a *Salty* está nas mãos dos anunciantes. E isso não é ruim só para os parcos lucros da maioria das nossas leitoras. Estudos provam que pessoas que buscam riqueza e posse material costumam ser menos satisfeitas, mais infelizes. Achamos que comprar coisas vai fazer com que nos sintamos melhores, mas não faz. — Evie ergueu as mãos. — O consumismo é uma droga. As revistas são intermediárias.

Jan parecia achar graça como se Evie fosse um cachorrinho que tivesse aprendido um novo truque.

— Não sei se eu iria tão longe.

— Eu iria — disse Evie. — E isso me leva ao terceiro ponto. Por que as leitoras são tão suscetíveis a comprar toda a merd... mercadoria que mostramos? Porque elas não têm essa aparência.

Evie pegou uma cópia do novo exemplar que tinha saído enquanto esteve fora. Na capa, Selena Gomez fazia biquinho com os lábios rosados como um pirulito, com um dedo enrolando uma mecha grossa e brilhosa dos cabelos.

— Nem esta.

Ela abriu numa página qualquer: três garotas de biquíni rindo à beira de uma piscina. Barrigas chapadas e durinhas. Sorrisos de comercial de pasta de dente.

— Nem esta.

Outra página: uma garota triste e linda olhando por uma janela, com as mãos envolvendo uma xícara de chá.

— A *Salty* ainda é loucamente prescritiva quando o assunto é imagem corporal e rostos bonitos. Pele clara, seios grandes, branco é certo, pareça uma pré-adolescente, trepe como uma estrela de filme pornô. E, claro, nossas leitoras sabem que essas fotos são tratadas no Photoshop, sabem que essas meninas são modelos, mas acho que não reconhecemos como é fácil internalizar essas mensagens. De que isso é bonito. De que as pessoas comuns são feias.

A expressão de Jan ficou mais séria.

— É um modo singular de ver as coisas, com certeza.

— Não acho que seja singular.

— De qualquer modo, acho que ouvi...

— Não, por favor. Preciso mesmo falar tudo isso. — Evie se inclinou para a frente, com determinação. — Acho que muitas mulheres não se veem como atraentes quando na verdade são. São só normais. Mas é nisso que não consigo parar de pensar. — Ela olhou para Jan. — Uma a cada três mulheres no mundo apanha, é agredida, violentada. Uma em cada três. É mais de um bilhão de mulheres.

— Conheço as estatísticas. — A voz de Jan se tornava cada vez mais firme.

Evie pegou a nova edição e leu as manchetes:

— “Miau! Conheça a garota má que vive dentro de você!”; “O Facebook está acabando com sua vida sexual?” — Evie soltou a revista. — Isso está ajudando? Está abordando essa questão? Sei que temos uma ou outra matéria contra abuso sexual, mas de modo geral acho que não esteja ajudando.

— Tudo bem, Evie. Não precisa fazer papel de boba...

— A *Salty* finge que o feminismo acabou: vencemos, então agora podemos ser objetos sexuais sem consequências...

— Evie, eu disse que já chega.

— Mas isso não é verdade!

Só naquele momento Evie notou que seu coração estava acelerado, que sentia um frio na barriga por causa da adrenalina. Jan estava lhe pedindo para que parasse, mas ela não conseguia.

— Não consigo mais dedicar minha atenção a isso. Eu me respeito demais. Estou pedindo demissão.

Jan estava tensa na cadeira. Sua expressão estava tão séria que ela parecia prestes a atacar.

— Depois desse discursinho, não posso dizer que sinto muito pela sua saída. — Evie percebeu a frieza em sua voz. — E nem peça uma carta de recomendação. Nem um emprego em qualquer lugar deste prédio.

Evie absorveu o choque sem se retrair, o corpo ainda tomado pela emoção da sinceridade sem filtro. Ela assentiu, a sangue frio, como se as duas tivessem acabado de fechar uma transação corriqueira de trabalho. O escritório estava tomado por um silêncio sepulcral quando ela se levantou. Mas, na porta, parou. Evie Selby normalmente escapava depressa e calada depois de algo tão pesado, mas Chloe havia lhe ensinado como se impor quando o assunto era conseguir o que queria.

— Tenho uma última pergunta. Nos testes para a *Extra Salt*, um dia antes de vocês conhecerem minha amiga, por que não me chamaram?

— Para quê?

— Para fazer o teste. Tínhamos acabado de receber Tiffany, Brittany ou outra garota, e você perguntou se eu conhecia alguém. Por que não me deu a chance de fazer o teste?

Evie se preparou. Por um lado, não queria ouvir aquilo. Mas, por outro, tinha que saber.

Jan estreitou os olhos e, por um segundo, Evie pensou que ela se recusaria a responder. Mas, para sua surpresa, Jan disse:

— Acho que me lembro do que fiz. Perguntei se você conhecia alguém. Você disse que não.

Evie ficou surpresa, repassou a lembrança. Jan perguntando se ela conhecia alguém para que eles chamassem. Evie dizendo que deveriam testar sua amiga.

— Se você quer alguma coisa, precisa dizer — disse Jan. Ela arqueou uma das sobrancelhas para Evie, de modo significativo. — O mundo não lhe deve nada, mas se dobra às suas vontades.

Evie assentiu.

— Certo. Obrigada.

— Agora faça a gentileza de sumir da minha sala. — O sorriso de Jan era predatório. — Tenho uma revista para gerenciar.

O espaço da Universidade Columbia era distinto, mas relaxado, como um fidalgo idoso em uma reunião de moças. O bimestre do outono ainda estava para começar. Por isso, poucos alunos se espalhavam pelo *campus* organizado. Willow raramente ia àquela parte da cidade. Tudo parecia cru, sério e iluminado, mas ela estava fazendo um esforço para relaxar, para ficar calma, para respirar.

Uma garota de macacão solto e coque desarrumado a direcionou ao Departamento de Estudos Cinematográficos.

Dizer que Claire demonstrou estar chocada quando Willow bateu à sua porta era dizer muito, muito pouco. O lápis que ela segurava entre os lábios caiu na mesa, fazendo barulho.

— Willow!

— Desculpa. — Willow ficou parada na porta. — Espero não estar interrompendo.

— Não! Não, eu só estava preparando as anotações de minha aula. Pode entrar, por favor.

A sala era pequena, com as paredes tomadas por estantes que iam do chão ao teto. Não havia espaço para os três vasos de planta que tomavam o lugar, mas eles estavam ali mesmo assim. Claire tirou um monte de anotações de cima de uma cadeira, além de uma caixa vazia de sushi.

— Pode sentar.

Willow se sentou e colocou a mochila pequena embaixo da cadeira. O roteiro que vinha ensaiando no metrô desapareceu. Talvez estar ali fosse um erro.

— Que bom ver você. — Claire passou a língua pelos lábios, olhando de um lado a outro. — Quer tomar alguma coisa? Tem uma máquina de café no corredor...

— Não, obrigada. — Willow viu o olhar preocupado e confuso de Claire. — Só queria me desculpar.

O rosto de Claire foi tomado pela surpresa.

— Ah, Willow, você não tem que...

— Tenho, sim — disse Willow. — Tenho sido muito injusta. Meu pai e você... Acho que você é boa para ele. Eu *sei* que você é boa para ele — corrigiu-se. — Você faz meu pai feliz. E eu acho que ele também faz você feliz.

O rosto de Claire ficou corado.

— Sim, faz. Eu amo seu pai, Willow.

Willow assentiu, os cabelos caindo diante dos olhos até ela prendê-los atrás da orelha.

— Eu sei. — Ela se ajeitou na cadeira, tentando parecer confiante. *Madura*. — Vou me mudar.

— Ah... Ah, que...

— ... Bom. — complementou Willow, sorrindo. — Isso é bom, sabe, tenho 22 anos. Está na hora.

— Você vai conseguir se sustentar?

Willow assentiu. Havia vendido impressionantes 48 impressões na exposição. Apesar de a enchente ter estragado o material, ela podia imprimir as fotos do computador. A soma seria suficiente para encontrar um apartamento pequeno decente em algum lugar de Manhattan, por pelo menos um ano. Mas não era para contar aquilo que ela estava ali.

— Você tem conversado com o meu pai?

Claire suspirou de modo solidário.

— Sim, ele me contou sobre a discussão de vocês.

— Ele me odeia?

— Se odeia você? Não. Eu acho que ele está preocupado com a possibilidade de você odiá-lo.

A janela do escritório de Claire dava para um pátio pequeno e cheio de folhas, no qual alguns alunos ficavam lendo ao sol do fim da tarde, bebericando café. Estava calmo ali. Pacífico. Willow se perguntou se havia em Columbia um programa de fotografia e se seria difícil entrar.

— O que você vai fazer amanhã à noite? — perguntou Willow.

— Amanhã à noite? Nada.

— Eu estava pensando que talvez pudéssemos comer alguma coisa. Você, eu e o papai.

Claire pareceu animada. *Ela tem um rosto bonito*, pensou Willow. Dava para ver que ela era esperta.

— Eu gostaria muito, Willow. Sim...

— Vou fazer uma reserva em algum lugar. — Willow ficou de pé depressa, querendo sair antes que mudasse de ideia. — Preciso deixar você voltar ao trabalho.

Ela colocou a mochila no ombro, e virou-se para sair, surpresa por perceber que tinha feito isso de modo quase relutante.

— As coisas ficam mais fáceis um dia?

— O que fica mais fácil?

Willow deu de ombros, passando o dedo pelo batente da porta.

— Tudo... A vida. O mundo. As outras pessoas.

Claire bateu o lápis na mesa, uma série de sinapses acontecendo.

— Não sei se ficam mais fáceis, mas acho que você vai aprendendo a lidar melhor com elas.

Willow torcia para que fosse verdade. Tinha que ser.

— Nós nos vemos em casa.

O corredor estava vazio quando ela passou, mas, estranhamente, não se sentia sozinha.

Coisachata.net: sua dose semanal de chatice

Caros chatinhos,

Volteeeeei. Prendam suas filhas.

~~Tenho certeza de que vocês estão pensando~~ Aposto que vocês nem notaram que eu estive ausente no último mês. E eu adoraria dizer que isso aconteceu porque contraí uma doença bem cool e rara, mas a verdade é que... eu estava vivendo Uma Grande Aventura. O que aprendi:

1. O amor nos ergue, mas também pode nos destruir em pedacinhos, e então você precisa de sua melhor amiga e de muito vinho para voltar a si.
2. As pessoas ouvem o que você diz se você for confiante.
3. Defender as coisas em que você acredita é superdemais.
4. O mundo vai ceder à sua vontade, se você ordená-lo a fazer isso.
5. Minha alma não é um pedaço de carvão. É um diamante.

É só isso por enquanto. Vou postar algo decente em breve.

Sua amiga e salvadora,  
Madame Chata

Evie postou e desligou o telefone.

Estava sentada na frente do Frankie's Gin Joint, um bar da região ao qual ela só tinha ido à noite. A luz sarapintada da tarde cobria o banco desgastado de madeira que dava de frente para a rua. Ela era a única pessoa ali.

No banco ao lado, havia uma caixa de plástico com todas as coisas do trabalho.

Beber uma cerveja em uma tarde de segunda dava uma sensação muito forte de indulgência. Quase relaxada. De liberdade, definitivamente.

À frente, havia uma caixa branca pequena, com alguns centímetros de largura. Tinha sido enviada do estúdio para Chloe Fontaine e fora deixada na mesa de Evie para que a entregasse à sua “amiga”. Evie ficou um pouco nervosa ao abri-la, com receio de ver o que Kelly havia deixado.

Em cima de uma almofada de cetim branco havia um cartão com letras cursivas cuidadosas.

*Para quando você estiver se sentindo bonita.*

— MARCELLO

Embaixo do cartão, havia um tubo dourado pesado. Um batom. Ela sorriu.

Era do tom perfeito de vermelho.

Seu telefone tocou. Uma mensagem de texto. De Velma.

Tenho certeza de que você não quer me ver nem saber de mim no momento, e eu compreendo. Só quero dizer que sinto muito. Não pretendia magoar você. Eu deveria ter sido mais clara desde o começo, explicando que não estou em condições de manter um relacionamento agora.

Por favor, saiba que você é incrível e que me sinto feliz pelo tempo que passamos juntas. E, se um dia quiser uma bebida sem compromisso, você tem meu telefone.

Alguns segundos depois, outra mensagem:

PS: Eu me esqueci de dizer que passei algumas horas lendo o blog de sua irmã semana passada. Ela escreve muito bem. Tenho uma amiga, Mia, interessada no blog. Aqui está o telefone dela. Diga a ela que fui eu que dei o número a você.

Sempre que Evie lia as mensagens, uma nova emoção a tomava. No começo, a mágoa. A sensação pungente de rejeição, a aproximação lenta da tristeza.

Depois, a diversão sombria: a coragem de sugerir uma “bebida sem compromisso”!

E, por fim, a curiosidade.

Quem era Mia? Normalmente, Evie usaria o número de telefone de Mia para saber informações sobre ela pelo Google, brincando de detetive até encontrar um sobrenome, ler tudo o que podia sobre ela, desenvolver uma série de ansiedades a respeito da ligação que teria que ser trabalhada de modo profundo com Krista, antes de telefonar de fato três dias depois com dois planos de ataque.

Mas naquele dia ela decidiu ligar direto. A voz de uma mulher respondeu no terceiro toque.

— Aqui é a Mia.

— Mia, oi, meu nome é Evie Selby. Velma Wolff passou seu número para mim. Ela disse que você



comentou que estava interessada no meu blog, o *Coisa Chata*.

— Evie! Que bom que você ligou! É, Velma me falou de você. — Mia parecia eficiente e tranquila ao mesmo tempo. — Sou fã. Muito divertido, muito sagaz. Muito potencial.

Evie se sentiu animada. Como seu blog era anônimo, ela nunca recebia um elogio sobre ele.

— Obrigada.

— Meus sócios e eu estamos lançando um novo site que se foca nas editoras voltadas para o sexo feminino. Novo, inteligente, cheio de opinião. Estamos querendo trabalhar com dezenas de escritoras com uma série de experiências diferentes que tenham uma perspectiva singular sobre tudo o que está acontecendo na Casa Branca, até a questão do privilégio dos brancos. É um negócio em que rola dinheiro, coisa rápida. E nós adoraríamos ter você como uma de nossas colunistas.

Evie hesitou.

— Bacana.

— Queremos que cada colunista forme grupos de seguidores, tenham sua própria marca, mas que se reúnam embaixo de nosso guarda-chuva — continuou Mia. — E queremos uma mistura de textos escritos e conteúdo de vídeo.

A animação que Evie estava sentindo foi interrompida.

— Peraí... Como assim?

— Vídeos — repetiu ela. — Sei que o *Coisa Chata* é anônimo, mas, se você trabalhar para nós, não vai poder ser. Queremos Evie Selby sem máscara.

— Mas... Você nem sabe como sou.

Mia deu uma risada confusa.

— Não importa. Então, o que me diz? Como eu disse, sou fã. Adoraria enviar a você um contrato para recebê-lo de volta no fim do dia.

Evie fechou os olhos. Seu coração batia forte. As palmas das mãos estavam molhadas de suor. Era tudo o que ela queria. De repente, estava ao telefone com uma mulher que parecia não se importar com nada. Como poderia ser tão fácil? Não poderia ser tão bom quanto parecia. Podia?

Além da natureza duvidosa da circunstância: estar na internet, ser uma pessoa pública... As pessoas a odiariam, assim como odiavam Chloe Fontaine.

— Evie? Você ainda está aí?

— Oi... Preciso de um minuto. Estou tentando pensar.

— Tudo bem, mas não tenho o dia todo.

Evie se recostou na cadeira e, por um segundo, a postura séria, mas adequada, voltou numa onda de confiança.

Chloe não se preocupava com quem a odiava. Não mesmo. Ela estava ocupada demais fazendo suas coisas. E, tinha que admitir, gostava muito de seus fãs. Foi divertido ver tantas pessoas espertas e engraçadas repostarem e tuitarem sobre a atuação dela no tapete vermelho do Arzners.

*Bem, talvez eu tope por essas pessoas*, pensou Evie. Pareciam ser um bom público. Droga, ela poderia até reintroduzir a presença de Chloe na internet. Afinal, Chloe era sua colega de quarto ou sua irmã (dependendo de quem perguntasse). Ela sempre estaria ali para ajudar.

— Não.

— Não?

— Não vou assinar um contrato sem primeiro conhecer você e a equipe. Preciso entender bem que tipo de controle criativo tenho e o quanto serei exposta. E vou querer negociar meus ganhos e benefícios.

Mia estava calada. Evie também ficou calada esperando que ela respondesse, como se o mundo estivesse prendendo a respiração. Mia riu.

— Evie, tenho a sensação de que vamos nos entender muito bem. Vou pedir para minha assistente marcar um almoço para nós. Tenho certeza de que podemos fechar um acordo bom para nós duas. — Ela desligou.

Evie ficou olhando para o telefone sem acreditar. Assim, do nada. Do. Nada. Cinco minutos antes, ela estava desempregada, mas talvez as coisas tivessem mudado. Talvez aquele telefonema fosse uma porta que a levaria a lugares com os quais nunca tinha sonhado, a um futuro com o qual podia se animar...

— Aceita mais um? — Uma garçonete estava pegando o copo vazio de Evie.

Evie sentiu uma emoção, uma onda de adrenalina. Era Quinn.

— Ah! — Os olhos de Quinn se arregalaram. — Oi.

— Oi — disse Evie. — Acho que você se lembra de mim.

Quinn sorriu de modo charmoso, corando.

— Você não mentiu para mim dizendo que trabalhava no *The New York Times*?

Evie fez uma careta e assentiu.

— Consegui ser seu primeiro pior encontro do ano. Ainda estou ganhando?

— Hum... — Quinn balançou a mão para indicar “mais ou menos”. — Estou tendo uns bem ruins, então...

— A concorrência é grande para mim, entendi — disse Evie, e as duas riram. — Como você está? — perguntou Evie, percebendo como os olhos de Quinn eram lindos: um marrom meio caramelo. — Como está indo o lance da música?

— Está indo — disse Quinn. — Eu saio e canto minha música. — Ela fingiu tocar guitarra. — As pessoas falam na maior parte do tempo, mas eu acho que consigo tocá-las.

— É sua guitarra invisível? — indagou Evie, referindo-se ao gesto de Quinn.

— Ah, esta? Sim, é. — Quinn assentiu, séria. — Não tão boa quanto o som, mas é fácil de transportar. — Ela fingiu que a jogava atrás do balcão. Evie riu, lembrando que Quinn era engraçada e também linda. — E você? Como está a *Salty*?

*Ela se lembra*, pensou Evie, com surpresa.

— Na verdade, acabei de sair de lá.

— Não acredito.

— Pois é, estou oficialmente empregada em uma coisa legal.

— Isso explica por que você está bebendo durante o dia — disse Quinn, e Evie assentiu. — Vou pedir outra cerveja, por nossa conta.

Ela pegou o copo vazio de Evie, que observou-a servir outra cerveja, percebendo, quando Quinn voltou, que ela a estava olhando com um sorriso esquisito no rosto o tempo todo. Quinn não era só muito linda, também tinha um sorriso esquisito.

— Pronto — disse Quinn.

— Obrigada.

Evie tomou um gole sem sentir o gosto.

Quinn uniu as mãos, sem saber se deveria continuar ali.

Evie queria que ela continuasse.

— Olha, vou dizer uma coisa — disse ela. — Me desculpa por ter mentido para você. Eu não estava em uma situação muito boa, mas tive um mês muito... transformador. E acho que não preciso... — Evie inclinou a cabeça à procura da frase certa — ... disfarçar mais nada.

— O que houve nesse mês transformador?

— Tive uma decepção amorosa — disse Evie. — Mais ou menos.

— Que droga... — Quinn fez cara de solidária.

— Sim e não. Foi uma daquelas situações de “o que não fazer”.

— Já estive em algumas.

— Mas agora acabou — disse Evie. — E... estou animada com o que pode vir em seguida.

— Legal. — Elas se entreolharam até perceberem que estavam olhando uma para a outra. Então, desviaram o olhar, soltando um riso envergonhado.

— Melhor eu deixar você voltar para a sua bebedeira diurna — disse Quinn, parecendo relutante. — Foi ótimo revê-la...

— Podemos sair? — perguntou Evie. — Ou... O que quer que as pessoas digam hoje em dia. Um encontro? Sem mentiras. Palavra de escoteira.

Quinn baixou os olhos para as mãos. Quando voltou a erguê-los, estava com um sorriso travesso no rosto.

— Eu ia gostar.

— Se você me der seu telefone, eu ligo para você — disse Evie. — Assim, não preciso enviar uma mensagem pelo aplicativo.

— Ah, boa ideia. — Quinn tirou uma caneta do bolso e pegou um guardanapo. Então, parou.

— Mudou de ideia? — provocou Evie.

Quinn balançou a cabeça e começou a escrever.

— Não, é que esqueci meu número. — Ela entregou o guardanapo a Evie. — Pronto.

— Obrigada. E obrigada também pela cerveja.

Quinn assentiu, enrolando umas mechas de cabelo no dedo.

— Então... até mais.

— Até, com certeza. — Evie assentiu. — Sem dúvida.

Quinn abriu um sorriso para Evie antes de se virar na direção do bar.

Evie pegou o batom que Marcello tinha enviado e o segurou. Ela o usaria no primeiro encontro com Quinn. Não porque tivesse que fazer isso, mas porque queria. Porque Quinn fazia Evie sentir que havia recebido um livro que sempre quis ler.

Evie olhou para o guardanapo. Ao lado do nome e do número, Quinn tinha desenhado um coraçãozinho.

Evie, Willow e Krista estavam lado a lado no sofá, olhando em silêncio para a única coisa na mesa de centro.

O Bonita.

— Como estão as coisas com o Mark? — perguntou Evie a Willow, com hesitação.

Willow ficou em silêncio por um minuto.

— Estamos encarando um dia de cada vez. Ele ainda está bem assustado com tudo. Mas... eu vou lutar por ele.

Era algo tão incomum vindo de Willow que Evie e Krista se entreolharam.

— Que ótimo, Willow... — Evie esticou a mão para apertar a dela. — Que bom mesmo!

A atenção delas se voltou, inevitavelmente, para o Bonita.

— Vocês fariam de novo? — indagou Evie. — Sabendo o que sabem agora?

Willow deu de ombros.

— De jeito nenhum. Tomar isso foi o maior erro que cometi.

— Pelo menos, você vai manter os terapeutas de Nova York ocupados por algumas décadas — disse Evie, e Willow sorriu. — E talvez você não devesse falar só com eles. Talvez devesse falar com a gente também, mais vezes.

A apreensão tomou o rosto de Willow, mas então ela assentiu, resoluta.

— Claro, pode deixar.

Evie se virou para Krista.

— E você, Kris?

Ela demorou bastante para responder.

— Foi bom para mim — disse ela, por fim. — Assim como uma prisão pode ser. Ah, vejam!

Ela levantou o telefone. Na tela, havia um aplicativo de banco. Krista olhou o depósito mais recente. Da Profissionais Criativos Unidos: 9.315 dólares.

— Um pagamento parcial do *Funderland*! Para eu pagar nossas contas e o aluguel. Sei que não é tudo, mas é um começo, certo?

— Claro — disse Evie. — Muito bem, Kris. Estou muito orgulhosa de você.

Evie viu um pacote aos pés de Krista, endereçado a Lenka Penka.

— O que é isso?

Ela abriu o plástico-bolha e tirou dali um troféu dourado, com o formato de um homenzinho careca. Krista entregou a ela um cartão bem pequeno. Estava escrito: “Sem ressentimentos. T.”

— Ah, isso é do Tristan? — perguntou Evie, impressionada.

Então, ela se lembrou de como o troféu tinha sido usado. Ela o jogou de qualquer jeito dentro da caixa, passando a mão no sofá.

— Bacana da parte dele.

— É, eu sei. Ele o enviou a Cameron. O que me deu uma ideia. — Krista olhou para as meninas. — Talvez eu tente me tornar agente.

— Agente de atores? — indagou Willow, e Krista assentiu.

— É sério? — disse Evie. — Que bacana.

— Não é? — Krista se sentou. — Gosto de pessoas, e adoro essas coisas de contratos e negociações. Acho que não quero ser atriz, mas gosto dessas coisas. Assim, meus pais largariam do meu pé. Talvez eu possa até usar Lenka para ajudar a marcar algumas reuniões.

— Essa ideia parece boa, Kris — disse Evie, tentando não parecer surpresa.

— E você, Evie? — perguntou Willow. — Faria tudo de novo?

Evie olhou para o frasco roxo na mesa de centro.

— Não sei — respondeu ela. — Talvez... sim? De um jeito esquisito, acho que ajudou. Acho que me ajudou a me sentir melhor comigo mesma — explicou. — Mas ao mesmo tempo... só quero pensar menos no meu rosto agora. Sabe?

Willow e Krista assentiram.

— Então... — disse Evie. — Só tem mais uma coisa que precisamos fazer.

As três garotas estavam no banheiro. Evie desrosqueou o frasco devagar, com cerimônia. Olhou para Willow e depois para Krista no espelho.

*Uma gota. Uma semana.*

— Prontas?

Willow assentiu, determinada.

Krista fez a mesma coisa.

Evie virou o frasco. O líquido roxo brilhante escorreu, descendo em um fluxo ralo abaixo. Em poucos segundos, o Bonita desapareceu completamente.

Elas olharam para o frasco vazio, cada uma perdida na lembrança do caminho proporcionado por ele.

Krista interrompeu as divagações suspirando alto.

— Pois é...

Ela estalou os lábios.

— Querem comer uma pizza?

Na sala de estar, Krista lia os sabores das pizzas enquanto Willow escolhia a *playlist*. Evie abriu uma garrafa de *sauvignon blanc* na cozinha e encheu duas taças e uma caneca de café. *Lembrete: comprar boas taças de vinho com o primeiro pagamento.*

A noite estava abafada — o verão permanecia no Brooklyn como se fosse uma visita indesejada. O ar frio saiu do freezer quando ela o abriu. Evie esperava encontrar a forma de cubos de gelo vazia: coisa de Krista

Kumar.

Estava cheia.

Surpreendentemente, Krista a havia enchido. Evie sentiu uma onda de carinho pela ex-Lenka Penka.

Só depois de pegar alguns cubos e colocá-los nas taças foi que se lembrou da fotografia que havia imprimido. Prendeu-a na porta da geladeira com um ímã de peixe. A imagem brilhosa e o momento que ela marcava trouxeram uma sensação de conforto.

Nela, as três estavam no meio do loft de alguém em Bushwick, um pouco antes de perceberem que tinham bebido tequila demais.

Krista e Willow estavam rindo de alguma coisa que Evie acabara de dizer, evidentemente. Evie estava sorrindo de um jeito malicioso. Willow e Krista estavam com a boca aberta, os olhos semicerrados.

Elas não tinham a beleza estonteante de suas versões Bonitas, mas comparar a beleza de Chloe, Lenka e Caroline à beleza de Evie Selby, Krista Kumar e Willow Hendriksen era como comparar chiclete sabor morango com morangos de verdade. Todas as coisas que ser Chloe trazia — sofisticação sexual, charme, uma voz que era ouvida, respeito por si mesma —, Evie Selby podia ter. Evie tinha certeza. Podiam não ser o ideal incrível, fantástico, certinho. Mas podiam ser elas mesmas. E podiam tentar ser interessantes, inteligentes e curiosas com relação a tudo, principalmente no que dizia respeito umas às outras. E especialmente no que dizia respeito a ser uma mulher deste mundo. Isso era lindo.

A luz cor de mel passou pela janela da cozinha, mas as noites de verão de livros de história logo terminariam. Evie quase sentia uma mudança no clima.

Ela deveria ligar para a mãe.

Mas só depois de uma taça de vinho. Afinal, estavam comemorando.

# Agradecimentos

É um prazer poder agradecer à sempre entusiasmada e incrivelmente atenta Megan Reid, minha maravilhosa editora na Emily Bestler Books. Trabalhar com ela e com a calorosa e sábia Emily B., assim como com a equipe de Hillary Tisman, Kathryn Santora, Matthews Rossiter, Lara Jones, Albert Tang e Judith Curr no Atria/Simon & Schuster, é um sonho que se tornou realidade. Sempre serei grata por vocês todos terem se apaixonado por minhas Normais tanto quanto eu.

Devo muito a todos da Sanford J. Greenburger Associates, sobretudo à minha intrépida, paciente e destruidora agente Chelsea Lindman, além da diretora de direitos autorais, Stefanie Diaz. Sou muito grata por terem acreditado em mim: nós conseguimos! Vamos comemorar com uma pizza.

Sarah Cypher: você é minha arma secreta. Eu trabalhei com Sarah, que cuida da The Threepenny Editor. Mande dois rascunhos antes da obra definitiva para ela, e, por causa de seu brilhante feedback editorial, meu livro passou de uma bagunça maluca a uma bagunça coerente. Escritores — contratem esse cérebro antes de enviarem seus textos, podem confiar!

Obrigada a meus leitores-beta excepcionais: Alexandra Collier, Peter Neale, Sarah Oakes, Alecia Simmonds e Nora Tennessen. Esses amigos de confiança são todos muito bem-sucedidos no que fazem. Pesquisem no Google.

Um brinde de *smoothie* a Jason Richman e a Johnny Pariseau da UTA: obrigada por terem se apaixonado pelo livro e por terem dito que se tratava de um “conto de fadas feminista”. (Estou dizendo que essa ideia foi minha: todos os bons autores são ladrões talentosos.) Obrigada também a Addison Duffy pelo importante entusiasmo.

Beijos a meus primeiros incentivadores, Brenda Bowen, Caroline Kepnes, Elisabeth Egan, Maggie Grace, Sara Shepard e Scott Westerfeld; a Claire Elizabeth Terry, pela bolsa no Rocaberti Writers’ Retreat, um castelo espanhol do século XIV; e à srta. Allen, pelas aulas de inglês no décimo segundo ano. (Gosford High, como estão?!)

Obrigada a todos os que responderam às perguntas de pesquisa a respeito de tudo, desde sets de filmagem a jargão da faculdade de direito. Sempre me encanta ver como os amigos e também os desconhecidos são generosos com relação ao seu conhecimento.

Um alô à equipe do New York Writers’ Room e a Justen Ahren, do Martha’s Vineyard Writers Residency, por oferecer locais calmos onde os escritores podem criar.

Agradeço a meus pais também. Amo muito vocês. Obrigada por sempre permitirem que eu lesse à mesa do jantar, nas férias em família e até na banheira. Obrigada a William e Louise, pelo fato de termos criado uma jovem heroína no mesmo ano chamada Evie. Isso é motivo de muita comemoração!

Obrigada a meus amigos em Sydney, Nova York e Los Angeles, todos seres humanos incríveis e de bom coração e de grandes mentes: obrigada pelas risadas, seus bobos.

E, finalmente, agradeço à minha parceira de vida, de crime e de amor: Lindsay. Minha querida, você me inspira todos os dias com seu amor sem fim por todos ao redor. Você é a pessoa mais gentil, sagaz e divertida que conheço. Você me deu um coração, e ele sempre será seu. Obrigada por me amar.



PUBLISHER  
Omar de Souza

GERENTE EDITORIAL  
Renata Sturm

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO  
Thalita Aragão Ramalho

PRODUÇÃO EDITORIAL  
Marcela Isensee

COPIDESQUE  
Mariana Moura

REVISÃO  
Aline Canejo  
Isis Batista Pinto

DIAGRAMAÇÃO  
Abreu's System

CAPA  
Marília Bruno

PRODUÇÃO DO EBOOK  
Ranna Studio

Capa

Rosto

Créditos

Dedicatória

PARTE UM

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18

PARTE DOIS

- 19
- 20
- 21
- 22
- 23
- 24
- 25
- 26
- 27
- 28
- 29
- 30
- 31
- 32
- 33
- 34
- 35
- 36
- 37
- 38
- 39
- 40
- 41
- 42

43  
44  
45  
46  
47  
48  
49  
50  
51  
52  
53

## PARTE TRÊS

54  
55  
56  
57  
58  
59  
60  
61  
62  
63  
64  
65  
66  
67  
68  
69  
70  
71  
72

## PARTE QUATRO

73  
74  
75  
76  
77  
78

Agradecimentos

Ficha técnica